RB186, 601

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

THEATRO DA ELOQUENCIA,
OU ARTE
DE
RHETORICA.

THEATRO DA ELOQUENCIA, OU ARTE DE RHETORICA,

FUNDADA NOS PRECEITOS DOS melhores Oradores Gregos, e Latinos.

POR

FRANCISCO DE PINA,

DE SA', E DE MELLO,

Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

OFFERECIDA

AO REVERENDISSIMO SENHOR DESEMBARGADOR

JOACHIM SALTER DE MENDOÇA,

Prior da Collegiada de S. Christovaõ de Lisboa, Juiz dos Casamentos, e Chanceller do Patriarchado &c. &c.

POR

ANTONIO DA SILVA, E COSTA.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de MDCCLXVI.

Com as licenças necessarias.

DEDICATORIA.

REVERENDISSIMO SENHOR.

ESEJANDO satisfazer a huma das principaes obrigaçoens, que temos todos de fazermos serviços á sociedade, de que somos membros;

emprendi eſtampar eſta Arte de Rhetorica, *que para ſer recommendavel lhe baſta o celebre nome de ſeu Author. Naõ há couſa taõ util, como eſta Sciencia. A Rhetorica he a arte de perſuadir, e por iſſo a mais neceſſaria no commercio humano. Anima todos os diſcurſos, e dá novo pezo a todas as razoens: daqui vem, que tem lugar em toda a parte em que ſe arrezoa, e diſcorre. O diſcurſo de hum homem ſem artificio, he hum chaos: poderá ter bõas razoens, allegar excellentes provas, mas ſe naõ as ſabe diſpôr com ordem, quem o entenderá? Quem ſe perſuadirá dellas? A diſpoſiçaõ das partes dá alma ao todo; convida a diſtinguir as proporçoens; moſtra a relaçaõ, e dependencia, que humas tem das outras; colloca no ſeu verdadeiro lugar o que de outra ſorte ſe naõ conheceria. E, na verdade, a Rhetorica tem tal força, que obriga a ver, a reconhecer, e admirar, o que de outro modo ſe naõ deſcobriria. Os materiaes podem ſer ſimplez, as razoens mui ſingélas; mas a diſpoſiçaõ dellas fará effeitos taes, que ſem ella naõ ſe conſeguiriaõ.*

Tendo por eſte modo ſatisfeito a eſta obrigaçaõ geral, paſſo a cumprir com a particular, que tenho á ſua Illuſtre peſſoa, pelo muito que lhe devo. Eſtou taõ contente de o ter tomado por Mecenas, que ſe eſta eſcolha naõ procedeſſe de grandes obrigaçõeſ, naſcera do nobre intereſſe de dar a eſta Obra hum Patrono, em quem concorrem todas as qualidades para o ſer. He V. M. geralmente reconhecido pelo Sacerdote mais perfeito, pelo Paſtor mais vigilante, mais caritativo, pelo Juriſconſulto mais perîto, pelo Miniſtro mais inteiro, mais recto. Os lugares, que exercita, naõ ſaõ pequeno theatro, em que a caridade, a juſtiça, a modeſtia, a genoroſidade, a prudencia, a gravidade, os coſtumes, e todas as mais virtudes realçaõ tanto, que em tudo quanto obra,

ſe faz hum verdadeiro exemplar da perfeiçaõ. Eſe eu agora quizeſſe detalhar cada huma das ſuas excellentes prerogativas, ſeria querer fazer hum livro, e naõ huma Dedicatoria, no deſcrevê-las; mas remetto-me ao ſilencio.

A natural paixaõ, que tenho á Illuſtriſſima Familia dos Mendoças, que tem produzido tantos Varoens famoſos, ennobrecendo igualmente a Portugal, e a Heſpanha, e de que V. M. he legitimo deſcendente, com a prerogativa de poſſuir ſeu irmaõ o Senhor Duarte Salter de Mendoça, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, do ſeu Conſelho, e do da Rainha N. Senhora, hum bom Morgado inſtituido por hum dos Senhores da meſma Caſa: me anima a referir a ſua Genealogia, ainda a pezar do modeſto caracter de V. M., a quem he muito deſagradavel o incenſo dos elogîos.

Os Mendoças ſaõ taõ antigos, que a ſua origem ſe perde nas trévas da antiguidade. Poderia referir fabulas, ou conjecturas ſobre a ſua extracçaõ; mas como eſta Caſa naõ neceſſita de ornato para luzir, e nem as fabulas devem ſer publicadas em hum ſeculo, em que a bõa filoſofia tem polido os eſpiritos; principîo nos ſeus primeiros progenitores, em que geralmente concordaõ os melhores Genealogicos.

D. Lopo Sarracines, que foi Conde, e Senhor Soberano de Biſcaya. Poſſuio pelos annos de 905. o ſenhorio de Durango por ſua mulher D. Dalda, filha herdeira de D. Sancho Eſtigues, Senhor de Durango. (1) *Naſceo deſte matrimonio*

O Duque D. Fortunio, a quem chamaraõ por alcunha D. Zuria, *pelo qual geralmente o conheceraõ os hiſtoriadores antigos. Poſſuio o ſenhorio de Biſcaya, e falleceo no anno de 930. Cazou com D. Auria e teve a*

(1) Salazar de Caſtro. Caſa Farneze p. 2. cap. 5. pag. 565.

D. Lopo Fortunes, que foi terceiro Soberano de Biſcaya, e ſe achou na batalha de Haſſinas no anno de 945. Cazou com D. Nunaſilha do Conde D. Gonçalo Fernandes, Soberano de Caſtella, Burgos &c., e foi ſeu filho

D. Nuno Lopes, que foi quarto Soberano de Biſcaya. Cazou com a Infanta D. Velaſquita, filha de D. Sancho Garcia, ſegundo Rey de Navarra, e da Rainha D. Toda, e forão pays de

D. Lopo Nunes, quinto Soberano de Biſcaya, que cazou no anno de 1010. com D. Uzenda, filha de D. Antonio, Infante de Leaõ, a quem o Conde D. Pedro no ſeu Nobiliario *deo o nome de* D. Alboazar Ramires, *filho de D. Ramiro, ſegundo Rey de Leaõ, e teve, entre outros filhos, a*

D. Inigo Lopes, Conde, e ſexto Soberano de Biſcaya, Durango, e Naxera, que logrou deſde o anno de 1028., até 1076. Cazou com D. Toda Ortiz, filha de D. Ortiz Sanches, Senhor de Naxera, e Alferez mór de Navarra: e teve, alèm de D. Lopo Inigues, ſettimo Soberano de Biſcaya, de quem procedem os Reys de Heſpanha, a

D. Sancho Inigues, que falleceo em vida de ſeu Pay, no anno de 1070., havendo ſido cazado com D. Thereza, de quem naſceo

D. Lopo Sanches, que foi Senhor de Alaba, e do Valle de Lhodio, e ſe intitulava Principe, como conſta de huma eſcriptura, que confirmou no anno de 1094. Cazou com ſua parenta D. Sancha Diaz de Frias, filha de D. Diogo Lopes, oitavo Soberano de Biſcaya, e teve a

D. Inigo Lopes, Rico Homem, (a mayor dignidade daquelle tempo) e Senhor de Lhodio, Soria, Caſtella a Velha, e Burgos pelos annos de 1118. até 1127. (2)

Cazou

(2) Alarcaõ Relaçaõ Genealog. l. 4. cap. 1. pag. 311.

Cazou com D. Maria Garcia, filha de Garcia Gonçalves Salvadores, Padroeiro de S. Martim de Escalada; e teve a

D. Inigo Lopes, Senhor de Lhodio, e da Villa de Mendoça, de cujo appellido ja uſava no anno de 1162, *e morreo no de* 1189. *havendo ſido cazado com D. Thereza Ximenes, filha de D. Ximeno Inigues, Rico-Homem, Senhor de los Cameros, e de D. Maria Gonçalves de Lara, e teve, álem de D. Inigo Lopes de Mendoça, quarto Senhor de Lhodio, e Zaitegui, a*

D. Gonçalo Lopes de Mendoça, que foi Senhor da Caſa, e Villa deſte nome; e cazou com D. Maria Garcia Salvadores, filha de Garcia Gonçalves Salvadores, (Irmaõ de D. Godo Senhora de Lara) e de D. Maria Ladron de Guevara ſua mulher, e teve a

Lopo Gonçalves de Mendoça, Senhor da Villa de Mendoça, que cazando com D. Maria Garcia de Ayala teve, álem de Ruy Lopes de Mendoça, ſegundo Almirante de Caſtella, a

Diogo Lopes de Mendoça, que foi Senhor da Villa de Mendoça, e outras muitas terras, e chamado por antonomazia o Forte Senhor. *Cazou com D. Leonor Furtado, Senhora de Mendibil, Eſcamona, Martio da Cueta, e Veto, filha de D. Fernaõ Perez de Lara, chamado o* Furtado, (3) *Rico-Homem, e Mordomo mór d'ElRey D. Affonſo o Deſejado, (filho de D. Pedro Gonçalves de Lara, Conde de Lara, Medina de la Torre &c., que o houve em D. Urraca Rainha proprietaria de Leaõ, e Caſtella) e de D. Guiomar Affonſo. E teve, álem de Lopo Diaz de Mendoça, Progenitor dos Principes de Melito, Duques do Infantado, Marquezes de Montes Claros, e Algecira, e dos Condes de Priego, e de Galvi &c., e de*

Fernaõ

(3) Salaz. de Mendoça Dign. l. 2. c. 9. Trelles Aſturias illuſt. t. 2 c. 17. p. 225. Alarc. l. 4. c. 1 p. 315. col. 1. n. 8. Sal. de Caſtro, Caſa de Lara t. 1. l. 2. c. 13. p. 166.

Fernaõ Furtado de Mendoça, que paſſando a eſte Reyno, foi progenitor dos Condes de Val de Reys, a

Pedro Diaz de Mendoça, que foy hum dos duzentos Fidalgos, que o Rey D. Affonſo X. herdou em Sevilha no anno de 1253. (4) *Teve de ſua mulher D. Maria Arraes, filha de D. Fernando Arraes, Fidalgo Caſtelhano, que foi Frouteiro mór das armas do Rey D. Affonſo de Caſtella, contra o Algarve, álèm de outros filhos, de quem há illuſtriſſimos deſcendentes, a*

Fernando Arraes de Mendoça, que teve o meſmo Governo contra o Rey D. Affonſo IV. de Portugal, (5) *para onde paſſou no anno de* 1339. *depois de feita a paz. Eſtabeleceo-ſe no Algarve, onde cazou, e teve de ſua mulher, cujo nome ignoramos, a*

Pedro Arraes de Mendoça, que tambem viveo no Algarve, onde cazou, ſegundo dizem alguns, com D. Ignez de Mello, filha de Ruy de Mello da Cunha; porèm a combinaçaõ dos tempos o repugna, e he certo que faltaõ muitas memorias deſta familia, e que o Algarve he eſteril de noticias Genealogicas. Teve de ſua mulher, que podia ſer da familia de Teive, a

Fernando Arraes de Mendoça, que ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, que logrou em Tavira. Cazou em Caſtella com D. Franciſca de Avila, filha de D. Luiz de Avila, Fidalgo Caſtelhano, e teve a

Gonçalo Arraes de Mendoça, que ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, foi Cavalheiro, e Vaſſallo (grande dignidade naquelle tempo) d' ElRey D. Joaõ I. a quem fez diſtinctos ſerviços; ſendo hum dos Fidalgos, que ainda no tempo em que ElRey era Meſtre, o começaraõ a ſervir. Acompanhou o Condeſtavel na defeza do Reyno, e paſſou depois a ſervir em Ceuta, onde falleceo. O meſmo Rey lhe fez varias mercès

(4) Idem Salazar.

(5) Monarch. Luz. t. 7. l. 8. c. 18, Europ. Portug. t. 2. c. 3. pag. 165. n. 25.

cès, como consta da sua Chancellaria. (6) Cazou com D. Ignes Madeira, filha herdeira de Affonso Madeira, Fidalgo valido do mesmo Rey, que lhe fez mercè do Julgado de Fermedo; e porque esta doaçaõ naõ teve effeito, lhe doou outras terras, e teve, entre outros filhos, a

Joaõ Arraes de Mendoça, que foi Cavalleiro da Ordem de Christo, e da Casa d'ElRey D. Affonso V. (7) Servio em Ceuta, onde cazou com D. Isabel Nabo, filha de Vasco Nabo, Cavalheiro Fidalgo, que naquelle tempo era o foro de maior graduaçaõ, e Adail da Gente de Guerra na mesma Cidade, Posto, que conresponde ao de General da Fronteira, e de D. Isabel Camello, filha de Vasco Martins Camello, e teve a

Simam Arraes de Mendoça, que foi Fidalgo da Casa Real. Servio em Ceuta mais de quarenta annos com tanta distinçaõ, pelo seu valor, e luzimento, que dos Mouros era especialmente temido. Estando captivo em Tetuam, o Rey de Fez o mandou buscar para o ver, pela fama, que delle havia entre aquelles barbaros. Servio com tal dezinteresse, que nunca quiz soldo, nem raçaõ, como recebiaõ os outros Fidalgos, que serviaõ naquella Praça. As suas acçoens saõ bem conhecidas na historia. Morreo envenenado pelos Mouros na mesma Cidade. Cazou com D. Maria de Florença, de huma das principaes familias da Ilha da Madeira, e teve a

Vasco Nabo de Mendoça, natural de Ceuta, onde se achou em algumas das occasioens de seu pay, portando-se sempre nellas com muito valor. Servio tambem em Tangere, em Arzila, e em outros prezidios de Africa. Depois de estar em Lisboa passou duas vezes a Ceuta, pela noticia que havia, de que os

(6) Chron. do Cond. e d'ElRey D. Joaõ o I. p. 1. c. 160.
(7) Triunf. de la Nob. Luz. pag. 118. col. 1.

os Mouros vinhaõ ſobre a meſma Cidade. ElRey D. Sebaſtiaõ o honrou muito, elogiando publicamente o ſeu valor. Foi Fidalgo da Caſa Real. Cazou com D. Catharina Teixeira Lobo, Irmaã do valoroſo Chriſtovaõ Teixeira Lobo, e teve a

Simaõ de Mendoça Nabo, Fidalgo da Caſa Real, que ſuccedeo a ſeu pay na ſua Caſa. Cazou com D. Brites Paes de Faria, Padroeira da Capella de N. Senhora da Piedade, que tinha ſido de ſeus aſcendentes, e teve a

Vaſco Nabo de Mendoça, Fidalgo da Caſa Real. Foi Senhor da Caſa de ſeu pay. E de ſua ſegunda mulher D. Iſabel da Silva, filha de Domingos Fernandes da Silva, Cavalheiro Africano, e de D. Barbara Diaz, filha do Deſembargador Antonio Diaz, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, teve a

D. Antonia dæ Mendoça Nabo, que ſendo herdeira da Caſa de ſeus pays, cazou com Antonio Salter de Macedo, Fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, filho de Duarte Salter, Fidalgo Inglez, e valido d'ElRey Carlos I. cujo partido ſempre ſeguio, e receando-ſe do tyranno Parlamentario Cromuel, ſe paſſou a eſte Reyno, para viver tambem com mais ſegurança na Fé Catholica, que ſempre profeſſou; e de D. Marianna de Macedo, e Mariz. Neto pela parte paterna de Joaõ Salter, Fidalgo Inglez, e de Alis Salter, ſua prima: Biſneto de Nicoláo Salter, Fidalgo, e de Elena Atkins, filha do Baraõ de Atkins: Terceiro neto de Jayme Salter. Quarto neto de Thomaz Salter, ambos Fidalgos, deſcendentes por varonia deſta Illuſtriſſima Caſa, que conta de antiguidade tantos annos, quantos Inglaterra numera de Reyno; alliando-ſe ſempre nas primeiras daquelle Eſtado. Neto pela parte materna de Paulo Pinheiro de Mariz Ferreira, e de D. Maria Monteira de Macedo: biſneto de Miguel

guel Ferreira de Mariz Pinheiro, Fidalgo da Caſa Real, e de D. Thereza de Mariz filha do Dezembargador Sebaſtiaõ de Mariz, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa Real. Terceiro neto de Martim Ferreira da Maya, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa Real, do Conſelho d' ElRey, e ſeu Dezembargador do Paço, e de ſua ſegunda mulher D. Brites Pinheiro. Quarto neto de Gaſpar Ferreira Viegas, Fidalgo da Caſa Real (que era quinto neto de D. Alvaro Ferreira, Fidalgo da Caſa Real, que ſe achou com ElRey D. Joaõ I. na tomada de Ceuta, do ſeu Conſelho, e depois de viuvo Biſpo de Coimbra, e de ſua mulher, e prima D. Luiza de Carvajal), e de D. Luiza da Maya. Naſceo deſte matrimonio unicamente

Vaſco Nabo Salter de Mendoça, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Executor mór, e Thezoureiro mór do Reyno, e Senhor da Caſa de ſeus pays. Cazou com D. Joanna Leocadia Pimentel, e Sottomayor, filha herdeira de Antonio Gomes do Alamo Rodriguez de las Varilhas, e Murga, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa Real, e Senhor de huma riquiſſima Caſa, e de ſua mulher, e ſobrinha D. Thereza Maria da Coſta Pimentel, e Sottomayor: Neta pela parte paterna de Jorge Gomes do Alamo, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa dos Reys Filippe, e Joaõ IV, a quem fez grandes ſerviços, como declara o meſmo Rey na doaçaõ, que lhe fez de hum extenſo paiz no Pará, e de D. Mariana de Torres, filha de Antonio Lopez de Torres, Fidalgo da Caſa Real: Biſneta de Diogo Rodriguez de las Varilhas, Fidalgo Cavalleiro da Caſa Real, e de D. Izabel Henriques da Serra, filha de Henrique da Serra, Fidalgo Caſtelhano, que ſervio de Capitaõ de Infantaria a Filippe II. Terceira neta de Jorge Gomes Rodriguez de las Varilhas, Padroeiro

da

da Capella de Santo Angelo, do Carmo de Lisboa, e de D. Izabel Henriques do Alamo, filha herdeira de Manoel do Alamo, deſcendente da illuſtre familia do ſeu appellido, e Senhor de huma opulenta Caſa na meſma Cidade. Quarta neta de Diogo Rodriguez de las Varilhas, Fidalgo natural de Salamanca, (que paſſou a eſte Reyno, pela rebeliaõ de los Communes, deſcendente por linha legitima, e de Varaõ, do Infante D. Véla, filho de Ramiro primeiro Rey de Aragaõ, e da Rainha D. Hermezenda) e de ſua mulher D. Branca de Alvarado da ſegunda Caſa dos antigos Alvarados, eſtabeleſcidos na Villa de Ampuero nas Montanhas de Burgos.

Era a meſma Senhora neta, pela parte materna de D. Duarte Fernandez da Coſta e Portugal, Senhor da Villa de Sonſeca, Cõmendador de Noſſa Senhora da Annunciada na Ordem de Santiago, e de D. Joanna Maria Pimentel e Sottomayor, filha de D. Balthazar Sarmento Pimentel de Cadorniga, Senhor da antiga Caſa de Meſquita em Galliza, e das Villas de Freirias, Val de Conſo, e Villar de Cierbos, Padroeiro do Collegio de Santa Juſta, e Rufina em Alcalá de Henares, (neto dos Condes de Santa Martha) e de ſua mulher D. Thereza de Sottomayor, filha de D. Pedro de Sottomayor, Senhor deſta Caſa, e das Villas de Fornellos, Tenorio, e Creſcente, Juſtiça mayor do Reyno de Napoles, ſendo Vice-Rey ſeu Primo o Conde de Lemos, Governador da Torre de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, Embaixador a Saboya por Filippe II. (e de ſua mulher D. Maria de Orquijo Fidalga Italiana) filho de D. Fernando de Andrade, Senhor da Caſa de Sottomayor (que era filha de D. Fernando de Andrade Conde de Vilhalva, e Andrade Principe de Caſerta, Senhor das Villas de Puentes de Hume, Villalva,

Fer-

Ferrol, e outros Eſtados, deſcendente por varonia de D. Bermudo Peres Conde, e Poteſtade de Trava, e de ſua mulher a Infanta D. Thereza Henriques, Irmaã inteira do primeiro Rey de Portugal D. Affonſo Henriques) e de D. Thereza de Sottomayor, filha herdeira de D. Pedro Alvarez de Sottomayor, Senhor deſta Caſa, e da de Fornelos, e Tenorio, (e de D. Urraca de Moſcozo Ozorio, filha dos terceiros Condes de Altamira, deſcendentes das Caſas Reaes de Caſtella, França, e Aragaõ por ſua quinta avô D. Ignes de Lacerda, biſneta de S. Luiz Rey de França, e de D. Affonſo o Sabio Rey de Caſtella, e da Rainha D. Violante de Aragaõ) o qual era filho de D. Alvaro de Sottomayor, ſegundo Conde de Caminha (filho de D. Pedro Alvarez de Sottomayor, primeiro Conde de Caminha por mercè d' ElRey D. Affonſo V. de Portugal, Viſconde de Tuy, Senhor de Fornelos, Sottomayor, e Tenorio, e da Condeſſa D. Thereza de Tavora, Camareira mór da Rainha D. Joanna, viuva d'ElRey Henrique IV., e filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor deſta Caſa, Reſpoſteiro mór d' ElRey D. Joaõ I., e de D. Leonor da Cunha, filha de Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro, que teve por mãy a Rainha D. Leonor mulher d'ElRey D. Fernando de Portugal) e de D. Ignez Henriquez de Monroy, filha de D. Fernando de Monroy Rodriguez de las Varilhas, Senhor de Belviz, e Deleitoza, e de D. Catharina Henriques, filha de Pedro Nunes de Herrera, Senhor de Pedraza, Copeiro mór d'ElRey D. Fernando I. de Aragaõ, e de D. Branca Henriques, biſneta d'ElRey D. Affonſo XI. de Caſtella, e de D. Leonor de Guſmaõ, filha de D. Pedro Nunes de Guſmaõ, Rico-Homem &c. E deſte conſorcio he V. M. digniſſimo, e precioſo fructo.

Ainda que, as vantajens do naſcimento ſirvaõ de pouco, ou para melhor dizer de nada, porque ſaõ diſtin-

diſtinçoens eſtranhas, que ſó decoraõ a figura: com tudo como conſtituem aquelles, que com ellas ſaõ ornados na indiſpenſavel neceſſidade de imitar as virtudes de ſeus antepaſſados, e exceder os inferiores nas acçoens: naõ quiz deixar de fazer patentes as obrigaçoens, com que V. M. naſceo depois de ter moſtrado o modo, com que as tem ſatisfeito, naõ ſó imitando, mas excedendo muito os ſeus Illuſtriſſimos progenitores. O Ceo lhe proſpere, e lhe felicite os dilatados annos do meu dezejo.

Antonio da Silva, e Coſta.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. D. THOMAZ Caetano de Bem, Clerigo Relugar, Qualificador do Santo Officio &c.

ILLUSTRISSIMOS, E REVERENDISSIMOS SENHORES.

DE todas as artes, e ſciencias, que tanto ornaõ o noſſo ſeculo, ſe alguma há, que na verdade mereça o trabalho, que na ſua reſtauraçaõ, e augmento ſe tem poſto, he ſem duvida a Eloquencia, ou a Arte de perſuadir. Por ſer eſta a que mais conduz para a integridade dos coſtumes, e de que tanto pende a bõa ordem, e perfeiçaõ da vida civil. E eſta parece ſer a razaõ, porque antigamente foi eſta faculdade taõ eſtimada no foro Grego, e Romano; e porque tantos, e taõ ſingulares engenhos ſe empregaraõ cuidadoſamente em a illuſtrar com doutas, e bem adequadas reflexoens: entre os quaes mereceraõ particular eſtimaçaõ Cicero, Hermogenes, Ariſtoteles, Quintiliano, e Plataõ. O Author do *Theatro da Eloquencia*, que ſe pertende imprimir, com tal ordem, brevidade, e clareza nos propõem os dictames deſta ſciencia, e com tanta ſuperioridade os trata, e explica, que para dignamente podermos louvar a preſente obra ſeria preciſo, ou poſſuirmos como elle a meſma arte em o gráo mais ſublime; ou ſabermos perfeitamente imitar os melhores exemplares, que nos offerece. E pelo que pertence áquella parte mais util, e neceſſaria, e tambem a mais frequente deſta faculdade, qual he a Eloquencia Sagrada, bem podemos eſtar ſeguros

de experimentar novamente aquelles defeitos, e erros taõ perniciosos, de que nos primitivos seculos da Igreja taõ altamente se queixava o Apostolo : (1) isto he, que no Pulpito, e Cadeira da verdade, em lugar das maximas Evangelicas, que como verdadeiramente solidas devem ser o unico fundamento, e ornato dos discursos sagrados, se introduziaõ os documentos das sciencias, ou totalmente vaãs, ou profanas. Porèm se a Eloquencia pomposa, e affectada em algum tempo passou do foro, em que naõ deve ter uso algum, para o Pulpito, em que naõ deve ser admittida, á vista de taõ excellente methodo de orar, ja naõ apparecerá neste Sagrado lugar senaõ a palavra de Deos, ou a mesma verdade, e revestida daquella singeleza, simplicidade, e modestia, em que consiste a sua maior força, e belleza ; e a que se renderaõ povos inteiros, as naçoens mais barbaras, e incultas ; em fim a vaidade da Grecia, e a soberba do Imperio Romano. Se houve tempo, em que a Eloquencia Ecclesiastica só se empregava em lizonjear os ouvidos com taes agudezas de engenho, que bem podiaõ passar por Epigrammas, com figuras, e retratos de tanta delicadeza, que pareciaõ de migniatura : se ouviamos citar igualmente a Santo Agostinho, e a Virgilio ; a Homero, e a S. Joaõ Chrysostomo, e a S. Paulo ; se para a authoridade servia a sentença de qualquer scriptor profano, e depois nem ainda as mesmas palavras da Sabedoria Increada, ou do Evangelho, sem lhe valer para a prescripsaõ contra a bizarria das opinioens a veneravel ancianidade de semelhante uso : de hoje em diante cuidaráõ os Oradores Evangelicos sómente em doutrina, naõ em palavras ; em ferir o coraçaõ, e naõ os sentidos ; em derrubar os vicios, e plantar virtudes. Resplandecerá nas Oraçoens Sagradas a doutrina de Christo ; o seu ornato

(1) 2. Tim. c. 4. v. 4.

ornato todo será tirado da Sagrada Escriptura, e doutrina dos Mestres da Igreja; acabar-se haõ as citaçoens dos Authores Gentios; naõ se verá mais o Pulpito convertido em theatro, a prégaçaõ em espectaculo; porque naõ deixava de haver tambem nesta huma especie de divertimento, a que naõ faltava a emulaçaõ, e partidos; reflectindo seriamente os que exercitaõ esta arte, e ministerio sagrado, que o melhor elogio do Prégador he a compunçaõ do auditorio. Toda esta utilidade, e correcçaõ de intoleraveis abuzos he o fim da presente obra; e porque nella nada encontrei, que offenda a nossa Fé, e espirito da Religiaõ Catholica, me parece muito digna da licença, que a Vossas Senhorias Illustrissimas, para imprimir a dita obra, pede o seu Author. Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Lisboa, em 3. de Dezembro de 1764.

D. Thomaz Caetano de Bem C. R.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá; Lisboa 7. de Dezembro de 1764.

Mello. Thorel. Lima.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO MUITO REVERENDO Abbade Diogo Barboſa Machado , Academico da Academia Real &c.

EXC.mo E R.mo SENHOR.

OS elogios , de que he acredora eſta obra , da qual fui Cenſor há mais de dezaſſeis annos , ſe devem converter em queixas contra ſeu eruditiſſimo Author, permittindo que em taõ larga diuturnidade de tempo eſtiveſſe defraudada a Naçaõ Portugueza deſta Arte da Eloquencia ; porèm como ſejaõ inexcrutaveis as diſpoſiçoens da Divina Providencia , decretou que para inſtrucçaõ da Eloquencia Eccleſiaſtica , que he a mais nobre , e neceſſaria , ſe publicaſſe em tempo , no qual nunca neſta Corte ſe lamentou taõ abatida , e adulterada. Contra a veneravel ancianidade dos noſſos Oradores Evangelicos , quaes foraõ os Quentaes , os Vieiras , os Sás , os Chagas , e os Almeidas , de cujas vigoroſas declamaçoens deviaõ adorar os veſtigios , ſe levantaraõ alguns eſpiritos inquietos amantes da novidade a introduzir na cadeira da verdade o eſtylo Francez , praticando-o com taõ ſervil imitaçaõ , como he verter em Portuguez o Thema Latino , e muitas vezes muito mal conſtruido , e naõ proferir palavra Latina em todo o Diſcurſo , (ſe he que merece tal nome) deſtituido das bazes fundamentaes , como ſaõ os Textos da Eſcritura Sagrada , authoridades dos Santos Padres , ornato de palavras , e agudeza de conceitos , de cuja falta eſſencial ſe ſegue ouvir-ſe huma arenga inſipida , e inconcludente , naõ ſe obſervando as principaes partes da Oraçaõ , que he mover , e deleitar , ſemelhante a huma arvore , que deſpida de flores ,

e fru-

e fructos, he tronco, e varas. Bem puderaõ eſtes idolatras do eſtylo Francez, ſeguir a elegancia, e Eloquencia dos Ambroſios, Chryſoſtomos, e Chryſologos, que com as ſuas vehementes declamaçoens ſe fizeraõ arbitros dos coraçoens humanos, e naõ praticar a culpavel ſimplicidade, e reprehenſivel frouxidaõ, de que abundaõ os Sermoens Francezes, os quaes naõ podendo chegar á ſublimidade dos engenhos Heſpanhoes, bautizaõ os diſcurſos deſtes em Paradoxos, crime de que nunca ſeraõ réos eſtes ſoberbos Ariſcarchos. Para exterminio deſte abominavel uſo, e para inſtrucçaõ do verdadeiro methodo da Eloquencia Eccleſiaſtica, ſahe a lograr da luz publica eſta Arte, fabricada com profundo eſtudo, e vaſtiſſima erudiçaõ por eſte grande, e inſigne Author, merecendo que todos que a lerem, lhe dediquem em recompenſa de taõ laborioſa applicaçaõ, os elogios, dos quaes como Meſtre enſina a formar, ornados de todas as figuras, que ſe repreſentaõ neſte Theatro da Eloquencia, principalmente quando nelle ſe naõ deſcobre clauſula alguma, que offenda a pureza da Fé, e bons coſtumes. Lisboa 21. de Dezembro de 1764.

Diogo Barboſa Machado.

VIſta a informaçaõ póde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 6. de Janeiro de 1765.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

CENSURA DO ILLUSTRISSIMO, e Excellentiſſimo Conde de Villar mayor, do Conſelho de Sua Mageſtade Fideliſſima, e Academico da Academia Real &c.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vî o livro intitulado *Theatro da Eloquencia*, ou *Arte de Rhetorica*, que pertende imprimir Franciſco de Pina, de Sá, e de Mello; e como as muitas, e elegantes producçoens do ſeu engenho ſejaõ a melhor prova de que o ſeu Author ſabe igualmente perſuadir com as regras, e com os exemplos; podendo eſtes baſtar para na ſua imitaçaõ ſe alcançar grande aproveitamento, unidos aos preceitos, e á douta explicaçaõ com que os illuſtra, ſeraõ da maior utilidade para todo eſte Reyno. Pelo que me parece muito digna de ſe imprimir eſta Arte, em que nada encontrei, que ſe oppuzeſſe ás Leys de V. Mageſtade. Bellem a 19. de Janeiro de 1765.

O Conde de Villar maior.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo, e reviſto, tornará para a licença de correr. Lisboa 24. de Janeiro de 1765.

Carvalho. D. Velho. Siqueira. Affonſeca. Caſtro.

SE-

SEGUNDAS LICENÇAS.

ESTá conforme com o original. Caſa da Divina Providencia em 9. de Dezembro de 1766.

D. Thomaz Caetano de Bem C. R.

PO'de correr. Lisboa 9. de Dezembro de 1766.

Thorel. *Lima.*

PO'de correr. Lisboa 9. de Dezembro de 1766.

Coſta.

QUe poſſa correr, e taxaõ em trezentos reis. Lisboa 11. de Dezembro de 1766.

Com cinco Rubricas.

THEATRO DA ELOQUENCIA, OU ARTE DE RHETORICA.

CAPITULO I.

A *Eloquencia* he a arte de dizer bem, a que os Gregos chamáraõ *Rhetorica*. Ainda que todas as Naçoens polidas ſe conformaõ com as regras, que no Pireo, e no Lacio inſtituiraõ os mais diſtintos Oradores, naõ deixou de haver algumas Provincias, e das que tem alcançado a opiniaõ de mais ſabias, e eruditas, que interpretando ao ſeu modo a Ariſtoteles, a Cicero, a Longino, e Quintiliano, reputados pelos melhores Meſtres deſtes Eſtudos, fizeſſem hum goſto particular de huma certa economia das dicçoens, e dos termos, diſtinguindo-ſe muito no ſeu eſtylo, eſpecialmente os Inglezes, os Italianos, os Heſpanhoes, e Francezes.

Naõ he do meu intento o diſcutir quaes delles eraõ, ou acertáõ: todos podem acertar, pois huns, e outros abundaráõ no ſeu ſentido. Eu eſcrevo para os Portuguezes, e como eſtes ſe naõ tem atégora apartado da doutrina dos Athenienſes, e Romanos, ſobre os ſeus preceitos he que formarei todas as Scenas do meu *Theatro*.

Já houve quem diſſe, e entre alguns hum eſcriptor taõ douto, e intelligente, como Martinho de Mendoça, que a *Rhetorica* era das artes inuteis, porque os homens mais ſe perſuadiaõ hoje com o pezo das razoens, que com o ornato das palavras. Naõ obſtante o parenteſco, que me podia inclinar a ſeguir a apprehenſaõ deſte illuſtre engenho, naõ me atrevo a concordar, com elle, neſte conceito. Por ventura ſeremos agora mais advertidos, do que foraõ os viſinhos de Athenas, e de Roma, que deraõ á *eloquencia* a maior applicaçaõ dos ſeus eſtudos? Se algum Moderno concebe eſta vaidade, he bem facil o deſmentî-la, com as leis, que recebemos deſtas duas Naçoens, e por onde ſe dirigem depois de tantos ſeculos todas as Republicas, e Imperios politicos. Naõ poſſo negar que devem ſer mais attendidas as razoens, que as vozes dos homens; porèm eſta razaõ ficou muito vacillante, depois de entrar o peccado no Mundo, e he preciſo endireitar, com a arte, as infecçoes, que adquirio com a deſordem da Natureza. A quantos lhes parece razaõ o que he injuſtiça? Quantos julgaõ a meſma razaõ por iniquidade? Que razaõ mais patente, que a da Doutrina Chriſtaã? E ainda aſſim para a intimarem, e a perſuadirem naõ deſcobriraõ outro meio os Chryſoſtomos, os Chryſologos, os Baſilios, os Nazianzenos, e os Tertulianos.

Com o exemplo dos Gracchos, e de outras ſediçoens inteſtinas da Republica Romana, procuraõ alguns moſtrar que a *Rhetorica* he menos propria, para felicitar, que para deſtruir a utilidadade publica. Contra eſtes exemplos dou os de Rullo, e os de Catilina, cujas conjuraçoens ſe deſvaneceraõ ſó com a *eloquencia* de Cicero. As artes, e as ſciencias naõ devem ſer accuſadas pelo abuſo, que dellas ſe faz.

Naõ ha ſciencia, nem arte, por mais proveitoſa

que

que seja, que naõ tenha este perigo. A Medicina, a Jurisprudencia, a Theologia, a Philosophia, a Pintura, a Poesia, a Musica, a Nautica estaõ sogeitas á mesma calamidade; e até a Escriptura Santa se naõ pode eximir que abusassem della Luthero, e Calvino para refinar, e introduzir o veneno das suas heresias.

Nihil est tam inhumanum, quàm eloquentiam à Natura ad salutem, & conservationem datam, ad bonorum pestem, perniciemque convertere.

E depois de affirmar este incomparavel Orador que

Nihil est aliud eloquentia, quàm copiosè loquens sapientia, una de summis virtutibus, ingenii lumen, domina rerum, & pacis comes,

He necessario ser muito rustico, e insensivel para deixar de estimá-la. Mas para que busquemos os Demosthenes, os Eschines, os Isocrates, os Ciceros, os Hortensios, os Quintilianos, se o mesmo Christo se aproveitou desta arte quando quiz promulgar a Lei Evangelica, introduzindo nas suas prégaçoens muitas figuras da *Rhetorica*, gostando tanto das Parabolas, que sem ellas nunca fallava aos seus ouvintes: *Sine parabolis*, (diz S. Mattheus) *nunquam loquebatur eis.*

Naõ desconheço que faltando o genio, por mais que se estudem os preceitos, nunca se alcançará a formosura da diccaõ: mas assim como a arte, sem genio, naõ se adianta, tambem o genio, sem arte, naõ se aperfeiçoa. Aos que nasceraõ, com a energia da palavra, he que eu principio a dar as regras, para se conseguir huma verdadeira eloquencia.

Mas antes de passarmos adiante, he necessario saber-se que assim como todas as artes tem huma mate-

ria, em que ſe exercitaõ, deve-ſe conhecer primeiro que tudo a materia da *Rhetorica*: Digo pois que ella ſe extende a todos os objectos, em que ſe pertende perſuadir os leitores, ou os ouvintes, com bôas razoens, com a propriedade das vozes, e com a energia dos termos.

Póde ſer a materia indefinida, ou determinada: A indefinida ſe chama *Theſis*, ou *Univerſal*: A determinada *Hypotheſis*, ou *Singular*. Eſta (diz Ariſtoteles) he qualquer aſſumpto, que ſe elege, ou ſe propõem: Aquella (diz Quintiliano) que naõ tem limites: e por iſſo a indefinida naõ eſtá preciſada ao tempo, ao lugar, ás peſſoas, ás circunſtancias: A determinada naõ deve ſahir para fóra de hum tempo medido, de hum lugar propoſto, e de circunſtancias particulares.

Dizer, ſe a guerra, ou a paz há de ſer acceita, he materia indefinida: Se há de executar-ſe neſte anno, neſte lugar, com eſtes inimigos, e com taes condiçoens, he materia determinada.

A materia ſe divide tambem em quatro generos; porque ha materia *Cognoſcitiva*, *Activa*, *Principal*, *Incidente*.

A *Cognoſcitiva* reſpeita ſómente ás Sciencias: como, por exemplo, o expor as cauſas das marés, ou do impulſo dos ventos.

A *Activa* he quando della ſe produz algum effeito, como ſe he licito deſprezar as riquezas, ou amar a ſoledade.

A *Principal* he a que ſe eſcolhe para aſſumpto da Oraçaõ, como as virtudes de algum Santo, ou as acçoens de algum Heróe.

A *Incidente* he a que ſe introduz por reſpeito da outra, como a influencia, a indole, a criaçaõ, que concorreo para as obras do Heróe, ou do Santo.

Porèm

Porèm neſtes generos da materia ha outros generos, que chamaõ de cauſas, ou de queſtoens; e ſaõ tres:

Genero *demonſtrativo*, *deliberativo*, *judicial*. Ao *Demonſtrativo* pertence louvar, ou vituperar: Ao *Deliberativo*, perſuadir, ou diſſuadir: Ao *Judicial*, accuſar, ou defender. O primeiro genero abrange o tempo paſſado, e o preſente; porque ſó no que ſuccede, e tem ſuccedido, ſe achaõ os motivos do louvor, e do vituperio. O ſegundo abraça o tempo futuro; porque a perſuaſaõ, e diſſuaſaõ naõ tem lugar ſenaõ no que póde ſucceder. O terceiro cinge o tempo paſſado; porque ſe naõ póde accuſar, ou defender, ſenaõ o que já tem acontecido.

Eſtes eraõ os tres generos, que ſe praticavaõ nos Roſtros; e que ainda hoje praticaõ nos Pulpitos os Oradores Evangelicos; mas com diverſos nomes; porque ao genero *demonſtrativo* chamaõ *Panegyrico*, com que louvaõ a Deos, e aos Santos: Ao *deliberativo* chamaõ *Didaſcalico*, com que expõem as Eſcripturas, e declaraõ os myſterios da noſſa Fé: Ao *Judicial* chamaõ *Parenetico*, com que produzem as razoens, e os motivos, que nos encaminhaõ ao odio dos vicios, e amor das virtudes.

Como todas as couſas tem hum certo fim, a que ſe determinaõ, o da *eloquencia* he ſogeitar os animos, com o concerto, e efficacia das vozes: enſinando, deleitando, e commovendo he que conſegue eſte arduo empenho. Facilita a doutrina com argumentos, a deleitaçaõ com o ornato, a commoçaõ com as imagens, que ſe chamaõ patheticas: A doutrina reſpeita á neceſſidade, a deleitaçaõ á doçura, a commoçaõ á victoria: eſte he o fim univerſal da *Rhetorica*. Porèm cada hum dos generos, a que chamamos de cauſas, ou de queſtoens, tem ſeu fim particular; porque

o genero *demonſtrativo* tem por fim a probidade, o *deliberativo* a utilidade, o *judicial* a equidade.

Com tudo, a *eloquencia* naõ alcança muitas vezes o ſeu fim, ou pela inhabilidade dos ouvintes, ou pela incoherencia dos tempos, e dos ſucceſſos; mas nem por iſſo ſe eſcurece a arte; porque eſta deſgraça procede menos da Oraçaõ, que do Auditorio.

Naõ deixarei de advertir aqui, que a *eloquencia* ſe deve conformar com os annos do Orador.

Santo Agoſtinho nos diz que he muito differente a *eloquencia*, de que deve uſar o mancebo, o varaõ, e o velho; pois naõ he decente uſar daquella elegancia; que naõ convem com a peſſoa elegante. Na idade juvenil permitte-ſe mais pompa nos adornos, na madura, devem ſer menos floridos, na provecta, totalmente fructiferos.

Sidonio Apollinario, Biſpo de Claramonte, e hum dos Padres mais eloquentes do quinto ſeculo, pertende que o bom Orador deve ter as qualidades ſeguintes:

Oportunidade nos exemplos, propriedade nos epîtethos, urbanidade nas figuras, ponderaçaõ nos penſamentos, hum raio nas dicçoens, hum rio nas clauſulas.

Porèm Sidonio procura hum impoſſivel; porque naõ achei todas eſtas qualidades ainda nas Oraçoens de maior applauſo, antes os mais inſignes Oradores tem ſido notados de varios defeitos. Na Critica de Aſinio Pollion ſe accuſa Cicero de ſer exangue no eſtylo, Ceſar infiel nas narraçoens, Tito Livio vicioſo nos termos, e Saluſtio antiquado nas phraſes. Muito mais ſe diſſe de Demoſthenes, de Eſquines, de Phocion, de Ariſtides, e de Iſocrates.

Vemos porèm, ſe naõ todas, algumas prerogativas, com que os homens ſe fizeraõ famoſos. Agamem-

non

non foi celebrado pela energîa, Meneláo pela brevidade, Neſtor pela doçura, Ulyſſes pela abundancia, Paris pela traça, Auguſto pela ſuavidade, Tiberio pela ponderaçaõ, Adriano pela erudiçaõ, Conſtantino pela advertencia, Graciano pela modulaçaõ.

Ser Orador, ſem defeitos, naõ póde aſpirar a tanto a debilidade da Natureza: Quem menos tiver, eſſe ſerá o melhor.

CAPITULO II.

A *Eloquencia* ſe divide em quatro partes: *Invençaõ*, *Diſpoſiçaõ*, *Elocuçaõ*, *Pronunciaçaõ*.

Devem-ſe inventar primeiramente os argumentos: depois de inventados, diſpô-los: depois de diſpoſtos, exorná-los: depois de exornados, pronunciá-los. Vou agora a tratar de cada huma deſtas partes.

A *Invençaõ* ſe ſubdivide em duas partes: huma diſpõem os argumentos para o credito, outra a excitaçaõ para os animos. O argumento naõ he outra couſa mais, que deixar a fé promovida. Argumentaremos que a virtude deve ſer deſejada, porque he hum habito de regular os coſtumes.

Tiraõ-ſe os argumentos dos lugares, que deſcobriraõ os Rhetoricos, e huns ſaõ intrinſecos, outros extrinſecos. Eu direi dos primeiros, ao depois dos ſegundos, e alèm diſto tratarei do modo com que os animos ſe excitaõ.

Os lugares intrinſecos, a que Cicero chama as bazes principaes dos argumentos, ſaõ quinze.

Definiçaõ, Diſtribuiçaõ, Etymologia, Derivaçaõ, Genero, Eſpecie, Semelhança, Deſſemelhança,

lhança, Oppoſiçaõ, Adjuntos, Antecedentes, Conſequentes, Cauſas, Effeitos, Comparaçaõ.

§.

HE precizo o conhecermos a cada huma em particular.

A *Definiçaõ* há de ter genero, e differença. Define-ſe o homem quando ſe diz que he = *Animal racional* = ſendo o animal o genero, pois nelle concorda com os brutos, e o racional a differença, pois com ella ſe diſtingue delles: porèm eſta definiçaõ he philoſophica, e a que pertence á *Rhetorica* he mais liberal, e exornativa, pois com ella podemos dizer que o *homem he o empenho da Sabedoria Divina, o retrato do Soberano Artifice, o compendio das perfeiçoens, hum Mundo abbreviado, e nunca comprehendido.*

Por cinco modos ſe podem fazer as definiçoens. Primeiro pelas partes do compoſto, como por exemplo = O anno he hum circulo temporal, de quatro Eſtaçoens, de doze mezes, e de trezentos e ſeſſenta e ſeis dias com oito mil quinhentas e oitenta e quatro horas. =

Segundo, pelos effeitos. = O ocio he a origem de todos os vicios, o eſtimulo das deſordens, a ferrugem do animo, a traça do corpo, o lethargo dos coſtumes, a ruina das virtudes. =

Terceiro, por negaçaõ, e affirmaçaõ. = Nero naõ foi homem, porque o homem he domeſtico, e ſociavel, e elle foi ſolitario, e indomito. Naõ foi bruto, porque os brutos alcançaõ os beneficios, e elle nunca conheceo o agradecimento. Naõ foi féra, porque as féras reſpeitaõ a ſua meſma eſpecie, e elle foi o maior inimigo da Natureza humana. Só com Nero ſe póde definir o meſmo Nero. =

Quarto,

Quarto, pela attribuiçaõ. = Tito foi a felicidade do Imperio Romano: Foi dotado de huma elegante preſença, de hum coraçaõ aberto, de hum animo heroico, de huma liberalidade inexhauſta, de hum animo conſtante, de hum valor modeſto, e de huma eſcolhida cultura nas artes, nas ſciencias, e no governo. =

Quinto, por ſemelhança metaphorica. = A liſonja he hum inimigo deleitavel, hum doce veneno, hum laço dourado, ſciencia dos Valîdos, eſcravidaõ dos Grandes, victima dos Palacios, ſombra dos Principes. =

§.

A *Diſtribuiçaõ* humas vezes ſe faz, com as partes eſſenciaes, outras, com as accidentaes: com as eſſenciaes, quando dividimos a idade do homem em Puericia, Adoleſcencia, Varonilidade, e Velhice: com as accidentaes, quando repartimos o Oceano em mar Athlantico, Pacifico, Glacial, Baltico, Britanico, Liguſtico, Toſcano, Adriatico, Jonico.

Na *Diſtribuiçaõ* ha tres regras, que naõ devem ficar em ſilencio. Primeira, que tudo aquillo, que ſe affirma das partes, ſe affirma tambem do todo. Eſte he o exemplo: = Para qualquer homem ſer eminente na Sabedoria neceſſita de hum engenho agudo, de hum talento conſpicuo, de huma memoria feliz, de huma ſaude conſtante, de huma applicaçaõ incanſavel. M. Tullio foi engenhoſo, conſpicuo, recordado, robuſto, applicado; quem lhe póde negar o ſer hum dos maiores ſabios entre os homens? =

Segunda, que negando-ſe todas as partes, tambem o todo ſe nega. = A triſteza de Tiberio deſmentia a ſua ſingeleza, a alteraçaõ do alento o ſeu ſocego, a deſordem dos paſſos a ſua modeſtia, a intenſaõ do ſemblan-

ſemblante a ſua clemencia: Quem póde eſperar alguma acçaõ virtuoſa de indicios taõ funeſtos? =

Terceira, que ſe a negaçaõ naõ omitte alguma das partes, ſe deve negar o todo neceſſariamente. Com eſta regra prova Ovens, com toda a galantaria, que hum certo Calvo ſó lhe reſtava perder a cabeça.

Ecce tibi nulli ſuperant in vertice crines,
Nullus in infida ſtat tibi fronte pilus:
Omnibus amiſſis à tergo, & fronte capillis,
Quid tibi jam reſtat perdere Calve? Caput.

§.

A *Etymologia*, a que Cicero chama *Notaçaõ* por ſe conformar com o vocabulo Grego, com que a deo a conhecer Ariſtoteles, he huma arte particular (como querem alguns em Quintiliano) de inquirir a origem das palavras. O meſmo Rhetorico nos diz que ella ſe faz muito neceſſaria quando há neceſſidade de interpretá-las; e traz o exemplo de M. Celio, que queria ſer reputado por hum homem *frugal*, naõ, porque elle foſſe muito abſtinente, mas por ſer fructuoſo aos outros homens, querendo que daqui ſe tiraſſe o nome de *frugalidade*.

A *Etymologia* naõ deixa de produzir baſtante eruditçaõ nas vozes, que ſe tiraraõ dos Gregos, e ainda naquellas, que ſe chamaõ *Grecò latinas*, das quaes temos adoptado muitas na noſſa lingua, como por exemplo: *Theologia*, *Philoſophia*, *tyranno &c.*

Com a meſma *etymologia* (accreſcenta o meſmo Quintiliano) ſe póde alcançar o nome de *Bruto*, *Publicola*, *Pico*, e porque cauſa ſe chamou *Lacio* á Italia; *Capitolio*, *Quirinal*, *Vaticano*, *Exquilinio*, a alguns montes de Roma.

Porèm

Porèm alguns tem inquirido o principio das dicçoens, com tanta fantaſia, e impertinencia, que ſe tem feito ridiculos, com eſte eſtudo; e naõ deixa de haver Authores, que compuzeraõ livros inteiros das *Etymologias*, deſvanecendo-ſe muito deſte genero de erudiçaõ, aſſim como por exemplo C. Granio, que concebeo huma grande jactancia de achar a *etymologia* de *Cœlibes*, dizendo que provinha de *Cœlites*, por ſerem reputados, como Deoſes, os homens, que viviaõ no celibato.

Semelhante a eſta foi a *etymologia* de L. Elio, que dizia que o chamar-ſe aſſim a *Pituita*, procedera, *quia petat vitam.* E naõ he muito que alguns Eſcriptores continuaſſem em ſemelhantes futilidades, quando o meſmo Varro, o mais erudito dos Romanos, quiz perſuadir a Cicero, que *ager* ſe originava de *agere*, ſem outra razaõ, nem fundamento, do que preſumir que no campo ſempre havia que fazer.

Quem quizer perder o tempo em outras extravagantes *etymologias* conſulte o Vocabulario do Padre D. Raphael Bluteau.

§.

A *Derivaçaõ* em pouco differe da *etymologia*, e ſe conſegue quando de hum vocabulo ſe tiraõ outros do meſmo genero, ou ſemelhança, como de *amor*, *amantes*, *e amar*: de *Jaber*, *ſabios*, *e ſabedoria*: de *Imperio*, *imperar*, *e Imperador*. Ovidio uſou da *Derivaçaõ* quando diſſe:

A' ſenibus nomen mite ſenatus habet.

E em outra parte:

Victima, quæ dextra cecidit victrice vocatur;
Hoſtibus à domitis hoſtia nomen habet.

A meſ-

A meſma *eloquencia* Divina ſantificou a *Derivaçaõ*, dizendo ao Principe dos Apoſtolos: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.*

A mais engenhoſa *Derivaçaõ* he a deſte famoſo Dyſticho:

R habet Auſonium liber hic, habet R que Pelaſgum,
R habet Hebræum, prætereaque nihil. (a)

Os *Anagrammas* pódem ſer huma eſpecie de *Derivaçaõ*: chamaõ-ſe *Anagrammas* os que, com as meſmas letras, produzem diverſos vocabulos, como *Maro, Amor, e Roma*: *Dorothea, e Theodora*: *Nize, e Inez*: *Natercia, e Caterina.* Naõ ſó ſe faz o *Anagramma*, com huma ſó dicçaõ, mas com muitas. Quando Pilatos perguntou a Chriſto: *Quid eſt veritas?* Podia elle reſponder pelas meſmas letras: *Eſt vir, qui adeſt.*

O que há de mais engenho neſte genero he aquelle famoſo Tetraſtychon, que lendo-ſe de cima para baixo, e de baixo para cima conſerva em todas as dicçoens hum perfeito *Anagramma.*

Sedula petroſas irriſa ſorte paludes,
Sepoſiti donis non ſine Ditis opes:
Signa te, ſigna temere me tangis, & anguis,
Roma tibi ſubitò, motibus ibit amor.

O *gene-*

(a) R. Auſonium er-
R. Pelaſgum ro-
R. Hebræum· res.

§

O *Genero* he o que comprehende muitas couſas, que ſe pódem chamar da meſma cathegoria: a *Eſpecie* he tudo o que ſe comprehende no genero. Póde-ſe chamar *genero* á virtude; e *eſpecies* á juſtiça, temperança, fortaleza, e prudencia: O argumento do *genero* póde-ſe fazer por eſte modo: = Toda a virtude conſiſte na acçaõ, logo a juſtiça deve ſer exercitada. =

Alguns pertendem que ſeja mais elegante o argumento da *eſpecie* para o *genero*, que do *genero*, para a *eſpecie*: como por exemplo: = A juſtiça deve ſer amada dos Cidadaons Romanos, porque ſó dos Barbaros he que póde ſer aborrecida a virtude; = porèm Cicero, que he a melhor guia para o acerto da *eloquencia*, na Oraçaõ *pro Archia poeta*, depois de louvar a Poeſia em *genero*, he que paſſa para a *eſpecie* na defenſa do Cliente. Eu me ſogeito a trasladar eſte lugar, para melhor inſtrucçaõ dos que entraõ na *Rhetorica*.

= Seja puro, e ſagrado diante de ti, ó Povo Romano, o eſpecioſo conceito, que deves fazer da Poeſia, a qual naõ foi violada atégora nem da meſma barbaridade, antes os meſmos penhaſcos, e ſolidoens correſponderaõ ſempre fielmente ás ſuas vozes. As féras mais indomitas muitas vezes ſe amanſaraõ, e ſe ſuſpenderaõ, com a ſua harmonia: e há de dizer-ſe que os Romanos, influidos, com melhores eſpiritos, ſe naõ movem aos ſuaviſſimos accentos dos Poetas? Os Colophonios dizem que Homero fora ſeu Cidadaõ, os de Chio o querem tomar para ſi, os Salaminios o demandaõ, os Smyrnios provaõ melhor o ſeu naſcimento, e chegaraõ a levantar altares á ſua memoria: outros muitos contendem ſobre a meſma hon-

ra:

ra: Todos deſejaõ fazê-lo ſeu, ainda depois de morto, ſendo-lhe talvez eſtranho, ſó porque foi Poeta: e ſerá crivel que nós meſmos repudiemos a eſte Poeta, que eſtá vivo, e que ſe conforma com os noſſos coſtumes, e com a noſſa Religiaõ? &c. =

§.

A *Semelhança* he a communicaçaõ de dous objectos differentes, ou quando ſe deſcobre entre elles alguma correſpondencia. Para moſtrarmos melhor a ſemelhança uſamos das particulas = *Aſſim como* = *naõ de outra ſorte* = *deſta maneira &c.* porèm muitas vezes ſe omittem por elegancia. Cicero diz: = Nas doenças naõ percebem os homens a ſuavidade dos manjares; aſſim os laſcivos, os avarentos, os facinoroſos naõ goſtaõ dos verdadeiros louvores. = Aqui eſtá outro exemplo de Virgilio:

Illa ſolo fixos oculos averſa tenebat,
Nec magis incæpto vultus ſermone movetur,
Quem ſi dura ſilex, aut ſtet Marpeſia cautes.

Eis-aqui outro de Ovidio:

Qui viret in foliis venit à radicibus humor,
Et patrum in natos tranſeunt, cum ſemine, mores.

Há *ſemelhança* ſimplez, e *ſemelhança* compoſta: a *ſimplez* he quando ſó ſe confronta huma couſa com outra; ou no ſingular, ou no plural. Para a do ſingular darei eſta quintilha de D. Franciſco de Quevedo.

Delante del Sol venia
corriendo Dafne, donzella

de

de eſtremada gallardia ;
y en ir delante tan bella ,
nueva aurora parecia.

Para a do plural, eſtes dous verſos de Lucrecio :

Floriferis ut apes in ſaltibus omnia libant ,
Omnes nos itidem depaſcimur aurea dicta.

A *ſemelhança* ſempre ſerá *ſimplez*, ainda que de huma ſó cauſa ſe tirem varias circunſtancias para ſe firmar mais a congruencia, aſſim como neſta de Joaõ Perez de Montalvaõ, taõ celebre, como criticada de ſeus emulos.

Viſte la concha del mar,
que bebiendo el ſudor bello
del alva, forma una perla
en ſu concavo pequeño,
y que al paſſo que la concha
và con la perla creciendo,
crece la union de entrambos
con un ñudo tan eſtrecho,
que para ſacar la perla
rómpen la concha primero,
y ſe quiebran con el gólpe
unos pedaços pequeños ?
Pues aſſi mi coraçon
fue concha, que con el tiempo
iba criando una perla,
que es nueſtro amor : fuè crèciendo,
tan unido, que en los dòs,
de dòs almas ſe hizo un cuerpo,
de dòs mitades, una alma,
y un todo de dòs compueſtos :
ſacan me del coraçon
con violencia, y con eſtruendo
un amor, que havia criado :
y aſſi à los ojos ſalieron
eſtas lagrimas, que ſon,
por màs que encobrirlas quiero,
pedaços del coraçon,
que ſe han quebrado allà dentro.

Se a *ſemelhança* ſe augmentar com a analogia dos nomes, naõ deixará de ficar mais viva, e engenhoſa, como he aquella do Jurado de Cordova, para mote de huma empreza, com que ſahio em humas feſtas hum Fulano Bracámonte :

El nombre tengo de monte,
y el Etna devo de ſer,
pues nunca dexo de arder.

Com

Com a meſma *ſemelhança* do nome, he belliſſimo o epitaphio, que fez Pontano a huma menina, chamada Roſa:

Utque Roſá brevius nihil eſt, æqueque caducum,
Sic citò, ſic brevitèr, & tua forma perit.

Para a *ſemelhança* compoſta nos dá Virgilio hum bom exemplo:

Hos ego verſiculos feci, tulit alter honores:
Sic vos non vobis nidificatis aves:
Sic vos non vobis vellera fertis oves:
Sic vos non vobis mellificatis apes:
Sic vos non vobis fertis aratra boves.

As propriedades de differentes objectos, applicadas a hum ſó ſogeito, fazem a *ſemelhança* ainda mais activa, e elegante, como neſta copla do Nicetas de D. Eugenio Gerardo Lobo:

Prudencia aprendiò la ſierpe
de ſu vida en lo advertido,
ſimplicidad la paloma,
y candidèz el armiño.

Ainda que depois de exemplificada a *Semelhança* tem a *Deſſemelhança* pouco que conhecer, naõ deixarei de advertir, que quando huma, e outra ao meſmo tempo concorrem, daõ huma notavel galantaria á *eloquencia*, como ſe vê neſta redondilha ao Conde de Cifuentes, que ſendo de gentil preſença perdeo a viſta em menino.

Sin duda que el Cielo quizo
de piedoſo, y prevenido

hazer

hazer al Conde Cupido,
porque nò fueſſe Narciſo.

E ainda melhor Luiz de Gongora neſtes quatro verſos:

Que yò, y tu nos parecemos
al roble, que màs reſiſte
los ſoplos del viento ayrado,
tu en ſer dura, yò en ſer firme.

Eſta ſe póde chamar tambem *Semelhança*, e *Deſſemelhança* ſimplez, para a compoſta nos dá Plinio o exemplo em hum dos Proemios da ſua Hiſtoria natural.

= Vemos que os outros animaes vivem com a compoſiçaõ, e bondade da Natureza: Que ſe amaõ, e ſe conformaõ entre ſi, e ſó ſe oppõem aos que naõ ſaõ da ſua eſpecie: O leaõ mais ferôz naõ contende com os outros leoens: a ſerpente naõ inſulta as outras ſerpentes; nem as féras marinhas a geraçaõ das meſmas féras: ſó o homem exiſte cruel, e fementido contra o meſmo homem. =

§.

NA *Oppoſiçaõ* há quatro generos de Oppoſtos, a que ſe dá o nome de = *repugnantes*, *relativos*, *privativos*, e *contradictorios*. Os *repugnantes* ſaõ os que tem entre ſi huma grande diverſidade, e irreconciliaçaõ, como a *virtude*, e o *vicio*: a *guerra*, e a *paz*. Deſte genero de *Oppoſiçaõ* uſou Cicero quando diſſe:

= Se fugimos da eſtulticia, ſigamos a ſabedoria: ſe fugimos da malicia, ſigamos a bondade. =

Horacio tambem ſe lembrou dos *repugnantes*, neſta advertencia:

Virtus eſt vitium fugere, & ſapientia prima
Stultitia caruiſſe. ——————————

Virgilio ſe aproveitou delles naquelle verſo:

Nulla ſalus bello, pacem te poſcimus omnes.

Os *relativos* ſaõ os que muito ſe differençaõ, e mutuamente ſe correſpondem, como o *Pai*, e o *filho*: o *Senhor*, e o *ſervo*: o *Meſtre*, e o *diſcipulo*. Eu dou o exemplo para eſtas relaçoens.

= Tanto deve ſer o poder do Pai, como a obediencia do filho: tanta a authoridade do Senhor, como a ſogeiçaõ do ſervo: tanta a ſciencia do Meſtre, como a imitaçaõ do diſcipulo. =

Os *privativos* ſe conhecem pelas ſuas qualidades, e pela ſua privaçaõ, como a *morte*, e a *vida*: a *luz*, e a *eſcuridade*: nos *privativos* ſe funda a copla ſeguinte:

Ven muerte tan eſcondida,
que nò te ſienta venir,
porque el guſto de morir
no me buelva a dar la vida.

O Marquez de Valença D. Joſeph, Miguel, Joaõ de Portugal nos offerece outro exemplo em hum dos Epigrammas da ſua Centuria impreſſa.

De brevitate quæri vitæ nos ſæpè ſolemus:
Cum mage ſit nobis mors metuenda brevis.

Agoſtinho de Salazar nos propõem outro em hũa das ſuas Comedias:

Aun dà pavor aun dà eſpanto

ver

ver que algunos aſtros brillen :
como ſeràn las tenieblas ,
ſi ſon las luzes horribles ?

Os *contradictorios* ſe verificaõ quando ſe nega , e ſe affirma huma couſa ao meſmo tempo , e huma dellas há de ſer falſa , ou verdadeira. Eis-aqui o exemplo.

= Quando me vejo com Ticio em algumas converſaçoens , elle diz muito mal , e eu muito bem de vós : a elle todos o acreditaõ , a mim ninguem me dá credito : naõ ſei ſe iſto procede da minha inhabilidade , ſe da ſua galantaria , ſe das voſſas acçoens. =

§.

OS *Adjuntos* ſaõ aquellas circunſtancias , que acompanhaõ a materia propoſta : huns ſaõ da couſa , como o tempo , e o lugar : outros do corpo, como a gentileza , ou a deformidade , a força , ou a fraqueza , a doença , ou a diſpoſiçaõ : outros do animo , como os vicios , e as virtudes : em fim podem reputar-ſe como *adjuntos* quantos accidentes occorrem ao eſtado das acçoens , dos ſucceſſos , dos ſogeitos , ou d'antes , ou depois , ou no meſmo tempo. Eſtá portentoſo T. Livio na practica de Annibal , com os adjuntos do tempo , e do lugar.

= Pela parte direita , e pela eſquerda eſtamos cercados de dous mares , e nem hum ſó navio ſe nos offerece , para a retirada. A' roda do Pó eſtá outro maior rio , e mais violento , qual he o Rhodano. Pelas coſtas nos carregaõ os Alpes , que ainda aos mais robuſtos , e intrepidos , apenas abrem huma difficultoſa pagaſſem. Aqui naõ há outra eſperança , ſenaõ a de morrer , ou vencer. =

Com a incultura do lugar argumentava Ovidio para deſculpar os ſeus verſos:

Si qua videbuntur caſu non dicta latinè,
In qua ſcribebat barbara terra fuit.

Com os *adjuntos* do corpo moſtra o meſmo Poeta a horribilidade da fome, e he hum dos grandes lugares dos Metamorphoſis.

Quæſitamque famen lapidoſo vidit in antro
Unguibus, & raris vellentem dentibus herbas:
Hirtus erat crinis, cava lumina, pallor in ore,
Labra incana ſitu, ſcabri rubigine fauces:
Dura cutis, per quam ſpectari viſcera poſſent,
Oſſa ſub incurvis extabant arida lumbis:
Ventris erat pro ventre locus: pendere putares
Pectus, & à ſpinæ tantummodo Crate teneri:
Auxerat articulos macies, genuumque rigebat
Orbis, & immodico prodibant tubere tali.

Pódem-ſe contar oito generos nos *adjuntos*. Primeiro, reſpeita á peſſoa, como a educaçaõ, a indole, a idade, o ſexo, a patria, o parenteſco, a fama, a virtude, o engenho, o nome. Segundo, ao negocio, ou materia, de que ſe trata. Terceiro, ao lugar. Quarto, á companhia, que concorre para alguma acçaõ. Quinto, á repetiçaõ da obra. Sexto, á cauſa, e ao fim della. Settimo, ao modo, e á ſerie da couſa ſuccedida. Oitavo, ao tempo do ſucceſſo. Muito me dilataria ſe quizeſſe explicar, e exemplificar eſtes oito generos; e aſſim paſſarei a tratar dos outros lugares.

§.

O *Antecedente* ſcientifico he tudo aquillo, de que ſe infere huma couſa neceſſaria; porèm nos termos

mos rhetoricos baſta que ſe infira o que he provavel, ou veriſimil, ou ainda o hyperbolico. O *conſequente* he a demonſtraçaõ, que ſe tira do *antecedente*. Os fructos ſaõ o *conſequente* das flores, e as cicatrizes das feridas. Pela grandeza de huma cicatrîz inferio Cicero na Philippe ſettima o tamanho do golpe: *Luculentam tamen ipſe plagam accepit, ut declarat cicatrix*:

Com baſtante galantaria uſou Marcial de outra inferencia:

Hoc mihi ſuſpectũ eſt, quòd oles benè, Poſthume, ſemper, Poſthume, non benè olet, qui benè ſemper olet.

Porèm naõ he neceſſario que nos detenhamos neſte lugar: paſſo ás *cauſas*, e aos *effeitos*.

§.

QUatro generos de cauſas tomaraõ os Rhetoricos dos Philoſophos. Cauſa *efficiente*, *material*, *formal*, *final*.

A cauſa *efficiente* he aquella, pela qual alguma couſa ſe executa: O Sol he cauſa *efficiente* do dia.

A cauſa *material* he a que della, e por ella as meſmas couſas exiſtem: Os bronzes, e os marmores ſaõ a cauſa *material* das eſtatuas.

A cauſa *formal* he a razaõ, ſignal, ou caracter, por onde humas couſas ſe diſtinguem das outras; e eſta he natural, ou artificial. A primeira ſe verifica nos genios, com que ſe differençaõ os homens: a ſegunda na ſymmetria de diverſas fabricas, filhas da arte, ou do engenho.

A cauſa *final* he aquella, por cujo motivo a couſa ſe emprende, ou ſe conſegue: A cauſa *final* da guerra deve ſer a paz.

Póde-ſe argumentar com a cauſa *efficiente* por eſte modo:

= Quem deſeja dilatar a vida há de regular os coſtumes; porque os exceſſos deſtroem as forças: com a debilidade ſe apreſſa a velhice, e a velhice prognoſtica a morte. =

Eis-aqui hum dyſticho de Marcial com outro argumento do meſmo genero.

Nuper erat medicus, nunc eſt Veſpillo, Diaulus:
Quod Veſpillo facit, fecerat & medicus.

Para a cauſa *material* he bom exemplo o de Ovidio na deſcripçaõ da caſa do Sol, e o de Virgilio na das armas de Eneas, que naõ repito por ſerem diffuſos, e por naõ omittir o de Antonio de Solis na do palacio de Motezuma. Farei Portuguezas as ſuas vozes, com pouca alteraçaõ da ſua elegancia.

= Deixou-ſe ver a larga diſtancia o palacio de Motezuma, que manifeſtava, naõ ſem encarecimento, a magnificencia daquelles Reis, edificio taõ deſcompaſſado, que ſe ſervia por trinta portas a differentes ruas. A fachada principal, que occupava toda a frente de huma eſpaçoſa praça, era de varios jaſpes negros, vermelhos, e brancos, de naõ mal entendida collocaçaõ, e polimento. Sobre a portada ſe faziaõ reparar em hum grande eſcudo as armas dos Motezumas: hum grypho, meio aguia, e meio leaõ, com hum tigre feroz entre as garras, a modo que voava com a preza: : : : Paſſados tres patios da meſma fabrica, e materia, que a da fachada, chegaraõ ao quarto, em que reſidia Motezuma, em cujos ſaloens era de igual admiraçaõ a grandeza, e o adorno. Os pavimentos com eſteiras de varios lavores, as paredes com differentes colgaduras de algodaõ, e pello de coelho,

coelho; e no mais interior, de penna. Humas, e outras illuminadas com a viveza das cores, e com a differença das figuras. Os tectos, de cypreſte, e de cedro, e de outras madeiras cheiroſas, com diverſas folhagens, e relevos, em cuja contextura ſe reparou, que ſem haverem achado o uſo dos prégos, formavaõ grandes artezoens, formando na ſua meſma travaçaõ as taboas, e o emmadeiramento &c. =

O argumento da cauſa *formal* póde ſer deſta ſorte: = A vida dos brutos pende da materia caduca, que he o corpo: a dos homens, da alma que he eterna: com eſta grande excellencia da Natureza humana, nenhum Varaõ judicioſo deve temer a morte. =

O da cauſa *final* ſe acha neſtes verſos de Ovidio:

Pronaque cum ſpectent animalia cætera terram,
Os homini ſublime dedit, cœlumque tueri
Juſſit, & erectos ad ſydera tollere vultus.

Eſtas ſaõ as *cauſas*, e os *effeitos* ſaõ os que dellas ſe produzem: Huns propriamente ſaõ philoſophicos, outros rhetoricos: os philoſophicos ſaõ a claridade a reſpeito da luz, o calor a reſpeito do fogo, a conſtipaçaõ a reſpeito do frio. Os rhetoricos pódem ſer tambem eſtes, e outros menos preciſos; porque baſtará que ſejaõ conjecturaveis; como a deſtruiçaõ, que póde ſer effeito do Reino dividido: os cuidados, que podem ſer effeito do Matrimonio, e as calamidades, do appetite. Para eſte ultimo effeito, eisaqui hum exemplo de Silo Italico:

——————————— *Idem aſpice latè*
Florentes quondam luxus, quas verterit urbes?
Quippe nec ira Deüm tantum, nec tela, nec hoſtes

Quantum ſola noces animis illapſa voluptas,
Ebrietas tibi fida comes, tibi luxus, & atris
Circa te ſemper volitans infamia pennis.

§.

A *Comparaçaõ*, que eſtá no ultimo lugar dos lugares *intrinſecos*, ſe faz quando duas, ou muitas couſas convem em hum terceiro objecto, e eſte fica com ellas commum, e relativo. Tres ſaõ os modos de comparar: Primeiro, do maior para o menor: Segundo, do menor para o maior: Terceiro, de igual para igual; e por eſtes tres modos ſe differença a *comparaçaõ* da *ſemelhança*; porque eſta naõ attende para o mais, ou para o menos. A' *ſemelhança* pertence propriamente a qualidade, á *comparaçaõ* a quantidade: aquella confronta a vulto, eſta, com diſtribuiçaõ, advertencia, e medida. Quando ſe faz o argumento do maior para o menor, tudo o que ſe acha no maior tem no menor a meſma, e ainda mais força, e efficacia. A eloquencia Divina, que nos deo o exemplo da humildade, com o Lavapés dos Diſcipulos, nos dá tambem a regra, para eſte genero de comparaçaõ:

Si ergo ego lavi pedes veſtros Dominus, & Magiſter, & vos debetis alter alterius lavare pedes.

No Cap. 6. de S. Mattheus nos offerece o meſmo Divino Orador o exemplo, para o argumento do menor para o maior:

Si fœnum agri, quod hodie eſt, & cras in clibanum mittitur, Deus ſic veſtit, quanto magis vos?

Com o meſmo argumento eſcreveo hum boticario na ſua officina eſta ſentença de Santo Agoſtinho:

Si tantum ut aliquantò plus vivatur, quanto magis ut ſemper vivatur?

Agoſti-

Agoſtinho de Salazar ſeguio a meſma *comparaçaõ*, quando diſſe em hum dos ſeus Romances:

Que mucho que amen los hombres,
ſi de ezentarſe de amar
hazen vanidad los Dioſes!

Para o argumento de igual para igual he excellente a *comparaçaõ* de Ovidio na carta de Penelope a Ulyſſes.

Ter ſumus imbelles numero: ſine viribus uxor,
Laerteſque ſenex, Thelemacuſque puer.

§.

ESTamos nos lugares *extrinſecos*, os quaes naõ dependem da arte, ou do engenho do Orador; e por iſſo lhe chama Ariſtoteles *argumentos ſem artificio.* Quintiliano os divide em ſeis generos:

= Leis, ou ſentenças, fama, eſcriptura, juramento, tormento, teſtemunhas. =

A *lei*, ou he Divina, ou natural, ou poſitiva: a *Divina* foi promulgada por Deos, para o eſtabelecimento da Religiaõ: a *natural* he influida pela Natureza, para a conſervaçaõ da eſpecie: a *poſitiva* pelos homens, para a conſtituiçaõ da ſociedade.

A Lei *Divina*, e *natural* naõ ſe pódem refutar; a *poſitiva* póde ſer infringida por muitos modos: Primeiro, interpretando-a: Segundo, moſtrando-ſe que ſe naõ conforma com a mente do Legislador: Terceiro, que eſtá preſcripta: Quarto, oppondo-lhe outra lei: Quinto, que há caſos, em que a meſma lei naõ póde ſubſiſtir. Porèm eſtas oppoſiçoens devem ſer ſubſtanciaes, e naõ engenhoſas, antepondo a verdade á ſubti-

ſubtileza: de outra ſorte, em lugar do credito, grangeará o Orador a irriſaõ do Auditorio.

§.

SE a *fama* eſtá a favor do aſſumpto, póde dizer o Orador que deſte conſenſo popular he que diſſeraõ muitos Authores, que a *voz do povo era a voz de Deos*, e ſe aproveitará do conceito de Ovidio:

Fama manet facti, poſito velamine, currunt,
Et memorem famam, qui benè geſſit, habet.

Se convier contrariar a *fama*, ſe trará a opiniaõ de Lourenço Graciano, de que ſe a voz do povo he de Deos, ſó póde ſer do Deos Baccho. Tambem ſe póde dizer, com Seneca: *Æſtimes judicia, non numeres*: com Cicero na Oraçaõ pro Planco: *Non conſilium in vulgo, non diſcrimen, non diligentia*: e com Ovidio:

Mixtaque cum veris paſſim commenta vagantur,
Mille rumorum, confuſaque verba volutant.

§.

O Orador ſe valerá das *Eſcripturas* ponderando a ſua authoridade, e juntamente a fé, que ſe deve dar aos monumentos, aos contratos, ás eſtipulações, aos teſtamentos &c.

Se for neceſſario contrariá-las, diſputará a ſua validade, moſtrando que ſe naõ conformaraõ com as Leis, que lhes faltaõ os requiſitos eſſenciaes, que foraõ falſificadas, ou que naõ tem credito por eſte, ou aquelle motivo.

O *jura-*

§.

O *Juramento*, que he a affirmaçaõ, ou negaçaõ de alguma couſa trazendo a Deos por teſtemunha, ou he feito pelo Orador, ou pela peſſoa, que accuſa, ou ſe defende, que vitupera, ou que louva. Se pelo Orador deve uſar rariſſimas vezes deſta ſagrada aſſeveraçaõ, e ſó nas materias mais graves, e preciſas ſe lhe permitte: ſendo tambem preciſo que a innocencia dos ſeus coſtumes o façaõ attendivel, e veneravel. Se por outra peſſoa, ſera tambem de grande pezo, ſe ella for conſpicua; porèm ſe o juramento merecer impugnaçaõ ſervirá eſte lugar de Salviano:

Si pejeret Francus quid novi facit? Qui perjurium ipſum ſermonis genus putat eſſe non criminis: Plures invenias qui ſæpius pejerent, quam qui omninò non jurent.

§.

O *Tormento* ſe applica aos réos para confeſſarem a verdade; porem eſte modo de a conhecer já hoje naõ eſtá em uſo, ſenaõ nos crimes mais atrozes: Baſta para aqui eſte lugar de Seneca:

Verberibus, igne, morte, cruciatu eloqui,
Quodcunque celas adiget invitam dolor:
E' pectore imò condita arcana ruet,
Neceſſitas plus poſſe, quam pietas ſolet.

§.

AS *Teſtemunhas* ſaõ as que ſe chamaõ juridicamente para declararem o ſeu ſentimento na preſença do Juiz. Para produzirem prova ſaõ neceſſarios, ſegundo os Juriſtas, os requiſitos ſeguintes:

A certa

A certa ſciencia do caſo, o que ſó póde ſer ſendo as *teſtemunhas* de viſta: Que tudo o que depuzerem ſeja de baixo de juramento: Que ſejaõ peſſoas maduras, circunſpectas, e de bons coſtumes: Que eſtejaõ no conceito de fallarem verdade: Que ſe preſumaõ izentas de cobiça, e de paixaõ: Que naõ ſejaõ inimigas; e ſe forem nobres, e de bóa conſciencia, teraõ ainda mais credito os ſeus depoimentos. Alèm deſtas circunſtancias juridicas, tambem ſe póde valer o Orador dos teſtemunhos Sagrados: quaes ſaõ as reſoluçoens dos Concilios, e dos Pontifices, a tradiçaõ Apoſtolica, a doutrina dos Padres, e as revelaçoens approvadas.

Os defeitos das *teſtemunhas*, ſegundo os meſmos Juriſtas, ſaõ a infamia, a malignidade, o arrojo, a ſervidaõ, a inimizade, ou amizade, ou outro qualquer motivo, aonde a ſuſpeiçaõ ſe preſuma; a contradiçaõ nos depoimentos, e o eſtarem eſtes deſmentidos por peſſoas de maior credito. Eis-aqui tudo o que pertence á *primeira parte da Invençaõ*; o que reſpeita á ſegunda, que he a commoçaõ dos animos, direi no

CAPITULO III.

NO util, e no deleitavel conſtitue Horacio a bondade dos Eſcriptores; porèm os Rhetoricos aſpiraõ á maior empreza com a força da palavra, pois he todo o ſeu intento mover, inclinar, inflammar, e dobrar o animo com a *eloquencia*. Ouvintes há, que reſiſtem a todos os ſeus eſforços; e ainda que reconhecem o bem, raras vezes o abraçaõ: Ovidio diſſe na figura de Medea:

Video,

——————— Video meliora, proboque,
Deteriora ſequor. ———————

Seneca no Hyppolito com as vozes de Phedra:

——————— Quæ memoras ſcio
Vera eſſe, nutrix, ſed furor cogit ſequi
Peiora.———————

O que trasladou Petrarca no Triumpho da fama:

Et veggio il meglio, & al peggior m' appiglio.

E Garcilaſſo em hum dos ſeus Sonetos:

Conoſco lo mejor, lo peior apruebo.

O noſſo Camoens ſeguio eſtes meſmos veſtigios:

Que conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peior ſeguì forçado.

E o Author deſte *Theatro* tambem diſſe na ſua primeira Egloga da Ethica paſtoril:

Parece couſa fatal,
mas iſto de Adam nos vem,
que conheçamos o bem,
e fujamos para o mal.

Os *affectos*, ou *paixoens* ſobre que trabalha a *eloquencia* para commover o animo, forão divididos pelos Eſtoicos em quatro generos: dous, que pertencem ao bem, como a *eſperança*, e o *goſto*, e dous, que reſpeitaõ ao mal, como a *triſteza*, e o *medo*.

Todos

Todos quatro comprendeo Virgilio em menos de hum hexametro:

Hinc metuunt, cupiuntque, dolent, gaudentque

E Boecio os deſcreve naõ com menos elegante brevidade:

Gaudia pelle,
pelle timorem,
ſpemque fugato,
nec dolor adſit.

Porèm alguns Philoſophos, a quem ſeguiraõ os *Rhetoricos*, acharaõ mais extenſaõ nos affectos, que podemos reduzir a dez:

= Amor, odio, medo, eſperança, ouſadia, laſtima, ira, indignaçaõ, manſidaõ, emulaçaõ. =

Vou a dizer de cada hum delles diſtintamente:

O *amor* he hum affecto, que nos perſuade a querer bem a outrem. Nelle ſe devem achar tres condiçoens: Primeira, que deſejemos todo o bem (ao menos o que nos parece que o he) á peſſoa a quem amamos: Segunda, que naõ ſó lho deſejemos, mas que lho procuremos; porque eſte deſejo, ſem fructo, he hum cadaver da vontade, como diſſe Julio Ceſar Scaligero:

Tu, ſi ex animo forte velis cui benefactum
Addas operam; ſola cadaver eſſe voluntas.

Mas quando ſe naõ póde fazer o bem, baſtará que ſe deſeje:

Ut deſint vires tamen eſt laudanda voluntas.

Tercei-

Terceira, que o amor deve ser menos extremoso pela propria utilidade, que pela do objecto, que se ama.

= Se para nós, (diz Cicero) e naõ para o amado for o fructo das nossas acçoens, isto já naõ será amor, porèm usura, ou conveniencia. =

E por esta causa se nota entre o *amor*, e a amizade huma grande differença; porque o *amor* naõ aspira á satisfaçaõ, e a amizade necessita de ser correspondida.

O *amor* serve na *Rhetorica* de ser bem acceito, naõ só o Orador, mas o assumpto da Oraçaõ aos ouvintes.

Hum dos maiores triumphos da *eloquencia* de Cicero foi destruir os projectos de Rulo, que com o especioso pretexto das leis agrarias pertendia passar de Tribuno da Plebe a Dictador da Republica; e toda esta victoria se deveo ao amor, que tinha a M. Tullio o Povo Romano: Para mais o conciliar disse assim na segunda Oraçaõ contra o Tribuno.

= Eu sou o primeiro homem novo do nosso tempo, que vós fizestes Consul, e com a minha eleiçaõ conseguistes o privilegio de que a Nobreza havia tantos annos, que estava de posse, e que sempre defendeo com todas as suas forças. Vós me elevastes a esta dignidade, com hum concurso taõ universal do vosso applauso, que atégora nenhum Patriciano o alcançou, com mais esplendor, nem Plebeo algum com maior gloria. Augmenta mais a minha divida o ver, que na minha eleiçaõ desprezastes aquelles escrutinios, que sustentaõ a liberdade dos pareceres, pois me subistes ao Consulado pelo meio das acclamaçoens, e dos suffragios publicos, que me seraõ sempre mais estimaveis, e glorioso, que o Magistrado, com que me tendes engrandecido.

Sendo

Sendo eu pois hum homem novo, e hum homem Plebeo, e que devo unicamente ao Povo Romano o caracter, com que hoje me diſtinguo, declaro diante do corpo inteiro do Senado, e de toda a Nobreza Romana, que eu ſerei ſempre hum Conſul popular, e que em quanto me durar o Conſulado, nenhuma couſa me ſerá mais amavel, que os intereſſes deſte Povo, a quem reconheço taõ grandes obrigaçoens. =

Ainda que o louvor na propria boca ſe envileça, póde-ſe permittir ao Orador, que para alcançar a benevolencia do Auditorio, diga de ſi algumas prerogativas, com tanto que as inculque com huma moderada expoſiçaõ. Aqui eſtá outro exemplo do meſmo Cicero na meſma invectiva contra Rulo:

= Naõ me ſerá licito o trazer-vos aos olhos alguma imagem dos meus Maiores, naõ porque elles deſdiſſeſſem dos noſſos coſtumes, mas porque careceraõ do louvor popular, e das luzes das voſſas honras. De mim ſó poſſo dizer, que nem deſejo parecer arrogante, nem ingrato: arrogante, dizendo o que naõ tenho: ingrato, deixando de dizer que pelos meus eſtudos, e doutrina conſegui eſta grande dignidade: Vós, que ma deſteis, he que podeis julgar ſe era digno de a conſeguir. =

Iſto he pelo que reſpeita ao Orador, e para o ſogeito da Oraçaõ, ſe haõ de notar todas as circunſtancias que o podem fazer amavel: ſaõ varias as que ſe aſſignaõ: ſerá a primeira a eminencia das virtudes: Virgilio nos dá o exemplo:

Rex erat Æneas nobis, quo juſtior alter,
Nec pietate fuit, nec bello major, & armis.

A ſegunda, a utilidade, e os beneficios remunerados. Outro exemplo do meſmo Poeta:

Tu

Tu mihi quodcunque hoc regni ſceptra, Jovemque
Concilias: Tu das epulis accumbere Divûm,
Nimborumque facis, tempeſtatumque potentem.

Terceira a formoſura da preſença. Aqui vem terceira vez o referido Virgilio:

——————— *Sed cunctis altior ibat*
Anchiſes; mihi mens juvenili ardebat amore
Compellare Virum, & dextræ conjungere dextram.

Quarta, a correſpondencia do meſmo amor: *Si vis amari, ama*; foi ſentença de Seneca, que ficou em proverbio; e ſobre elle diſſe Marcial:

Ut præſtem Pyladen aliquis mihi præſtat Oreſtem:
Hoc non fit verbis, Marce: ut amaris, ama.

E, com pouca differença, Ovidio:

Sit procul omne nefas, ut ameris amabilis eſto.

Paſſemos de hum extremo a outro.

§.

O *Odio* he huma paixaõ, com que aborrecemos aquillo, que, ou he, ou nos parece máo. Os motivos para o excitarmos facilmente ſe encontraráõ ſe confrontarmos o *odio* com o amor, de que temos hum egregio exemplo em Cornelio Tacito na vida de ſeu ſogro Julio Agricola, fazendo orar a Galgaco na frente do ſeu exercito, para accender o odio dos Inglezes contra os Romanos:

= Eſtes devoradores do Univerſo, depois de aſſo-

larem toda a Terra, paſſaraõ, com o meſmo eſtrago, para os mares. Com os ricos ſe moſtraõ avarentos, com os pobres ambicioſos, ſem que o Oriente, ou o Occidente poſſa ſaciar-lhes a ſua ambiçaõ, e a ſua avareza. Ao roubar, ao deſtruir, ao deſpedaçar, com hum falſo nome, chamaõ Imperio; e dizem que deixaõ a paz naquellas Provincias, que ficaraõ deſertas, e deſtruidas com as ſuas maldades. Os filhos, e os parentes, que ſaõ as prendas mais amadas da Natureza, com o pretexto de os aliſtarem na noſſa patria, os levaõ a ſer eſcravos na ſua. As eſpoſas, e as irmaãs ſaõ eſtupradas, e humas vezes as inſultaõ com a licença de inimigos, outras com a capa de amigos, pois ſe eſcapaõ do furor da guerra, naõ ſe livraõ do ſacrilego abuſo da hoſpedagem: conſomem as noſſas riquezas com os tributos, e proviſoens dos ſeus exercitos, e Cidades. Para nos terem mais cobardes, e enfraquecidos, nos gaſtaõ as forças em exercicios mecanicos, augmentando-ſe o noſſo trabalho entre os golpes, e as injurias. Os eſcravos, ainda que naſcidos, para a ſervidaõ, ſempre ſaõ ſuſtentados, e apenas vendidos pelos ſeus ſenhores; ſó a pobre Britania cada dia compra a ſua meſma eſcravidaõ, cada dia a alimenta &c. =

A Oraçaõ de Coge C,ofar na vida de D. Joaõ de Caſtro he toda hum incendio, para a commoçaõ do *odio*: era o intento deſte Barbaro excitar o animo do Rei de Cambaia, para fazer a guerra aos Portuguezes; e depois de fallar em Sultaõ Badur, Pai deſte Principe, proſegue deſte modo:

= A eſte clementiſſimo Principe debaixo do ſagrado da paz tiraraõ os Portuguezes a vida, com eſcandalo de todos os Reis, e naõ menor injuria dos ſeus vaſſallos, indignos de o havermos ſido de hum Principe taõ grande, pois inſenſiveis, e ingratos eſtamos alimen-

alimentando os homicidas do noſſo Monarca em noſſa meſma caſa, gozando como herança a Praça, que aſſeguraraõ, com taõ atroz delicto: hontem hoſpedes, e hoje ſenhores.

Vós, ó Principe herdeiro deſte Imperio, que vedes os voſſos vaſſallos cada dia receber leis deſtes inſultuoſos: a vós toca determinar, a quem havemos de obedecer primeiro, ſe ao noſſo Rei, ſe aos noſſos inimigos.

Creſcerá com a noſſa paciencia o ſeu atrevimento: depois de cõmettido o maior delicto, qual naõ teraõ por leve? Quem duvidará de ſer offenſor, aonde ſe naõ vingaõ as injurias? Acabemos pois de deſpertar deſte mortal lethargo: mettamos até os cotolos os braços no ſangue deſtes crueis tyrannos: neſte veneno banhemos os alfanges, porque percaõ, com as vidas, a gloria de taõ grandes inſultos &c. =

§.

O *Medo* he huma perturbaçaõ do animo, naſcida do perigo: os modos de o concitar ſaõ tres: Primeiro, pronoſticar, com repreſentaçoens evidentes, algum grande mal, ou horrivel calamidade, como a peſte, a fome, a guerra, a infamia, a pobreza &c. Dá-nos hum bom exemplo o noſſo Camoens introduzindo o Gigante Adamaſtor a vaticinar as deſgraças Portuguezas nas viagens da India:

Sabe que quantas náos eſta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga teraõ eſta paragem
Com ventos, e tormentas deſmedidas:
E da primeira armada, que paſſagem
Fizer por eſtas ondas inſoffridas,

Eu farei de improviſo tal caſtigo,
Que ſeja mór o damno, que o perigo.
&c.

O ſegundo modo he moſtrar que a calamidade eſtá quaſi imminente, porque naõ coſtumaõ os homens temer tanto o damno remoto, como o viſinho: Temos o exemplo na ſegunda Oraçaõ de Cicero contra Catilina:

= Parece-me que eſtou vendo eſta Cidade, que he a cabeça, e o reſplandor do Univerſo, e o aſylo de todas as gentes, ſubitamente arruinada com hum geral incendio.

Por huma parte ſe me repreſenta ſepultada a Patria, por outra os Cidadaons amontoados, e ſem ſepulchro.

Cuido que ſempre trago diante dos olhos o ſemblante de Cethego, encarniçado na voſſa mortandade: He tempo, ó Romanos, de vos empregares, como ja tendes diſpoſto, na voſſa ſumma ſegurança, na das voſſas eſpoſas, e filhos, na da voſſa liberdade, e ſalvaçaõ de toda a Italia, e de toda a Republica Romana &c. =

O terceiro modo he quando ſe moſtra que a calamidade naõ ſó ha de ſer commua, mas particular; porque recebemos, com maior juſto, os males proprios, do que os publicos. Póde ſervir de exemplo o que ponderava Julia a ſeu marido Pompeo na Pharſalia de Lucano:

Ad Stygias (inquit) tenebras, maneſque nocentes
Poſt bellum civile trahor: vidi ipſa tenentes
Eumenides quaterent quas veſtris lampadas armis
Præparat innumeras puppes Acherontis aduſti
Portitor, in multas laxantur Tartara pœnas,

Vix

Vix operi cunctæ dextrâ properante sorores
Sufficiunt; lassant rumpentes stamina Parcas:
Conjuge me, lætos duxisti, magne, triumphos,
Fortuna est mutata toris. ——————

As excitaçoens do *medo* servem de muito aos Oradores Evangelicos para a emenda dos vicios, e tem maior efficacia com a representaçaõ da eterna infelicidade. Eis-aqui hum exemplo do A. do *Theatro*, que vem nos seus *quatro Novissimos do homem*:

= Proferidas estas ultimas palavras, se acharáõ em hum momento os condemnados no Inferno. Com varias semelhanças, e metaphoras pertende a Santa Escriptura exprimir o conceito deste lugar infelicissimo, e naõ sei se melhor o representa o assombro, do que as vozes. Terra tenebrosa, terra da miseria, e da sombra, terra do horror, e da desordem a nomeia o Santo Job. Grande lago da ira de Deos, e carcere do demonio lhe chama S. Joaõ. Trevas exteriores, S. Matheus. Cháos immensuravel, S. Lucas. Emulaçaõ ardente, S. Paulo. Prizaõ eterna, S. Judas.

Muitos contemplativos, fundados nestas expressoens, e em outras taõ tremendas, como verdadeiras, consideraõ o Inferno no centro da Terra, como huma caverna profundissima, cavada entre rochedos inaccessiveis, sem respiradouro, nem sahida, cheia de fumo, de fogo, de enxofre, coberta de huma horrivel escuridade; infestada de espectros, e fantasmas insoffriveis, combatida de clamores dissonantes, atulhada de cadaveres horrendos, de hum vapor pestilente, de hum clima destemperadissimo, de hum tormento continuo, de huma escravidaõ, sem resgate, de huma infelicidade, sem fim &c. =

§.

A *Eſperança* he hum goſto, naſcido da opiniaõ de algum bem, que eſtá para vir. Dous ſaõ os eſtimulos, que a ſuſtentaõ, e a commovem: hum a formoſura, e grandeza do meſmo bem, outro os meios, por onde elle ſe póde alcançar, quaes ſaõ as riquezas, as forças, a induſtria, a prudencia, os amigos, a fraqueza dos emulos, o patrocinio de alguma peſſoa grande, e ſobre tudo o favor divino.

Com a certeza de huma grande victoria excitava Julio Agricola a *eſperança* dos ſeus ſoldados.

= Se acaſo tiveſſeis defronte huma gente nova, e deſconhecida, eu me empenharia a exhortar-vos para o conflicto; mas para elle naõ quero mais, do que a memoria das voſſas façanhas, e que vos informeis da voſſa meſma viſta, e da voſſa experiencia. Eſtes ſaõ os meſmos, que o anno paſſado accõmetteraõ de noite, e furtivamente huma das noſſas Legioens, e que baſtaraõ as noſſas vozes para os deixarmos vencidos. Eſtes ſaõ os mais cobardes de todos os Britanos, porque nunca ſe atreveraõ a ver nos a cara ſenaõ neſte ultimo aperto; e no lugar, aonde já naõ pódem achar outro aſylo para a ſua fugida: Os brutos mais esforçados, e ferozes, ſaõ os que deſamparaõ as brenhas para ſahirem ao encontro dos caçadores; os puſillanimes nunca ſe deſcobrem, ſenaõ depois de talados os boſques, e de ficarem patentes as ſuas cavernas. Em diverſas batalhas temos desbaratado todos aquelles, que nos fizeraõ roſto; agora ſó nos ficaraõ para eſta os que nos deraõ as coſtas, e ſe amedrontaraõ com o ruido das noſſas armas: Naõ os trouxe a eſte lugar a oppoſiçaõ, ou a reſiſtencia, mas a neceſſidade.

Naõ o occupaõ para ſuſtentá-lo, ſenaõ porque naõ tem

tem outro, aonde ſe acolhaõ. Naõ os ajuntou o valor, mas o ultimo receio, para entregarem nas voſſas maõs huma grande, e inſigne victoria &c. =

Virgilio nos dá tambem outro exemplo, naõ menos digno deſte lugar:

O' paſſi graviora dabit Deus his quoque finem;
Vos, & Scyllæam rabiem penitùſque ſonantes
Acceſtis ſcopulos, vos, & Cyclopea ſaxa
Experti, revocate animos, mæſtumque timorem
Mittite, forſan, & hæc olim meminiſſe juvabit.
Per varios caſus, per tot diſcrimina rerum
Tendimus in Latium, ſedes ubi fata quietas
Oſtendunt: illic fas regna reſurgere Trojæ
Durate, & vos met rebus ſervate ſecundis.

A *eſperança* da felicidade eterna merece ſer muitas vezes excitada no pulpito, porque eſte he o maior negocio da noſſa conſideraçaõ, para o que póde ſervir hum exemplo do A. do *Theatro*, nos citados Diſcurſos dos *Noviſſimos do homem.*

= Já que eſta admiravel Cidade do Empyreo ſe naõ proporciona com alguma ideia humana, veremos ſe cabe na medida de huma intelligencia Angelica. Com huma cana de ouro vio S. Joaõ nos extaſis de Pathmos medir por hum Anjo a Corte Celeſte; e achou que era a Cidade de huma quadra perfeita. Em cada face da quadra havia doze mil eſtadios, que fazem quatrocentas e quarenta e quatro legoas. Os edificios eraõ taõ altos, como o comprimento da maquina: o muro, que a cercava, tinha de altura cento e quarenta e quatro covados: Abriaõ ſe tres portas em cada lanço: tres ao Oriente, tres ao Occidente, tres ao Norte, tres ao Meio dia; formada cada huma das portas de huma ſó perola. Via-ſe tudo ba-

nhado de huma claridade divina, ſemelhante ás luzes, que ſe formaõ no cryſtal. As pedras do muro eraõ de jaſpe, e toda a Cidade de ouro tranſparente. Diſcorriaõ pelas ruas os Cidadaons Celeſtes. Do Throno de Deos ſahia hum rio cryſtallino, cujas agoas eternizaõ a vida. Pelas ſuas margens ſe erguiaõ diverſas arvores, que repetiaõ os fructos todos os mezes. Naõ havia alli, nem morte, nem doença, nem pranto, nem queixa, nem luto: eſte immenſuravel concurſo de delicias reinará com Deos, e com os Bemaventurados por todos os ſeculos dos ſeculos. O' prodigio muito álem da noſſa comprehenſaõ! O' eſtimulo taõ digno da noſſa *eſperança*! &c. =

§.

A *Ouſadia* he hum affecto, com que ſe vence o receyo do perigo. Tito Livio na figura de Annibal nos enſina como podemos excitar eſta paixaõ:

= Imaginais que os Alpes ſaõ mais, do que huma eminencia, que ſe acha nos montes? Permitto-vos que ſejaõ mais remontados, que os Pyreneos: Entendeis pois que ha terras, que toquem nas eſpheras, ou que ſaõ inacceſſiveis ao valor dos homens? &c. =

De hum ardente concurſo deſtes eſtimulos eſtá cheia a Oraçaõ de Cortéz para commover os ſeus ſoldados á empreza de Mexico.

= Naõ he o meu animo facilitar-vos a empreza, que acómetemos: Combates nos eſperaõ ſanguinolentos, acçoens incriveis, batalhas deſiguaes, em que vos ſerá neceſſario ſoccorrer-vos de todo o voſſo valor: miſerias da neceſſidade, inclemencias do tempo, aſperezas da terra, aonde vos preciſareis do ſofrimento, que he o ſegundo valor dos homens, e taõ filho do coraçaõ, como o primeiro; e talvez que na guerra

guerra ſirva mais a paciencia, que as maõs; e por eſta cauſa ſe daria a Hercules o nome de invencivel, e ſe chamariaõ trabalhos ás ſuas façanhas. Coſtumados eſtais a padecer, e coſtumados a pelejar neſtas Ilhas, que deixais conquiſtadas: maior he a noſſa empreza, e devemos ir prevenidos de maior ouſadia, que ſempre ſaõ as difficuldades do tamanho dos intentos. A antiguidade pintou no mais alto dos montes o templo da fama, e o ſeu Simulachro no mais alto do templo, dando a entender que para achá-la, ainda depois do cume vencido, ſe neceſſitava do trabalho dos olhos. Poucos ſomos, mas a uniaõ multiplica os exercitos, e na noſſa conformidade eſtará a noſſa maior fortaleza: Hum, amigos, há de ſer o conſelho em tudo o que ſe reſolver, hum o braço na execuçaõ, commua a utilidade, e commua a gloria de toda a conquiſta. Do valor de qualquer de nós ſe há de fabricar, e compor a ſegurança de todos. Mais tereis que obedecer no meu exemplo, que nas minhas ordens; e de mim poſſo aſſegurar-vos que me baſta o animo a conquiſtar hum Mundo inteiro; e ainda mo promette o coraçaõ, com naõ ſei que movimento extraordinario, que coſtuma ſer o melhor preſagio. Alto pois a converter em obras as palavras; e naõ vos pareça temeridade eſta minha confiança, pois ſe funda em que vos tenho ao meu lado, e deixo de fiar de mim o que eſpero de vós. =

O noſſo Camoens naõ eſtá menos activo na practica do Condeſtavel, depois da acclamaçaõ do Rei D. Joaõ I.

Como da gente illuſtre Portugueza
Há de haver quem refuſe o patrio Marte?
Como deſta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte

Há de ſahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez? e por nenhum reſpeito
O proprio Reino queira ver ſogeito?

Como naõ ſois vós inda os deſcendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros, e valentes
Venceſteis eſta gente taõ guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeraõ em fugida, de maneira
Que ſette illuſtres Condes lhe trouxeraõ
Prezos, a fora a preza, que tiveraõ?

Eu ſó com meus vaſſallos, e com eſta
(E dizendo iſto arranca meia eſpada)
Defenderei da força dura, e inſeſta
A terra nunca d'antes ſobjugada:
&c.

Com o meſmo eſtimulo animava Turno os Latinos contra os Troianos:

——————— Occurramus ad undam
Dum trepidi, egreſſiſque labant veſtigia prima:
Audentes fortuna juvat. ———————

Outro exemplo nos dá o engenhoſo, e elegante Candamo na Comedia: *El duelo contra ſu dama.*

——————— Fortuna
ſi atrevimientos amparas,
ninguno ès mayor, que el mio:
mueſtre eſta vez tu inconſtancia
que de las temeridades
a un los rieſgos ſe acobardan.

A *Laſti-*

§.

A *Laſtima* he huma dor do animo, com que ſentimos o mal alheio. Quatro motivos ſe aſſignaõ para a ſua commoçaõ. Primeiro, ſe alguem padece indignamente alguma grande calamidade, como por exemplo, a dos ultimos annos de Luiz de Camoens, de que elle ſe queixa no Canto 7. das Luſiadas:

Agora com pobreza aborrecida
Por hoſpicios alheios degradado:
Agora da eſperança já adquirida,
De novo, mais que nunca derribado.

O ſegundo motivo, ſe a peſſoa perſeguida, ou vexada for bem acceita, e bemquiſta na patria. Com eſte argumento livrou da morte o Pai dos tres Horacios a hum delles por matar a ſua Irmaã. He dos grandes lugares de Tito Livio:

= Por ventura tereis valor, ó Romanos, para veres atormentado com o flagello, e debaixo do patibulo, a quem viſteis há pouco entrar por eſta Cidade, com as inſignias de huma victoria? Eſpectaculo ſerá eſte, que apenas poderáõ ſoffrê-lo ainda os olhos dos Albanos. Vai, ó Verdugo, ata aquellas maõs valentes, e armadas, que naõ há muitas horas, que adquiriraõ o Imperio ao Povo Romano: Vai, e cobre a cabeça do libertador deſta Cidade, ſuſpende-o na arvore infelice; açoſta-o, ou na Pomerio entre os dardos, e os deſpojos contrarios, ou fóra delle entre o ſepulchro dos Curiacios. Para que parte podeis levar eſte criminoſo, aonde o naõ vingue a ſua fama, e a ſua honra da fealdade de taõ enorme ſupplicio? =

O terceiro motivo, ſe expuzermos a grandeza, e a duraçaõ da calamidade, ou outras circunſtancias ſemelhan-

melhantes, de que ſe valeo o noſſo Camoens na morte de D. Ignez de Caſtro:

O' tu, que tens de humano o geſto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca, e ſem força, ſó por ter ſogeito
O coraçaõ a quem ſoube vencê-la)
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o naõ tens á morte eſcura della;
Mova-te a piedade ſua, e minha,
Pois naõ te move a culpa, que naõ tinha.

E ſe vencendo a Maura reſiſtencia
A morte ſabes dar com fogo, e ferro,
Sabe tambem dar vida, com clemencia,
A quem para perdê-la naõ fez erro:
Mas ſe to aſſim merece eſta innocencia,
Põem me em perpetuo, e miſero deſterro
Na Sythia fria, ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

O quarto motivo he quando ſe põem diante dos olhos algum final, ou monumento, que melhor repreſente o objecto da commiſeraçaõ, como fez Exaforo, e Theodoro moſtrando aos Sicilianos o paludamento, de que eſtava veſtido Jeronymo, Rei de Sicilia, quando foi morto por Andronodoro. Da meſma induſtria uſou M. Antonio moſtrando a tunica de Ceſar, cheia de ſangue, ao Povo Romano, e dizendo:

= Aqui tendes o fructo dos noſſos juramentos, e a prova da noſſa gratidaõ: Huns homens ingratos, e perjuros acabaõ de matar ao melhor de todos os homens: á aquelle, que, depois de os ſalvar nos campos da Pharſalia, os fez ſeus confidentes, amigos, e miniſtros, para mais a ſeu ſalvo lhe tirarem a vida, como

mo ſe foſſem os beneficios incentivos da maldade. Aqui tens, ó Povo Romano, aquella Opa rozagante, que tantas vezes adoraſte na campanha, e na tribuna, e que cobrindo, com a ſua clemencia, as miſerias da Republica, agora a vês cheia do ſangue do teu meſmo bemfeitor: aqui a tens aberta por diverſas partes, com as pontas dos punhaes: aqui a tens maculada, com a crueldade das feridas: Que tigre haverá taõ feróz, que ſe naõ laſtime? Que homem taõ vil, e cobarde, que ſe ſatisfaça com a dor deſta tragedia, e que naõ ſaiba converter em vingança huma laſtima inutil? =

§.

A *Ira* he hum furor breve, naſcido de alguma injuria, e que algumas vezes ſe miſtura com o deſejo do deſaggravo. Differe do *Odio*, em que elle he huma ira permanente, e inveterada, e aquella huma paixaõ inſtantanea.

Aſſim a *ira*, como o *odio* pódem ſer culpaveis, e innocentes: Podemos irar-nos, ſem delicto, como nos adverte o Apoſtolo: *Iraſcimini*, *& nolite peccare*. E tambem o *odio* ſerá izento do peccado ſe o tivermos, como aquelle, com que Deos aborrece os peccadores: *Altiſſimus odio habet peccatores*. Devem-ſe aborrecer os delictos, e naõ os delinquentes. Em David temos o exemplo de ambos os odios: elle aborrecia com odio perfeito os ſeus inimigos: *Perfecto odio oderam illos*: e elles a David, com *odio* iniquo: *Odio iniquo oderunt me*.

Accende-ſe a *ira*, com a lembrança do aggravo, e ſe faz maior a ſua chamma, com a circunſtancia do deſprezo.

Camoens nos dá hum bom exemplo para excitar eſta paixaõ, pondo a Baccho no palacio de Neptuno, e orando contra a ouſadia dos noſſos Argonautas:

E vós

E vós, Deoſes do Mar, que naõ ſoffreis
Injuria alguma em voſſo Reino grande,
Que com caſtigo igual vos naõ vingueis
De quemquer que por elle corra, e ande:
Que deſcuido foi eſte, em que viveis?
Quem póde ſer que tanto vos abrande
Os peitos, com razaõ, endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

Viſteis que com grandiſſima ouſadia
Foraõ já cõmetter o Ceo ſupremo:
Viſteis aquella inſana fantaſia
De tentarem o Mar, com véla, e remo:
Viſteis, e ainda vemos cada dia
Soberbas, e inſolencias taes, que temo
Que do Mar, e do Ceo em poucos annos
Venhaõ Deoſes a ſer, e nós humanos.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No voſſo Reino eſte caminho abriraõ,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos reſiſtiraõ:
Pois ſe do ajuntamento aventureiro
Os ventos eſta injuria aſſim ſentiraõ,
Vós, a quem mais compete eſta vingança,
Que eſperais? Porque a pondes em tardança?

Quaſi da meſma ſorte excita Diana a *ira* de Eolo no Peregrino do Author do *Theatro*:

Monarca de iracundas tempeſtades,
(Diz a triforme Deoſa) a cujo imperio
Geme o Mar, treme a Terra, e inda duvido
De que eſteja, ſem ſuſto, o Firmamento:

Que

Que ſomnolencia he eſſa , em que deſcanſas ,
Quando neſta diſtancia eſtás ſabendo ,
Que nas ondas huns triſtes navegantes
Abuſaõ do teu grande ſoffrimento ?

Para a Corte de Venus o Favonio
Pertende contra mim favorecé-los :
He crivel que o conſintas , ſendo Paphos
Contraria ſempre a teu deſdem ſevero !

Naõ fallo já da minha repugnancia ,
Ao teu alto decoro he ſó que attendo :
Que eſperas para ver o campo errante
Infamado de miſeros fragmentos ?

§.

A *Indignaçaõ* he huma dor apprehendida pela felicidade dos indignos. Naõ he *ira* , porque naõ aſſenta em aggravo particular : Naõ he inveja , porque eſta ſe irrita , com a ventura dos benemeritos , é aquella com a daquelle , que a naõ merece : Póde-ſe fundar a *indignaçaõ* no que diſſe Virgilio na Ecloga 8.

Mopſo Niſa datur ! Quid non ſperemus amantes !
Jungentur jam gryphes equis , ævoque ſequenti
Cum canibus timidi venient ad pocula damæ.

Por cinco modos ſe póde excitar a *indignaçaõ* : Primeiro , comparando a infamia das acçoens de algum ſogeito , e o ſeu baixo naſcimento , com as ſuas riquezas , poder , e arrogancia. Aſſim ſe indignava a Nobreza Romana contra Narciſo , eſcravo do Imperador Claudio.

Segun-

Segundo, ſe confrontarmos as virtudes do benemerito, com os vicios do indigno, no concurſo de alguma pertençaõ. Indignado ſe achou o Senado Romano, quando vio competir ſobre a Pretura a Vatinio, com P. Cataõ.

Terceiro, pela deſordem, com que alguns Miniſtros uſaõ da Magiſtratura: ſaõ tantos os exemplos em todas as Naçoens, e ainda nas mais polidas, que he melhor paſſá-los em ſilencio.

Quarto, quando ſe vem liſonjeados os homens eſcuros, e deſprezados os inſignes. Receberaõ a Cataõ com grande apparato os Athenienſes imaginando que elle era Demetrio, hum eſcravo de Pompeo. Do magnifico tumulo que teve Licino, e do que naõ teve o meſmo Cataõ, e o meſmo Pompeo diſſe M. Varro, com a mais ardente *indignaçaõ*:

Marmoreo Licinus tumulo jacet, at Cato, nullo,
Pompeius, parvo: Credimus eſſe Deos?

Quinto, verem-ſe reduzidos á ſumma miſeria os Varoens ſublimes, como a Belizario, depois de ſuſtentar tantas vezes o Imperio a Juſtiniano; e a Duarte Pacheco, depois de aſſombrar a Azia, com as ſuas façanhas.

Naõ podemos ouvir ſem *indignaçaõ* o que de ſi nos repreſenta Camoens na ſua Luſiada:

E ainda, Nymphas minhas, naõ baſtava
Que tamanhas miſerias me cercaſſem,
Senaõ que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem!
A troco dos deſcanſos, que eſperava,
Das capellas de louro, que me houraſſem,
Trabalhos nunca uſados me inventaraõ,
Com que em taõ duro eſtado me deitaraõ.
&c.

A *Man-*

§.

A *Manſidaõ* he hum movimento oppoſto ao da *ira*, que ſe concilia com differentes induſtrias: Primeira, pela dor, e ingenua confiſſaõ da culpa. Deſta ſorte applacou M. Tullio a ira de Ceſar para perdoar a Ligario. Eſtas ſaõ as palavras de Cicero em nome do accuſado:

= Fallei atégora, como ſe falla ao Juiz: agora fallo, como ſe deve fallar ao Pai. Errei: obrei temerariamente: recorro á tua clemencia: peço perdaõ do delicto, e rogo que me perdoes &c.=

Segunda, pela gloria que reſulta do perdaõ: com ella argumentava Ovidio a Auguſto:

Sed niſi peccaſſem, quid tu concedere poſſes?
Materiam veniæ ſors tibi noſtra dedit.

Terceira, porque nem todos os delictos ſe devem caſtigar: a naõ ſer aſſim (dizia o meſmo Poeta) em breve tempo ficaria Jupiter ſem raios:

Si quoties peccant homines ſua fulmina mittat
Jupiter, exiguo tempore inermis erit.

Quarta, moſtrando que o delinquente eſtá vexado por outros caminhos, e que ſe lhe naõ deve accreſcentar a afflicçaõ. O meſmo elegiaco:

Parcite Cœrulei, vos parcite Numina Ponti:
Infeſtumque mihi ſit ſatis eſſe Jovem.

Quinta, provando que o perdoar he de humanismo generoſo: o meſmo Ovidio:

Corpora magnanimo ſatis eſt proſtraſſe leoni,
Pugna ſuum finem, dum jacet hoſtis, habet.

Sexta, porque ſe deve perdoar aos rendidos, e ſó debellar os ſoberbos: Virgilio:

——————— Romane, memento
Parcere ſubjectis, & debellare ſuperbos.

Settima, porque a clemencia ainda no conceito dos Idolatras faz com que os homens ſejaõ ſemelhantes aos Deoſes. Claudiano:

Sis pius in primis, nam cum vincamur in omni
Munere, ſola Deos æquat clementia nobis.

Com a *manſidaõ* applacou Abigail a ira de David, Eſther a de Aſſuero, Volumnia, e Veturia a de Coriolano, as mulheres, e meninos de Genova a de Luiz XI. de França, o Pontifice Jado a de Alexandre, e S. Leaõ Papa a de Atila.

Se ponderarmos que a culpa foi coacta, ou ſem conhecimento de que o era, ſerá outro modo de conſeguir a piedade. Delle uſou Cicero para que Ceſar naõ caſtigaſſe a Marcello:

= Attendei P. C. quanto ſe faz patente eſte juizo de C. Ceſar. Todos os que fomos obrigados a ſeguir aquellas armas, naõ ſei com que funeſto, e miſero fado da Republica, ſe alguma culpa tivemos, cauſada pelos abſurdos da Natureza, eſtamos certamente innocentes deſta maldade, porque o meſmo Ceſar pelos voſſos rogos conſervou na Republica a C. Marcello, e tambem ſem alguem lho pedir me reſtituio, e a outros Varoens, para noſſo proveito, e proveito da patria.

A dig-

A dignidade, e concurſo de tantos homens eminentes eſtais vendo neſte meſmo indulto. Marcello naõ convocou os inimigos para a Curia, mas julgou que a guerra civil era recebida pela maior dos Romanos; e eſte juizo foi mais por ignorancia, e por hum vaõ, e falſo medo, do que por ambiçaõ, ou crueldade. =

§.

A *Emulaçaõ* he hum ſentimento cauſado pela felicidade alheia, naõ porque outrem a poſſua, mas porque carecemos della. Alexandre Magno naõ pode ſuſtentar os olhos enxutos ſobre o ſepulchro de Achilles lembrando-ſe das ſuas proezas. Pela meſma cauſa chorou Julio Ceſar vendo huma eſtatua do meſmo Alexandre no Templo de Hercules. Deve-ſe pois excitar a *emulaçaõ* com a memoria dos Varoens inſignes. Aſſim excitava Eneas a de ſeu filho Aſcanio:

Diſce, puer, virtutem ex me, verumque laborem,
Fortuna ex aliis; nunc te mea dextera bello
Defenſum dabit, & magna inter præmia ducet:
Tu facito mox, cum matura adoleverit ætas
Sis memor atque animo repetentem exempla tuorum,
Et pater Æneas, & avunculus excitet Hector?

Eis-aqui o que nos diz Saluſtio no proemio da guerra Jugurthina:

= Muitas vezes ouvi a P. Maximo, e a P. Scipiaõ, e aos mais preclaros Varoens da noſſa Cidade, que quando viaõ as imagens dos ſeus Maiores ſe accendiaõ vehementiſſimamente com a ancia da virtude, naõ que os finulachros tiveſſem por ſi ſó, tanta efficacia, mas pela memoria, que nelles ſe continuava das acçoens heroicas. &c. =

§.

AQui temos o mais ſubſtancial que pertence á *Invençaõ*, e ſó me reſta dizer que ſegundo a doutrina de Cicero no ſegundo livro do ſeu Orador, toda a commoçaõ, que ſe pertende nos ouvintes, ou ſeja de *amor*, ou de *odio*, de *medo*, de *ouſadia* &c. deve primeiro repreſentá-la o Orador em ſi meſmo. Para excitar o *amor*, ha de moſtrar que ama, para commover o *odio*, a *laſtima*, a *indignaçaõ*, ha de dar a entender que aborrece, que ſe laſtîma, que ſe indigna &c. Eſte tambem he hum dos preceitos de Horacio na ſua Poetica:

——— Si vis me flere dolendum eſt
Primum ipſi tibi; tunc tua me infortunia lædent.

Pollion, que orava ſempre com grande froxidaõ, moſtrou tanto incendio no dia, em que lhe morreo hum filho, que diſſe Seneca:

Magna pars eloquentiæ eſt dolor.

LIVRO II.

CAPITULO I.

DEpois da *Invençaõ*, ſe ſegue a *Diſpoſicaõ*, que he pôr em ordem aquellas couſas, que ſe achaõ diſpoſtas. Ella he taõ preciza em tudo o que ſe póde offerecer aos olhos, ou ao penſamento, que naõ haveria objecto, que naõ foſſe confuſo, ſenaõ eſtiveſſe diſpoſto, e bem ordenado. Com a *Diſpoſiçaõ* he que ſe tirou o Mundo do ſeu chaos:

Quæ poſtquam evolvit, cæcoque exemit acervo,
Diſſociata locis, concorde pace ligavit.

Até no Inferno, que he o centro da confuſaõ, há ordem, como adverte Santo Agoſtinho:

Ibi eſt, & ita eſt ubi eſſe, & quomodo eſſe ordinatiſſimum eſt.

Conſegue-ſe a *Diſpoſiçaõ* na Rhetorica, dividindo a oraçaõ nas ſuas partes eſſenciaes; e ainda que alguns quizeraõ que ellas foſſem ſeis, podemos reduzî-las a quatro, que ſaõ: *Exordio*, *Narraçaõ*, *Confirmaçaõ*, *Peroraçaõ*.

Com o *Exordio* devemos conciliar os animos, para ſer bem viſta dos ouvintes a materia, que pertendemos propôr. Expomos com a *Narraçaõ* o que que-

remos perſuadir: com a *Confirmaçaõ* eſcolhemos aquellas razoens, que mais ſe conformaõ com o noſſo intento: com a *Peroraçaõ* ajuntamos os rogos aos affectos, para commovermos, e convencermos o coraçaõ, e o diſcurſo do Auditorio.

O *exordio* he de duas maneiras: hum, que ſe chama *legitimo*, ou moderado, outro *repentino*, ou vehemente. O *legitimo* ſe tira do principio do aſſumpto introduzindo-o, com huma expreſſaõ modeſta, e ſocegada: o *repentino*, quando o Orador, com toda a vehemencia, ſahe com huma propoſiçaõ inopinada; como aquella de Cicero na primeira Oraçaõ contra Catilina:

Quouſque tandem abutere, Catilina, patientia noſtra?

O *exordio* legitimo há de ter *propriedade*, *cautella*, *modeſtia*, e *brevidade*. Verifica-ſe a *propriedade* quando o *exordio* ſe faz peculiar, coherente, e uniforme á materia, e mais partes da Oraçaõ: conhecer-ſe-há que o *exordio* tem a devida *propriedade* quando ſe naõ poſſa applicar a outro aſſumpto, naõ ſendo como a eſpada Delphica, que tanto ſervia para degolar as victimas, como os criminoſos; e ainda ſerá peior ſe ſe puder acommodar a dous argumentos contrarios, como ao louvor, e ao vituperio, á clemencia, e á iniquidade &c. ou ſe o buſcarmos muito longe do intento: eu conheci hum Prégador, que em quaſi todos os Sermoens ſempre principiava pela creaçaõ do Mundo.

A *cautella* no *exordio* he para que elle ſe forme com engenho, e cultura; imitando os Architectos, que no frontiſpicio dos Palacios inculcaõ o eſplendor do edificio. Se o Orador enfaſtiar os ouvintes no principio

pio da Oraçaõ, naõ póde eſperar nella o triumpho da eloquencia. *Muito máo Piloto ſerá aquelle*, (diz Quintiliano) *que apenas ſahio do porto foi dar a travéz com o navio.*

Mas naõ ſe deve tambem empregar no *exordio* demaſiado artificio, nem ſe valha o Orador de ponderaçoens muito exquiſitas, ou falſas, ou de hyperboles inveriſimeis, e de portentos de pouco credito.

A modeſtia no *exordio* he taõ preciſa aos Oradores, que ſem ella nunca conſeguiráõ a benevolencia do Auditorio. Porèm há alguns taõ ſatisfeitos do ſeu magiſterio, que ainda lhes parece pouco o caracter de Oraculos. Elles preſumem que tudo o que dizem ſahe pela boca das Sibyllas: elles ſe eſcutaõ, e ſe enamoraõ, e julgaõ o Auditorio, por mais diſcreto que ſeja, como indigno da ſua eloquencia: eſta vaidade naõ ſó he aborrecida, mas contraria ao intento do Orador. O meſmo Cicero confeſſa, que naõ havia *exordio*, em que naõ tremeſſe a ſua intelligencia, e todos os ſeus membros. Naõ digo que ſeja tanto o tempo, que faça languida a Oraçaõ; mas a ouſadia naõ deve ſer tambem tanta, que caia no deſvanecimento. De L. Craſſo, diſſe o meſmo Cicero, que a ſua modeſtia naõ offendia, antes recommendava as ſuas Oraçoens.

A *brevidade* do *exordio* ſe há de medir pela grandeza da Oraçaõ O edificio, ſe for grande, deve ter a entrada dilatada, e naõ como a do Templo de Jupiter Olympico, que naõ cabia por ella o ſimulachro; por iſſo dizia Phydias que o fizera de ouro, e de marfim, e juntamente aſſentado, porque o pezo da materia o naõ deixaſſe levantar; mas tambem naõ há de ter a fachada taõ extenſa como a da Cidade dos Myndios, aos quaes gritava Diogenes que fechaſſem as portas do muro por naõ fugir a Povoaçaõ.

Deve-se evitar no *exordio* o andar rodeando com palavras inuteis, e varias, para se vir, depois de hum largo circulo, a cahir no assumpto: com tudo naõ haõ de ser os *exordios* taõ singelos, e de taõ pouco artificio, como os de Xenephonte.

De varias origens se podem deduzir os *exordios*. Cicero quasi sempre os buscava nos *adjuntos* da pessoa, do lugar, e do tempo. Principiou a Oraçaõ por M. Cœlio pela estranheza do tempo, pois foi obrigado a dizer em dia festivo contra o costume dos Romanos. A Oraçaõ pro Milone pelas pessoas dos contrarios, e pelo lugar que tinhaõ cercado com as armas; pela pessoa de Pompeo, que era o Juiz, e pela fórma do juizo; e a pro Rege Deiotaro pelo aperto do lugar, pois a naõ disse nos Rostros, ou no Senado; mas privadamente no Palacio de Cesar. O *exordio* desta Oraçaõ póde servir de exemplo a todas as circunstancias da primeira Origem.

= Sou tambem commovido, com a novidade do lugar, porque digo entre paredes domesticas, de huma materia grande, como a que nunca foi atégora tratada em alguma controversia: digo, fóra daquelle sitio, e daquelle ajuntamento, em que costuma fundar-se o estudo, e o cuidado dos Oradores; mas diante dos teus olhos, O' Cesar, diante da tua face me acommodo, e me aquieto: : : : Na verdade que se eu levasse ao geral concurso estas minhas vozes, elle ouvindo-as, e tu controvertendo-as, quanto applauso me concederia o Povo Romano! Que Cidadaõ deixaria de favorecer hum Rei, que toda a sua vida empregou em conspirar com as armas da Republica! &c. =

Com os mesmos *adjuntos* da pessoa, e do tempo teceo o Padre Vieira o *exordio* no Sermaõ de Santo Antonio, depois de publicadas as Cortes:

= A' Arca do Testamento, que assim lhe chama S. Gre-

S. Gregorio IX : ao martello das hereſias, que eſte nome lhe deo o Mundo: ao defenſor da Fé, ao lume da Igreja, á maravilha da Italia, á honra de Heſpanha, á gloria de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao Cherubim mais eminente da Religiaõ Seraphica celebramos feſta hoje. Neceſſario foi que o advertiſſimos, pois o dia o naõ ſuppõem, antes parece que diz outra couſa. Celebramos feſta hoje, como dizia, ao noſſo Portuguez Santo Antonio; e ſe havemos de reparar em circunſtancias de tempo, naõ he a menor difficuldade da feſta o celebrar-ſe hoje: hoje? em quatorze de Septembro Santo Antonio? &c. =

Com os meſmos *adjuntos* do tempo, e do lugar, da companhia, da cauſa, do fim, ordenou o meſmo Orador o *exordio* das *Cinco pedras de David*:

= Admiravel foy David na harpa, admiravel na funda! Com a harpa affugentava demonios, com a funda derrubava gigantes: : : : Taes ſaõ hoje as duas acçoens, ou verdadeiramente as duas ſcenas deſte grande theatro: harpa, e funda: Coro, e pulpito: muſica, e Sermaõ: a muſica, como a harpa de David, naõ he ſó para recreiar, ou divertir os ſentidos, ſenaõ para lançar fóra do corpo, e alma de Saul o eſpirito máo, que, como pai da diſcordia, ainda por antipathia natural he inimigo de toda a conſonancia. O Sermaõ, como funda de David, naõ he para fazer tiro ao ar, ou eſpantar, com o eſtálo, he para ferir, para derrubar, para proſtrar aos pés de Chriſto os ſeus contrarios, e tanto mais, quanto maiores. Dividindo pois eſtes dous inſtrumentos, e dando a cada hum o que lhe toca, aos Cantores deixo a harpa, e para mim tomarei a funda. A funda de David, e as ſuas cinco pedras ſeraõ o argumento ſucceſſivo deſtas cinco exhortaçoens &c. =

Será

Será o *exordio* de muita efficacia quando nelle ſe concede alguma propoſiçaõ, para tirar della com maior força o ſentido contrario. O meſmo Vieira ſobre o preceito de amar aos inimigos:

= Os antigos diziaõ: amai, a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece: iſto he querer bem a quem vos quer bem, e querer mal a quem vos quer mal.

Mas eſte dictame, ainda que hoje taõ ſeguido, poſto que pareça fundado na igualdade, e na juſtiça, he o maior, e o mais perigoſo erro, que a Sabedoria Divina veio allumiar, e reformar ao Mundo &c. =

Póde ſe preparar tambem o *exordio* com alguma controverſia, ou queſtaõ inſigne, ou eſta ſeja particular, ou univerſal: particular, como a do meſmo Vieira no Sermaõ de S. Gonçalo:

= Donde ha muito que eleger, naõ póde haver pouco ſobre que duvidar: celébra hoje a noſſa devoçaõ hum Santo, ſobre cujo eſtado duvidaraõ os hyſtoriadores: ſobre cuja profiſſaõ duvidou elle meſmo; e ſobre cujas grandezas, para eleger as maiores, eu ſou o que mais duvido &c. =

Univerſal, como eſta de Cicero:

= Muitas vezes diſcorrî cõmigo, ſe a copia da facundia, e a ſumma applicaçaõ da eloquencia ſeria proveitoſa, ou nociva aos homens, e ás Cidades. =

Naõ deixará de ſer digno o *exordio*, quando ſe valer de alguma ſentença illuſtre, como o de Saluſtio na Oraçaõ de Catilina:

= Tende por certo, ó Soldados, que as vozes naõ accreſcentaõ o valor, nem com a oraçaõ do General ſe faz o cobarde, valente; nem ſe póde fazer intrèpido o exercito puſilanime. =

Ou de algum preceito moral, como aquelle de Ceſar:

= To-

= Todos os homens, que ſe deliberaõ ſobre materias duvidoſas convem que eſtejaõ ſem odio, ſem amor, ſem ira, ſem compaixaõ. =

Ou ſe ſe fundar em algum exemplo famoſo, como o do citado Vieira no Sermaõ da Degolaçaõ do Baptiſta:

= Uſo foi dos antigos Hebreos (de quem o tomaraõ os Gentios mais ſabios, Gregos, e Romanos, e ſem perigo da Fé, antes com louvor dos coſtumes o deveraõ imitar os Catholicos) uſo foi digo nos famoſos banquetes, naõ ſó ſaborearem as mezas, com pratos regalados, e exquiſitos, mas tambem com problemas diſcretos, e proveitoſos. =

Na ſuſpenſaõ, com que artificioſamente o Orador leva o Auditorio, ſem eſte ſaber aonde vai parar o diſcurſo, he hum excellente modo de conſtruir o *exordio*, de que ſe valeo o Conde Thezauro na engenhoſa obra do ſeu *Canochiale Ariſtotelico*. Em huma Declamaçaõ, ſobre a felicidade da paz, do Author do *Theatro*, temos hum ſegundo exemplo:

= Canſaraõ-ſe os Philoſophos antigos em averiguar qual devia ſer o objecto mais appetecido no Mundo: huns diſſeraõ que o Senhorio: outros que a formoſura: outro que as riquezas: Mas ó ſenhorio houve quem affirmou, como Diocleciano, que era cativeiro: a formoſura, como eſpurina, que era perigo: as riquezas, como hum dos ſette Sabios da Grecia, que eraõ cuidados: votaraõ alguns, em que era o ſocego do animo; porèm, como eſte ſocego por mais que ſe procure, nunca ſe alcança, tambem eſtes naõ atinaraõ com o objecto, que buſcavaõ: eſte bem atégora taõ ignorado, he que venho hoje a declarar-vos, e prometter-vos. &c. =

Por huma regra geral ſe há de procurar o *exordio* no mais intimo da materia, e retocá-lo naõ ſem algum

gum genero de deſtreza com os argumentos, e affectos, que ao depois ſe haõ de ſeguir mais diffuſamente: o que naõ ſerá difficultoſo ſe o Orador conſiderar diante de quem falla, por quem roga, ou a quem accuſa, em que tempo, em que lugar, em que eſtado das couſas, e que conceito podem fazer os Juizes, e os ouvintes: Tudo no ſeu quarto livro das *Inſtituiçoens* manda ponderar Quintiliano.

Com o *exordio* a que chamamos legitimo ſe pertendem tres couſas: *a benevolencia*, a *attençaõ*, e a *docilidade* do Auditorio.

A *benevolencia* procede de quatro principios: Da peſſoa do Orador, da peſſoa dos contrarios, da peſſoa dos que ouvem, e dos que ſentencêaõ, e da peſſoa por quem ſe faz a Oraçaõ.

Da peſſoa do Orador, ſe he taõ modeſta no ſeu ſemblante, e na ſua fama, como na ſua recommendaçaõ. Iſto naõ tira, como ja diſſemos, que elle ſe poſſa recommendar com a moderaçaõ devida.

A benevolencia que reſpeita á peſſoa dos contrarios he a materia mais delicada, e difficil para os Oradores; eſpecialmente ſe elles ſaõ de approvadas virtudes, e merecimentos: os Rhetoricos nos mandaõ imitar a Cicero em ſemelhante aperto: Eſtava eſte grande Orador no Senado defendendo a cauſa de Murena, accuſado por Cataõ, o melhor Romano, que ſe conhecia na Republica: recorreo Cicero a zombar da ſeita dos Eſtoicos, da qual era Cataõ hum acerrimo partidario; e o fez com tanto ſal, e agudeza, que chegou a diſſolver a accuſaçaõ, com o riſo dos Senadores. He verdade que he perigoſo eſte refugio, porque Cataõ irritado de ſe converter hum acto taõ ſerio em argumento jocoſo, fez com que Cicero ſofreſſe á viſta dos P. C. aquella vehemente exclamaçaõ: *Dii boni, quam ridiculum habemus Conſulem!*

Sem

Sem embargo deſte perigo, há muitos que ſe naõ apartaõ do exemplo de Cicero: com ſumma galantaria, e agudeza accuſou hum dos noſſos diſtintos Poetas a tres peſſoas illuſtres, que tendo naſcido no Oriente ſeguiaõ em tudo as direcçoens de Manoel Gomes da Palma.

Illuſtres ſaõ, naõ lho nego,
diſcretos ſaõ, naõ lho tolho,
mas pendentes deſta Palma,
quem naõ dirá que ſaõ Cocos?

Se os contrarios ſaõ de pouco merecimento, fazendo o Orador alguma memoria dos ſeus defeitos, facil lhe ſerá alcançar dos ouvintes a deſaffeiçaõ para elles, e a benevolencia para ſi. Dá-nos o meſmo Cicero o exemplo na Oraçaõ pro Deiotaro:

= Eſte cruel Caſtor, porque naõ diga malevolo, e impio, trouxe ſempre arriſcada a vida de ſeu Avô, e o encheo de hum continuo medo, com a ſua fera adoleſcencia; cuja velhice devia elle, como ſeu neto, amparar, e defender. Deſde os ſeus primeiros annos nos veio logo recommendada a ſua crueldade, e malevolencia. Corrompeo com dadivas o eſcravo de Deiotaro, e o obrigou a accuſar o ſeu meſmo Senhor, e para iſſo o apartou da companhia dos Legados. =

Se os contrarios naõ forem taõ benemeritos, como Cataõ, nem taõ perverſos, como Caſtor, ainda que ſe diſtinguaõ em algumas prendas, ſerá preciſo deſacreditá-las, e muito mais ſe forem as da eloquencia, porque ſaõ as que ſe oppõem mais vivamente ao triumpho do Orador; porèm eſte deſcredito há de ſer fundado na publicidade, e nos evidentes defeitos dos contrarios, e nos que ſó pertencem ao argumento,

to, e á demonſtraçaõ da juſtiça. Bem ſe poderia accuſar a facundia de Jeronymo Savanarola, que teve tantos annos ao ſeu arbitrio o povo de Florença, pelo maligno intento das ſuas declamaçoens.

Da elegancia de Nevio, e de Hortenſio affectava Cicero, que ſe temia diante do Juiz Aquilio, para com eſta deſtreza deſacreditar a accuſaçaõ, que faziaõ eſtes dous Oradores a Quinctio:

= A ſumma graça, e a eloquencia, que ſaõ os privilegios mais poderoſos na Cidade, ambas vejo contra mim. Deſtas, O' C. Aquilio, huma receio, a outra temo. Porèm nem a elegancia de Q. Hortenſio me embaraça as vozes, porque nada me commove, nem a graça de S. Nevio prejudicará a P. Quinctio. =

A benevolencia, que procede da peſſoa dos Juizes, ou dos ouvintes, conſegue-ſe, por tres modos. Primeiro, ſe o Orador moſtra nelles huma grande confiança, como fez Cicero na Oraçaõ pro Roſcio Amerino. Segundo, ſe os Juizes, ou ouvintes ſaõ intereſſados na meſma cauſa, como o meſmo Cicero perſuade varias vezes nas Philippicas. Terceiro, ſe ſe recommenda, com a devida modeſtia, a juſtiça, a fé, a authoridade, e outros dotes ſemelhantes do Auditorio, ou do Juizo. Aſſim o executou o meſmo Orador na Oraçaõ pro Milone com as prendas de Pompeo:

= Alenta-me, e recreia-me o conſelho de hum taõ Sapientiſſimo, e juſtiſſimo Varaõ como Cn. Pompeo, pois nunca imaginou a ſua equidade entregar aquelle homem ás lanças dos ſoldados, que eſtava entregue, como réo, ao caſtigo dos Juizes: nem foi da ſua ſabidoria armar a temeridade da multidaõ ſedicioſa, com a authoridade publica. =

A benevolencia, que naſce da peſſoa do Cliente póde fundar-ſe na ſua innocencia, e nas ſuas virtudes, ſe

ſe foi inevitavel a ſua calamidade, ou ſe eſtá deſamparado de amigos, ou valedores.

Eſtes, e outros motivos de produzir a benevolencia deve deſcobrir o Orador quando a cauſa neceſſita de recommendaçaõ; mas tendo-a em ſi meſma, naõ ſerá neceſſario tanto para ſe alcançar a victoria.

Santo Agoſtinho na ſua Rhetorica redûz eſtas cauſas a quatro generos: cauſas *honeſtas*, *incriveis*, *duvidozas*, *humildes*.

§.

AS *honeſtas* ſaõ aquellas, que ſem alguma inſinuaçõ conſeguem a benevolencia dos ouvintes, como as em que ſe trata dos louvores de Deos, dos ſeus Santos, dos Vâroens inſignes, das acçoens heroicas, e da recommendaçaõ das virtudes. Neſtas naõ ſe deve fatigar muito o Orador para ter benevolo o Auditorio, porque ellas por ſi meſmas ſe recommendaõ.

As *incriveis*, que tambem ſe chamaõ *admiraveis*, ou *paradoxas*, ſaõ as que ſe apartaõ da opiniaõ popular, como as Diſſertaçoens do Padre Feijoó. Tambem ſe chamaõ *cauſas incriveis* as que contèm a defenſa do ſacrilegio, o louvor do parricidio, e outras de ſemelhante argumento.

Deſte genero há huma Oraçaõ de Iſocrates, em que louva o crueliſſimo Buſiris. Da meſma ſorte he a de Perpena quando ſe atreveo a elogiar a traiçaõ, com que matou a Sertorio. Já houve quem louvou a febre, a gotta; e foi louvado até o meſmo demonio pelo impiiſſimo Joaõ Bruno em Witemberg. Por eſta razaõ eſtá bem fundado o proverbio de que naõ há fatuidade, que naõ tenha patrono.

As

As *duvidoſas* ſaõ as que parecem por huma parte *honeſtas*, por outra illicitas. Tal foi a de Junio Bruto matando a ſeus filhos por ſe porem pela facçaõ de Tarquinios: tal a de Manlio, matando tambem o filho victorioſo por tranſgredir o bando, que eſtava publicado no exercito; e a do Horacio degolando a Irmaã por chorar a morte do marido, de que elle tinha triumphado. Tal a do Velho Xicotencal, que votou no Senado de Tlaſcala, que morreſſe o filho por ſe oppor aos deſignios da Republica. Tal finalmente a do matricidio de Oreſtes por vingar o adulterio, que a mãi tinha commettido, o que fez dizer a Ovidio:

——— *dubium pius, aut ſceleratus Oreſtes.*

As *humildes* ſaõ as que ſe fundaõ em materias vîs, pequenas, ou deſprezadas, como ſe algum Orador intentaſſe dizer no Senado, ou em outro lugar conſpicuo, ſobre a limpeza das immundicias publicas. *Cauſa* humilde foi tambem a do panegyrico, que Polycrates fez ao rato, Luciano á moſca, Maioraggio ao lodo, Eſcaligero ao pato, Jano Douza á ſombra, Daniel Heinſio ao jumento, e ao piolho, Calcagnino ao gago, e á pulga, e Paſſeracio ao nada.

§.

BAſta de benevolencia, direi agora, como ſe conſegue no *exordio* a attençaõ dos ouvintes. Dizem os Rhetoricos que por dous modos: com as promeſſas, ou com os rogos: com as promeſſas, obrigando-ſe o Orador a tratar das couſas grandes, ou novas, ou uteis, ou expectaveis. Deſta ſorte he o *exordio* da Oraçaõ de Cicero pro Rabirio:

De-

= Deveis ſuppor, ó Romanos, que depois da memoria dos homens naõ tem havido outra materia mais delicada, que mais neceſſite da voſſa providencia, nem mais digna de ſer recebida pelo Tribuno da Plebe, e pelo amparo do Conſul, nem mais capaz de ſe levar á preſença do Povo Romano. =

O *exordio*, que mais póde arrebatar a attençaõ dos ouvintes he o do Padre Vieira no Prologomeno da Hiſtoria do Futuro:

= Nenhuma couſa ſe póde prometter á Natureza humana mais conforme ao ſeu maior appetite, nem mais ſuperior a toda a ſua capacidade, que a noticia dos tempos, e ſucceſſos futuros: Iſto he o que offerece a Portugal, á Europa, e ao Mundo eſta nova, e nunca viſta Hiſtoria. As outras Hiſtorias contaõ as couſas paſſadas, eſta as que eſtaõ por vir. As outras trazem á memoria aquelles ſucceſſos publicos, que vio o Mundo; eſta intenta manifeſtar ao Mundo aquelles ſegredos occultos, e eſcuriſſimos, que naõ chega a penetrar o entendimento &c. =

Mas naõ ſei ſe eſte grande Orador deſempenhou a promeſſa deſte nunca imaginado *exordio*, e ſe acaſo ſe fez ſemelhante ao Poeta Cyclico, de quem diſſe Horacio:

Quid dignum tanto feres hic promiſſor hiatus?
Parturient montes, naſcetur ridiculus mus.

Antes deſejarei que o Orador nos dê mais, e prometta menos. Homero, Virgilio, Taſſo, e Camoens no *exordio* das ſuas Epopeias cumpriraõ o que prometteraõ.

Será bom advertir, que ſe ao Orador lhe for preciſo tratar de alguma materia, que naõ conreſponda á dignidade da Oraçaõ, que deve antes deſculpá-la,

como fez Cicero na Philippica VII.

= Somos obrigados P. C. a tratar da Via Appia, e da moeda : couſas bem pequenas, mas talvez neceſſarias. =

O meſmo fez o Author das Declamaçoens, que andaõ em nome de Quintiliano, tratando do eſtrago, que fez hum rico a hum pobre na criaçaõ das ſuas abelhas :

= Naõ pareça a alguem que eſta minha cauſa he inferior á voſſa dignidade : Primeiro que tudo naõ deveis eſperar que ſendo eu pobre perdeſſe couſas grandes ; mas ainda que ſeja pouco aquillo, que o rico me deſtruio, ſempre he menos o que me deixou. &c. =

§.

OS rogos, com os quaes ſe conſegue a attençaõ, deve interpô-los o Orador deſorte, que o Auditorio o attenda com cuidado, e diligencia. Aſſim o fez Cicero na Oraçaõ pro Roſcio Amerino :

= Por eſta razaõ vos rogo, ó Juizes, que com bom ſemblante attendais com toda a diligencia ás minhas ponderaçoens &c. =

Propter quod obſecro patienter me audias, diſſe tambem o Apoſtolo orando na preſença de Agrippa.

Naõ ſó no *exordio*, mas pelo meio da oraçaõ, ſe podem repetir os rogos : Cicero na Oraçaõ pro Cluentio :

= Eu vos peço que ja que atéqui attentamente me ouviſteis, me attendais da meſma ſorte daqui em diante ; porque naõ direi couſa, que naõ ſeja digna deſte concurſo, do voſſo ſilencio, dos voſſos deſejos, e das voſſas attençoens. =

Conſe-

§.

CONſegue-ſe a docilidade do Auditorio por tres modos: Primeiro, ſe o Orador promette de ſer breve. Eſta brevidade ſerve para o Orador, e para os ouvintes: para o Orador, porque lhe ſerá mais util o ſobrar-lhe, que o faltar-lhe a eloquencia: para os ouvintes, porque he melhor ficarem com o appetite, que com o faſtio da Oraçaõ. O ſegundo, ſe o Orador propõem a materia com ſingeleza, e conciſaõ, imitando a Cicero na Oraçaõ pro Lege Manilia:

= Há ſe de dizer de Cn. Pompeo, que he aquelle Varaõ da mais ſingular, e eminente virtude &c. =

Ou ſeguindo em hum dos Sermoens da terceira Quarta feira de Quareſma ao Padre Vieira:

= Dous lugares, e dous pertendentes, hum memorial, e huma interceſſora, hum Principe, e hum deſpacho ſaõ a repreſentaçaõ politica, e a hiſtoria Chriſtaã deſte Evangelho. =

Terceiro, ſe o Orador divide a Oraçaõ em duas, ou tres partes, capitulos, ou diſcurſos; como fez o meſmo Cicero na citada Philippica VII.

= Qual he a razaõ porque naõ quero a paz? Porque he torpe; porque he perigoſa; porque naõ póde conſeguir-ſe. Em quanto explico eſtas tres razoens, peço-vos P. C. que me attendais, com aquella benignidade, com que ſempre coſtumais ouvir-me. =

Ainda naõ há muitos annos que eſtas diviſoens eraõ mui agradaveis ao Orador, e naõ ſei ſe tambem ao Auditorio: hoje ſe vai perdendo eſte goſto; e ſe pertende que a Oraçaõ naõ tenha mais que hum diſcurſo: ſe alguem ſe tentar a dividî-la, há de ſer com quatro condiçoens. Primeira, que ſeja cheia: iſto he, que as ſuas partes ſe igualem, e conreſpondaõ: Segunda, que ſejaõ as meſmas partes differentes, deſor-

te que o que ſe contiver em huma, naõ ſe contenha na outra. Terceira, que naõ excedaõ de duas, ou tres, e quando muito até quatro.

Quarta, que a diviſaõ ſeja liza, e facil, e que naõ inculque, com muito artificio, o engenho do Orador.

Quaſi todas as diviſoens de Cicero ſaõ por eſte modo: ſirva de exemplo a pro Lege Manilia:

= Primeiramente tratarei do genero da guerra, logo da ſua grandeza, e ao depois direi como ſe há de eleger o Imperador. =

Porèm eu naõ condenaria ſe o Orador quizeſſe ſahir deſta ſingeleza, e fizeſſe a ſua diviſaõ mais adornada, como a do Padre Vieira nas Exequias de D. Maria de Attaide:

= Contra eſte taõ ineſperado apartamento temos tres queixoſas, a modo de Martha, e naõ queixoſas de Maria, porque o executa, ſenaõ de Deos, porque o permitte: *Domine nos eſt tibi curæ*? E que queixoſas ſaõ eſtas? A primeira he a idade, a ſegunda a gentileza, a terceira a diſcriçaõ.

Pararaõ todas, como Martha: *Quæ ſletit, & ait*: E que conformemente ſe queixaõ! Corpo, alma, e uniaõ he toda a fabrica do compoſto humano: Por parte da uniaõ queixa-ſe a idade cortada: por parte da alma queixa-ſe a diſcriçaõ immudecida: por parte do corpo queixa-ſe a gentileza eclipſada. Chora a idade o golpe, chora a diſcriçaõ o ſilencio, chora a gentileza o eclipſe; porque lhe naõ valeraõ contra a morte, nem á idade o mais florente, nem á gentileza o mais florìdo, nem á diſcriçaõ o mais flórido. Vamos ouvindo eſtas tres queixoſas, depois reſponderemos a ellas. =

Ainda que nos *exordios* legitimos ſe proporciona a ſua medida com as outras partes da Oraçaõ, ſe uſa algu-

algumas vezes dos *exordios* conciſos; como aquelle do Padre Vieira nas lagrimas de S. Pedro:

= Cantou o gallo, olhou Chriſto, e chorou Pedro. =

§.

EStes ſaõ os modos, com que ſe fará o *exordio* legitimo, e tambem por muitos ſe póde fazer o *exordio* repentino, mas eu aſſignarei ſómente ſette. Primeiro, pela liberdade, com que ſe falla; como a de Mucio Scevola diante de Porſena:

= Eu ſou Cidadaõ Romano: chamaõ-me C. Mucio: pertendi, como inimigo matar ao inimigo: taõ apparelhado entaõ, como agora, para a morte: He do valor Romano naõ ſó executar, mas ſoffrer as acçoens mais fortes: Naõ ſou eu ſó, ſaõ muitos os que tem conſpirado contra a tua vida: Depois de mim, eſtá outro eſquadraõ de mancebos, para ganhar eſta honra. &c. =

Segundo, pela indignaçaõ, accuſaçaõ, ou reprehenſaõ! Aſſim Veturia a ſeu filho Coriolano, que vinha capitaneando hum grande exercito para deſtruir a ſua Patria:

= Primeiro que me abraces, ſaiba eu ſe venho para hum filho, ou para hum inimigo? Se eſtou como Mãi, ou como captiva neſte alojamento? Será crivel que a minha caduca vida, e a minha infauſta velhice me traga, aonde te veja deſterrado, e ao depois deſtruidor de Roma! Tiveſte valor para ſaquear, e aſſolar huma terra, que te deo o ſuſtento, e a origem! Será poſſivel que naõ ſe acabe a ira, ainda que venhas com hum animo ameaçador, e perverſo, tendo chegado de fronte da tua patria! Naõ te veyo ao penſamento, quando ella ſe te offereceo aos olhos, tua Mãi, tua mulher, e teus filhos, e que dentro dos

ſeus muros eſtaõ as minhas caſas, e os meus Penates? Logo ſe eu naõ te pariſſe, naõ ſeria Roma combatida: ſe eu naõ tiveſſe hum filho, morreria livre em huma patria livre. =

Terceiro, pelos ſucceſſos inopinados, como o do Padre Vieira ſahindo de hum extraordinario naufragio na Ilha de S. Miguel:

= E quantas vezes os que parecem acaſos foraõ conſelhos altiſſimos da Providencia divina! Acaſo parece que eſtava Chriſto encoſtado ſobre o poço de Sichar, e era conſelho da Providencia divina, porque havia de chegar alli huma mulher, (a Samaritana) que ſe havia de converter. Acaſo parece que entrava Chriſto pela Cidade de Naim, e era conſelho da Providencia divina, porque havia de ſahir dalli hum moço defunto, que havia de reſuſcitar.

Acaſo parece que paſſeava Chriſto pelas praias de Galilea, e era conſelho da Providencia divina, porque havia de chamar dalli a dous peſcadores, que, deixadas as redes, e o Mundo, o haviaõ de ſeguir.

Parece-me, ſenhores, que me tenho explicado: Acaſo, e bem acaſo aportei ás praias deſta Ilha: acaſo, e bem acaſo entrei pelas portas deſta Cidade: acaſo, e bem acaſo me vejo hoje neſte Pulpito, que he verdadeiramente o poço de Sichar, aonde ſe bebem as agoas da verdadeira doutrina: E quem vos diſſe a vós, nem a mim, ſe de baixo deſtes acaſos ſe occulta algum grande conſelho da Providencia divina? Quem vos diſſe ſe haverá neſta Naim algum mancebo morto no ſeu peccado, que por eſte meio haja de reſuſcitar? &c. =

Quarto, pela occaſiaõ de alguma alegria, ou felicidade publica. O meſmo Orador rendendo as graças a S. Franciſco Xavier pelo naſcimento de hum dos noſſos Infantes:

= Eſtrei-

= Eſtreito mappa para taõ univerſal alegria ! pequeno theatro para taõ grande felicidade!

Felice, e alegre a Monarchia de Portugal, com o novo naſcimento do quarto Infante : Felices, e alegres Suas Mageſtades, com o novo augmento do quarto filho: Felices, e alegres Suas Altezas, com a nova companhia do quarto Irmaõ. =

Quinto, pelo movimento de alguma grande deſconſolaçaõ. O meſmo Vieira vindo do Maranhaõ quaſi ſem eſperança de fazerem nelle algum fructo as Miſſoens da Companhia :

= E ſe quizeſſe *Deos* que eſte taõ illuſtre, e taõ numeroſo Auditorio ſahiſſe hoje taõ deſenganado da prégaçaõ, como vem enganado com o Prégador ! =

Sexto, quando ſe traz á memoria algum eſpectaculo horrivel, e temeroſo. O meſmo Padre no Sermaõ do Juizo :

= Abrazado finalmente o Mundo, e reduzido a hum mar de cinzas tudo o que o eſquecimento deſte dia edificou ſobre a Terra &c. =

Settimo, quando ſe convoca alguma figura para melhor ſe moverem os animos Aſſim principiou Iſaias os ſeus Capitulos : = *Audite Cœli, & auribus percipe Terra* &c. =

E o meſmo Vieira no Sermaõ do Carnaval em Roma :

= Maior eſpectaculo, ó Tybre, vés eſte dia, tu, nas tuas margens, habitadas das tuas ribeiras, daquelle, que vio antigamente o Jordaõ nas Soledades do deſerto, quando o demonio tentou a Chriſto. =

§.

COmo o officio, aſſim de hum, como de outro *exordio* he propor o aſſumpto, devemos dizer

alguma couſa da *propoſiçaõ*. Eſta há de ter cinco prerogativas, para ſer perfeita. Primeira, que ſeja huma, ſimplez, e naõ compoſta, nem formada de partes repugnantes, ou differentes; porque deſta conformidade he que depende a unidade da Oraçaõ: Há de ir ſempre o Orador com os olhos no que propôs, para ſe naõ apartar do aſſumpto, tendo preſente o preceito de Horacio:

Denique ſit quodvis ſimplex dumtaxat, & unum.

Segunda, que ſeja clara, para que naõ ſe fatigue a intelligencia na ſua comprehenſaõ. Terceira, que ſe terminem nella todas as partes, e argumentos da Oraçaõ, e que igualmente os abranja. Quarta, que poſſa facilmente ſer tratada, com a copia devida, ſuggerindo-lhe os reſplandores da eloquencia. Quinta, que fira os animos, com a novidade, e os perſuada, com o proveito, porque eſtas duas circunſtancias ſaõ muito poderoſas, para conciliar a attençaõ, e a benevolencia dos ouvintes.

A novidade na *propoſiçaõ* he quando eſta ſe aparta do commum, e do vulgar, e procura o eſtranho, e o exquiſito. Eſta novidade he de dous generos: hum, que reſpeita á materia, que ſe há de propor, outro, que toca ao eſtylo da *propoſiçaõ*.

Porèm eſta novidade naõ há de ſer deſorte, que degenere em *propoſiçoens* ridiculas, ou nimiamente frias, ou paradoxas; como aquella dos Eſtoicos, que affirmaraõ, que as doenças, as dores, o deſamparo, as affrontas, a pobreza, e outras calamidades da Natureza, ou da fortuna, naõ alteravaõ a felicidade humana, e que baſtava a virtude para fazer ao homem goſtoſo, ainda que eſtiveſſe entre as neves do Apenino, ou as chammas do Mongibelo.

Com

Com tudo há humas *propoſiçoens*, que parecem paradoxas, e atrevidas, e ficaõ admiraveis depois de explicadas. Tal foi a do Padre Vieira no Sermaõ de N. Senhora da Graça.

= Todos os Padres, todos os Doutores quanto mais ponderaõ, quanto mais encarecem, e quanto mais querem dar a conhecer a Graça da Senhora, medem-na pela Maternidade de Deos: mas com licença de todos, e ajudado, com o favor da meſma Senhora, para maior gloria da ſua Graça, determino dizer della hoje o que atégora ſe naõ diſſe: Digo que o ſer Maria, Mãi de Deos, naõ he baſtante medida, para nos dar a conhecer a grandeza da ſua Graça; porque a Graça de Maria foi maior graça, que a graça de Mãy de Deos &c. =

O eſtylo da *propoſiçaõ* tambem deve ſer novo, e muito differente da explicaçaõ popular: *Propoſiçaõ* vulgar ſeria eſta: *Vós habitais em huma eſtancia muito humida*: e Marcial a fez nova, e exquiſita, quando diſſe: *Se quereis que naõ morraõ os peixes, deitai-os neſta voſſa eſtancia.*

Horacio diſſe de hum homem, que tinha ſó hum olho, e eſſe ſempre cheio de lagrimas, *que eſte olho andava ſempre chorando a morte de ſeu Irmaõ*: pudera trazer outras muitas *propoſiçoens* deſta qualidade, porèm eſtas baſtaõ para exemplo.

A *utilidade*, finalmente, que ſe pertende na *propoſiçaõ*, deve ſer *activa*, e naõ *contemplativa*: Deſta ſorte a diſtingue Seneca: chama-ſe *utilidade contemplativa*, a que attende ſómente ao conhecimento, como por exemplo = *O numero dos neſcios he infinito* = Chama-ſe *utilidade activa*, a que tem algum fim nas acçoens humanas, como eſta: = *Os defeitos dos amigos devem ſer tolerados.* =

Della uſou o Padre Vieira no Sermaõ de Santa Iria: = Aſſim

= Aſſim como ſegurar a vida da eternidade he a maior prudencia, aſſim perdê-la, ou arriſcá-la he a mais rematada loucura: Só aquelle, que ſe ſoube ſalvar, poſto que em tudo o mais obraſſe como neſcio, foi prudente: e ſó aquelle, que naõ ſoube aſſegurar eſte ponto, ainda que em tudo pareça prudente, he louco. =

Eis-aqui o que mais eſſencialmente ſe póde dizer do *exordio*; ſegue-ſe a *Narraçaõ*, de que direi o mais principal no

CAPITULO II.

A *Narraçaõ* pela doutrina de Cicero deve ſer *perſpicua*, *provavel*, *breve*, e *ſuave*. Faz-ſe *perſpicua*, guardando a ordem dos tempos, para que aquillo, que foi primeiro, primeiro ſe refira, e elegendo para iſſo as palavras proprias, e que eſtaõ em uſo, naõ interrompendo a ſerie das acçoens, e evitando os termos amphibologicos, como por exemplo = *Venceraõ os Parthos os Romanos* = em que naõ ſe conhece quaes foraõ os vencidos, e os vencedores. Deveſe tambem fugir dos termos, e diſcurſos eſcuros, a que os Francezes chamaõ *galimatias*, aos quaes os Heſpanhoes quizeraõ dar o nome de cultura, e ſaõ labyrintho.

Santo Agoſtinho foi taõ amigo da clareza da Oraçaõ, que antes queria que o reprehendeſſem os Grammaticos, que o naõ entendeſſem os Povos.

Fica a *Narraçaõ* provavel por quatro modos: Primeiro, ſe a peſſoa, que narra, he de conhecido credito, e probidade. Segundo, ſe expõem os ſucceſſos, ſem muito adorno, porque a verdade pinta-ſe nua.

De

De huma Hiſtoria, com pouco ornato, diſſe Antonio de Solis = *Paſſa hoje por hiſtoria verdadeira, ajudando ſe do meſmo deſalinho, e pouco adorno do ſeu eſtylo, para parecer-ſe á verdade, e acreditar, com alguns, a ſinceridade do eſcriptor.* =

Porèm quanto a mim eſte deſalinho da *narraçaõ* naõ prova muitas vezes a ſinceridade do Author, porque haverá algum, que a naõ ſaiba fazer de outra ſorte. Terceiro, ſe ſe naõ diz o que repugna ao credito, e ao commum ſentimento dos homens. He huma das regras de Horacio:

Quodcunque oſtendis mihi ſic, incredulus odi.

Huma grande parte dos Eſcriptores deſejaõ fazer as ſuas *narraçoens* admiraveis, ainda que ſe façaõ incriveis. Deſtas diz o meſmo Solis, *que ſe devem pôr entre as erratas do volume.*

Quando o Orador neceſſite de trazer algum ſucceſſo inveriſimil, poſto que ſeja verdadeiro, deve primeiro preparar o animo dos ouvintes, combinando eſte com outros portentos ja averiguados, e acceitos, ou ponderando que a Natureza naõ ſe obrigou a ſuſtentar ſempre o mais commum, ou dizendo, com Ariſtoteles, que a inveriſemelhança naõ implica, com a verdade, valendo-ſe do que diſſe Calderon em caſo ſemelhante:

——————— *que*
ſi novedades no huviera
quedara la admiracion
inutil al Mundo. ———

Quarto, ſe ſe expuzerem com individuaçaõ as circunſtancias dos acontecimentos, e os adjuntos da peſ-

ſoa,

ſoa, do lugar, e do tempo, de que o Padre Vieira nos dá hum bom exemplo, com a narraçaõ de como ſe cortou o braço a S. Franciſco Xavier:

= Mas ja he tempo que vejamos o ſacrificio; e preparem-ſe os coraçoens de novo animo, e valor para hum nunca viſto eſpectaculo. O lugar, que ſe elegeo, foi huma Capella interior, para onde ſe trasladou o ſanto corpo, a titulo de maior decencia: o tempo, o mais ſecreto da meia noite, ſem noticia dentro, nem fóra, do que eſtava determinado: *Ne tumultus fieret in populo*; porque ſabendo ſe, toda Goa, e toda a India ſe poria em armas, para defender o braço, que tantas vezes a tinha defendido: Os aſſiſtentes eraõ o Viſitador, o Provincial, o Prepoſito da Provincia, o executor hum Irmaõ leigo, naõ parecendo decente, que as maõs ſagradas, que offerecem a Deos o ſacrificio incruento de ſeu Filho, ſe enſanguentaſſem no de Xavier.

Poſtos aſſim de joelhos todos, levantou o executor o braço do Santo, taõ natural, e flexivel, como ſe foſſe de hum corpo vivo, que eſtiveſſe dormindo, e indo para o cortar, eis-que ſubitamente tremeo a terra, a Capella, e todos os que nella eſtavaõ: tornaraõ outra vez a intentar o golpe, e naõ ſó o pavimento, mas as paredes, com ſegundo tremor, pareceo que ſe queriaõ arruinar deſencaixadas as pedras: inſiſtindo porèm terceira vez no meſmo intento, foi tanto maior o tremor, e o abálo, que o tecto, e todo, o edificio daquella grande caſa parece que cahia ſobre os que eſtavaõ na Capella; com que todos attonitos ſahiraõ para fóra..... Feita por elles nova conſulta, quando parece que ſe havia de reſolver nella, que ſe eſcreveſſe a Roma, e ſe repreſentaſſem os manifeſtos, e prodigioſos indicios, com que Deos moſtrava que naõ era ſervido, que o ſanto corpo

po ſe dividiſſe, mas perſeveraſſe inteiro, para que a ſua meſma inteireza foſſe hum perpetuo teſtimunho a todo o Oriente da verdade da Fé, que lhe prégara; o que ſe reſolveo foi, que tomaſſem ao meſmo Santo por interceſſor contra ſi, e lhe pediſſem licença para a execuçaõ do que eraõ mandados.

Entraõ outra vez todos na meſma Capella, e poſtos de joelhos, fallou aſſim hum dos Prelados: Bemaventurado Santo, bem ſabeis vós que vimos aqui naõ tanto por noſſa vontade, quanto por obediencia do noſſo Padre Geral: E pois em vida foſteis taõ obediente, dai-nos agora, depois de morto, licença, para que poſſamos executar o que ſe nos ordena, mandando eſta reliquia do voſſo corpo, que a pede o Summo Pontifice. Diſſe; e em ſe ouvindo o nome do Summo Pontifice, do Padre Geral, e eſta palavra = *Obediencia* = obedeceo o Santo, obedeceo a terra, obedeceraõ as paredes, obedeceo tudo, e o braço ſe deixou cortar, manando da ferida tanto ſangue, que encheo hum vaſo de prata, e banhou-ſe nelle huma toalha, que para eſte effeito hia prevenida, a qual, depois de muitos annos, levou o Conde de Linhares, Vice-Rei da India, para a apreſentar a ElRei D. Philippe IV. =

Quando os ſucceſſos ſe propõem com termos admirativos, ſe produz ainda melhor a probabilidade. O meſmo Vieira ſahindo do referido naufragio, que o levou á Ilha de S. Miguel:

= A quem aconteceo jamais, depois de virado o navio, e depois de eſtarem todos fóra delle ſobre o coſtado, ficar aſſim parado, e immovel por eſpaço de hum quarto de hora, ſem a furia dos ventos o deſcompor, ſem o impulſo das ondas o ſoçobrar, ſem o pezo da carga, e da agoa, de que eſtava até o meio alagado, o levar a pique, e depois dar outra

volta

volta para a parte contraria, e pôr-se outra vez direito, e admittir dentro em si os que se tinhaõ tirado fóra? =

Ainda a *narraçaõ* nos succeſſos Canonicos, em que paſſa a probabilidade a ſer innegavel certeza, he mais elegante o praticá-la, com as circunſtancias, que tenho referido. O meſmo Vieira logo mais abaixo da relaçaõ deſte naufragio.

= Mandou Deos a Jonas que foſſe prégar aos Gentios de Ninive; naõ quiz Jonas, e para fugir da Miſſaõ, e do meſmo Deos, que lha encommendava, embarca-ſe de Joppe para Tharſis. E que ſuccedeo a Jonas neſta viagem, e neſta fugida? O que lhe ſuccedeo foi que indo todos os navios com vento a poppa, e mar bonança, ſó contra o de Jonas ſe levantou huma tempeſtade, taõ terrivel, que naõ baſtando amainar as vélas, e calar os maſtros, naõ baſtando alijar ao mar a carga, naõ baſtando tudo o mais, que ſabe, e póde a arte em ſemelhantes trabalhos, deixando já o leme, e o navio á mercê dos mares, e dos ventos, e deſconfiando até do ſocorro do Ceo o Piloto, e marinheiros, que eraõ Gentios, deſceraõ ao porâõ, aonde vinha Jonas, a pedir-lhe que fizeſſe Oraçaõ ao ſeu Deos, pois os ſeus Deoſes naõ lhes valiaõ: tal era a tempeſtade, tal o perigo, tal a deſeſperaçaõ de todos! .... Subido Jonas ao convêz do navio, reconheceo que era elle a cauſa da tempeſtade, e para que os mais ſe ſalvaſſem pedio que o lançaſſem ao mar.... Fizeraõ-no aſſim por ultimo remedio os marinheiros; vai Jonas ao mar, traga-o huma baléa, mergulha para o fundo o monſtro, e deſapparecem ambos.... Paſſados tres dias apparece ao romper da alva diante do porto de Ninive huma galê, de forma nunca viſta, á véla, e ſó com dous remos. A véla era a nuvem de agoa, que reſpirava a balêa,

a balêa, e humas vezes parece que ſubia, outras, que amainava: os remos eraõ as duas grandes barbatanas, com que batendo a compaſſo, hia vogando. Abica á praia o deſconhecido baixel, levanta, aberto pelo meio o caſtello da proa, que entaõ ſe conheceo que era boca; eſtende a lingua, como prancha ſobre a areia, e ſahio de dentro vivo o ſepultado Jonas. =

Eis-aqui como ſe póde fazer a *narraçaõ*, naõ ſó perſpicua, e provavel, mas ſummamente exquiſita, e eloquente; mas ainda reſta de ſaber como ſe fará *breve*, e *ſuave*.

§.

PAra a *narraçaõ* ſer *breve*, ſe lhe naõ deve ir buſcar hum principio remoto, ou inconnexo. O Padre Colonia adverte que eſte principio naõ há de ſer = *ab ovo* =, e accreſcenta que Horacio zombou de hum certo Poeta naquelle verſo:

Qui gemino bellum Trojanum orditur ab ovo.

Mas ſoffrerá a memoria deſte Author, que ſe lhe diga haver-ſe deſcuidado em hum lugar taõ ſabido da Arte Poetica.

Horacio neſte verſo naõ zomba de algum Poeta, antes louva o Poeta Homero, porque naõ foi buſcar o principio da guerra Troiana no par de ovos de Leda, eſtuprada por Jupiter. De hum dos ovos, ſegundo a fabula, naſceo Helena, e Clytemneſtra; do outro, Caſtor, e Pollux; e iſſo quer dizer = *ab ovo gemino.* = Demais, que o verſo, allegado pelo dito Padre, naõ he o de Horacio; porque eſte principia: *Nec gemino bellum*, e naõ: *Qui gemino bellum*: O relativo *qui* podia affirmar que Homero, ou outro Poeta

ta principiaſſe a narraçaõ por eſtes dous ovos; e o *nec* he negativo de que elle o fizeſſe.

De quem poderia zombar Horacio era de Antimaco, que para tratar da reduçaõ de Diomedes, principiou por huma origem taõ diſtante, como a da morte de Meleagro, e por iſſo diſſe o meſmo Horacio no verſo antecedente:

Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri.

Digo pois que a *narraçaõ* para ſer *breve*, deve tomar o principio da origem mais conhecida, e da menos embaraçada, e que naõ ſeja nem remota, nem ambigua, nem impertinente: Devem-ſe tambem nella omittir algumas circunſtancias ſuperfluas; pois para dizer que nos embarcámos, naõ he neceſſario declarar que chegámos ao porto, que ajuſtámos o frete, que ſe levaraõ as ancoras, que ſe deferiraõ as vélas, que cortámos as ondas, que deixámos a praia: ſalvo ſe neſtas circunſtancias ſuccedeſſe alguma couſa notavel.

Para moſtrar Ovidio que eſtava ja no mar largo, foi baſtante o dizer: *Nihil eſt niſi pontus, & æter.*

A brevidade da *narraçaõ* tem o perigo de poder ficar eſcura. Por eſta cauſa nos adverte Quintiliano, que naõ imitemos as de Saluſtio, e eu diſſera que nem as de Cornelio Tacito. A eſte genero de *brevidade* naõ dá o meſmo Rhetorico o nome de *narraçaõ*, mas de confuſaõ. Aſſim o entendeo de ſi meſmo o citado Horacio:

——————*brevis eſſe laboro,*
Obſcurus fio——————

A *narraçaõ* mais *breve*, e mais perſpicua, e elegante

gante he a daquelle dyſthico, de que fazem author o demonio.

O aſſumpto he eſte: matou hum carneiro a hum menino, degolou a Mãi deſte o carneiro: o meſmo por eſta cauſa lhe fez o marido; e por eſte delicto o mandou enforcar a juſtiça: O dyſticho he o ſeguinte:

Vervex cum puero, puer unus, ſponſa, marito,
Impete, cultelo, fune, dolore perit.

Porèm eſtas *brevidades* naõ ſervem para a Oratoria, porque a eloquencia naõ ſe póde reduzir a ſemelhantes apertos: Diremos que a *narraçaõ* hé *breve*, quando naõ ſeja impertinente, nem lhe falte tambem o que lhe for neceſſario, para a explicaçaõ, e inteireza dos ſucceſſos.

§.

A *Narraçaõ* para ſer *ſuave* ſe há de compor das vozes, e dos termos proprios, e harmonicos, collocando os deſorte, que naõ fiquem deſunidos, ou encontrados, e ſe devem eleger os vocabulos mais ſonoros, cultos, e conhecidos. Porèm deſta ordem, e deſta eſcolha trataremos particularmente quando chegarmos ao *Periodo*.

Tenho fallado da *Narraçaõ* em genero, que ſe divide em tres eſpecies: *Narraçaõ Oratoria*: *Narraçaõ hiſtorica*: *Narraçaõ poetica*. E ainda que ſó me pertence a primeira, para eſta melhor ſe conhecer, direi alguma couſa das outras.

O Orador, e o Hiſtoriador devem obſervar a ordem dos tempos, o Poeta naõ ſe obriga a eſta perſpicuidade. He do Orador ſeguir a veriſemelhança, do Hiſtoriador a verdade, do Poeta o fingimento: A *narraçaõ* do Orador deve ſer adornada, a do Hiſto-

riador ſingela, a do Poeta polida, e engenhoſa.

Pertende Quintiliano que o melhor exemplo para a *narraçaõ Oratoria* ſeja o de Cicero na Oraçaõ pro Milone, que principia = *Milo autem cum in Senatu fuiſſet.* = Quer o Padre Colonia que lhe naõ fique inferior a do terceiro livro de *Officiis*, que começa = *C. Canius, eques Romanus.* =

Porèm tendo nós exemplos nos noſſos Oradores, eſcuſamos de ir buſcá los aos eſtrangeiros: eu darei hum do Padre Vieira no Sermaõ XII. do ſeu Xavier acordado:

= Defendia no Reino de Buahiem huma companhia de ſoldados Heſpanhoes huma pequena Fortaleza, cujos muros, ou trincheiras eraõ de madeira, e os tectos das caſas, cobertos de palha; e os Mouros, que a vieraõ ſitiar, naõ ſó muitos em numero, mas fornecidos de artilheria, bombas, e todos os petrechos de guerra, e guiados por hum rebelde domeſtico, que, fugido da meſma Fortaleza, ſe paſſara a elles. Succedeo pois, que paſſados os primeiros combates, em que mataraõ o Alferez, e feriraõ mortalmente o Capitaõ, houve de ſupprir o poſto de ambos o Ajudante. Eſte, e os mais, reconhecendo o perigo na deſigualdade das forças, reſolveraõ encommendar a defenſa a huma imagem de S. Franciſco Xavier. Puzeraõ-lhe na maõ a bandeira, pediraõ-lhe as ordens, que o Ajudante diſtribuia em ſeu nome, e nada ſe obrava, ſem o mudo conſentimento do novo Capitaõ, o qual tanto que tomou o governo das armas, como ſe mandara tocar caixa aos milagres, começaraõ a apparecer na campanha huns apôs outros, e a guerra a mudar de ſemblante. A bandeira, por mais que aſſopraſſem diverſos ventos, ſempre eſteve direita contra o inimigo: as bálas de tal ſorte ſe deſviavaõ do ponto, a que eraõ tiradas, que em nenhum

ſolda-

ſoldado tocaraõ: as ſettas de fogo, que choviaõ ſobre os telhados, alli ſe conſumiaõ ſem prenderem em huma palha: Tendo fabricado dous Caſtellos para que levados da corrente abrazaſſem a Fortaleza, hum ardeo antes de chegar, e o outro voltou atraz, contra a meſma corrente: e poſto que com a artilheria tiveſſem derrubado duas cortinas, e hum baluarte, foi tal o terror dos Mouros que ſe naõ atreveraõ ao aſſalto. E finalmente deſenganados, e raivoſos, mais fugindo, que retirando ſe, puzeraõ fogo aos ſeus alojamentos, que ſerviraõ de luminarias a taõ grande victoria. =

Para melhor ſe conhecer a differença, que póde haver nas *narraçoens*, eu darei hum exemplo, moſtrando o modo, com que dous grandes Oradores referem o meſmo ſucceſſo, para que vendo-ſe a moderaçaõ de hum, e a pompa do outro, ſe perceba mais claramente o caminho do acerto. Na Oraçaõ de Santa Iſabel diz aſſim o famoſo Hortenſio Felix Paravicino.

= He celebre na antiguidade a deſtreza de Alcon. (aſſim ſe chamava hum grande frecheiro daquelles tempos) Ficou adormecido no campo hum ſeu filho, e como coſtuma ſer doce a relva, bem que enganoſa cilada das ſerpentes, huma, que acreditava entre outras aquella verde traiçaõ, chegou ao menino, e abraçando-o enganoſamente, com hum, e outro orbe, com huma, e outra volta, achou deſcanſo na ſua afflicçaõ, com a morte, que ao menino prevenia: Veio a buſcá-lo o Pai; paſmou á primeira viſta, e neutral entre o ardor, e o gelo, entre o temor da morte do filho, e o deſejo de livrá-lo, ficou perplexo; mas de quanta liſonja lhe ſervio o ſuſto! Toma o arco, ajuſta a ſetta, vibra a corda, põem o ponto, ſahem as pennas do arco rompendo com tanto ſilencio, como

velocidade os ares : traſpaſſa a cobra com tal attençaõ, que para que obedeceſſe tanto ao amor, como á deſtreza, medio a diſtancia, que havia do eſtrondo á offenſa, e nas entranhas da ſerpente, abraçada com o menino, logrando o tiro, tirou á ſerpente a vida, e o menino, nem na pelle ficou offendido. =

Eis-aqui agora como propõem o meſmo caſo o noſſo Vieira.

= Foi á caça hum famoſo atirador da Theſſalia, e deixou hum filho pequeno ao pé de huma arvore, em quanto ſe metteo pelas brenhas : quando tornou vio que eſtava enroſcada huma ſerpente no menino : e que conſelho tomaria o Pai em hum caſo taõ perigoſo? Se atirava á ſerpente, arriſcava-ſe a matar o filho, ſe lhe naõ atirava mordia a ſerpente o menino, e matava-o : a reſoluçaõ foi, que embebeo huma ſetta no arco, e medio a corda com tanta certeza, e peſou o impulſo com tanta igualdade, que matando a ſerpente, naõ matou o menino. =

Para ſe reconhecer a *narraçaõ hiſtorica* ſe póde ver no primeiro livro de Tito Livio o roubo das Sabinas; no ſegundo a batalha dos Horacios, e Curiacios; no terceiro a morte de Lucrecia, a dos filhos de Junio Bruto, e a expulſaõ dos Tarquinios ; no quarto o atrevimento de Scevola contra Porſena ; no quinto os varios ſucceſſos de Coriolano ; no ſexto a batalha de Cannas ; no ſettimo o concurſo de Annibal com Scipiaõ diante de Antiocho. No oitavo a jornada do meſmo Annibal á Italia por Heſpanha, pelos Pyreneos, pelas Gallias, pelos Alpes, e pelo Apennino.

Em Saluſtio a batalha contra Catilina ; em Q. Curcio o cerco de Tyro, o ſucceſſo de Abdalonymo, a morte de Alexandre, a conſternaçaõ do exercito, a anguſtia, e morte de Siſygambis.

Entre os modernos he excellente a *narraçaõ* de Henri-

Henrique Catherino ſobre os motivos das guerras Civîs de França, e a de Antonio de Solis acerca do eſtado, em que eſtava Heſpanha antes da primeira vinda de Carlos V.

Famiano Eſtrada tem admiraveis *narraçoens* na ſua *Guerra Belgica*: darei huma dellas, para exemplo da *narraçaõ hiſtorica*; e ſerá a do inaudito eſtrago, que fizeraõ as minas aquaticas de Jambelo no ſitio de Anvers:

= Sendo chegada a hora, que eſtava medida, ſubitamente arrebentou aquelle fero navio, com taõ horroroſo eſtrondo, que parecia que o Ceo ſe arruinava, e ſe deſencaixava a maquina do Univerſo; pois deſpedindo, entre relampagos, e trovoens, huma tempeſtade de pedras, de cadêas, e de bálas, cauſou hum deſtroço taõ incrivel, que eſtava ſó a verdade no ſucceſſo.

O Caſtello, aonde carregou a fabrica infernal, e a empalizada da ponte para a parte da Foltaleza de Santa Maria, a meſma ponte das náos, pegada ao Caſtello, os ſoldados, os marinheiros, os cabos, a artilheria, as armas, preparadas em todos os lugares, foi tudo arrebatado, e eſpalhado, com tanta violencia, pelos ares, como coſtuma fazer o vento, com as folhas das arvores. Abrio-ſe prodigioſamente o Eſcalda, e moſtrou as ſuas mais profundas areias; logo revolvendo-ſe ſobre as margens, ſubio até ſe igualar com os diques, e ſobrepujou a fortificaçaõ de Santa Maria: Eſtenderaõ-ſe as forças, e o eſpanto do terremoto a nove mil paſſos de diſtancia: impellio a mil paſſos, álèm do rio, varias pedras ſepulchraes de extraordinaria grandeza, e ſe viraõ cravadas em algumas partes quatro palmos dentro da terra. Porèm nenhuma ruina foi mais laſtimoſa, que a dos homens: A huns abrazou ſubitaneamente a força

do incendio, e com furioſo encontro os fez chocar huns com outros, ou os fez voar miſturados com as pedras, e com os troncos, deixando os logo cahir, ou deſpedaçados na terra, ou ſubmergidos nas agoas: A outros, ſó o vapor peſtilente os acabou, ſem outra ferida: Naõ foraõ poucos os que burrifados, com as accezas eſcumas do ſoberbo rio, ficaraõ por largo tempo atormentados. A muitos, que vieraõ do ar á terra, os opprimio a companhia dos penhaſcos, e houve algum, a quem a meſma penha lhe deo a morte, e a ſepultura: =

Quanto a mim, eſta he das melhores *narraçoens*, que eu tenho lido, por iſſo tive algum goſto de a pôr neſte lugar; e ainda a achará mais elegante quem a quizer ler no original.

As *narraçoens poeticas* ſe devem buſcar na Eneida, e as mais diſtintas ſaõ no ſegundo livro a morte de Laocoonte, a de Priamo, e a da deſtruiçaõ de Troia: no terceiro he admiravel a das Harpias; e no nono a de Niſo, e Eurialo.

Ovidio nos Metamorphoſis tem huma excellente *narraçaõ* na ceia de Philemon, e de Baucis. Horacio naõ eſtá menos digno na Satyra primeira, com o avarento Umidio. No noſſo Camoens tambem há muitas, e bôas, e ſaõ as principaes as do Cabo de Bôa Eſperança, e as dos doze de Inglaterra.

Eu quizera produzî-las, ſe naõ foraõ taõ extenſas, e ſe naõ andaraõ as Luſiadas nas maõs de todas as peſſoas eruditas. Paſſo agora com a *Confirmaçaõ* para o

CAPI-

CAPITULO III.

O Confirmar he o meſmo que corroborar as cauſas, com novas razoens, com novas provas, e argumentos. Há *Confirmaçaõ* propriamente aſſim chamada, que he quando ſe eſtabelece a materia, e *Confirmaçaõ*, que ſe chama *Confutaçaõ*, que he quando ſe impugnaõ, e ſe desfazem as razoens contrarias.

A *Confirmaçaõ*, propriamente dita, ſe faz, com extenſaõ dos argumentos, a que podemos dar o nome de *argumentaçaõ*, ſe tanto nos permittem os Criticos.

Os argumentos da *Confirmaçaõ* buſcaõ-ſe nos lugares intrinſecos, e extrinſecos de que ja temos fallado. Querem alguns que os argumentos mais fortes ſe dividaõ entre o principio, e o fim da Oraçaõ, guardando os fracos para o meio, e imitando o bom General, que deſta ſorte he que compõem o exercito.

As eſpecies do argumento ſaõ quatro: *Syllogiſmo*, *Enthymema*, *Induçaõ*, e *Exemplo*: Há quem accreſcenta outras quatro; que ſaõ o *Dilema*, o *Crocodillo*, o *Sorites*, o *Epicherema*.

O *Syllogiſmo* conſta de tres propoſiçoens diſtintas, que ſe communicaõ entre ſi por tal modo, que concedida a primeira, que ſe chama =*maior*=, e a ſegunda, que ſe chama =*menor*=, preciſamente ſe há de conceder a terceira, que ſe chama =*conſequencia.*=

Se eu houveſſe de tratar radicalmente do *Syllogiſmo*, me dilataria muito; porque há *Syllogiſmos* communs, expoſitorios, abſolutos, modaes, ſimplez, demonſtrativos, topicos, opinativos, pſeudographos,

condicionaes, disjunctivos, e copulativos: e como isto seria fóra do meu intento, porque esta materia pertence á Logica, fallarei só do *Syllogismo Rhetorico.*

Este consta de cinco partes, atadas tambem entre si, com certa ordem, e proporçaõ; e por isso lhe chamaõ alguns *Syllogismo perfeito.*

A sua primeira parte he a propositaõ, a segunda a sua prova, a terceira a materia proposta, e principal, em que o argumento se funda, e se chama = *assumpto* =, a quarta a prova do mesmo *assumpto*, a quinta a conclusaõ.

O Padre Colonia nos offerece hum exemplo de Cicero taõ proprio deste lugar, que escusamos de ir buscar outro mais longe.

O que Cicero quer provar he que o Mundo se governa pela Providencia divina: se intentasse estabelecer, como Logico, esta verdade, diria:

= Tudo aquillo que he bem administrado, he administrado pela divina Providencia: o Mundo he bem administrado, logo he administrado pela Providencia divina. =

Porèm, como Orador, expôs o *Syllogismo* por este modo:

Propositaõ Melhor se fazem aquellas cousas, que se obraõ com conselho, que as que, sem elle, se executaõ:

Prova da propositaõ. Aquella casa, que se governa pela razaõ, está mais bem instruida, e apparelhada de todas as cousas, que a que se administra desatinadamente, e sem prudencia: O exercito, que tem hum Védor sabio, e hum General intelligente, rege-se em todas as partes, com maior

maior commodidade, que o que he regido pela imprudencia, e temeridade de quem o manda: O meſmo ſuccede no navio, porque eſte acaba felizmente a ſua derrota, ſendo governado por hum bom Piloto:

Aſſumpto. Nada há mais excellente em todas as couſas, que o governo do Mundo:

Prova do aſſumpto. Pois o naſcimento, e a morte dos Signos guardaõ huma certa ordem definida; e as annuaes commutaçoens, ſem alguma neceſſidade, ou violencia, ſe fazem ſempre da meſma ſorte, e ſaõ dirigidas ao proveito de todas as couſas.

Concluſaõ. Signaes ſaõ eſtes, e naõ ſaõ pequenos, de que a natureza do Mundo he governada por hum certo, e ſuperior conſelho:

Algumas vezes mudaõ os Oradores a ordem das provas, deixando, ſem ella, a *propoſiçaõ*, ou o *aſſumpto*, para a porem na *concluſaõ*. Temos o exemplo no Padre Vieira:

Propoſiçaõ Primeiramente parece que he mais difficultoſo amar a quem me aborrece, do que aborrecer a quem me ama:

Prova da propoſiçaõ. O aggravo, com que me offende o inimigo, he dor no coraçaõ proprio: a conreſpondencia, com que falto ao amigo, he dor no coraçaõ alheio:

Aſſumpto No remedio das dores ſempre ſe acode primeiro á que mais laſtima, e ſempre he mais ſenſitiva a que eſtá mais perto:

Conclu-

Concluſaõ. Logo he mais natural no homem o odio aos inimigos, que o amor aos amigos:

Prova da concluſaõ. Porque no odio ao inimigo acode a dor propria, com a vingança: no amor ao amigo acode-ſe á dor alheia, com a conreſpondencia.

Mas nem ſempre terá cinco partes o *Syllogiſmo Rhetorico*, tambem póde ſer de quatro, ſe alguma dellas naõ neceſſitar de prova: He o exemplo do meſmo Vieira, fazendo hum novo argumento pela parte contraria.

Propoſiçaõ Por outra parte parece, que he mais difficultoſo aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece:

Prova da propoſiçaõ. Amar a quem me aborrece he ſer humano com quem o naõ he cõmigo: aborrecer a quem me ama he ſer cruel, com quem mo naõ merece:

Aſſumpto O ſer humano he ſer homem: o ſer cruel he ſer féra:

Concluſaõ. Logo aborrecer a quem me ama tanto mais difficultoſo he, quanto mais repugnante á Natureza.

E póde ſer o *Syllogiſmo Rhetorico* de tres partes, ſe nenhuma dellas neceſſitar de prova; e ficará ſempre differente do *Syllogiſmo Logico*; tanto porque os *Logicos* nos ſeus Syllogiſmos attendem á certeza da opiniaõ, e os *Rhetoricos* á probabilidade, como porque aquelles naõ podem alterar-lhe a *forma*, e eſtes podem inverter-la, e amplificá-la: e por iſſo dizia Zeno, que

que a *Dialectica* era, como a maõ fechada, e a *Rhetorica*, como a maõ aberta.

Naõ ſe prohibe porèm que os Oradores ſe valhaõ em alguma occaſiaõ do *Syllogiſmo Logico*, e naõ he muito que o aproveitem, quando os Poetas o naõ deſprezaõ; como ſe vê na Satyra quinta de Perſio:

An quiſquam eſt alius liber, niſi ducere vitam
Cui licet ut vult? licet ut volo vivere, non ſim
Liberior Bruto? ——————————

Como ſe diſſeſſe = Ninguem he mais livre que aquelle, a quem he licito o viver, como quizer: a mim me he licito o viver, como quero, logo eu ſou mais livre que Bruto. =

§.

O *Enthymema* he hum *Syllogiſmo* imperfeito, pois ſó conſta de duas partes, que ſe chamaõ = *antecedente*, e *conſequente* = aſſim como = Todas as artes devem ſer appetecidas, logo deve ſer appetecida a Rhetorica. =

O *Enthymema* mais familiar dos Oradores he o que ſe faz *à contrariis*: eſte he o exemplo:

= Se a clemencia te naõ chega a fazer amavel, mal te póde fazer amavel a crueldade. =

E ſe o *Enthymema* pergunta, ainda ficará mais vehemente, aſſim como eſte:

= Se naõ foſte fiel a Deos, como o hás de ſer aos homens? =

He muito elegante o de Alciato a huma andorinha, que fez o ſeu ninho em huma eſtatua de Medêa:

Diro

Dira parens Medea ſuos ſæviſſima natos
Perdit: Et ſperas parcat ut illa tuis?

Por tres motivos devem ſer mais acceitos os *Enthymemas*, que os *Syllogiſmos*, aos Oradores. Primeiro, porque com elles podem occultar aquelle artificio, que talvez, conhecendo-ſe, deſtrua mais, que favoreca a cauſa; e tambem naſce daqui que quando o Orador uſa do *Syllogiſmo*, lhe varîa, ou lhe tranſpõem algumas vezes as ſuas partes.

Segundo, porque como o *Syllogiſmo* he mais claro, que o *Enthymema*, naõ entenda o Auditorio que o Orador fia pouco da ſua comprehenſaõ, declarando-lhe demaſiadamente o argumento: A's vezes he util deixar a explicaçaõ ao diſcurſo dos ouvintes. Terceiro, porque o *Enthymema* atormenta mais ao adverſario, que o *Syllogiſmo*; pois o fere, e o penetra com maior vehemencia; e eſta he a razaõ, porque ſe chama o dardo, ou a lança do Orador. Deſta ſorte he que feria Cicero a M. Antonio: Sirvaõ de exemplo eſtas breves palavras, que tem força de *Enthymema*:

= Antonio quer a paz? Deponha as armas. =

Como ſe diſſeſſe: = Antonio naõ depõem as armas, logo naõ quer a paz. =

§.

A *Induçaõ* he hum argumento, que de muitas couſas differentes, e diſtintamente conciliadas, ſe tira huma *Concluſaõ* provavel. Com a *Induçaõ* conclue Seneca que no homem he digna ſó de louvor a virtude:

= Naõ ſe diz que he bõa a náo, que eſtá pintada com cores ſubidas, nem a que tem o eſporaõ de ouro, ou de prata, mas aquella, que he ſegura, e velei-

e veleira: Naõ dirás que he bõa a eſpada, que tem o talabarte dourado, mas a que tem o gume mais acicalado, e que he de melhor têmpera, e córte: naõ ſe buſca a vara mais formoſa, mas a mais direita: Logo tambem no homem nada importa o que he tranſitorio, nem o que he applaudido por muitos, mas ſó o que he verdadeiramente bom. =

A *induçaõ* naõ ſo he eſtimada dos Oradores, mas dos Poetas: Com ella argumentava Ovidio a Auguſto na unica Elegia do ſegundo livro dos *Triſtes*, fazendo huma larga enumeraçaõ dos que compuzeraõ livros amoroſos, para concluir que era indigno de ſer caſtigado pela ſua *Arte de amar.*

Com a meſma *induçaõ* provava Eneas, que podia deſcer vivo ao Inferno, porque tambem Orpheo, Theſeo, e Hercules lá tinhaõ deſcido. Bem ſe póde chamar induçaõ a eſte argumento do Author do *Theatro* no ſeu Peregrino:

Nem Theſeo, nem Alcides contendendo,
Com o bruto Charonte, e o fero Minos,
Nem deſatando as portas de diamante,
Ou ao feróz Cerbéro reſiſtindo:

Nem domando no càrcere ſulphureo
As Gorgonas, as Hydras, os Chelydros,
Mais impavidos foraõ, mais valentes,
Do que eu fui, com Mavorte competindo:

Que excedendo ao barqueiro na carranca,
Ao trifauce moloſſo no alarido,
Ao Juiz inexoravel na inclemencia,
E no veneno aos monſtros do Cocyto:

Moven-

Movendo contra mim o pezo junto
De tanto horror, em partes dividido,
Batalhando com Marte, batalhava
Com toda a indignaçaõ do lago Eſtygio.

§.

O *Exemplo* he huma *induçaõ* imperfeita; porque a *induçaõ* argumenta com muitas couſas, o *exemplo* ſó com huma. Com elle perſuadia Cicero, que Milon naõ devia ſer condenado pela morte de Clodio, trazendo o ſucceſſo de hum dos Horacios depois de matar a Irmaã.

= Negaõ ſer digno de vida, e de gozar a luz do dia aquelle que confeſſa o homicidio. Em que Cidade diſputaõ eſta materia eſtes homens inſenſatos? Naõ menos, que naquella Cidade, que, naõ eſtando ainda livre, vio o primeiro crime capital, executado pelo fortiſſimo Varaõ M. Horacio, que ſem embargo de confeſſar que com as ſuas proprias maõs matara ſua Irmaã, foi abſoluto por todo o concurſo do Povo Romano. =

Da meſma ſorte provava Juno na Eneida, que lhe era licito perſeguir os Troianos; pois que o fora a Pallas perſeguir os Gregos: O Padre Vieira nos dá tambem o exemplo do exemplo no ſeu Prolegomeno á Hiſtoria do Futuro:

= Aſſim que bem póde hum homem, menor que todos, deſcobrir, e alcançar o que os grandes, e eminentiſſimos naõ deſcobriraõ; porque eſta ventura naõ he privilegio dos entendimentos, ſenaõ prerogativa dos tempos. Deſde que Tubal principiou a povoar Heſpanha, que foi no anno da creaçaõ do Mundo de 1800 até o de Chriſto de 1428, em que ſe paſſaraõ mais de 3600 annos, era o termo da navegaçaõ

do

do mar Oceano, junto ſómente á Coſta de Africa, o Cabo chamado de = Naõ = ſendo os mares, que depois delle ſe ſeguiaõ taõ temeroſos aos navegantes, que era proverbio entre elles: (como eſcreve o noſſo Joaõ de Barros) Quem paſſar o Cabo de = Naõ =, ou tornará, ou naõ. Apparecia ao largo deſte, o Cabo *Bojador*, pelo muito que ſe mettia dentro do mar, cuja paſſagem, tanto por fama, e horror commum, como por deſengano de muitas experiencias, ſe reputava entre todos por empreza taõ arriſcada, e impoſſivel á induſtria, e poder humano, como ſe póde ver no quarto capitulo da primeira Decada; mas quem ler o capitulo ſeguinte verá tambem, como hum homem Portuguez naõ de muito nome, chamado Pullianes, foi o primeiro, que diſpondo-ſe ouſadamente ao rompimento de huma tamanha aventura, venceo felizmente o Cabo em huma barca, quebrou aquelle antiquiſſimo encantamento, e moſtrou, com grande deſengano, a Heſpanha, ao Mundo, e ao meſmo Oceano, que tambem o *Naõ* navegado era navegavel. &c. =

Quando o *exemplo* ſe combina, e ſe applicaõ todas as ſuas circunſtancias, fica mais formoſo, e perſuaſivo. Aſſim o pompoſo Hortenſio, depois de trazer o *exemplo* daquelle grande atirador de Theſſalia, que ja fica referido, o applica deſte modo:

= Dormindo eſtava Joaõ na ignorancia das entranhas de ſua Mãi: Colhido o tinha a primeira ſerpente, com taõ apertadas voltas no peito, que bebia a alma o veneno; achaque da primeira herva do Paraizo. Deſde a ſua caſa lhe dá o animo a Maria: era Mãi de Deos, e noſſa: vem ao lugar do perigo, reconhece em Joaõ a ſerpente, vibra o amor, naõ os braços de traidora, as entranhas ſim de Mãi: arroja a ſetta, que eſcolheo o Pai por tal, como a vozes o diz

o diz Iſaias: *Poſuit me quaſi ſagittam electam*: Penetrou as entranhas de Iſabel, atraveſſou a ſerpente, ſó o eſtrondo ſentio Joaõ, e no beneficio de ver-ſe livre, ſaltou goſtoſo: *Exultavit infans in gaudio in utero meo &c.*=

Se da applicaçaõ ſe tira outro conceito, que ſe naõ eſpera, ainda fica o *exemplo* mais engenhoſo, e vehemente: Aſſim o Padre Vieira, com eſte meſmo ſucceſſo.

= Aquella ſerpente do Paraizo enroſcou-ſe em Adam, e enroſcou-ſe em Chriſto: em Adam, porque foi o author da culpa: em Chriſto, porque tomou a culpa de Adam ſobre ſi. Quiz o Eterno Padre matar a ſerpente; mas como ſe houve? Faz hum tiro á ſerpente, que eſtava enroſcada no homem, mata a ſerpente, e naõ toca no homem: faz outro tiro á ſerpente, que eſtava enroſcada no Filho, mata a ſerpente, e paſſa de parte a parte o Filho: Pois ao Filho mata, e ao homem naõ toca? Sim: ao Filho atirou com taõ pouco reparo, como ſe naõ foſſe Filho; e ao homem com tanto tento, como ſe foſſe Pai. =

Pertencem a eſte lugar os que propriamente ſe chamaõ *Similes*, que ainda que differem pouco do *exemplo*, no modo de os propor he em que conſiſte a diverſidade: O meſmo Vieira nos enſina eſte modo na terceira Oraçaõ do ſeu *Xavier acordado*.

= Aconteceo-vos ja, depois de hum ſonho pezado, funeſto, e temeroſo, em que vos imaginaveis, ou affogado no mar, ou ardendo no incendio, ou lançado pelos ares de entre as pontas do touro, acordar ſubitamente, e ficar no meſmo momento deſcarregado do pezo, alleviado da triſteza, ſeguro do temor, e livre do ſonhado perigo? Tal ficou Malaca com as ultimas palavras do Sermaõ de Xavier, reſuſcitando, como da morte á vida, de toda aquella confuzaõ de

temo-

temores, de ameaças, e deſeſperaçoens, em que pouco antes ſe conſiderava perdida. =

Eſtes *Similes* ſaõ muito frequentes nos Poetas: Baſtará trazermos dous: hum do Latino, outro do Luſitano: O de Virgilio he eſte na Ecloga quinta:

Tale tuum carmen nobis, divine Poëta,
Quale ſopor feſſis in gramine, quale per æſtum
Dulcis aquæ ſaliente ſitim reſtinguere rivo.

E eſte o de Camoens no Canto primeiro das Luſiadas:

Qual Auſtro fero, ou Boreas na eſpeſſura
De ſilveſtre arvoredo abaſtecida,
Rompendo os ramos vai da mata eſcura,
Com impeto, e braveza deſmedida:
Brama toda a montanha, o ſom murmura,
Rompem-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida;
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deoſes, no Olympo conſagrado.

§.

O *Dilema* he hum argumento, que conſta de duas partes contrarias, com as quaes ſe colhe, e convence preciſamente o adverſario. Eſta he a razaõ, porque lhe chamaõ *Syllogiſmo bicorne*, pois tem as pontas diſpoſtas por tal modo, que quem foge de huma, ſempre cahe na outra: Eſta prerogativa o faz muito eſtimavel aos Oradores. Com hum *Dilema* perſuadia Cicero aos Romanos, que naõ mandaſſem Legados a M. Antonio:

= Se o vaõ rogar há de deſprezá-los: ſe o vaõ mandar, naõ há de attendê-los. =

Contra o meſmo inimigo diſparou o meſmo Cicero outra ſetta ſemelhante na Philippica ſegunda:

= Os que mataraõ a Ceſar, ou ſaõ libertadores da Patria, ou homicidas: Se libertadores, loucamente me argues de que eu ſeja ſeu parcial: Se parricidas, criminoſamente os nomeias, com titulos honorificos: Aſſim que, ou ſem cauſa me criminas, ou te criminas a ti meſmo, quando honras tanto os homicidas de Ceſar. =

Com hum *Dilema* pertenderaõ os Fariſeos convencer a Chriſto, quando lhe apreſentaraõ a adultera: = *Ut ſi diceret* (adverte Santo Agoſtinho) *non lapidetur adultera, injuſtus convinceretur: ſi diceret lapidetur, manſuetus non videretur.* =

= Se diz que naõ ſeja apedrejada (traduz, e amplifica o Padre Vieira) he tranſgreſſor da Lei: ſe diz (o que naõ dirá) que a apedrejem, perde a opiniaõ de miſericordioſo, e a eſtimaçaõ do Povo: e ſobre tudo contradizer-ſe a ſi meſmo, e as Eſcripturas do Meſſias, que interpreta de ſi: Logo, ou diga que ſe execute a Lei, ou que naõ ſe execute, ou que ſeja apedrejada a delinquente, ou que o naõ ſeja, ſempre o temos colhido, porque naõ póde eſcapar de hum laço, ſem cahir no outro. =

Póde-ſe voltar a força do *Dilema* contra a peſſoa, que o produz, de que Ariſtoteles nos dá o exemplo no livro ſegundo Rhetor.

= Huma certa Sacerdotiza (diz o Philoſopho) perſuadia a hum ſeu filho, que naõ foſſe Orador, porque ſe perſuadires as couſas injuſtas, incitarás a ira dos Deoſes; ſe as juſtas, a dos homens. Antes (lhe reſpondeo o filho) devo ſer Orador; porque ſe perſuadir as couſas injuſtas, agradarei aos homens, ſe as juſtas, aos Deoſes. =

O Philoſopho Biantes aconſelhando a hum certo mance-

mancebo que ſe naõ caſaſſe, uſou deſte *dilema*: Se a mulher for feia, ſerá do teu deſagrado: ſe formoſa, do agrado dos outros. Antes ſe for feia (dizia o mancebo) deſagradará aos outros: ſe formoſa, me agradará a mim.

He muito celebre o *dilema* de Prothagoras, e de hum ſeu diſcipulo: Ajuſtou-ſe Prothagoras com elle de lhe enſinar a Rhetorica, com o contrato de lhe dar huma certa quantia de dinheiro, ſe, depois de bem inſtruido, vencelle o diſcipulo a primeira cauſa, que patrocinaſſe. Sahindo o diſcipulo taõ ſabio, como o Meſtre, ſe negava ao pagamento. Obrigou-o Prothagoras em Juizo, e levou a cauſa ao Areopago: e nelle expôs eſte *dilema*:

= Para qualquer parte, que as couſas ſe tomem, me deves ſatisfazer o dinheiro: Se eu vencer, porque ficas condenado, ſe tu venceres, porque vences a primeira cauſa, que defendes: Antes pelo contrario; (reſpondia o diſcipulo) porque ſe eu vencer nada te devo, ſe tu me venceres, tambem te naõ devo nada, porque perco a primeira cauſa, que patrocino. =

Tambem ſe póde deſtruir o *dilema*, ſe enfraquecermos alguma das ſuas partes, ou ſe deſcobrirmos algum meio entre as duas propoſiçoens. Aſſim o fez aquelle patraõ, a quem o ſervo dizia no ſupplicio:

= Se ſou máo para que te aproveitas das minhas acçoens, ſe bom para que me caſtigas? Reſpondia-lhe o patraõ: Naõ te caſtigo, porque es bom, ſenaõ para que o ſejas. =

§.

O *Crocodilo* he hum argumento, com que ſe prende, ou ſe embaraça o juizo do contrario. Cha-

ma-ſe *Crocodilo* de hum Apologo, que fingiraõ os Poetas.

Tinha hum Crocodilo arrebatado a hum menino para dentro do rio: pedia lhe a Mãi que lhe reſtituiſſe o filho, dizia-lhe a féra que lho reſtituiria, ſe ella lhe fallaſſe verdade em huma queſtaõ, que lhe queria propôr: a queſtaõ era ſe havia, ou naõ de reſtituir-lhe o filho? Diſſe a Mãi que elle lho naõ reſtituiria na conſideraçaõ da ſua fereza: a que o Crocodilo reſpondeo: Ou diſſeſſes que ſim, ou que naõ, nunca to devia reſtituir, pois de huma, ou de outra ſorte faltavas á verdade Hias contra ella dizendo que ſim, porque eu naõ to queria reſtituir, e tambem dizendo que naõ, porque mentias ſe eu tu reſtituiſſe. =

Aqui pertencem aquellas propoſiçoens, que por ſi meſmas ſe fazem mentiroſas. Tal foi a daquelle Poeta Cretenſe, quando diſſe que todos os Cretenſes eraõ mentiroſos; pois entrando elle neſte numero, ou diſſeſſe verdade, ou mentira, ſempre ficava falſa a propoſiçaõ.

§.

O *Sorites* he hum argumento de que ſe tira a concluſaõ por degráos: Aſſim provava Themiſtocles, gracejando com ſeu filho, que eſte era Imperador do Mundo.

= Meu filho governa ſua Mãi, ella a mim, eu aos Athenienſes, eſtes á Grecia, Grecia á Europa, Europa ao Univerſo, logo meu filho governa toda a redondeza. =

Da meſma ſorte inferia hum noſſo Portuguez, que tinha as ſuas caſas no melhor ſitio do Univerſo:

= A melhor parte do Mundo he a Europa a melhor da Europa as Heſpanhas, a melhor das Heſpanhas Portugal, a melhor de Portugal Lisboa, a melhor

melhor de Lisboa a ribeira, a melhor da ribeira o ſitio das minhas caſas: logo as minhas caſas eſtaõ no melhor ſitio do Mundo.=

Sem embargo do *Sorites* ter muita parte de ridiculo, foi muito familiar aos Eſtoicos, principalmente a Zeno, Coripheo deſta Seita, e a ſeu diſcipulo Chryſippo.

Convem que os Oradores naõ ſubaõ muitas vezes, ou talvez nenhuma, por eſtes degráos, ainda que tenhaõ o exemplo do Padre Vieira, pois com elles quiz provar a humildade de Chriſto no primeiro Sermaõ do Mandato do quarto Tomo.

= Do ſer ao naõ ſer vai infinita diſtancia, e ſendo eſta diſtancia infinita, hoje ſe viraõ no Cenaculo de Jeruſalem dous degráos, ou dous eſtados abaixo do naõ ſer: O primeiro em Judas, porque eſtava mais abaixo do naõ ſer, porque lhe fora melhor naõ ſer, que ſer: e o ſegundo em Chriſto, que eſtando Judas mais abaixo do naõ ſer, elle eſtava aos pés de Judas. Medi agora, começando de Deos, a baixeza, em que eſtá poſto o Filho do meſmo Deos: Abaixo de Deos, com infinita diſtancia eſtá todo o creado: abaixo de todo o creado com diſtancia tambem infinita eſtá o naõ ſer: abaixo do naõ ſer eſtá Judas; e abaixo de Judas eſtá Chriſto.=

§.

O *Epicherema* he quaſi como hum *enthymema* apertado, em que duas propoſiçoens ſe reduzem a huma ſó: Sobre eſta propoſiçaõ: *Sem cauſa, nem razaõ accuſa o ſervo a ſeu Senhor* = ſe póde fundar o ſeguinte *Epicherema*:

= Naõ deve o ſervo temerariamente queixar-ſe do ſeu Senhor: logo o ſervo, e o Medico de Deio-

taro naõ devem queixar-se delle diante de Ceſar. =

Quem quizer ver mais diffuſamente tratada eſta materia leia a Quintiliano no livro quinto das ſuas *Inſtituiçoens* Capitulo X.

§.

EIs-aqui o mais neceſſario da *Confirmaçaõ*, agora direi da *Confutaçaõ*: com eſta he que deſtruimos os argumentos, as razoens, e as authoridades da cauſa, que patrocinamos. Por ſette modos ſe póde fazer a *Confutaçaõ*. Primeiro, negando claramente o que affirma o adverſario. Aſſim Cicero pro Quinctio:

= Negamos-te, Sexto Nevio, que polluiſſes os bens de Quinctio, com o Edito do Pretor. =

Da meſma ſorte o Padre Vieira, tendo hum certo Religioſo, grande ſeu emulo, eſpalhado contra elle varias calumnias em Caſtella, e eſcrevendo o meſmo Padre ao Provincial da Companhia de Andaluzia, lhe diz entre outras juſtificaçoens:

= Mente ſua Paternidade, que naõ acho outro termo mais breve para explicar-me, e defender-me. =

Segundo, quando ſe moſtra, com evidencia, que a affirmaçaõ contraria he incrivel, e repugnante: o meſmo Cicero pro Roſcio Amerino, com os coſtumes do accuſado, manifeſta que elle naõ podia commetter o parricidio, que lhe imputavaõ: He lugar diffuſo, por iſſo o naõ tranſcrevo.

Terceiro, quando ſe naõ nega a materia da accuſaçaõ, mas ſe deſculpa, e ſe defende, moſtrando que o facto fora juſto, e bem ordenado: O meſmo Orador pro Rabirio naõ nega a morte de Saturnio, de que o accuſava Memmio:

= Accuſas a C. Rabirio de que matara a L. Saturnio; e ja tem moſtrado Rabirio com muitas teſtimunhas,

munhas, e tambem tem moſtrado Q. Hortenſio copioſamente, que falſamente ſe lhe imputa eſte homicidio; porèm ſe a mim ſó me pertenceſſe eſta defeza, havia de acceitar o crime, havia de reconhecê-lo, havia de confeſſá lo: Oxalá que eſta cauſa me permittiſſe o poder antes dizer que L. Saturnio, inimigo capital do Povo Romano, fora morto por C. Rabirio! =

Quarto, quando reſpondemos aos contrarios com outro argumento, ou queſtaõ igual, ou de maior difficuldade. Virgilio na diſputa de Mopſo, e de Dametas faz dizer a eſte Paſtor:

Dic quibus in terris (& eris mihi magnus Apollo)
Tres patent Cœli ſpatium non amplius ulnas?

E Mopſo reſponde com outro novo enigma:

Dic quibus in terris inſcripti nomina Regum
Naſcantur flores, & Phyllida ſolus habeto?

Deſte genero he aquella ſoluçaõ, que deo o Imperador Juliano a Delphidio, que accuſava a Numerio na ſua preſença, e eſte negava os cargos, que lhe imputavaõ:

= Se o negar baſta (diſſe Delphidio) quem jamais ſerá culpado? E ſe baſta o accuſar (reſpondeo o Imperador) quem jamais ſerá innocente? =

Quinto, quando uſamos da indignaçaõ, ou do deſprezo, parecendo-nos os contrarios indignos de ſatisfaçaõ, ou de reſpoſta. Scipiaõ Africano, ſendo accuſado pelos ſeus emulos, depois de ſujeitar Carthago, e chamado a Juizo para eſtar prezente á accuſaçaõ, reſpondeo livremente que ſe lembraſſe Roma, que naquelle meſmo dia, em que o accuſavaõ, tinha elle vencido Annibal, e triumphado dos Carthaginen

ginenſes : dahi attrahindo, com a ſua authoridade, toda a multidaõ do Povo Romano, e rodeado dos ſeus amigos, diſſe para todos, com ſemblante ſeguro, e victorioſo :

= Neſte meſmo dia, ó Tribunos da Plebe, neſte meſmo dia, ó Povo Romano, pelejei felizmente na Africa com Annibal, e com todos os Carthaginenſes : e como hoje ſeja juſto deixarmos pleitos, e accuſaçoens, irei logo daqui ao Capitolio ſaudar ao Optimo Maximo Jupiter, a Juno, a Minerva, e aos outros Deoſes, que preſidem áquella ſublime Fortaleza, e a todos agradecerei o darem-me talento, e eſforço para que neſte meſmo dia, e em outras occaſioens pudeſſe tratar taõ egregiamente a Republica. Aquelles Romanos, a quem melhor eſtiver o acompanhar-me, venhaõ cõmigo, e roguem ás Divindades, que lhes concedaõ Imperadores, ſemelhantes a Scipiaõ Africano. =

Com eſtas palavras ſe envergonharaõ os emulos, e ſe desfez a accuſaçaõ.

A zombaria póde ſer outro modo, ainda que mais arriſcado, para ſe enfraquecer o orgulho do accuſador; porèm naõ deve degenerar, nem em chorrice, nem em maledicencia. Cicero goſtava deſta *Confutaçaõ.*

Tinha recebido Hortenſio, de Verres, que elle defendia, huma Eſphynge de prata de grande preço : Eſphynge era hum nome equivoco, que naõ ſó ſignificava hum monſtro, mas hum enigma, ou argumento torcido : Chegou a occaſiaõ, em que Hortenſio diſſe a Tullio, que naõ entendia huma argucia deſte genero, que lhe tinha propoſto ; e reſpondeo Cicero:

= Eu me admiro, de que naõ a entendas, tendo a Eſphynge em tua caſa. =

De Fannio, que era calvo, e ſem ſobrancelhas, diſſe

diſſe o meſmo Orador, que elle *nem hum pello tinha de homem de bem*:

Triario accuſava a Eſcauro de ter conduzido em carretas pelas ruas de Roma humas columnas de marmore:

= Tendes razaõ, (lhe diſſe o meſmo Cicero) porque as que eu fiz conduzir do monte Albano, vieraõ ſobre huma albarda. =

Até o meſmo Demoſthenes taõ ſevero nas ſuas Oraçoens ſe agradava deſtas picantes jocoſidades: Notava-lhe Eſchines (o ſeu maior competidor, e que era murmurado de ter vendido huma Embaixada a Philippe de Macedonia) que tinha ſempre a maõ no ſeio quando orava: reſpondeo Demoſthenes:

= Sei que talvez naõ convem o ter a maõ no ſeio, quando ſe ora, mas convem levar a maõ no ſeio, quando ſe faz a Embaixada. =

O ſettimo modo de confutar he, com a compenſaçaõ, e he quando, nem o facto ſe nega, nem ſe contende ſobre as Leis, mas ſe deſconta com alguma acçaõ preclara, a acçaõ criminoſa. Aſſim ſe livrou o ultimo dos Horacios da morte da Irmaã, com o grande ſerviço, que tinha feito ao Povo Romano no deſafio dos Curiacios; e por iſſo diſſe Tito Livio que fora abſoluto = *Magis admiratione virtutis, quam jure cauſæ.* =

Segue-ſe agora a *Peroraçaõ*, de que tratarei no

CAPITULO IV.

A *Peroraçaõ*, ou o *Epilogo*, como outros lhe chamaõ, he a ultima parte da Oraçaõ, em que o Orador deve pôr todo o ſeu esforço. Conſta a *Peroraçaõ*

raçaõ de duas partes: huma he a *Enumeraçaõ*, outra a commoçaõ dos animos. A primeira ſe faz, com a recopilaçaõ dos pontos principaes, de que a Oraçaõ ſe compõem, reduzindo-os a hum aſpecto conciſo, em que ſe veja toda a ſubſtancia do diſcurſo, a que os Gregos chamaõ = *Anacephaleoſis* =; porèm adverte Quintiliano que eſta naõ ſeja tal, que ſe converta em huma nova Oraçaõ: Póde-ſe imitar aquelle pintor, de quem affirma Galeno, que na pedra precioſa de hum annel reprezentara a tragedia de Phaetonte, com o carro, e cavallos do Sol, o Mundo abrazado, com hum incendio univerſal, a Jupiter irado, e deſpedindo o raio, com que o precipitou no Eridano, a triſteza do Pai; e em fim todas as circunſtancias, com que os Gregos idearaõ eſte fingimento.

Cicero foi algumas vezes muito breve nos ſeus *Epilogos*, como por exemplo o da Oraçaõ pro Lege Manilia:

= Vede ſe por ventura deveis por eſta razaõ applicar-vos á guerra com todo o cuidado, na qual deve ſer defendida, com a Republica, a gloria do voſſo nome, a ſalvaçaõ dos companheiros, os grandes tributos, e a felicidade dos melhores Cidadaons? =

Tambem no *Epilogo* ſe recopilaõ as partes principaes do diſcurſo para as converter em objecto mais alto, e proveitoſo: o Padre Vieira na Oraçaõ das Exequias de D. Maria de Attaide:

= Tenho acabado, e ſatisfeito, ſe me naõ engano, ás noſſas tres queixoſas, mas ſe ellas tiveraõ tempo para ſe queixar de novo, e eu forças para dizer, e vós paciencia para ouvir, he certo que as queixas, que ſe fizeraõ, tanto ſem razaõ, contra eſta morte, ſe haviaõ de converter todas, e com muita razaõ, contra as noſſas vidas: Oh idades cegas! Oh gentilezas enganadas! Oh diſcriçoens mal entendidas!

Vive

Vive a idade, como ſe naõ houvera morte: Vive a gentileza, como ſe naõ paſſara o tempo: Vive a diſcriçaõ, como ſe naõ temera o Juizo. &c. =

§.

A Segunda parte do *Epilogo*, que he a *commoçaõ* dos animos, ſe faz com a *amplificaçaõ*, de que tratarei mais diffuſamente no lugar, que lhe pertence.

Serve a *amplificaçaõ* de nos eſtendermos no *Epilogo*, com aquellas partes, que melhor excitem aquelle movimento: Eſtas ſaõ muitas, e varias, e ſe deve uſar dellas conforme os aſſumptos: ou louvando, ou vituperando, ou accuſando, ou defendendo &c.

Cicero foi eminente neſta ultima parte da Oraçaõ: naõ parecia que inflammava, mas que abrazava os ouvintes, eſpecialmente em excitar a laſtima dos Juizes para os réos; e ſe era neceſſario até ſe valia da eloquencia das lagrimas, como ſe vê na Oraçaõ pro Milone.

= Tenho acabado; nem ja por cauſa das lagrimas poderia fallar: as meſmas lagrimas, que podiaõ esforçar a defenſa, parece que a embaraçaõ. =

A eſte meſmo intento he admiravel o *Epilogo* de Virgilio na Oraçaõ de Sinon:

Quod te per Superos, & conſcia Numina veri,
Per, ſiqua eſt, quæ reſtat adhuc mortalibus uſquam
Intemerata fides, oro: miſerere laborum
Tantorum; miſerere animi, non digna ferentis.

Em fim, o maior triumpho, que ſe póde eſperar do *Epilogo*, ſe há de alcançar com a brevidade, e com a vehemencia: = *Cedo ſe enxugaõ as lagrimas*, (dizia Cicero) *e de preſſa ſe extingue o incendio.* = E para

ra ſe lograr eſte tempo, deve a brevidade ſer vehemente, e a vehemencia breve:

He verdade que os homens commummente tratáõ melhor o principio, que o fim das producçoens intellectuaes, porque raros ſáõ os que principiáõ, com eſpirito, que naõ acabem com pouco alento, devendo ſer nos Oradores pelo contrario.

=Na *peroraçaõ* (diz o Conde Theſauro) deve eſtar o Orador mais inflammado, e por iſſo he que inflamma melhor os ouvintes na ira, na laſtima, no amor, e no odio; e ſe lhe concede o exceſſo de palavras compoſtas, de metaphoras peregrinas, e de epîthetos agudos, e engenhoſos; o que naõ he aſſim no *exordio*, aonde, devendo eſtar o animo quieto, e frio, tudo iſto ſe lhe notaria por huma pueril, e intempeſtiva affectaçaõ; e naõ por outro motivo, do que ſer proprio da paixaõ o deſpertar o engenho, ainda que adormeça o juizo.=

Eſtas ſáõ as quatro partes da *Oraçaõ*, e para ſeguirmos o fio da *Rhetorica*, devemos agora voltar para a *Elocuçaõ*, que he a ſua terceira parte, depois da *Invençaõ*, e Diſpoſiçaõ, de que ja temos tratado, e para iſſo paſſarei ao

LI-

LIVRO III.

CAPITULO I.

ASsim como a *Diſpoſiçaõ* rethorica ordena, e colloca no ſeu lugar competente todas as couſas *inventadas*, tambem a *Elocuçaõ*, com huma nova ordem, diſtribue as palavras, as figuras, os termos, e as ſentenças, com que ſe explica, ſe anima, e ſe adorna tudo aquillo, que ſe tem inventado. Dividiremos pois a *Elocuçaõ* em quatro claſſes: huma, que pertença ás *Figuras*, outra ao *Periodo*, a terceira ao *Eſtylo*, a quarta á *Amplificaçaõ*.

E principiando pela primeira claſſe, digo que as figuras, humas ſaõ propriamente *rethoricas*, outras *Grammaticaes*: As *rhetoricas* ſe chamaõ *Eſchemas*, e ſaõ hum certo ornamento da *Oraçaõ*, e hum modo mais illuſtre de fallar, e que ſe aparta da vulgaridade: As *Grammaticaes*, humas ſe chamaõ *Tropos*, que attendem á mudança do ſentido, que fazem as dicçoens; outras ſe chamaõ *Verbaes*, ou *literaes*, que conſiſtem na alteraçaõ das letras, e dos vocabulos. Direi das primeiras, logo das ſegundas, e ao depois das terceiras.

Os *Rhetoricos* coſtumaõ reduzir a tres cathegorias o primeiro genero de *Figuras*, pondo em huma as que ſaõ mais proprias para mover: em outra as que conduzem para enſinar, e em outra ás que propendem para deleitar: Eu naõ julgo por muito neceſſaria eſta diſtribuiçaõ; porque talvez a meſma *Figura*, que

que ſe aſſigna para hum intento, ſirva para outro: Cuido que baſtará o hî-las diſpondo conforme ſe forem deduzindo; e ſeja por eſte modo:

Exclamaçaõ	Expoliçaõ	Hypotypoſi
Dubitaçaõ	Suſtentaçaõ	Proſopopea
Obſecraçaõ	Communicaçaõ	Ethopea
Imprecaçaõ	Correcçaõ	Antitheſi
Interrogaçaõ	Conceſſaõ	Epiphonema
Subjeçaõ	Diſtribuiçaõ	Apoſtrophe
Preteriçaõ	Permiſſaõ	Emphaſe
Reticencia	Licença	Hyperbole

§.

A *Exclamaçaõ* he huma elevaçaõ da voz com q̃ pela interjeiçaõ = Oh = ou = ah = ſignificamos algum affecto vehemente, ou exprimimos alguma couſa grande: os Latinos, álèm deſtas duas interjeiçoens, tem a do = heu = vah = *prob*, e tinhaõ antigamente = ædepol = hercle = mehercle = Jupiter = mecaſtor = medius fidius.

A *Exclamaçaõ* póde naſcer de varios affectos: Póde naſcer da indignaçaõ, como a de Cicero na primeira Oraçaõ contra Catilina:

= Oh tempos! Oh coſtumes! Entende eſtas couſas o Senado, o Conſul as vê, e eſte homem ainda vive! Vive? Naõ ſómente vive, mas ainda vem ao meſmo Senado. =

Póde naſcer de huma grande dor, e afflicçaõ. E o meſmo Cicero na ſegunda Oraçaõ contra Antonio:

= Oh miſeravel de mim! que ainda, depois de extinctas as lagrimas, me fica a dor no coraçaõ. =

Póde naſcer da triſteza: o meſmo Cicero no terceiro de *Officiis*.

= Oh

= Oh caſa antiga ! Quaõ differente Senhor agora te vejo ! =

Póde naſcer da impaciencia em alguma grande atrocidade : O meſmo Cicero na Oraçaõ pro Cœlio.

= Oh Deoſes immortaes ! Porque cauſa algumas vezes, ou cabem na voſſa diſſimulaçaõ as grandes maldades dos homens, ou reſervais para outro tempo o caſtigo dos prezentes delictos ? =

Póde naſcer da laſtima : o meſmo Cicero pro Sylla :

= Oh miſeravel , e infelice aquelle dia , em que P. Sylla foi declarado Conſul a todas as Centurias ! Oh fementida , Oh arrebatada fortuna ! Oh cego deſejo ! Oh errada gratulaçaõ ; que cedo todas aquellas cauſas de alegria , e de goſto ſe paſſaraõ para o luto , e para as lagrimas ! =

Póde naſcer finalmente da alegria , e dos outros affectos , de que naõ trago os exemplos , por naõ ſer mais extenſo.

§.

A *Dubitaçaõ* , a que os Gregos chamaraõ *Diaporeſis* , he hum reparo , de que ſe vale o Orador , para moſtrar que tem o animo pendente ſobre o que há de dizer. Aſſim o executou Scipiaõ na Decada terceira de Tito Livio :

= Nem o conſelho, nem a Oraçaõ me ſuggere o modo , com que vos hei de fallar , nem ſei o nome , que devo dar-vos neſta occaſiaõ : O de Cidadaons ? Naõ , porque vos eſqueceis da Patria. O de ſoldados ? Tampouco , porque negaſteis o Imperio , e os auſpicios , e violaſteis a religiaõ do Sacramento. O de inimigos ? Menos , porque conheço que as eſtaturas , os ſemblantes , e os veſtidos ſaõ de Cidadaons Romanos. Porèm vejo , que as obras , as palavras , os conſe-

conſelhos, e os animos deſmentem o voſſo nome, e a voſſa obrigaçaõ. =

Atéqui fica a *dubitaçaõ* pendente, mas algumas vezes ſe lhe ſegue a reſoluçaõ: Temos o exemplo em Virgilio com a Rainha de Carthago no quarto da Eneida:

Dubitaçaõ *En quid agam? Rurſuſne procos irriſa priores*
Experiar? Non admodumque petam connubia ſupplex
Quos ego ſum toties jam dedignata maritos?
Iliacas igitur claſſes, atque ultima Teucrum
Juſſa ſequar? ——————————
An Tyriis, omnique manu ſtipata meorum
Inſequar? Et quos Sidonia vix orbe revelli
Rurſus agam pelago? Et ventis dare vela jubebo?
Reſoluçaõ *Quin morere, ut merita es, ferroque averte dolorem.*

Póde haver caſo, em que ſe uſe da *dubitaçaõ* por tal modo, que ella meſma ſirva de reſoluçaõ. Aſſim o fez Cicero fallando com Bruto no ſeu Orador:

= Sempre, ó Bruto, duvidei muito, e por muito tempo, ſe era mais difficultoſo o negar-vos, ou conceder vos o que muitas vezes me tinheis pedido; porque o negá lo a quem eu unicamente amava, e era da meſma ſorte amado, na verdade que duro me parecia; e o receber elle huma taõ grande couſa, como a que naõ cabe na imaginaçaõ, quanto mais na poſſibilidade, julgava eu que mal pertencia áquelle, que podia receiar a reprehenſaõ dos doutos, e prudentes. =

O Padre Vieira deo huma bella ſahida á *dubitaçaõ* no Sermaõ ſettimo do primeiro Tomo:

= As voſſas confiſſoens, viſtas a huma luz, parece que tem que louvar: viſtas a outra, parece que tem

tem que condenar: Eu nem as louvarei, nem as condenarei, fómente me admirarei dellas: Eſtas minhas admiraçoens ſaõ as que haveis de ouvir: naõ ſerá o Sermaõ admiravel, mas ſerá admirativo: *Et admiratæ ſunt turbæ.* =

§.

A *Obſecraçaõ* he aquella ſupplica, com que imploramos algum favor, ou beneficio; como eſta de Cicero pro Deiotaro:

= Primeiramente, ó Ceſar, nos livra deſte receio pela tua authoridade, pela tua conſtancia, pela tua clemencia, para que naõ ſuſpeitemos que ainda alimentas alguma parte da tua ira: Eu to peço por aquella maõ direita, com que aſſeguraſtes a hoſpedagem ao Rei Deiotaro: digo por aquella maõ, que he taõ firme nas batalhas, como nas promeſſas. =

He tambem excellente a *Obſecraçaõ* de Ovidio na Elegia unica do ſegundo livro dos *Triſtes*, que principia: *Per ſuperos igitur*: a de Palinuro no ſexto da Eneida, e a de Amata no duodecimo.

Quando o Orador ſe confia muito na *Obſecraçaõ* póde convertê-la em *proteſtaçaõ*, com a qual fica a ſupplica com maior valentia, e novidade. O Padre Vieira nos dá hum bom exemplo:

= O que venho a pedir, ou a proteſtar, Senhor, he que nos ajudeis, e liberteis: *Adjuva nos, & redime nos.*

Mui conformes ſaõ eſtas duas petiçoens ambas ao lugar, e ao tempo: em tempo, que taõ opprimidos, e taõ captivos eſtamos, que devemos pedir, com maior neceſſidade, ſenaõ que nos liberteis? *Redime nos.* E na Caſa da Senhora da Ajuda, que devemos eſperar, com maior confiança, ſenaõ que nos ajudeis? *Adjuva nos.*

Naõ hei de pedir pedindo, ſenaõ proteſtando, e argumentando, pois eſta he a licença, e liberdade, que tem quem naõ pede favor, ſenaõ juſtiça. Se a cauſa fora ſó noſſa, e eu viera a rogar ſó por noſſo remedio, pedira favor, e miſericordia; mas como a cauſa, Senhor, he mais voſſa, que noſſa, e como venho a requerer por parte da voſſa honra, e gloria: *Propter nomen tuum*: razaõ he que peça ſó razaõ, juſto he que peça ſó juſtiça: Sobre eſte preſuppoſto vos hei de arguir, vos hei de argumentar, e confio tanto da voſſa razaõ, e da voſſa benignidade, que tambem vos hei de convencer. =

§.

A *Imprecaçaõ*, ou *Execraçaõ*, como outros lhe chamaõ, he quando pedimos algum grande mal para os outros, ou para nós meſmos. Para os outros nos dá o exemplo Camoens no quarto das Luſiadas:

Oh maldito o primeiro, que no Mundo,
Nas ondas véla pôs em ſecco lenho,
Digno da eterna pena do Profundo,
Se he juſto á juſta Lei, que ſigo, e tenho:
Nunca juizo algum alto, e facundo,
Nem cithara ſonora, ou claro engenho
Te dê por iſſo fama, nem memoria,
Mas comtigo ſe acabe o nome, e gloria.

Para nós meſmos Virgilio no quarto da Eneida:

Sed mihi vel tellus, optem, prius ima dehiſcat,
Vel pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,
Pallentes umbras Erebi, noctemque profundam,
Ante, pudor, quam te violem, aut tua jura reſolvam.

E mais

E mais proprio ao intento o Author do *Theatro* na ſua Conquiſta de Goa, Canto ſettimo.

Como he crivel que os orbes permaneçaõ
Nos eixos deſſa fabrica luzida
(Suſpirava a belliſſima homicida)
A' viſta de hum pavor taõ formidavel?
Sobre mim, ſobre o fado, que fomenta
Taõ maligna, e medonha deſventura,
Caia toda a celeſte architectura.

§.

A *Interrogaçaõ* ſerve para quando ſe faz alguma pergunta, naõ por ſe duvidar da materia, mas por fazer mais vehemente a inſtancia. Temos o exemplo em Cicero contra Catilina:

= Naõ entendes que ja eſtaõ deſcobertos os teus conſelhos? Naõ vés que a tua imminente conjuraçaõ ja eſtá ſabida de todos? Quanto fizeſte na noite paſſada, aonde eſtiveſte, que peſſoas convocaſte, que reſoluçoens tomaſte, qual julgas de nós que o póde ignorar? =

O Padre Vieira na quinta Oraçaõ do ſeu *Xavier acordado* uſa deſta figura com ſingular elegancia:

= Tinhamos ganhado Ormus, e era noſſo Ormus; e de quem he Ormus? Malcate: e de quem he Malcate? Cochim: e de quem he Cochim? Ceilaõ: e de quem he Ceilaõ? Malaca: e de quem he Malaca? Cujas ſaõ tantas Conquiſtas no Oriente? Cujas as armadas, que navegaõ, e cobrem aquelles mares? Cujos os portos, que ſe enriquecem com os commercios, e tributos, que o Indo, e o Ganges ſó pagavaõ ao Tejo? =

Naõ eſtá menos activo, com outra *Interroga-*

çaõ, o noſſo Camoens no quarto Canto das Luſiadas:

Naõ tens junto comtigo o Iſmaelita,
Com quem ſempre terás guerras ſobejas?
Naõ ſegue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Chriſto ſó pelejas?
Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais deſejas?
Naõ he elle por armas eſforçado,
Se queres por victorias ſer honrado?

§.

QUando ás *Interrogaçoens* ſe lhes dá reſpoſta, fica ſendo eſta outro genero de figura, que ſe chama *Subjeçaõ*. Della uſou Cicero na Oraçaõ pro Lege Manilia, louvando a Pompeo.

= Que couſa taõ nova como diſpôr o exercito hum mancebo particular em tempo taõ perigoſo á Republica? E com effeito o diſpôs. Preſidio ao meſmo exercito? Preſidio. Executou illuſtremente eſta materia, com a ſua diſpoſiçaõ? Executou.

Que couſa taõ fóra do coſtume, como o dar-ſe-lhe o Imperio, e as Legioens, conceder-ſe-lhe a Sicilia, e a Africa, para tratar a guerra neſtas Provincias ſendo de huma idade taõ diſtante do caracter de Senador? E portou-ſe nas meſmas Provincias com ſingular deſintereſſe, igualdade, e virtude, acabou a grande guerra de Africa, e trouxe finalmente victorioſo o exercito. =

O Padre Vieira, com a meſma *Subjeçaõ* no Sermaõ ſettimo do primeiro Tomo.

= Deixai-me agora fazer a meſma pergunta, ou as meſmas perguntas ao noſſo Mundo, e ao noſſo tempo;

po : Quem he hoje o cego ? O Judeo ? Naõ. Quem he hoje o cego ? O Herege ? Naõ. Quem he hoje o cego ? O Gentio ? Naõ. Pois quem he hoje eſte cego , que ſó merece o nome de cego ? Triſte , e temeroſa couſa he que ſe diga ; mas he forçoſa conſequencia dizer-ſe , que ſomos nós os Catholicos ; porque o Gentio , o Herege , o Judeo ſaõ cegos , ſem fé , e com os olhos fechados , e ſó nós os Catholicos ſomos cegos , com a verdadeira Fé , e com os olhos abertos : *Populum cæcum , & oculos habentem.* =

§.

OPpoſta á *Interrogaçaõ* , e *Subjeçaõ* he a *Preteriçaõ* , pois com ella fingimos naõ ſaber , ou naõ querer dizer o meſmo , que deſejamos declarar.

Eſta figura foi muito amada de Cicero , e com ella fez a Pompeo outro Elogio :

= Naõ hei de dizer , ó Romanos , quantas proezas elle obrou na guerra , aſſim por mar , como por terra , e com quanta facilidade proſperou a paz , e a campanha : Brevemente direi que ſempre os Cidadaons ſe conformaraõ cóm a ſua vontade , que os companheiros o ſeguiraõ , que os inimigos lhe obedeceraõ , e que até os ventos , e as tempeſtades o liſonjearaõ. =

Contra Vatinio aproveitou o meſmo Cicero tambem eſta figura :

= Soffrerei que fiquem em ſilencio aquellas acçoens eſcuras da tua primeira idade : porèm na tua Adoleſcencia minaſte as paredes , roubaſte os viſinhos , açoutaſte tua Mãi , e eu naõ te caſtiguei. Fique encoberta a torpeza nas ſombras , e maldades da meſma Adoleſcencia , e ſeja eſte o premio da tua indignidade. =

§.

A *Reticencia* naõ fica muito diſtante da *Preteriçaõ*: chamaraõ-lhe os Gregos *Apoſiopeſi*. Della uſou Marcial na Satyra oitava:

Maiorum primus quisquis fuit ille tuorum,
Aut paſtor fuit, aut illum, quod dicere nollo.

He famoſa a *Reticencia* de Virgilio no primeiro da Eneida:

Jam Cœlum terramque meo ſine numine venti
Miſcere, & tantas audetis tollere moles?
Quos ego .... Sed motos præſtat componere fluctus,
Poſt mihi non ſimile pœnâ commiſſa luetis.

E naõ he inferior a de Camoens no Canto ſegundo das Luſiadas:

Mas morra em fim nas maõs das brutas gentes, (a)
Que pois eu fui... E niſto de mimoſa,
O roſto banha em lagrimas ardêntes
Como c' o orvalho fica a freſca roſa.

He tambem mui digna deſte lugar a de Alvaro Cienfuegos na vida de S. Franciſco de Borja:

= Pedia-lhe que o deixaſſe deſoccupado no ſeu meſmo lenho, aonde eſtiveſſe taõ ditoſamente cravado, que naõ voltaſſe mais os olhos aos erros dos ſeus primeiros annos, mais laſtimoſos que floridos, attendendo ſó ao ultimo quartel da ſua vida, que conſagrava

(a) Eu diſſera = Porèm morra nas maõs &c. = para tirar a horrivel cacophonia do = *mas morra*.

ſagrava deſpido ao templo da ſua maior gloria; canſado, roto lenho, que ſe arrimava na margem do deſengano: Que a ſua confuſaõ.... mas de que Pheniz ſe arrancará a penna, que poſſa eſcrever com viveza os amoroſos deliquios daquella alma em huma acçaõ por ſi meſma cheia de ternura? =

§.

COm a *Expoliçaõ*, ou com a *Metabole*, como lhe chamaõ os Gregos, explicamos a meſma ſentença por diverſos termos. Euſebio Emiſleno a praticou felizmente na mortandade dos Innocentes executada por Herodes:

= Que bemaventurada idade a daquelles, que naõ podendo ainda nomear a Chriſto, merecem o morrer pelo meſmo Chriſto! Que ainda naõ podendo ſoffrer as feridas, ja lhes ſaõ idoneos os tormentos! Oh que felizmente naſcidos os que na primeira luz do naſcimento lhes ſahe ao encontro a vida eterna!

Vem-ſe fóra do tempo deſtinados á morte; porèm felicitaõ a morte com a vida: Apenas goſtaraõ do tempo prezente, quando logo paſſaraõ ao futuro: Naõ tinhaõ ainda entrado no berço, quando ja conſeguem a coroa: Arrebatados dos braços das Máis, foraõ entregues ao regaço dos Anjos. =

Parece-me que com a meſma figura naõ eſtá menos eloquente o Padre Vieira no Sermaõ ſettimo do primeiro Tomo:

= Peccar he enfermar mortalmente: peccar, e immudecer, he cahir na enfermidade, e renunciar o remedio: Peccar he fazer naufragio o navegante: peccar, e immudecer he ir-ſe com o pezo ao fundo, e naõ lançar maõ da taboa, em que ſe póde ſalvar.

Peccar he apagarem-ſe as lampadas ás Virgens

neſcias: peccar, e immudecer he apagarem-ſe-lhes as lampadas, e fecharem-ſe-lhes as portas. O peccado tem muitas portas para entrar, e huma ſó para ſahir, que he a Confiſſaõ: Peccar he abrir as portas ao demonio, para que entre á alma: Peccar, e immudecer he abrir-lhe as portas para que entre, e cerrar-lhe a porta, para que naõ poſſa ſahir. =

§.

A *Suſtentaçaõ*, que ſe chama *Paradoxon* entre os Gregos, he aquella figura, com que ſe tem ſuſpenſo o Auditorio por algum tempo, ſem elle alcançar o que ſe pertende dizer. O Conde Thezauro principiou o ſeu *Canochiale*, com eſta elegancia:

= Hum divino parto do engenho, mais conhecido por ſemelhança, que por naſcimento; que em todos os ſeculos, e entre todos os homens foi ſempre de tanta admiraçaõ, que quando ſe lê, ou ſe ouve, ſe recebe com taõ ſumma alegria, e com tanto applauſo daquelles meſmos, que o naõ conhecem, como ſe foſſe hum peregrino milagre, he a *Agudeza* &c. =

§.

SE o Orador, confiado na ſua cauſa, pergunta ao Auditorio o que há de fazer, entaõ he que uſa daquella figura, a que os Rhetoricos chamaõ *Communicaçaõ*, como fez Cicero contra o Pretor de Sicilia:

= Agora vos conſulto eu para me dizeres o que devo fazer? Talvez que o voſſo ſilencio ſe porá da parte daquelle conſelho, que eu neceſſariamente hei de tomar.

A *Cor-*

§.

A *Correcçaõ* he outra figura, com a qual emendamos alguma voz, ou algum termo, que deixamos proferido: o meſmo Cicero contra Clodio, que tinha eſtuprado ſua Irmaã.

Eu fallaria, com maior vehemencia, ſe naõ ſe metteſſe de permeio a inimizade, que tenho com o marido deſta mulher: Quiz dizer = Irmaõ =, e ſempre aqui me equivoco. =

Plinio o moço, no ſeu famoſo Panegyrico a Trajano, nos dá outro exemplo:

= Que deſſemelhante foi o tranſito, que fez há pouco tempo outro Principe, ſe acaſo foi tranſito, e naõ deſtruiçaõ. =

§.

A *Conceſſaõ*, he quando moſtra o Orador que permitte alguma couſa ao ſeu adverſario: Cicero contra Verres:

= Leves ſaõ na verdade os crimes deſte réo: Navarcho reſgatou o medo das varas, com o preço de huma Cidade nobiliſſima: outro, deo dinheiro por naõ ſer condenado: Tudo iſto ſe tem viſto algumas vezes: Naõ quer o Povo Romano, que com crimes taõ communs ſeja Verres accuſado: pede delictos mais novos, deſeja culpas mais eſtranhas. Naõ do Pretor da Sicilia, mas de hum crueliſſimo tyranno ſe há de fazer o proceſſo.

§.

LOgra-ſe a *Diſtribuiçaõ* quando ſe divide a ſentença em diverſas partes, e ſe dá a cada huma o attributo, que lhe pertence. Eſtá admiravel o Padre Vieira

Vieira com eſta figura na terceira Dominga da Quareſma do primeiro Tomo:

=Hia o Propheta Habacuc com huma ceſtinha de pam no braço, em que levava de comer para os ſeus ſegadores; quando lhe ſahio ao caminho hum Anjo, e diz-lhe que leve aquelle comer a Babylonia, e que o dê a Daniel, que eſtava no Lago dos Leoens: Que vos parece que reſponderia o Propheta neſte caſo? Senhor, ſe eu nunca vi Babylonia, nem ſei aonde eſtá tal Lago, como eu hei de levar de comer a Daniel ao Lago de Babylonia? Se os ſegadores andaraõ aqui nas Lizirias, e o recado ſe vos dera a vós, como havieis de acceitá-lo, ſem replica! Como vos havieis de arrojar ao Lago, a Babylonia, e aos Leoens!

Avizaõ-vos para a armada, para Capitaõ de mar, e guerra, para Almirante, para General, e ſendo o Lagoſinho o mar Oceano na Coſta, aonde elle he mais ſoberbo, e mais indomito, ver como vos arrojais ao Lago! Acenaõ-vos com o governo do Braſil, de Angola, da India, com a Embaixada de Roma, de Parîs, de Inglaterra, de Hollanda, e ſendo eſtas as Babylonias das quatro partes do Mundo, ver como vos arrojais a Babylonia! Há ſe de provêr a gineta, a bengala, o baſtaõ para as fronteiras mais empenhadas do Reino, e ſendo a guerra contra os Leoens de Heſpanha, tanto valor, tanta ſciencia, tanto exercito, ver como vos arremeſſais aos Leoens!

Se vós naõ viſteis o mar, mais que no Tejo: Se naõ viſteis o Mundo, mais que nos mappas: Se naõ viſteis a guerra, mais que nos pannos de Tunes, como vos arrojais ao governo da guerra, do mar, do Mundo?=

A *Pre-*

§.

A *Permiſſaõ* he quando ſe concede alguma couſa á vontade dos contrarios, por ſe ter na cauſa huma grande confiança. Cicero contra Catilina:

= Sahe ja, ó Catilina, a campo com eſſe importuno eſquadraõ de malfeitores: ajunta-te com Manlio: move-te com os Cidadaons perdidos: ſepara-te dos bons: declara a guerra á Patria; e alegra-te com a impiedade dos latrocinios. =

Eis-aqui outro exemplo de Hyperides, allegado por Rutilio:

= Porèm eu omitto, ó Juizes, o grande, e legitimo direito da minha cauſa: Eu vos concedo que a determineis, como vos parecer mais juſto; porque ainda que conſtituais alguma couſa de novo, naõ receio que deixeis de ſeguir voluntariamente o que vos peço por amor da utilidade commũa. =

§.

COm a *Licença* diz o Orador alguma vez em ſua defeza, diante de quem póde temer, o que parece que podia deſgoſtá-lo, e naõ chega a offendê-lo. Cicero pro Ligario na preſença de Ceſar:

Sabe, ó Ceſar, que nenhuma couſa me mette medo: reconheço aquella grande luz, que me communica a tua liberalidade, e ſabedoria quando fallo diante de ti: esforçarei a voz quanto puder, para que ouça o que vou a dizer todo o Povo Romano.

Recebida a guerra, e executada a ſua maior parte, livremente digo que naõ fui violentado para aquellas armas, que ſe tomaraõ contra ti; porèm ſeguí neſte movimento todo o meu arbitrio, e me perſuadi com toda a minha vontade, &c. =

Com

§.

COm a *Hypotypoſi* expomos taõ vivamente os ſucceſſos, e as deſcripçoens, que parece que as pomos diante dos olhos. Cicero uſou muitas vezes, e com grande felicidade deſta figura, de que eu pudera trazer varios exemplos, porèm nenhum me parece melhor do que eſte do Padre Vieira repreſentandonos o engenho do açucar:

= Bem recebida foi aquella breve, e diſcreta definiçaõ de quem chamou a hum engenho de açucar, doce Inferno. E verdadeiramente quem vir na eſcuridade da noite aquellas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes: as levaredas, que eſtaõ ſahindo a borbotoens de cada huma pelas duas bocas, ou ventas, por onde reſpiraõ os incendios: os Ethyopes, ou Cyclopes, banhados em ſuor, taõ negros, como robuſtos, que ſubminiſtraõ a groſſa, e dura materia ao fogo, e os forcados, com que o revolvem, e atiçaõ: as caldeiras, ou lagos ferventes, com os cachoens ſempre batidos, e rebatidos, ja vomitando eſcumas, ja exhalando nuvens de vapores, mais de calor, que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exhalar: O ruido das rodas, das cadêas, da gente, da cor toda da meſma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao meſmo tempo, ſem momento de tregoas, nem de deſcanço: Quem vir em fim toda a maquina, e apparato confuſo, e eſtrondoſo daquella Babylonia, naõ poderá duvidar, ainda que tenha viſto Ethnas, e Veſuvios, que he huma ſemelhança do Inferno. =

Ainda que mais pompoſo, naõ eſtá menos elegante Alvaro Cienfuegos, quando nos moſtra o eſpanto, com que ficou o Duque de Gandîa á viſta do cadaver da Imperatriz D. Iſabel.

= Fica

= Ficou o Marquez de perto, e quaſi unido ao ſemblante defunto, inclinada a cabeça algum tanto, levantada a maõ direita com a toalha, que tinha tirado daquelle roſto denegrido; a eſquerda ſobre o bordo do caixaõ, fria, e que ſe diſtinguia mal da que eſtava defunta, e viſinha: abertos com muita expreſſaõ os olhos: embargados todos os movimentos: o coraçaõ extatico por algum tempo, e ſem que o ſentiſſe pulſar o peito: arriçado o cabello com o ſuſto; e o que antes ondeava manſamente pelas coſtas ſe encreſpou confuſo, deſordenado, e retorcido para cima, fugindo daquelle aſſombro, como ſerpente, que ſe enroſca, enfurecida, ou aſſuſtada; ficando muito tempo naquella natural acçaõ, em que o apanhou o horror de taõ eſpantoſa novidade. =

He tambem admiravel a *Hypotypoſi* de Virgilio na deſcripçaõ da fragoa de Vulcano, e a de Ovidio na da caſa do ſomno, para onde envio os meus Leitores em quanto lhes dou outra *Hypotypoſi* do noſſo Camoens:

Nas fragoas immortaes, onde forjavaõ
As pontas para as ſettas penetrantes,
Por lenha coraçoens ardendo eſtavaõ,
Vivas entranhas, inda palpitantes:
As agoas, onde os ferros temperavaõ,
Lagrimas ſaõ de miſeros amantes,
A viva flamma, e nunca morto lume,
Deſejo he ſó, que queima, e naõ conſume.

§.

A *Proſopopea* nos dá o atrevimento para introduzirmos a fallar os eſpiritos, os defuntos, os auzentes, e ainda as Provincias, as Cidades, as eſtatuas, os montes, as arvores, &c.

Deſta

Deſta ſorte falla Roma a Catilina em huma das Oraçoens de Cicero:

= Há muitos annos que naõ tem havido deſordem, que tu a naõ moveſſes: ſem ti ſe naõ tem cõmettido algum delicto grave, e affrontoſo.... Tu naõ ſó tiveſte ouſadia para deſprezar as Leis, e os Juizos publicos, mas para pervertê-los, e arruiná-los. Eſtas acçoens taõ odioſas, e que naõ deveraõ ſer toleradas, eu as ſoffri, como pude &c. =

Lucano deo tambem vozes á meſma Roma apparecendo a Ceſar na paſſagem do Rubicon; e o noſſo Camoens ao Ganges, e ao Indo, quando appareceraõ em ſonhos ao Rei D. Manoel.

Naõ deixa tambem de ſer *Proſopopea* quando fingimos algum intrinſeco movimento, e operaçoens racionaes, e ſenſitivas nas couſas inanimadas, e tal he a do Pſalmo 113:

= *Mare vidit, & fugit: Jordanis converſus eſt retrorſum: montes exultaverunt ut arietes, & colles, ſicut agni ovium. Quid eſt tibi mare quod fugiſti? Et tu Jordanis quia converſus es retrorſum?* =

§.

CHama-ſe *Ethopea* á deſcripçaõ dos coſtumes, dos deſejos, das acçoens, do engenho, ou da indole de qualquer peſſoa. Deſta figura uſou Saluſtio, fallando de Catilina:

= Lucio Catilina foi de geraçaõ illuſtre, e de huma grande robuſtez, aſſim no corpo, como no animo; porèm de hum nocivo, e depravado engenho. Deſde a ſua Adoleſcencia lhe foraõ agradaveis as guerras inteſtinas, as diſcordias civîs, as mortandades, os roubos, e em todos eſtes eſcandalos he que exercitou a ſua mocidade. Parece incrivel o quanto coſtumou

mou o corpo ao ſoffrimento da fome, do frio, e das vigilias. Era de hum animo aſtuto, e atrevido, deſmentindo, com falſas cores, as ſuas idéas no geſto, e no ſemblante. Foi cubiçoſo do alheio, e do ſeu, prodigo: ardia nas laſcivias, e tinha muito de eloquente, e pouco de ſabio. A vaſtidaõ do ſeu eſpirito ſempre o fazia aſpirar aos projectos mais altos, immoderados, e talvez incriveis &c. =

Huma das melhores *Ethopeas*, que tenho encontrado, he a do caracter de Motezuma por Antonio Solis; ainda que diffuſa, naõ me atrevo a omittî-la: = Foi Motezuma Principe de raros dotes naturaes: de agradavel, e mageſtoſa preſença, de claro, e perſpicaz entendimento, falto de cultura, mas inclinado á ſubſtancia das couſas. O ſeu valor o fez melhor entre os ſeus: antes, e depois de chegar á Coroa, lhe deo entre os eſtrangeiros a opiniaõ mais veneravel dos Reis: tinha o genio, e inclinaçaõ militar: entendia as artes da guerra, e quando chegava o caſo de tomar as armas, era o exercito a ſua Corte: Ganhou pela ſua peſſoa, e direcçaõ nove batalhas campaes: Conquiſtou differentes Provincias, e dilatou os limites do ſeu Imperio, deixando os reſplandores do Solio pelos applauſos da campanha, e tendo por melhor Sceptro o que ſe forma do baſtâõ. Foi naturalmente dadivoſo, e liberal: fazia grandes mercès, ſem genero de oſtentaçaõ; tratando as dadivas, como dividas, e pondo a magnificencia entre os officios da Mageſtade. Amava a juſtiça, e zelava a ſua adminiſtraçaõ nos Miniſtros, com rigida ſeveridade: era continente nas ordens da gula, e moderado nos incentivos da ſenſualidade.

Porèm eſtas virtudes, tanto de homem como de Rei, ſe desluziaõ, ou apagavaõ com maiores vicios de Rei, e de homem. A ſua continencia o fazia

mais

mais vicioſo, que temperado, pois ſe introduzio no ſeu tempo o tributo das concubinas, naſcendo a formoſura em todo o ſeu Reino eſcrava das ſuas moderaçoens, deſordenando o antojo, ſem achar deſculpa no appetite. A ſua juſtiça tocava no extremo contrario, e chegou a equivocar-ſe com a ſua crueldade, porque tratava, como vinganças, os caſtigos, executando muitas vezes a ira, o que pudera fazer a razaõ. A ſua liberalidade occaſionou maiores damnos, do que produzio beneficios, porque chegou a carregar os ſeus Reinos de impoſiçoens intolleraveis, e ſe convertia nas ſuas profuſoens, e deſperdicios o fructo aborrecivel da ſua iniquidade.

Naõ daya meio, nem admittia diſtinçaõ entre a eſcravidaõ, e a vaſſallagem, e achando politica na oppreſſaõ dos ſeus vaſſallos, ſe agradava mais do ſeu temor, que da ſua paciencia: Foi a ſoberba o ſeu vicio capital, e dominante: jurava pelos ſeus merecimentos, quando encarecia a ſua fortuna; e julgava de ſi melhor, que dos ſeus Deoſes; ainda que foi ſummamente dado á ſuperſtiçaõ da ſua idolatria; e o demonio chegou a favorecê lo, com frequentes viſitas, cuja malignidade tem ſuas practicas, e viſoens, para os que chegaõ a certo gráo no caminho da perdiçaõ. =

Há outra *Ethopea*, que ſe chama *imperfeita*, a que os Gregos deraõ o nome de *Proſopographia*, que he quando ſe deſcrevem as partes naturaes, e accidentaes do corpo, como eſta de Franciſco Vavaſſor expondo as feiçoens de Socrates:

= Socrates naõ foi deſſemelhante a Eſopo na deformidade do corpo; porque tinha os narizes rombos, os olhos virados, a cabeça calva, o ventre inchado, as pernas tortas, e por eſta razaõ dizia Alcibiades, que elle naõ ſe diſtinguia dos Satyros. =

O noſſo

O noſſo Camoens tem huma excellente *Proſopographia* pintando-nos o Gigante Adamaſtor:

Naõ acabava, quando huma figura
Se nos moſtra no ar robuſta, e válida,
De diſforme, e grandiſſima eſtatura,
O roſto carregado, a barba eſqúalida:
Os olhos encovados, e a poſtura
Medonha, e má, a cor terrena, e pallida,
Cheios de terra, e creſpos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Quando a *Ethopea* ſe ajúnta com a *Proſopographia* faz ainda mais elegante, e viva a deſcripçaõ: temos hum exemplo em Cicero dando a conhecer a Calphurnio em huma carta, que eſcreveo a Attico; porèm eu deixo eſte lugar por trazer outro de Manoel de Faria caracterizando o noſſo famoſo Viriato.

= Era Viriato no deliniamento do corpo, grande, membros avultados, cabellos creſpos (ſignal de fortaleza) ſobrancelhas cahidas, geſto terrivel, nariz curvo, e naõ pequeno, com proporçaõ ao roſto. No animo, prudente, modeſto, liberal, de engenho prompto, de invençaõ copioſo. Do trato da ſua peſſoa, jamais ſe inferio grandeza, ou ſuperioridade: mais, que nelle, havia que ver em qualquer ſoldado ſeu. Da ſua prudencia vigilante, ou da ſua vigilancia prudente, nunca deixaraõ de inferir-ſe proſperiſſimos ſucceſſos. Dos deſpojos lhe ficava ſómente a gloria de vê-los aos ſeus pés, ſem os fazer dignos das ſuas maõs; prezava-ſe de conſeguî-los, e conſeguidos, de deſprezá-los. Dormia armado ſobre a terra nua; ſervia-lhe de reclinatorio o pavez, e o morriaõ de cabeceira: taixava o ſomno, com avareza, a vigilancia: Pouco era logo, com tanto Varaõ, tanta victoria. =

§.

USamos da *Antitheſi*, quando contrapomos as palavras ás palavras, ou as ſentenças ás ſentenças: Cicero ſe aproveitou deſta figura, comparando a Marcello, que conquiſtou a Sicilia, com Verres, que a deſpojou:

= Conferî eſta paz com aquella guerra: a chegada deſte Pretor, com a victoria daquelle Imperador: as impuras cohortes de hum, com o invicto exercito do outro: Direis que o Reino de Sicilia foi edificado por aquelle, que o captivou, e foi captivo por eſte, que o recebeo edificado. =

Naõ ſe eſqueceo o Padre Vieira deſta figura no Sermaõ decimo terceiro do ſegundo Tomo.

= Abraham merecia muito, Iſaac naõ merecia nada; porque Abraham caminhava com ſciencia, e Iſaac com ignorancia: Abraham ao ſacrificio ſabido, e Iſaac ao ſacrificio ignorado &c. =

He digna deſte lugar a *Antitheſi* de Ovidio:

Frigida pugnabant calidis, humentia, ſiccis,
Mollia, cum duris, ſine pondere, habentia pondus.

E Marcial com a ſua coſtumada agudeza, e galanteria:

Difficilis, facilis, jucundus, acerbus es idem:
Nec tecum poſſum vivere, nec ſine te.

Ficará a *Antitheſi* mais engenhoſa, quando a ſentença parece que ſe contradiz a ſi meſma, como por exemplo: *Naõ come para que viva, mas vive para que coma*: Ou tambem: *Em quanto imaginas o que hás de fazer, naõ fazes o que tens imaginado*:

nado : E neſte ſentido diſſe o Seneca tragico : *Miſer ex potente fiat , ex miſero potens.*

Ficará mais bella a *Antitheſi* ſe ao meſmo tempo ſe contrapuzerem as palavras , e as ſentenças , como neſte verſo de Virgilio :

Alba liguſtra cadunt , vaccinia nigra leguntur.

Porèm deve uſar-ſe deſta figura com muita moderaçaõ , por naõ cahir no defeito de que accuſaõ a Seneca , nem no daquelle Orador , de quem diſſe Perſio :

——————— *Criminis raſis*
Librat in antitheſis . ———————

§.

A *Epiphonema* he huma exclamaçaõ ſentencioſa, com que ſe fecha a narraçaõ de algum ſucceſſo inſigne , ou materia admiravel : Cicero no livro de *Senectute* :

= Todos deſejaõ a velhice para conſeguirem os ſeus deſejos , e accuſaõ-na , depois de conſeguida : Tanta he a inconſtancia , a loucura , e a perverſidade ! =

Virgilio , depois de narrar os trabalhos da armada Troiana :

Tantæ molis erat Romanam condere gentem !

E tambem he ſeu aquelle :

——————— *Tantæ ne animis cœleſtibus iræ !*

E ſeu tambem o outro :

——— *Quid non mortalia pectora cogis*
Auri ſacra fames ! ———

E eſte tambem :

——— *En queis conſevimus agros?*

Lucrecio no ſacrificio de Ephigenia :

Tantum religio potuit ſuadere malorum !

E o noſſo Camoens :

Tanta veneraçaõ aos Pais ſe deve !

§.

A *Apoſtrophe* he quando nos tiramos do fio da Oraçaõ, e nos viramos para alguem por dizer-lhe alguma couſa de grande ponderaçaõ : Cicero pro Milone :

= Por vós, por vós he que chamo, ó fortiſſimos Varoens, que tendes derramado tanto ſangue em defenſa da Republica : Por vós he que chamo, ó Centurioens, por vós, ó ſoldados no preſente perigo de hum Cidadaõ invicto : Por ventura ſerá expulſado deſta Cidade tanto valor, como o de Milon, naõ ſó á voſſa viſta, mas eſtando vós armados, e preſidindo a eſte Juizo ? =

He mui conforme ao eſpirito do Padre Vieira a *Apoſtrophe*, com que ſe vira no Prologomeno á Hiſtoria do Futuro para Philippe IV. de Caſtella :

= Ouvi, Senhor, a voz de hum eſtrangeiro, deſin-

deſintereſſado vaſſallo, que foi ja voſſo por ſujeiçaõ, e hoje he tambem voſſo (poſto que naõ vaſſallo) por affecto.

Ouvi a vóz de hum homem, que nem das felicidades de Portugal eſpera, nem das voſſas teme; porque vive fóra da juriſdiçaõ da fortuna: por eſtado muito abaixo da ſua roda, e por coraçaõ muito acima della. =

Camoens no quarto das Luſiadas tem a meſma figura:

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vósoutros dos antigos,
Que contra voſſas patrias, com profano
Coraçaõ, vos fizeſteis inimigos:
Se lá no Reino eſcuro de Summano
Receberdes graviſſimos caſtigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Naõ ſó ſe chamaõ os homens nos *Apoſtrophes*, mas tambem as Deidades: Cicero na primeira Oraçaõ contra Catilina:

= O' Jupiter, que foſte conſtituido por Romulo com os meſmos auſpicios, com que o foi eſta Cidade: tu, a quem verdadeiramente intitulamos o ſeu defenſor, e o deſte Imperio, ſerá poſſivel que naõ apartes os olhos de Catilina, e aos ſeus companheiros das tuas aras, e dos outros templos, dos ſeus edificios, dos ſeus muros, da vida, e da fortuna dos ſeus Cidadaons? =

Eſtende-ſe o *Apoſtrophe* aos defuntos, como na Oraçaõ de Germanico, dada por Cornelio Tacito, que vem quaſi no principio dos ſeus Annaes:

= O' alma do divino Auguſto, recebida nas eſ-

pheras: O' imagem de Druſo meu Pai, e Senhor, fazei que a voſſa memoria lave a macula, que puzeraõ eſtes Soldados nos ſeus coraçoens.=

E ainda ás couſas inanimadas. Cicero pro Milone:

= A vós he que imploro, e obteſto, ó outeiros de Albania: A vós, ó aras deſtruidas pelos meſmos Albanos, que ſois companheiras, e coetaneas nos ſacrificios do Povo Romano. =

Ainda que eu tenho dito que ſe uſa de *Apoſtrophe* pelo meio da Oraçaõ, naõ deixa alguma vez de praticar-ſe no principio do Exordio: aſſim o fez o meſmo Cicero em huma das Oraçoens contra Catilina:

= Até quando finalmente, ó Catilina, hás de abuſar da noſſa paciencia? =

§.

O *Emphaſe* ſe conſegue quando ſe diz mais, do que as palavras ſoaõ: Auguſto nos dá o exemplo, com eſta carta, que eſcreveo a Druſo, que ſe achava Proconſul na Eſclavonia:

= Pois que eſtais no Illirico, lembrai-vos que ſois dos Ceſares: que vos mandou o Senado: Que ſois moço: meu ſobrinho, e Cidadaõ Romano. =

§.

A *Hyperbole* ſe faz pela augmentaçaõ, ou diminuiçaõ, encarecendo, o que pertendemos exaggerar, ou anniquilando o que pertendemos diminuir, com tanto, que naõ exceda os limites da veriſemelhança. He bom exemplo o de Virgilio para exprimir a grande velocidade de Camilla:

Illa,

Illa, vel intactæ ſegetis per ſumma volaret
Gramina, nec teneras curſu læſiſſet ariſtas,
Vel mare per medium fluctu ſuſpenſa tumenti
Ferret iter, celeres nec tingeret æquore plantas.

Jacinto Freire de Andrada na vida de D. Joaõ de Caſtro:

= Que temos que receàr deſte Imperio de loucos, que, com hum braço na Aſia, outro no Occidente, querem abarcar o Mundo: hyperbole que ſahio da Sagrada Eſcriptura: *Et poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram*; aonde tambem ſe acha eſte:

= *Tu Rex magnificatus es, & invaluiſti, & magnitudo tua pervenit uſque ad Cœlum, & poteſtas tua uſque ad terminos univerſæ terræ.* =

O noſſo Camoens no ſexto das Luſiadas:

Agora ſobre as nuvens os ſubiaõ
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que deſciaõ
A's intimas entranbas do Profundo.

O Abbade de Sambade Manoel Moreira de Souſa no Prometheu, deſcrevendo o Caucaſo:

Tan alto, que deſpues de haver hollado
Las Provincias del ayre, nadie entiende,
Si es, entre Cielo, y tierra equivocado,
Orbe, que ſube, ó eſfera, que deſciende.

As *Hyperboles* naõ ſó ſaõ muito frequentes nos Oradores, e Poetas, mas tambem nos Pintores: *Hiperbole* foi o de Thimantes quando pintou dous Sátyros a medirem com hum thyrſo o dedo de Polyphemo.

phemo. De Zeuzis diſſe Quintiliano, que naõ tinha raſgo, que naõ foſſe *hyperbolico*.

Alguns accuſaõ de inveriſimil a *hyperbole* de Homero quando fingio que Polyphemo atirara a Ulyſſes, com hum penhaſco, em que hiaõ as ovelhas, que andavaõ nelle paſtando.

Da meſma ſorte he accuſado Virgilio de repreſentar o meſmo Gigante no meio do mar, aonde as ondas lhe naõ chegavaõ aos joelhos.

Deſta eſpecie he o de Eſtacio quando nos diz no quinto da ſua Thebaida, que a ſombra do monte Athos chegava até a Ilha de Lemnos; e o de Lourenço Graciano dizendo, que em huma pequena parte do coraçaõ de Alexandre cabia folgadamente o Mundo, deixando lugar para outros muitos.

Eſtas ſaõ as figuras ſentencioſas, vamos agora aos *Tropos*, de que os Rhetoricos tem formado dez eſpecies, que ſaõ:

Metaphora	Antonomaſia
Allegoria	Syllepſis
Metonymia	Ironia
Metalepſis	Antiphraſis
Synedoche	Sarcaſmo.

§.

A *Metaphora* he quando ſe leva o *verbo*, o *nome*; ou o *adverbio* para outra ſignificaçaõ, alheia da ſua, pela força da ſemelhança; e aſſim dizemos, ou por atrevimento, ou por elegancia que

= Os prados riem, que as fontes choraõ, ou murmuraõ, que o tempo corre, que a idade ſe murcha, ou florece, que deſmaia a eſperança, que a fama ſe eſcurece &c.

E com

E com a meſma figura chamamos neve á brancura do Ciſne, balança á juſtiça, rio á eloquencia &c.

Eſta he a elegancia mais frequente, e a mais ampla, que tem a *Rhetorica*; porque tranſcende a tudo o que ſe conhece deſde o Empyreo até o Abyſmo; e ſaõ as origens das *Metaphoras* taõ dilatadas, que ſe naõ podem reduzir a numero.

Humas ſaõ ſimplez, outras engenhoſas: A ſimplez he quando naõ paſſa o diſcurſo do primeiro objecto. Se diſſermos que o *Ciſne he huma neve vivente*, naõ faremos outro diſcurſo, que o de comparar, ou aſſemelhar a neve á brancura do Ciſne; porém ſe diſſermos, com Virgilio, que os dous Scipioens foraõ dous raios da guerra, naõ ſó ſe nos reprezenta, com eſta ſemelhança, a condiçaõ do raio, e do guerreiro, naõ ſó a violencia, com que ſe movem, mas os eſtragos, que executaõ; e a eſte genero de *Metáphoras* he que chamaõ engenhoſas os Oradores.

Tal foi tambem a de Ariſtoteles quando diſſe: *Sol lucem diſſeminat.* Tal a do Padre Vieira fallando de Luthero, e de Calvino: *Eraõ duas ſerpentes venenoſas: eraõ dous lobos do rebanho de Chriſto.*

Porèm ſendo a *Metaphora* de tanta extenſaõ, e frequencia, ſe póde fazer vicioſa por tres principios:

Pela *humildade*, pela *vileza*, pela demaſiada *ouſadia*: *A humilde* he a que condenou Tullio, e Quintiliano no que chamou aos penhaſcos: *Verrugas do Mundo.* Horacio reprehende tambem a M. Furio Bibaculo por dizer que *a neve dos Alpes era a ſaliva de Jupiter.*

A *vil* he como a que chamou a Glaucia: *Eſterco da Curia*; e he reprovada a de Tertuliano por chamar ao Diluvio: *Barrella univerſal da Natureza.*

A *atrevida* he ſemelhante á de Cicero quando diſſe

diſſe, *que depois da morte de Cataõ ficara pupillo o Senado.* Há com tudo atrevimentos, que naõ ſe permittem aos Oradores, e ſe concedem aos Poetas, e por iſſo ſe naõ condena Horacio, quando ſe atreveo a dizer: *Per Siculas equitavit undas*: ſe bem que ainda entre os Poetas há ouſadias, que ſe naõ conſentem; como a do Botelho no Alfonſo:

A gritos de eſplendor ſordos los ojos.

§.

A *Allegoria* he huma ſimultanea continuaçaõ de *Metaphoras*, como eſta de Cicero:

= Nem fui taõ timido, que tendo governado a náo da Republica nas maiores tormentas, e trazendo-a a ſalvamento, me amedrentaſſe a pequena nuvem do teu ſemblante, com o contaminado animo do teu Collega: Eu vi outros ventos; eu conheci animoſamente outras tormentas, e naõ me deſanimei nas tempeſtades imminentes, antes eu ſó me ſacrifiquei pela ſalvaçaõ de todos. =

Eis-aqui outra do Padre Vieira:

= Alli, onde chega o prezente, e começa o futuro, era atégora o Cabo de *Naõ*. Naõ havia hiſtoriador, que dalli paſſaſſe hum ponto com a narraçaõ dos ſucceſſos da ſua hiſtoria: naõ havia Chronologico, que dalli adiantaſſe hum momento a conta dos ſeus annos, e dias: naõ havia penſamento, que ainda com a imaginaçaõ (que a tudo ſe atreve) deſſe hum paſſo ſeguro mais adiante naquelle taõ deſuſado caminho. O que confuſamente ſe reprezentava adiante, e ao longo deſte Cabo era a carranca medonha, e temeroſiſſimo Bojador do futuro; coberto todo de nevoas, de ſombras, de nuvens eſpeſſas, de eſcuridade,

dade, de cegueira, de medos, de horrores, de impoſſiveis. Mas ſe agora virmos desfeitas eſtas nevoas, deſvanecido eſte eſcuro, facilitada eſta paſſagem, dobrado eſte Cabo, ſondado eſte fundo, e navegavel, e navegada a immenſidade de mares, que depois delle ſe ſeguem, e iſto por hum Piloto de taõ pouco nome, e em huma taõ pequena barquinha, como a do noſſo limitado talento, demos os louvores a Deos, e ás diſpoſiçoens da ſua Providencia, e entendamos que ſe paſſou o Cabo, porque chegou a hora. =

Para os Poetas, a melhor *Allegoria* he a de Horacio na Ode da Guerra Civil, do livro primeiro:

O' navis referente in mare te novi
Fluctus: O' quid agis? fortiter occupa
Portum: nonne vides, ut
Nudum remigio latus
Et malus celeri ſaucius Africo
Antennæque gemant? ac ſine funibus
Vix durare carinæ
Poſſint imperioſius
Æquor? non tibi ſunt integra lintea
&c.

Pela náo, ſe entende a Republica, as ondas pela guerra civil, o porto pela paz, os remos pelos ſoldados, os marinheiros pelos Magiſtrados, os maſtros pelos Capitaens &c.

Naõ deve ficar em ſilencio a *Allegoria* daquelle Dialogo entre os Francezes, Heſpanhoes, e Italianos na occaſiaõ em que ſubio ao Pontificado Urbano VIII., que por ſer da Caſa Barbarina eraõ as abelhas o brazaõ das ſuas armas.

Gal-

Gallus.

Gallis mella dabunt: Hiſpanis ſpicula figent.

Hiſpanus.

Spicula ſi figant, emoriuntur apes.

Italus.

Mella dabunt cunctis: nulli ſua ſpicula figent;
Spicula nam Princeps figere neſcit apum.

Parece-me que o meu Leitor ſe naõ deſgoſtará, de que eu lhe dê a traduçaõ.

Francez.

Mel aos Francezes darâõ
as abelhas Barbarinas,
e aos Heſpanhoes o ferraõ.

Heſpanhol.

Se ellas forem taõ ferinas,
que o ferraõ queiraõ metter,
Certamente haõ de morrer.

Italiano.

O mel a todos lhe vem,
a nenhum a ponta deſtra;
porque em fim a abelha meſtra
naõ ſabe ferir alguem.

A mais engenhoſa, e elegante *Allegoria* he a daquelle dyſticho de hum Governador de huma Praça do Imperio, ao qual convidou hum Rei Francez com huma grande promeſſa para que lha entregaſſe: Chamava-ſe Petra ao Governador, e reſpondeo por eſte modo:

Sum

Sum petra; *petroſo non creſcunt* lilia *fundo*:
In petris aquilæ *nidificare ſolent.*

De que eu tambem fiz a traduçaõ ſeguinte:

Sou pedra; *e nunca em caminho*
taõ duro os lirios tem medra:
as aguias he que na pedra
coſtumaõ fazer o ninho.

§.

A *Metonymia*, que tambem ſe chama *Hypallage*, ou *Tranſnominaçaõ*, he quaſi taõ vaſta, como a *Metaphora*, e naõ menos frequente: Por quatro modos principaes he que della ſe uſa:

Primeiro, quando a cauſa ſe põem em lugar do effeito, ou o Author em lugar da obra, que faz, e o Inventor da que inventa. Daqui vem o tomarmos Marte pela guerra, Vulcano pelo fogo, Diana pela caſtidade, Mercurio pela eloquencia: com eſta figura diſſe Chriſto: *Habent Moyſen*, *& Prophetas*, tomando os Prophetas, e a Moyſés pelos ſeus livros.

Virgilio tomou Baccho pelas vinhas: *Bacchus amat colles*; e a Ucalegon pela ſua caſa: *Jam proximus ardet Ucalegon.*

O ſegundo modo he quando ſe tomaõ os effeitos pelas cauſas: o meſmo Poeta tomou a traiçaõ de Sinon pelo meſmo traidor.

Accipe Danaum inſidias, *& crimine ab uno*
Diſce omnes. ——————————

Ou quando ſe attribue ás cauſas o que he proprio dos effeitos. Horacio attribuio á morte a cor, que

que ella produz nos defuntos : *Pallida mors æquo pulſat pede* :

Virgilio deo a meſma cor ás doenças ; e a triſteza á velhice :

Pallenteſque habitant morbi, triſtiſque ſenectus.

O terceiro modo he quando ſe toma a couſa, que comprehende pela comprehendida : Toma-ſe Roma pelos Romanos, o Ceo por Deos, e a Terra pelos homens.

O quarto modo he quando ſe tomaõ as inſignias pelo meſmo, que ellas indicaõ : tomaõ-ſe as armas pela guerra, e as togas pela paz.

§.

ESpecie de *Metonymia* he a *Metalepſis*, pois com ella tranſpomos huma dicçaõ daquelle ſignificado, que ella devia ter, ſegundo as antecedencias, para outro que naõ tinha. Aſſim o fez Virgilio quando ſignificou pelas eſpigas os Eſtios, e pelos Eſtios os annos :

Poſt aliquot (mea regna) videns mirabor ariſtas.

§.

A *Synedoche* tambem ſe executa por quatro modos : Primeiro, quando ſe toma a parte pelo todo, como a ponta da eſpada pela meſma eſpada : Ovidio : *Jugulum mucrone reſolvit* : ou a quilha pela náo : Virgilio :

Non anni domuere decem, non mille carinæ.

O Ab-

O Abbade de Sambade na Carta de Affonſo de Albuquerque ao Rei D. Manoel:

Já do indignado Oceano
as rompentes quilhas *voſſas*
tinhaõ, mais que dividido,
eſcandalizado as ondas.

Por eſte meſmo modo ſe toma a vida, ou a alma do homem pelo meſmo homem: Cicero nas ſuas Epiſtolas: *Vos meæ chariſſimæ animæ ſæpiſſimè ad me ſcribite &c.*

E aqui pertence tambem a vulgar licença de ſe tomar hum por muitos, como fez Virgilio: *Hoſtis habet muros*, ou muitos por hum, como Cicero: *Nos populo impoſuimus, & Oratores viſi ſumus*; e Ovidio:

Nos fragili ligno vaſtum ſulcavimus æquor.

O ſegundo modo he quando tomamos o todo pela parte: como o meſmo Virgilio, que tomou o anno pela eſtaçaõ do Inverno:

Quam multæ glomerantur aves, ubi frigidus annus
Trans pontum fugat.

O terceiro modo he quando recebemos a couſa pela materia de que ella foi feita, aſſim como o ferro pela eſpada: Cicero na Tuſcul. primeira: *In ſervorum ferrum, & manus incidiſſe*: Ou o pinho pela náo. Valerio Flacco: *Volat immiſſis cava pinus habenis.*

O quarto modo he quando entendemos a eſpecie pelo genero: Juvenal:

Qui

Qui curios ſimulant, & bacchanalia vivunt.

Ou o genero pela eſpecie, como Virgilio:

——— *Prædamque ex unguibus ales*
Projicit fluvio ———

§.

A *Antonomaſia* he huma eſpecie da *Synedoche*; pois, com ella, em lugar do proprio nome, louvamos, ou vituperamos, com outro. Para louvar a Cicero lhe chamamos o *Principe dos Oradores*; e elle para vituperar a Clodio, lhe chama a *furia*, e *a peſte da Republica.*

Deſta figura ſe uſa por tres modos: Primeiro, quando a deduzimos do animo; como Virgilio chamando a Eneas: *Magnanimus Anchiſiades.* Segundo, quando a tiramos do corpo, ſignificando pelo gigante, a Polyphemo: Terceiro, por hum caracter extrinſeco, como fez o meſmo Poeta fallando do menino Troilo:

Infeliz puer, atque impar congreſſus Achilli.

§.

A *Syllepſis* tambem he outra eſpecie de *Synedoche*, pois com ella accommodamos hum verbo a duas ſentenças diverſas: o meſmo Virgilio: *Sociis, & Rege recepto.* E na Ecloga primeira:

——— *Sunt nobis mitia poma,*
Caſtaneæ molles, & preſſi copia lactis.

A *Ironia*

§.

A *Ironia* he dizermos o contrario do que as palavras ſignificaõ, por iſſo lhe chama Quintiliano *practica contraria*, *diſſimulada*, *e illuſiva*: eſta figura ſe percebe algumas vezes pelo objecto, a que ſe applicaõ as palavras, ou pelo geſto, com que ſe intimaõ, ou pelo modo, com que ſe faz a pronunciaçaõ; porèm como iſto ſó os olhos, e os ouvidos o percebem, naõ poſſo dizer ſenaõ da *Ironia*, que ſe faz com as vozes.

Aborrecendo Cicero mortalmente a Clodio, falla da ſua morte por eſte modo na Oraçaõ pro Milone.

= Chora o Senado, entriſtece-ſe a Ordem Equeſtre, toda a Cidade eſtá contaminada com o luto, os municipios ſe achaõ incultos, eſtaõ afflictas as Colonias, e finalmente os meſmos campos ſuſpiraõ por hum taõ benigno, taõ ſingular, e taõ pacifico Cidadaõ. =

Mais atrevido, e naõ menos ironico eſtá o Padre Vieira naquelle inimitavel Sermaõ, recitado no Templo da Senhora da Ajuda: Aſſim, fallando com Deos.

= Abrazai, deſtruî, conſumi-nos a todos; mas póde ſer que algum dia queirais os Heſpanhoes, e Portuguezes, e que os naõ acheis. Hollanda vos dará os Apoſtolicos conquiſtadores, que levem pelo Mundo os Eſtandartes da Cruz: Hollanda vos dará os Prégadores Evangelicos, que ſemeiem nas terras dos Barbaros a doutrina Catholica, e a reguem com o proprio ſangue: Hollanda defenderá a verdade dos voſſos Sacramentos, e a authoridade da Igreja Romana: Hollanda edificará Templos: Hollanda levantará Altares: Hollanda conſagrará Sacerdotes, e offerecerá o Sacrificio do voſſo Santiſſimo Corpo: Hol-

landa em fim vos ſervirá, e venerará taõ religioſamente, como em Amſterdam, Meldeburg, e Fliſſinga, e em todas as outras Colonias daquelle frio, e alagado Inferno ſe eſtá fazendo todos os dias. =

Até o meſmo Deos uſou da *Ironia* no peccado do primeiro homem:

= *Ecce Adam quaſi unus ex nobis factus eſt, ſciens bonum, & malum.* =

§.

MUito ſemelhante á *Ironia* he a *Antiphraſis*, e ſó differe, em que eſta he *Ironia*, com huma ſó palavra, e aquella com muitas. Com ella ſe chamaraõ *Parcas à parcendo* ás tres crueliſſimas Irmaãs; e *Eumenides* ás furias Infernaes, ſendo que *Eumenides* quer dizer *benevolencia*; com a meſma figura ſe chamou *bellum* á guerra.

§.

O *Sarcaſmo* he outra eſpecie de *Ironia*, e ſó com a differença de conter maior acerbidade, e deſprezo. Com elle inſultavaõ os Judeos a Chriſto na Cruz.

= *Vah! qui deſtruis templum Dei, & in triduo illud reædificas: Salva temetipſum: ſi Filius Dei es, deſcende de Cruce.... alios ſalvos fecit, ſeipſum non poteſt ſalvum facere.* =

§.

EStes ſaõ os *Tropos*; ſeguem-ſe as figuras, que ſe chamaõ Verbaes, de que humas ſe fazem pelo *augmento*, outras pela *diminuiçaõ*, e outras pela *ſemelhança*.

melhança. Eis-aqui as que pertencem ao augmento:

Repetiçaõ	Converſaõ
Anadiploſis	Complexaõ
Epanalepſis	Scheſis
Conduplicaçaõ	Onomaton
Gradaçaõ	Paromeon
Synonymia	Traduçaõ
Hypozeuxis	Polyſyntheton.

§.

A *Repetiçaõ*, ou *Anaphora*, como lhe chamaõ os Gregos, he quando a meſma palavra ſe repete muitas vezes no principio de cada membro do periodo: Cicero na primeira contra Catilina:

= Nada te moveo o nocturno preſidio de Palacio? Nada as vigias da Cidade? Nada o temor do Povo? Nada a permiſſaõ de todos os bons Cidadaons? Nada eſte lugar taõ defendido, aonde ſe ajunta o Senado? Nada as linguas, e o ſemblante dos Senadores? =

David no Pſalmo 28: *Vox Domini in virtute*: *Vox Domini in magnificentia*: *Vox Domini confrigentis cedros.*

§.

A *Anadiploſis* ſe conſegue quando ſe acaba o periodo com huma dicçaõ, e ſe principia outro com a meſma. Eſte he o exemplo:

Urbs Hetruſca ſolo ſequitur pulcherrimus Aſtur: *Aſtur equo fidens, & verſicoloribus armis.*

§.

A *Converſaõ* he contraria á *Repetiçaõ*, pois eſta principia, e aquella acaba muitas vezes com o meſmo vocabulo. Cicero contra Antonio.

= Magoais-vos talvez, ó P. C. de tres exercitos deſtruidos? Pois deſtruio-os Antonio. Suſpirais pelos Clariſſimos Cidadaons? Pois eſtes tambem vo los tirou Antonio. Eſtá perdida a authoridade deſta Ordem? Pois perdeo-a Antonio. =

§.

A *Complexaõ* he hum laço, com que ſe ata a *Repetiçaõ*, e a *Converſaõ*, pois neſta figura ſe principiaõ muitas vezes os periodos com a meſma palavra, e ſe acabaõ da meſma ſorte com outra: o meſmo Cicero pro Lege Agraria:

= Quem he o Author deſta nova Lei? Rullo: Quem he o que pertende tirar o direito dos votos á maior parte do Povo Romano? Rullo: Quem he o que tem hum ſegredo prevenido, para naõ ſahirem das urnas ſenaõ os nomes dos Tribus, em que elle ſe confia? Rullo: Quem nomeará os Decemviros, conforme os ſeus intentos, e intereſſes? Rullo? Quem ſerá o primeiro deſtes Decemviros? He neceſſario que eu o pergunte? O meſmo Rullo. =

§.

AInda com a *Epanalepſis* ſe logra melhor eſta conreſpondencia; pois ſe principia, e ſe acaba com o meſmo vocabulo. O Padre Vieira na ja citada Oraçaõ das Exequias de D. Maria de Attaide:

= David paſmava de quaõ eſtreitamente lhe medio

dio Deos a vida : *Ecce menſurabiles poſuiſti dies meos* ; e viveo oitenta annos David : Jacob chamava aos ſeus dias poucos , e máos : *Dies peregrinationis meæ parvi , & mali* ; e viveo cento e quarenta annos Jacob : Job aſſombrava ſe da brevidade , com que ſe via caminhar á ſepultura : *Dies mei breviabuntur , & ſolum mihi ſupereſt ſepulchrum* ; e viveo duzentos e ſettenta annos Job. =

He tambem *Epanalepſis* a do Doutor Salazar , pedindo-lhe conſelho Philippe IV. de Caſtella ſobre a guerra de Portugal :

= Conſejo me pide vueſtra Mageſtad , y años há que vueſtra Mageſtad devia pedir conſejo. =

O Conde de Cerbelhon no *Retrato politico* de Affonſo VIII :

= Los Reys nacen exemplo , pero exemplo nò màs , que para otros Reys. =

Virgilio :

Ambo florentes ætatibus , Arcades ambo.

O meſmo Poeta em outra parte :

Multa ſuper Priamo rogitans , ſuper Hectore multa.

Naõ ſó ſe faz a *Epanalepſis* principiando , e acabando , com huma dicçaõ , mas tambem com duas : Permitta-ſe-me hum exemplo de Marcial , ainda que diffuſo ; porque naõ me lembra outro mais breve :

Rumpitur invidia , quidam , chariſſime Juli ,
Quod me Roma legit ; rumpitur invidia.
Rumpitur invidia quod turba ſemper in omni
Monſtramur digito ; rumpitur invidia.
Rumpitur invidia tribuit quod Cæſar uterque

Jus mihi natorum ; rumpitur invidia.
Rumpitur invidia quod rus mihi dulce ſub urbe,
Parvaque in urbe eſt domus ; rumpitur invidia.
Rumpitur invidia quod ſum jucundus amicis
Quod conviva frequens ; rumpitur invidia.
Rumpitur invidia quod amamur, quodque probamur
Rumpatur quiſquis rumpitur invidia.

§.

A *Conduplicaçaõ*, chamada *Epizeuxis* pelos Gregos, he quando repetimos juntos, ou hum, ou muitos vocabulos. O Padre Vieira:

= Agora, agora Oradores Evangelicos he o tempo de aproveitar da occaſiaõ. =

Virgilio:

——— *Nunc, nunc inſurgite remis*
Hectorei ſocii ———————————

O meſmo Poeta em outro lugar:

Me, me adſum, qui feci, in me convertite ferrum,
O' Rutuli: mea fraus omnis &c.

E ainda com mais força para exprimir a alegria de Achates chegando á viſta da Italia:

Italiam, Italiam, primus conclamat Achates ;
Italiam, læto ſocii clamore ſalutant.

§.

A *Gradaçaõ*, a que os Gregos chamaõ *Climax*, faz com que ſuba, ou deſça a Oraçaõ por huns certos

certos degráos: Confunde-ſe eſta figura com o argumento, a que chamamos *Sorites*, de que ja fizemos menção: Cicero a praticou, eſcrevendo a Attico:

= Se dormes, levanta-te: ſe te levantas, anda: ſe andas, corre: ſe corres, voa. =

Tertuliano nos dá outro exemplo no livro dos Eſpectaculos:

= A quem, ſem Deos, eſtá a verdade deſcoberta? A quem ſe deſcobre Deos, ſem Chriſto? Por quem foi Chriſto procurado, ſem o Eſpirito Santo? A quem ſe ajuntou o Eſpirito Santo, ſem o Sacramento da Fé? =

§.

USamos da *Synonymia*, quando ſe trata de alguma couſa grande, e amontoamos as palavras, ou as ſentenças para explicar o meſmo conceito.

Para as ſentenças Cicero na Oração pro Milone:

= Por ventura ſois vós ſómente os ignorantes? Sois eſtrangeiros em Roma? Eſtão, ſem attenção, os voſſos ouvidos? Não andão coſtumados ás practicas publicas da Cidade? =

Para as palavras, Saluſtio:

= *Maximis, ducibus, fortibus, ſtrenuique miniſtris.* =

E o Comico Plauto:

Quicunque ubique ſunt, qui fuere, quique futuri ſunt
Stulti, ſtolidi, fatui, fungi, blenni, buccones.
&c.

§.

A *Hypozeuxis* dá hum verbo a cada clauſula, como ſe póde notar neſtes verſos de Virgilio:

Regem adit, & Regi memorat, nomenque, genuſque
Quidve petat, quidve ipſe fuerat: Mezentius arma
Quæ ſibi conciliet, violentaque pectora Turni
Edocet, humanis quæ ſit fiducia rebus
Admonet, immiſcetque preces, haud ſit mora Tarchon
Jungit opes, fœduſque ferit.

§.

A *Scheſis Onomaton* dá hum epitheto a cada ſubſtantivo: com ella podemos dizer:

= A freſca Primavera, o ſecco Eſtio, o fecundo Outono, o eſteril Inverno. =

§.

COm a *Paromeon* principiamos diverſas dicçoens com a meſma letra; como neſte verſo:

O' Tite tuti tate tibi tanta tyranne tuliſti.

Ou neſte:

Machina multa minax minitatur maxima muris.

§.

NA *Traduçaõ*, ou *Polyptoton*, como a nomeaõ os Gregos, ſe variaõ os generos, ou os caſos, ou os modos, ou os tempos, com o meſmo vocabulo;

lo; e he o que fez Cicero na Oraçaõ pro Archia poeta:

= Cheios eſtaõ todos os livros, cheias as vozes dos ſabios, cheia a antiguidade de exemplos. =

Hum ſó nome, variado por diverſos caſos ſe acha nos verſos ſeguintes:

Cum vanitas ſit vanitatis filia,
Et vanitati vanitatem procreet,
O' vanitas, quid vanitate vanius?

A meſma *Traduçaõ* ſe acha neſte verſo á morte de Chriſto:

Mors, mortis, morti, mortem, mors, morte dediſti.

§.

A *Polyſyntheton*, ou *Polyſyndeton*, como outros lhe chamaõ, ſe conſegue, quando a Oraçaõ abunda de muitas conjunçoens. Virgilio:

——————— Athamaſque, Thoaſque,
Pelideſque Neoptolemus, primuſque Machaon.

E em outra parte:

Aſcaniumque, patremque meum juxtaque Creuſam.

Porèm rariſſimas vezes ſe póde uſar na noſſa lingua deſta figura, antes omittir as conjunçoens, ſerá maior elegancia, como praticou Jacinto Freire na vida de D. Joaõ de Caſtro,

Eſtas ſaõ as *figuras Verbaes*, que pertencem ao *augmento*, agora direi das que reſpeitaõ á *diminuiçaõ*, que ſe reduzem a ſeis:

Reti-

Reticencia verbal	Dyaſyrmos
Adjunçaõ verbal	Charientyſmos
Dijunçaõ verbal	Hyperbaton.

§.

A *Reticencia verbal* he quando ſe entende alguma palavra na Oraçaõ, que ſem ella ficaria imperfeita. Cicero contra Verres:

= Por ventura a eſte homem? Por ventura a eſte deſaforo? Por ventura a eſte atrevimento? =

Entende-ſe o verbo *ſoffreremos.*

Virgilio:

At verò Rutulis impar ea pugna videri
Jam dudùm, & vario miſceri pectora motu.

Ao infinitivo *videri*, ſe entende *cœpit*, e ao infinitivo *miſceri*, ſe entende *cœperunt.*

Na noſſa lingua temos outro exemplo, com a primeira quadra de hum Soneto, feito á morte do Marquez de Marialva:

Eſſe triumphador do adverſo fado,
Aſſumpto ao paſmo em partes dividido,
Amado pelas ſuas, *e temîdo,*
E nas quatro *do Mundo reſpeitado.*

§.

A *Adjunçaõ*, ou a *Zeugma*, ſegundo os Gregos, he quando a hum ſó verbo conreſpondem muitos ſubſtantivos: Cicero:

= A' laſcivia vence a vergonha, ao atrevimento o medo, á loucura a razaõ. =

Porèm

Porèm deſta figura há tres eſpecies, que ſaõ: *Protozeugma*, *Meſozeugma*, *Hypozeugma*.

A primeira he quando o verbo eſtá no principio da Oraçaõ, como neſſe lugar de Cicero. A ſegunda quando o verbo fica no meio, como no terceiro da Eneida.

Trojugena interpres Divûm, qui numina Phœbi,
Qui tripodas, clarii lauros, qui ſidera ſentis,
Et volucrum linguas, & præpetis omina pennæ.

A terceira he quando o verbo fica no fim da Oraçaõ; como ſe acha no meſmo Cicero:

= *Neque enim is es, Catilina, ut te, aut pudor, à turpitudine, aut metus à periculo, aut ratio à furore revocarit.* =

§.

A *Dijunçaõ*, ou *Diſſoluçaõ* verbal, chamada *Aſyntheton* pelos Gregos, ſe verifica, quando omittimos na Oraçaõ as particulas, e as conjunçoens: O meſmo Cicero:

= Eſtes deſejos das letras alimentaõ a mocidade, recreaõ a velhice, concedem o allivio, e o aſylo nas adverſidades, deleitaõ em caſa, naõ embaraçaõ fóra, pernoitaõ comnoſco, ſempre nos acompanhaõ, amaõ a ſoledade. =

§.

COm o *Dyaſyrmos* augmentamos as couſas pequenas, e diminuimos as grandes. Com eſta figura diſſe Cicero:

= Antes quero imitar a negligencia dos Catoens, que a prudencia dos Catilinas. =

O *Cha-*

§.

O *Charientyſmos* he quando explicamos as couſas mais acerbas com termos ſuaves: Os Romanos uſavaõ deſta figura, dizendo que viviaõ os que tinhaõ mandado matar, como ſuccedeo a Cicero quando mandou enforcar no carcere os companheiros de Catilina.

§.

UZa-ſe do *Hyperbaton* quando por mais elegancia alteramos a devida ordem, e collocaçaõ das palavras, como neſte exemplo de Cicero, referido por Quintiliano:

= *Animadverti, Judices, omnem accuſatoris Orationem in duas diviſam eſſe partes.* =

Pela ordem natural devia dizer: *Omnem orationem accuſatoris diviſam eſſe in duas partes*; e por attender ao numero do periodo he que alterou eſta diſpoſiçaõ: A maior parte dos verſos maiores de Luiz de Gongora eſtaõ produzidos, com eſta figura, o que ſe naõ deve imitar, porque álèm de eſtar nelles uſada, com grande atrevimento, e deſproporçaõ, no que conſiſtia algum dia a cultura Heſpanhola, he preciſo introduzî-la, com grande moderaçaõ, e neceſſidade.

§.

AS *figuras verbaes*, que tocaõ á ſemelhança, ſaõ tambem ſeis:

Paronomaſia	Prolepſis
Semelhante cadencia	Homeoſis
Semelhante decadencia	Metaſtaſis.

A *Paro-*

§.

A *Paronomaſia*, ou a *Annominaçaõ*, como outros lhe chamaõ, he quando as vozes quaſi ſemelhantes, ou conreſpondentes fazem diverſo ſentido daquelle, que ſe eſperava da ſua ſemelhança, ou conreſpondencia.

Executa-ſe por tres modos eſta figura: Primeiro pela alteraçaõ; como Seneca:

= *Nihil in Natura tam ſacrum, eſt, quod ſacrilegium non inveniat.* =

Como Tullio contra Antonio:

= *Cum in gremio mimarum mentum, & mentem deponeres.* =

Como Herodoto: *Quæ nocent, docent.*

Como S. Bernardo:

= *Hoc agant in Cellis, quod Angeli in Cœlis.* =

Ou como Marcial:

Qui modo ficus eras, jam caprificus eris.

Segundo pelo equivoco, como aquelle a Saturno, que comia os filhos: *Edit quos edit*: como o outro a hum ſoldado Eunuco: *Tela te decet, non tela*: Ou como o que ſe applicou a hum Orador, caçador de lebres:

= *Citiùs camporum lepores, quam oratorum lepores aſſequeris.* =

O terceiro por eco. *Inventus eſt niſi ventus*: *Nullum eſt diſcrimen, niſi crimen*: A hum rio deſpenhado: *Diruit, dum ruit*: Ceſar diſſe: *Quot inſectatores habuerat, habuit ſectatores*: Cicero: *Res mihi inviſæ, viſæ ſunt.* E em verſo diſſe tambem:

O' fortunatam natam, me conſule, Romam.

Tambem

Tambem na noſſa lingua temos algumas *Paronomaſias*: darei as que me lembrarem do Padre Vieira:

= Pedro deixou as redes, e os enredos: Haverá algum deſtes omnipotentes, que ſe tenhaõ accuſado deſte peccado? Accuſado naõ, eſcuſado ſim: E quantos peccados vos parece que irâõ envoltos neſtas envoltas? &c. =

Porèm ainda que temos o exemplo de homens taõ grandes, me cuſtaria muito a uſar deſta figura; porque naõ ſó faz froxa, mas ridicula a Oraçaõ.

§.

A *Semelhante cadencia* he huma conreſpondencia de vocabulos pelos meſmos caſos, e tempos, como ſe vê neſte exemplo de Cicero:

= Que couſa póde ſer taõ commũa, como a alma aos viventes, a terra aos defuntos, o mar aos fluctuantes, a praia aos lançados das ondas? =

§.

S*Emelhante decadencia* he quando os membros, ou as particulas do periodo acabaõ do meſmo modo: O meſmo Cicero pro Lege Agraria:

= Apparelhou a guerra no fim do Inverno, recebeo-a no principio da Primavera, acabou-a no meio do Veraõ. =

E Quintiliano:

= Naõ póde ſer que o homem obre fortemente, e viva torpemente. =

§.

A *Prolepſis* ſe verifica quando ao principio ſe explica o ſentido da Oraçaõ, e ao depois ſe amplifica; aſſim como:

= Ro-

= Roma teve dous Reis, que muito a illuſtraraõ: Romulo na guerra, Numa na paz. =

Deſta figura uſou hum noſſo Embaixador em França que perguntado, depois da Acclamaçaõ, que partido tomaria, ſe Portugal cahiſſe outra vez no dominio de Caſtella, reſpondeo:

= Que ſe a deſgraça foſſe tanta, que aſſim ſuccedeſſe, que antes ſe havia de entregar aos Turcos, que aos Caſtelhanos; porque ſe na Turquia defender a Fé, ſerei Martyr, ſe apoſtatar ſerei Baxá; e em Caſtella, nem Baxá, nem Martyr. =

§.

A *Homeoſis* explica pela ſemelhança huma couſa menos conhecida, com outra mais notoria: Virgilio, para nos moſtrar a grandeza do Cavallo Troiano,

Inſtar montis equum, diviná Palladis arte,
Ædificant.

§.

A *Metaſtaſis* propõem o que eſtá para ſucceder, ou, inda que naõ ſucceda, ſe eſperava que ſuccedeſſe: Camoens introduzindo ao Gigante Adamaſtor a pronoſticar os fados Luſitanos:

Pois vens ver os ſegredos eſcondidos
Da Natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Eſtaõ a teu ſobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de ſojugar com dura guerra.
&c.

A Ono-

§.

A *Onomatopea* he huma ficçaõ do nome, com que ſe imita o ſom, ou o ruido de qualquer couſa animada, ou ſem alma: eis-aqui o exemplo neſte verſo:

Horrida per campos bum bum bombarda ſonabant.

E tambem neſte:

At tuba terribilis taratan tarantara dixit.

Pedro Calderon na Comedia: *Affectos de odio, y amor*:

——————— *toca trompeta*
En vez de ſalva, yá, con voz màs clara,
La botaſela, el monta, y la tarara.

Com eſta meſma figura dizemos que as abelhas, e os moſquitos *zunem*: Que o Leaõ *ruge*: Que o gato *meia*: Que o jumento *zurra*: Que o lobo *huiva*: Que o porco *grunhe*: Que o elephante *brama*: Que o gallo *cucurrica*: Que a gallinha *carcareja*: Que o melro *aſſovia*: Que o pato *gaſna*: Que o morcego *range*: Que o coelho, a lebre, e o gato *chia*: Que os canhoens *eſbombardeaõ*: Que as eſpingardas *eſfuzilaõ*.

Alguns Rhetoricos mettem a *Tranſiçaõ* no numero das figuras: por eſta cauſa a porei tambem neſte lugar. A *Tranſiçaõ* he aquella advertencia, com que no meio do diſcurſo, ou no principio inſinuamos o que nos reſta ainda por dizer: Cicero pro Lege Manilia:

= Diſſe

= Diſſe do genero da guerra, agora direi brevemente da ſua grandeza. =

Suetonio: = Atéqui do Principe, agora do monſtro. =

Antonio Solis na Hiſtoria de Mexico:

= Mas antes de chegar ao immediato do noſſo empenho, ſerá bem que digamos, em que poſtura eſtavaõ as couſas de Heſpanha, quando ſe deo principio á conquiſta daquelle novo Mundo, para que ſe veja primeiro o ſeu principio, que o ſeu augmento. =

E em outra parte da meſma Hiſtoria:

= Porèm ja parece neceſſario o ſabermos quem era Motezuma, que eſtado tinha neſta occaſiaõ a ſua Monarchia, e porque razaõ ſe afluſtou ella tanto, e os ſeus vaſſallos, com a vinda dos Heſpanhoes. =

Ainda ſe acha no meſmo Author a ſeguinte *Tranſiçaõ*:

= Porèm antes de referir os ſucceſſos daquella Corte, nos chama á ſua deſcripçaõ a grandeza dos ſeus edificios, a ſua fórma de governo, e politica, com outras noticias, que ſaõ convenientes, para intelligencia, ou conceito dos meſmos ſucceſſos: deſvios da narraçaõ, neceſſarios na hiſtoria, como naõ ſejaõ peregrinos do argumento, e careçaõ de outros defeitos, que fazem vicioſa a digreſſaõ. =

O noſſo Camoens nas Luſiadas:

Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da ſanguinoſa guerra.

§.

AQui tenho dado as principaes figuras, de que fazem mençaõ os Rhetoricos; ſeguem-ſe agora os defeitos da *Elocuçaõ*, de que tratarei no

CAPITULO II.

OS defeitos da Elocuçaõ saõ tres: *Barbaridade*, *Escuridade*, *Desordem*. A Oraçaõ *barbara* se divide em *barbarismo*, e *solecismo*: O *barbarismo* he de dous modos, hum da pronunciaçaõ, outro da escripta. O da pronunciaçaõ he fazer huma syllaba breve, sendo longa, e huma longa, sendo breve: O da escripta he pôr huma letra em lugar de outra, ou escrever com duas letras, o que há de ser com huma, ou com huma o que há de ser com duas; e tambem se cahe no *barbarismo*, ou accrescentando, ou diminuindo, ou mudando, ou transmudando as letras, ou as syllabas.

Accrescentando, como *Mavors* em lugar de *Mars*; ou Mavorte em lugar de Marte. Diminuindo, como *salmentum*, em lugar de *salsamentum*: *jurdiçaõ* em lugar de *jurisdiçaõ*: Mudando, como *pernucies* em lugar de *pernicies*: *derruba* em lugar de *derriba*. Transmudando como *displicina*, em lugar de *disciplina*: *Madanella* em lugar de *Magdalena*; e da mesma sorte se faz o *barbarismo* com os tempos, ja diminuindo-os, ja augmentando-os.

Há outra especie de *barbarismo*, que se chama *Labdacismo*, e he quando pronunciamos as syllabas com demasiada força, e impeto, pois deste modo parece que se diz *moultis* em lugar de *multis*: *moollis* em lugar de *mollis*.

Aqui pertence tambem o *Etacismo*, que he quando damos maior som á letra =E=, que aquelle, que se lhe deve: Este vicio he muito frequencia na nossa Provin-

Provincia do Minho, aonde ſe diz =pèrra, dèdos, cavèça, com todo o= E =aberto, devendo ſer fechado.

He igualmente deſte lugar o que ſe chama *trauliſmo*, que he a repetiçaõ da ſyllaba quando ſe titubea com a lingua, e aſſim pronunciaõ alguns *cacanit* em lugar de *canit*: Tutullius em lugar de Tullius.

O *Soleciſmo* he huma deſigual, e improporcionada compoſiçaõ das partes da Oraçaõ, como por exemplo: *Acuta gladius* em lugar de *gladius acutus*. Differe do *barbariſmo*, em que eſte he vicio da dicçaõ, aquelle da Oraçaõ.

Por quatorze modos ſe cahe no *Soleciſmo*: Primeiro, pela mudança dos generos, pondo o feminino pelo maſculino, ou o maſculino pelo feminino.

Segundo, pela mudança dos numeros como *ſalvate* fallando com huma ſó peſſoa, em lugar de *ſalve*, aonde ſe toma o *plural* pelo *ſingular*; porèm eſte vicio ás vezes ſe toma por elegancia com a figura *Synedoche*.

Terceiro, pela mudança dos caſos, como: *Illum, quem quæris, ego ſum*, em lugar de *Ille, quem quæris*, tomando o accuſativo pelo nominativo.

Quarto, pela mudança das peſſoas, como: *Danai, qui parent Atridis, quamprimum arma ſumite*, em lugar de *qui paretis*, tomando a terceira peſſoa pela ſegunda,

Quinto, pela mudança dos tempos, como: *Fumat Neptunia Troia*, em lugar de *fumavit*, tomando-ſe o prezente pelo futuro.

Sexto, pelas qualidades, como: *Spoliantur eos, & corpora nuda relinquunt*, em lugar de *ſpoliant* fingindo o primeiro verbo, com a actividade, que naõ tem.

Settimo, pela mudança dos modos, como: *Itis paratis arma*, em lugar de *Ite, parate arma*, tomando-ſe

do-se o Indicativo pelo Imperativo.

Oitavo, pela mudança dos adverbios, como: *Ubi ducis asinum istum*, em lugar de *quò ducis*; tomando-se a quietaçaõ pelo movimento.

Nono, pela mudança das propoſiçoens, como: *Sub lucem ibant*, em lugar de *ante lucem*, tomando-se a imminencia pela precedencia.

Decimo, pela mudança dos gráos, como: *Respondit Juno saturnia sancta Deorum* em lugar de *Sanctissima*, tomando-se o poſitivo pelo ſuperlativo.

Decimo primeiro, pela mudança das conjugaçoens, como:

At capys, & quorum melior sententia menti,
Aut pelago Danaum insidias, suspectaque dona
Præcipitare jubent, subjectisque urere flammis,
Aut terebrare cavas uteri, & tentare latebras.

Tomando a conjunçaõ copulativa pela diſjunctiva, e a diſjunctiva pela copulativa.

Decimo ſegundo, pela affirmaçaõ de duas negaçoens, como: *Nihil nunquam peccavit*, em lugar de *Nihil unquam.*

Decimo terceiro, pela falta de accentos nas dicçoens, quando delles neceſſita a Oraçaõ.

Decimo quarto, pela mudança da ordem das palavras, como: *Ædituusque Sacerdos cantant*, em lugar de *Ædituus, Sacerdoſque cantant.*

§.

A *Eſcuridade* da elocuçaõ ſe divide em duas eſpecies: *Amphibologia*, e *Syncheſis*. A *Amphibologia* he huma indifferença de ſentenças, ou de palavras, que ſe póde accommodar a dous ſentidos con-

contrarios. A equivocaçaõ deſtes dous ſentidos póde ſer de dous modos, hum *vicioſo*, outro *elegante*: O *vicioſo* he aquelle, em que ſe naõ diſtingue o nominativo do accuſativo, nem o accuſativo do nominativo. Deſtas *amphibologias* he de que uſavaõ os Oraculos Gentilicos, ou proferidos pelo demonio, ou pela aſtucia dos Sacerdotes: O de Delphos diſſe a Pyrrho:

Aio te Æacida Romanos vincere poſſe.

Aonde ſe naõ conhece ſe os Romanos haviaõ de vencer a Pyrrho, ſe Pyrrho aos Romanos; e com o meſmo engano reſpondeo a Creſſo na guerra dos Medos.

O *Elegante* he quando de propoſito, por alguma razaõ particular ordenamos a Oraçaõ deſorte, que ſe poſſa conſtruir por dous modos, e ambos de dous, com ſentido contrario. E em termos, que com a meſma Oraçaõ ſe poſſa louvar, e vituperar, liſonjear, e offender &c.

§.

A *Syncheſis* he hum labyrintho de vozes pela irregularidade da ſua collocaçaõ, que faz a Oraçaõ inintelligivel; aſſim como eſta do ſegundo livro da Eneida:

——— Juvenes fortiſſima, fruſtra,
Pectora, ſi vobis audentem extrema cupido eſt
Certa ſequi (quæ ſit rebus fortuna videtis
Exceſſere omnes adytis, ariſque relictis
Dii quibus Imperium hoc ſteterat) ſuccurritis urbi
Incenſæ: moriamur, & in media arma ruamus.

A confuſaõ com tudo tem aqui ſeu genero de elegancia, porque naquelle aperto, em que ſe proferiraõ eſtas palavras, parecia que a dor, ou a deſeſperaçaõ revolvia o conceito, e as dicçoens.

Eſta meſma elegancia tem o Abbade de Sambade no ſeu Prometheu, com a eſtancia ſeguinte:

Que Sizifo agoviado al duro pezo,
Con ſuceſſivo afan, el monte eſcale:
Que alimento cruel de Ticio prezo,
De el pecho a fieras, ſin que el alma exale:
Juſto es: &c.

§.

A *Deſordem* da elocuçaõ contèm varias eſpecies, que ſe podem reduzir a onze:

Pleonaſmo	Cacophonia
Periſſologia	Catachreſis
Macrologia	Hyſterologia
Tapinoſis	Anaſtrophe
Eſcrologia	Tmeſis

Metaplaſmo.

O *Pleonaſmo* he huma impertinente ſuperfluidade na Oraçaõ; como ſe diſſeramos:

= Fallei com a boca, vî com os olhos, ouvi com os ouvidos. =

Porque baſta dizer: Fallei, vî, ouvi.

§.

A *Periſſologia* lhe he muito ſemelhante, e verifica-ſe quando dizemos:

= Eu vou para onde poſſo, e naõ para onde naõ poſſo:

posso: Viva ElRei, e naõ morra: alegre-se, e naõ esteja triste: escolha a paz, e naõ queira a guerra. =

§.

EM pouco differe tambem a *Macrologia*, que he quando amplificamos a sentença com alguma explicaçaõ fria, e desnecessaria, assim como neste lugar de Tito Livio:

= *Legati, non interpretata pace, retrò demum, unde venerant, abierunt.* =

§.

A *Tapinosis* faz a sentença humilde, e acanhada, devendo ser sublime, como em Virgilio:

——————— *penitusque cavernas*
Ingentes, uterumque armato milite *complent.*

E pedia a sentença que dissesse: *Armatorum militum legionibus.*

§.

A *Eschrologia* fórma a Oraçaõ indecorosa na equivocaçaõ das dicçoens, ou dos termos, e usando de palavras, que possaõ deixar deshonesto o sentido: tal he este lugar de Salustio: *Ductabat, & arrexit animos militum*; ou aquelle de Virgilio:

At ramum hunc (*operit ramum, qui veste latebat.*)

§.

A *Cacophonia* he quando se ajuntaõ duas dicçoens, que se confundem em huma só, como o = *mas morra* = do nosso Camoens.

Como a *Cacophonia* ſe define: *Obſcenum dictum*, imaginaraõ alguns que adonde naõ houveſſe deshoneſtidade, naõ haveria *Cacophonia*: porèm o adjectivo *obſcenus* ſignifica humas vezes couſa impudica, outras, a de máo agouro. A impudica, como neſte lugar de Cicero:

= *Nam, & obſcenas voluptates, de quibus multa apud illos habetur Oratio.* =

A de máo agouro neſte de Virgilio:

——————*Nec me terrete timentem*
Obſcenæ volucres. ——————

E aſſim, ſem que concorra a deshoneſtidade, ſe póde dar *Cacophonia*. E eſta ſe verifica em ſe ajuntando, com huma, duas palavras, que façaõ hum máo ſom na oraçaõ: *Cacophaton eſt mala locutio, & male ſonans dictum*, diſſe Deſpauterio; o que ſe pode affirmar, ſem que o ajuntamento das palavras, ou das ſyllabas, ſeja deshoneſto. Eu ja defendi iſto meſmo na *ſegunda reſpoſta* aos reparos do Triumpho da Religiaõ.

§.

A *Catachreſis* he hum abuſo do nome alheio, accommodado a outra ſignificaçaõ, que lhe naõ foi attribuida; como quando chamamos *Parricida* ao matador da Mãi, ou do Irmaõ, devendo chamar-lhe *Matricida*, e *Fratricida*.

§.

A *Hyſterologia* he quando ſe perverte a ordem das ſentenças, como ſe vê em Virgilio, fallando de Polyphemo:

Poſtquam

Poſtquam altos tetigit fluctus, & ad æquora venit:

Sendo que primeiro devia vir para o mar, do que tocaſſe as ondas.

§.

A *Anaſtrophe* he outra eſpecie de *Hyſterologia*, pois com ella ſe pervertem as palavras da ſua devida ſignificaçaõ. Aſſim como:

——— Italiam contra maria omnia circum
Tranſtra per & remos. ———

Devendo dizer: *Contra Italiam circum maria omnia per tranſtra &c.*

§.

A *Tmeſis* tem com a *Anaſtrophe* huma grande ſemelhança: com ella ſe divide em duas huma palavra compoſta; aſſim como: *Septem ſubjecta trioni*, em lugar de *ſubjecta ſeptentrioni.*

§.

O *Metaplaſmo* he huma transformaçaõ das dicçoens, ou da practica por cauſa do ornato, ou do metro, como *Deûm*, ou *Virûm*, em lugar de *Deorum*, ou *Virorum.* Há mais treze eſpecies de *Metaplaſmo* que ſaõ:

Protheſis	Ectaſis
Epentheſis	Syſtole
Paragoge	Diereſis
Aphereſis	Synereſis
Sincope	Synalepha
Apocope	Eclipſis

Metatheſis.

Com

§.

COm a *Prothesis* accrescentamos huma letra no principio da dicçaõ, como: *Gnate* em lugar de *Nate*: *Astat* em lugar de *Stat*. Virgilio.

——————— multa talenta
Gnatis parce tuis ———————

Na nossa lingua tambem se usa da *Prothesis* quando dizemos: *enamorado* em lugar de *namorado*, ou *acostumado*, em lugar de *costumado*.

§.

A *Epenthesis* faz o accrescentamento da letra no meio da dicçaõ, como: *Navita* em lugar de *Nauta*. Ovidio:

Quid tibi cum gladio? Dubiam Rege, navita puppim.

§.

A *Paragoge* faz este accrescentamento no fim, como: *Accingier* em lugar de *Accingi*. Virgilio:

——————— Magicas invitam accingier artes.

Camoens usou de *Joanne* em lugar de Joaõ:

——————— Numa naõ, mas he Joanne,
De Portugal terceiro, sem segundo.

§.

COm a *Apheresis* se tira a letra, ou a syllaba do principio da dicçaõ, como: *Temno* em lugar de *Contemno*. Virgilio:

Discite

Discite justitiam moniti, & non temnere Divos.

§.

COm a *Syncope* se tira do meio da dicçaõ, como: *Vixet* em lugar de *Vixisset*. O mesmo Virgilio:

Vixet, cui vitam Deus, aut sua dextra dedisset.

Com a mesma Syncope dizemos *Esprito* em lugar de *Espirito*. O nosso Camoens:

Memoria sou, que grito
Para dar testemunho em toda a parte
Do mais gentil esprito
Que tiraraõ do Mundo Amor, e Marte.

§.

COm a *Apocope* se tira no fim da dicçaõ a letra, ou a syllaba, como: *Tuguri* em lugar de *Tugurii*. O mesmo Virgilio:

Pauperis, & tuguri congestum cespite culmen.

E com a mesma *Apocope* dizemos tambem *marmor* em lugar de *marmore*: O mesmo Camoens:

Ou tu no monte Pindaso es nascida,
Ou marmor te pario formosa, e dura.

§.

COm a *Ectasis*, que tambem se chama *Diastole*, fazemos longa a syllaba, que de sua natureza he breve. Virgilio:

Ita:

Italiam fato profugus, lavinaque venit
Littora. ——————————

Italiam he breve, e aqui a fez longa o Poeta: Hum grande engenho do noſſo tempo uſou da meſma licença na ſeguinte Copla:

Eſtuda, eſtuda os Cujacios,
Os Accurſios, os Barthôlos,
Que na fé de que os entendes
Tens juſtificado eſtrondo.

§.

A *Syſtole* pelo contrario faz breve a ſyllaba, que era longa. Virgilio:

——————*totumque inſtructo Marte videres*
Fervere *Leucaten, auroque effulgere fluctus.*

Fervere, e *effulgere* eſtaõ com as penultimas breves, ſendo longas.

§.

COm a *Dioreſis* dividimos em duas huma ſó ſyllaba, como: *Evoluiſſe* em lugar de *Evolviſſe*: Ovidio:

——— *Debuerat fuſos, evoluiſſe ſuos.*

A *Synereſis* he contraria á *Dioreſis*, pois fazemos de duas huma ſó ſyllaba, como em *alveo*, que tem tres, e ſe acha em Virgilio com duas:

Aſſuetæ ripis volucres, & fluminis alveo.

Com

§.

COm a *Eclipſis* deixamos de pronunciar o = m = quando ſe lhe ſegue vogal: Virgilio:

O' Curas hominum! O' quantum eſt in rebus inane!

Ainda que a *Eclipſis* ſe naõ permitte na Poeſia vulgar, uſou della hum dos noſſos bons Poetas nas duas coplas, que ſe ſeguem:

Acudaõ, que ſe eu o entendo
anda deſgraçado Apollo,
pois ſe lhe rebellaõ *as palmas,*
como lhe fugiraõ *os louros.*

Os Verdenegros palmares
de hum trombudo promontorio;
para magoa dos luzeiros
romperaõ *em nocturno aborto.*

§.

COm a *Synalepha* ſe ſupprime, ou ſe confunde a vogal, que acaba, com a outra, que principia: Virgilio:

*Primus abit longeque * ante * omnia corpora Niſus*
Emicat. ———————————————

Porèm a *Synalepha* ja naõ he licença, he preceito Poetico, e até ſe executa ainda quando ſe interpõem hum dithongo: O meſmo Virgilio:

*Illæ * autem paribus quas fulgere cernis in armis.*

E entre

E entre os Latinos se admitte a *Synalepha* com a ultima vogal de hum verso, e com a do principio do outro: O mesmo Poeta:

*Et spumas miscent argenti, vivaque sulphura**
** Idæasque pisces.*

E da mesma sorte se faz, posto que acabe o verso com a letra = m =
O mesmo Virgilio:

*Jamque iter emensi turres, ac tecta latinorum**
** Ardua cernebant juvenes, murosque subibant.*

§.

COm a *Metathesis* se põem as letras fóra do seu lugar, fazendo por este modo huma diversa pronunciaçaõ, como: *Tymbre* em lugar de *Tymber*: *Evandre* em lugar de *Evander*.

§.

DEpois das figuras, e dos vicios da *Elocuçaõ*, segue-se o tratarmos do *Periodo*, que he huma das suas partes mais essenciaes, e das mais delicadas, que tem a *Rhetorica*, o que farei no

LI-

LIVRO IV.

CAPITULO I.

O *Periodo* he huma contextura de vozes, ordenadas por tal modo, que façaõ huma oraçaõ perfeita, a qual ſe deve proporcionar, com as forças da reſpiraçaõ.

Entre os primeiros Oradores da Grecia, aonde teve a *Rhetorica* o ſeu mais illuſtre principio, ainda ſe adornavaõ as Oraçoens de pompoſas ſentenças, e raras vezes ſe mediaõ as clauſulas, com a reſpiraçaõ, antes, com hum ſimultaneo, e dilatado concurſo de palavras, ſe faziaõ ſemelhantes ao canto das Cigarras.

Naõ ſe fazia ponto até a materia naõ eſtar acabada, e primeiro ſe enfaſtiavaõ os ouvintes, do que a oraçaõ tomaſſe algum alento, e o *Periodo* deſcanſo.

Do Areopago paſſou eſta prolixidade rhetorica para os roſtros Romanos, e foi muito valida com os primeiros Declamadores por lhes parecer que levando muito tempo ſuſpenſo o ſentido da Oraçaõ, grangeavaõ mais a attençaõ, que o faſtio do auditorio.

E naõ deixou de inficionar eſte contagio ao meſmo Cicero na ſua mocidade; pois Cornelio Tacito, que lhe pôs nas maõs a palma da eloquencia, lhe notou nas primeiras Oraçoens algum ſabor da elegancia Grega. Elle meſmo confeſſou ingenuamente ſer-lhe preciſo immudecer, quando principiava a ſaber fallar. Só as Philippicas, que foraõ os ultimos accentos deſte Ciſne do Tybre, por eſtarem ja apartadas daquelle vicio,

vicio, lhe alcançaraõ a antonomazia de Orador divino.

Os Italianos eſtando mais perto de Tullio, que as outras Naçoens, deſconheceraõ tambem algum dia eſta differença, e imitaraõ menos a adoleſcencia, que a velhice da Oratorla: Hum delles foi Joaõ Boccacio, que no ſeu Admeto, e na ſua Fiammeta moſtrou ainda maior boca, que a do ſeu appellido: Outro foi Goſelino, de cuja Hiſtoria darei hum exemplo, para melhor ſe conhecer eſta pendente verboſidade.

= A familia Gonzaga, que ſegundo diverſos Authores, diverſamente deſcende neſtes noſſos Paizes, ou das Caſas principaes de Alemanha, ou dos Teutonicos, ou dos Cimbros, ou do Rei dos Longobardos, tem lançado taõ altos os fundamentos da ſua nobreza, que eſta da antiguidade, e dos Imperios nobiliſſima Mãi, a ama Italia, naõ por eſtrangeira, e peregrina, mas por ſua propria, e natural, e a conhece, e a nutre no ſeio, nem a ſuſtenta no berço, como Infanta, antes como adulta, e provecta a enche daquelle louvor, e gloria immortal, que ella tem alcançado com o proprio valor, em quanto com a ſua amada productora, fortemente combatendo, a tem defendido, e guardado muitos annos dos feros aſſaltos das Naçoens eſtrangeiras, e finalmente a numera, e com muito amor a agaſalha entre aquellas ſuas mais valoroſas familias, de cuja excellencia, e belleza recebeo, e recebe muito ornamento, e eſplendor. =

Atéqui Goſelino, e cuido que ſe naõ poderá inventar elegancia mais enfadonha.

O primeiro, que principiou a reconhecer o faſtio na enrolada importunidade de ſemelhantes Oraçoens, foi Traſimaco, deſcobrindo huma particular conſonancia nas clauſulas breves, e notando que ſó eſtas enchiaõ de huma nova, e maravilhoſa doçura

os

os ouvidos ; e aſſim ſe começaraõ a conhecer os effeitos da arte, ſem ainda a arte ſer conhecida.

Veio ao depois Gorgias Leontino, que adiantou mais eſta obſervaçaõ, e julgando que ainda eraõ extenſos os *Periodos* de Triſimaco, os fez mais conciſos, dividindo-os em partes entre ſi menſuradas, e conreſpondentes, a que chamou = *artigos*, ou *particulas*, e deſtas formou os membros do *Periodo*, deſorte que naõ ficou redondo, nem cortado. Parecia huma oraçaõ ligada, ſendo ſoluta, huma elegancia metrica, que naõ tinha metro : aos Proſiſtas ſe lhes fingia verſo, aos Poetas proſa.

Eis-aqui a arte, que reconheceo Cicero, quando mais neceſſitava della, para deſtruir ſeu inimigo M. Antonio ; razaõ, porque ſe diz, que ferira a Verres, com o gume, e a Antonio, com a ponta.

Depois de bem advertida a differença deſta *Elocuçaõ*, foi acceita a dos *Periodos* breves, como mais vehemente, e nella trabalhou Aſinio, Ceſtio, Argentario, Seneca, Porcio, Arellio, Sillo, Oſco, e outros muitos, e por eſtes veſtigios caminhou Plinio, Nazario, Auſonio, e todos os Declamadores, e Panegyriſtas, que ſe lhes ſeguiraõ ; o que ſuppoſto, podemos dizer, com huma nova definiçaõ, que :

= O Periodo he huma ſentença breve, e abſoluta, que ſe comprehende nas ſuas partes, ou membros dependentes huns dos outros, e atados reciprocamente, com hum certo numero, que naõ he verſo, e parece mais do que proſa. =

Os Rhetoricos fazem eſte *Periodo* ſemelhante a huma abobeda, aonde eſtaõ as pedras, com hum vinculo continuado : Outros o aſſemelhaõ a huma madeixa, dividida em molhos, e os molhos em anneis ; e por eſta cauſa chamava Auguſto á elegancia de Mecenas : *Cincinnos Mecænatis.*

§.

AS partes do *Periodo* ſaõ os *membros*, e as *particulas*: A eſtas ſe chamaõ partes menores, áquellas partes maiores.

O *membro*, ou o *Colon*, como o nomeaõ os Gregos, ſe faz de duas, de tres, ou de mais *particulas*, e as *particulas* ſaõ as dicçoens de huma, de duas, de tres, ou de mais ſyllabas.

O *Periodo* para ſer perfeito há de ter ao menos dous *membros*, e cada *particula* duas ſyllabas: no primeiro *membro* há de ficar o ſentido ſuſpenſo, no ſegundo concluido, como neſte exemplo de Cicero:

= Antes que ó P. C. diga da Republica: direi aquellas couſas, que imagino ſe devem dizer neſte tempo. =

Eis-aqui o primeiro *membro* ſem acabar o ſentido da oraçaõ, o qual ſe completa no ſegundo *membro* pelo modo ſeguinte:

= Eu vos exporei brevemente o juizo, aſſim da minha idéa, como da minha vinda. =

Porèm eſtes *Periodos* ainda ſe pódem fazer mais conciſos, como logo veremos. E antes diſſo devemos notar que há tres generos de *Periodos*:

Periodo de dous *membros*: *Periodo* de tres: *Periodo* de quatro: Ao primeiro chamaraõ os Gregos: *Dicolos*: ao ſegundo: *Tricolos*: ao terceiro *Tetracolos*. Cada hum deſtes generos formaõ o legitimo *Periodo*, pois eſte naõ ſoffrerá, nem mais de quatro *membros*, nem menos de dous. Deſta doutrina ſe lembrou Terenciano Amaro, quando diſſe:

Quatuor è membris plenum formare videbis
Rhetore circuitu, ſive ambitis ille vocetur.

O *Pe-*

§.

O *Periodo Dicolos* ſe póde fazer com duas palavras, como o daquelles aphoriſmos: *Suſtine, & abſtine*: *Labore, & conſtantia*: *Spero dum ſpiro.*

O Tricolos: com tres; como o daquella carta de Ceſar ao Senado: *Veni, vidi, vici.*

O *Tetracolos* com quatro, como aquelle de Plauto: *Magnus, Criſpus, Craſſus, Cæſius.*

Debaixo da meſma conciſaõ ſe pódem fazer os *Periodos* mais extenſos: exemplo do *Dicolos* he eſte de Seneca tragico: *Malim offendere, quam fœdari.*

Do *Tricolos*, como o daquelle aviſo, que ſe dá na peſte: *Citò fuge, longè vade, ſerò redi.*

Do *Tetracolos*, como o de Plinio deſcrevendo a Domiciano: *Superbia in fronte, ira in oculis, pallor in corpore, in ore impudentia.*

§.

POrèm todos eſtes *Periodos*, poſto que pareçaõ activos, naõ ſaõ harmonicos, porque ſe naõ conſegue a harmonia na brevidade; nem deſempenhaõ as regras do meſmo *Periodo*, porque aqui ficaõ muitas vezes as particulas ſervindo de *membros*, e pela doutrina que ſe tem dado, deve o *Periodo* conſtar de *membros*, e os *membros*, de *particulas.*

Para que ſe naõ exceda a ſua verdadeira medida querem alguns que cada *membro* tenha, pouco mais, ou menos, a extenſaõ de hum hexametro: Parece-me que ſe naõ deve trabalhar muito neſta proporçaõ, porque a naõ vejo obſervada na eloquencia de Cicero.

§.

TEmos viſto o *Periodo* na ſua maior conciſaõ, reſta vê-lo na ſua legitima regularidade, e harmonia; e darei para iſſo hum exemplo de cada hum dos ſeus generos. Aqui ſe offerece Cicero para o primeiro:

Membro primeiro.

= Se alguma couſa me accontecer, eſtou com animo conſtante, e apparelhado para acabar a vida:

Membro ſegundo.

Porque naõ póde vir huma morte torpe a hum Varaõ forte: Hum ſucceſſo inopinado a huma peſſoa Conſular: huma contingencia miſeranda a hum homem ſabio. =

He do meſmo Orador o exemplo para o ſegundo genero:

Membro primeiro.

= Como d'antes me naõ atreveſſe a tocar a authoridade deſte lugar pela minha idade:

Membro ſegundo.

E aſſentava cõmigo que lhe naõ convinha que eu trouxeſſe ſenaõ o que eſtava perfeiçoado com o engenho, e trabalhado com a induſtria:

Membro terceiro.

Imaginei que devia paſſar o tempo com o tempo dos meus amigos. =

Ainda

Ainda he de Cicero o exemplo do terceiro genero, fallando do caſtigo dos Parricidas:

Membro primeiro.

= Aſſim vivem deſorte, que naõ reſpiraõ:

Membro ſegundo.

Aſſim morrem por tal modo, que ficaõ ſem ſepultura:

Membro terceiro.

Saõ lançados nas ondas, ſem que nunca ſe lavem:

Membro quarto.

Saõ em fim taõ novamente precipitados, que nem ainda, depois de mortos, deſcançaõ nos penhaſcos. =

§.

A'Lèm deſtas condiçoens, ficará mais plauſivel o *Periodo* ſe conſeguir ao menos huma deſtas tres prerogativas: *Igualdade dos membros*: *Contrapoſiçaõ nos termos*; *Semelhança, ou conreſpondencia na harmonia.*

A *igualdade* dos *membros* he a conſonancia, que reſulta da medida de hum para outro *membro.* Temos o exemplo em hum dos melhores Oradores da Grecia, que foi Iſocrates:

= Muitas vezes me admirei daquelles, que celebraraõ os dias feſtivos: E que inſtituiraõ os lugares da contenda. =

Aonde ſe vê que as tres vozes: *Celebraraõ os*

dias feſtivos, ſe igualaõ com as outras: *Inſtituiraõ os lugares da contenda.*

O que imitou tambem Cicero, quando diſſe:

= *Speremus quæ volumus: quod acciderit feramus.* =

E em outra parte:

= *Alterum optare crudelitas eſt: alterum conſervare clementiæ.* =

§.

A *Contrapoſiçaõ nos termos* he huma correſpondente oppoſiçaõ dos *membros*, ſemelhante á que traz o referido Iſocrates:

= *Sæpius accidit ut imprudentes felicitèr, prudentes infelicitèr agamus.* =

Ou como eſta de Cicero:

= A morte he torpe na fugida, glorioſa na victoria. =

Ou como a de hum Elogio do Conde Theſauro a Ceſar:

= Em quanto ganhou a laurea Regia, perdeo a palma popular. =

Eſta meſma *contrapoſiçaõ* praticou o Author daquelle dyſticho á Rainha de Carthago:

Infelix Dido, nulli benè nupta marito:
Hoc pereunte, fugis, hoc fugiente, peris.

Com huma contrapoſta galantaria eſtá tambem o Monoſtichon a huma Dama chamada Chione; que no Grego ſignifica a neve, ſendo ella muito morena, e deſengraçada:

Frigida es, & nigra es: non es, & es Chione.

A *Se-*

§.

A *Semelhança na correſpondencia* he quando ſe logra huma reciproca harmonia entre o principio, e o fim do *Periodo*; de que nos dá o exemplo Ariſtoteles no Elogio de Nireo:

= *Nireus Aglaiæ, Nireus ab Syme, Nireus qui pulcherrimus.* =

Ou como a de Eſtatorio, fallando dos Eſpartanos:

= *Trecenti ſumus, ſed viri: ſed armati: ſed Lacones: ſed ad Thermopytas: nunquam vidi plures trecentos.* =

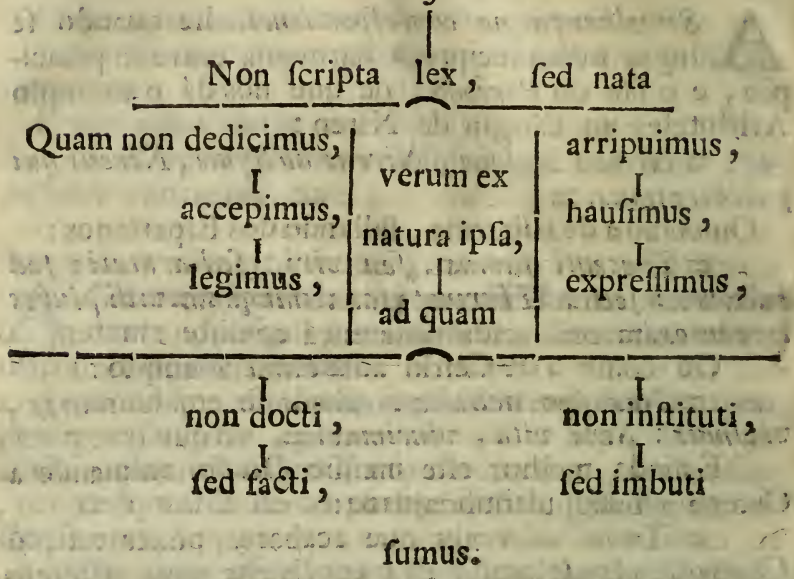
Ou como a de Ceſtio ao meſmo aſſumpto:

= *Nos ſine deliciis, educamur: ſine muris, vivimus: Sine vita, vincimus.* =

E ainda melhor eſte meſmo Orador animando a Cicero no ſeu ultimo aperto:

= Todas as vezes que acabares pódes ter, ó Cicero, a conſolaçaõ, de que viveſte para o deſejo do Povo, pouco; para as acçoens grandes, baſtante; para a Republica, muito; para a memoria, ſempre. =

Difficultoſo ſerá que ſe logrem todas eſtas prerogativas em hum ſó *Periodo*; porèm Cicero o chegou a conſeguir na Oraçaõ pro Milone, e por iſſo ſe deleitava muito o meſmo Orador de ter vencido eſta grande difficuldade. Eu ja dei eſte exemplo figurado na minha *Balança intellectual*; e da meſma ſorte o darei agora, para ſer melhor conhecido:



Reſta ainda ſaber ſe tendo os *Rhetoricos* dado ao *Periodo*, ou dous, ou tres, ou quatro *membros*, ſe póde haver *Periodo* álèm deſtas tres eſpecies? Digo que póde, e he o que conſta de hum *membro* ſómente a que Ariſtoteles chama *Monocolos*; quando á maneira de huma ſerpente, que ajunta a cabeça com a cauda, ſe deduz com huma orbiculada harmonia, em termos, que nunca exceda muito a medida, que lhe temos preſcripto: Tal he o de Cicero, depois de expulſar a Catilina de Roma.

=Neſte dia, ó Romanos, pelo grande amor dos Deoſes immortaes, e com os meus trabalhos, conſelhos, e perigos, vedes que a Republica, a vida de todos os Cidadaons, os bens, as fortunas, as mulheres, os filhos, o domicilio do clariſſimo Imperio,

rio, a voſſa formoſiſſima, e feliciſſima Cidade, eſtá para vós, do incendio, do ferro, e quaſi da garganta do Fado, naõ ſó arrebatada, mas reſtituida. =

§.

ALguns dos meus Leitores teraõ reparado, em que havendo muitos *Periodos*, adornados de excellentes vozes, ſentenças, e penſamentos, lhes falta hum certo genero de harmonia, que os faz deſagradaveis aos ouvidos; e que há outros, que, com menos ornato, ſe fazem ſummamente goſtoſos. O ſegredo deſta conhecida differença conſiſte em ter, ou naõ ter *numero* o *Periodo*. Eſte *numero* naõ he arithmetico, nem poetico, mas funda-ſe em huma certa ſuavidade, que melhor ſe percebe, do que ſe explica, diſſimulada, e encoberta na Oraçaõ ſoluta; e ainda que tem baſtante difficuldade o reduzî-la a preceitos, eu me atrevo a dar algumas regras, por onde ſe conheça de algum modo eſta conſonancia do *Periodo*.

Conſtituo a primeira regra na collocaçaõ das dicçoens; pois com as meſmas vozes, poſtas em ſeu lugar, ou fóra delle, ficará o *Periodo* numeroſo, ou diſſonante. Façamos eſta demonſtraçaõ com hum *Periodo* de Cicero:

= *Nulla eſt tanta vis, tantaque copia, quæ non ferro, ac viribus debilitari, frangique poſſit.* =

Aſſim eſtá o *Periodo* numeroſo, e ſerá diſſonante ſe alterarmos a collocaçaõ das palavras, e diſſermos:

= *Nulla eſt vis tanta, copiaque tanta, quæ non poſſit debilitari, frangique viribus, ac ferro.* =

Porèm a meſma collocaçaõ, que ſerve na lingua Latina, naõ ſerve para a noſſa, pois ſe quizermos traduzir eſte *Periodo* de Cicero, guardando a meſma ordem dos vocabulos, ficará naõ ſó diſſonante, mas barbaro: eis-aqui o exemplo:

= Ne-

= Nenhuma há tanta força, tanta e copia, que naõ, com o ferro, e com as forças, ſer debilitada quebrada, e poſſa. =

E accómodando a collocaçaõ Latina á Portugueza he que faremos o meſmo *Periodo* harmonico, e polido; aſſim como:

= Naõ há força taõ grande, nem taõ grande abundancia, que com o ferro, e com as forças, naõ poſſa ſer debilitada, e infringida. =

§.

DOu por ſegunda regra a alternativa das ſyllabas breves com as longas, e a das longas com as breves, pois o concurſo das breves fazem a Oraçaõ demaziadamente movida, e deſpenhada, o das longas languida, e vagaroſa.

Mas para iſto he neceſſario haver conhecimento da differença das meſmas ſyllabas, e dos pés de que ſe forma a Poeſia Latina: Saber que o pé *dactilo* tem huma ſyllaba longa, e duas breves: o Eſpondeo, duas longas: o Anapeſto, duas breves, e huma longa: o Choreo, ou Throcheo, huma longa, e outra breve; e aſſim dos mais, de que os Poetas Latinos fizeraõ vinte e oito eſpecies.

A regular alternativa deſtas ſyllabas ſe percebe naquelle elogio de Cicero a Ceſar:

= *Domuiſti gentes immanitate barbaras: multitudine innumerabiles: locis infinitas: omnes omni genere copiarum abundantes, &c.* =

Alguns engenhos ſuperiores, eſpecialmente dos Poetas tem uſado do concurſo das ſyllabas breves para melhor figurarem as imagens de algum impulſo accelerado, aſſim como fez Virgilio para reprezentar o impeto dos remeiros, e a celeridade dos navios:

Inde

Inde ubi clara dedit ſonitum tuba finibus omnes
Haud mora proſiluere ſuis, ferit æthera clamor
Nauticus. ——————————————

E da meſma ſorte para moſtrar a ligeireza dos cavallos.

——————— *at clamor, & agmine facto*
Quadrupedante putrem ſonitu quatit ungula campum.

E com as ſyllabas longas repreſentou o meſmo Poeta a extenſaõ de huma tempeſtade.

Luctantes ventos, tempeſtateſque ſonoras.

Porèm como nem todos ſaõ Poetas Latinos, para terem a devida inſtrucçaõ das ſyllabas longas, e breves, devo advertir que no noſſo idioma correſpondem ás ſyllabas breves as que chamamos *graves*, e ás longas, as que ſe chamaõ *agudas*.

A tres generos podemos reduzir as dicçoens, em que ſe incluem as ſyllabas. O primeiro tem a ultima aguda; e nelle ſe compõem de huma ſó ſyllaba a dicçaõ, como: = *Naõ*, *ſim* = ou de duas, como = *Favor*, *Deſdem*, = ou de tres, como = *Exemplar*, *Reſplandor*, = ou de quatro, como = *Particular*, *Murmurador*. =

O ſegundo genero tem a penultima aguda: e deſte, ou ſaõ as dicçoens de duas ſyllabas, como = *Morte*, *Vida*, = ou de tres, como = *Aurora*, *Fortuna*, = ou de quatro, como = *Temperança*, *Recompenſa*, = ou de cinco, como = *Deſconhecido*, *Impertinente*. = Há outras de ſeis, e de ſette ſyllabas, e ainda de mais, como o *Heautontimorumenos* de Terencio; e o *Cluninſtaridyſarchidos* de Plauto, que por exorbitantes, naõ entraõ na regra.

O ter-

O terceiro genero tem a penultima aguda; e ſe chamaõ *Eſdruxulos* do Italiano *Sdrucciolare*, que ſignifica *eſcorregar*, pela facilidade, com que paſſa a lingua da penultima ſyllaba para a ultima, quando ſe fere a antecedente.

Os *Eſdruxulos*, huns ſaõ mais velozes, outros mais tardos: quero dizer, huns mais *rigoroſos*, outros menos: Os *rigoroſos* tem huma letra conſoante entre duas vogaes; os menos rigoroſos, a que podemos chamar *improprios*, ſaõ formados com duas vogaes, ſem intervir a conſoante.

As menos ſyllabas, que póde ter o *Eſdruxulo rigoroſo*, ſaõ tres; como = *horrido*, *tumido* = os de quatro ſyllabas ſaõ, como por exemplo = *invalido*, *indomito* = os de cinco, como = *matematico*, *academico* = os de ſeis, como = *Ariſtotelico*, *antepenultimo*. =

Os *Eſdruxulos* menos proprios ſeguem a meſma quantidade: os de tres ſyllabas = *Thracia*, *Ruſſia* = os de quatro = *Caſtalia*, *Betulia* = os de cinco = *efficacia*, *diligencia* = os de ſeis = *exorbitancia*, *concupiſcencia*. =

Porèm como entre os vulgares ſe coſtumaõ liquidar as ultimas vogaes, tanto na Proſa, como no Verſo, ficaõ eſtas dicçoens com menos huma ſyllaba das que tem entre os Latinos, por cuja razaõ fica perdendo o *Eſdruxulo* a ſua força.

E ſendo regra geral, que naõ há dicçaõ, que tenha mais de huma ſyllaba aguda em que deſcanſa o accento, ou ſeja a ultima, ou a penultima, ou antepenultima, ſe tira daqui tambem a generalidade de que quantas mais dicçoens pequenas tiver o *Periodo* terá mais ſyllabas agudas, e quanto maiores, mais ſyllabas graves; e ſendo formado com as primeiras, ficará muito eſcabroſo, e deſpenhado; ſe com as ſegundas,

gundas, muito languido, e detido; e para ſe conſeguir o numero no meſmo *Periodo* devemos miſturar as dicçoens maiores com as pequenas, e as pequenas com as maiores. Eis-aqui o exemplo:

= O Sol, que ſe dilata pelas eſpheras, como hum golfo de reſplandores, há de parecer huma machina tenebroſa, naquelle terrivel dia, em que dê o o ultimo ſuſpiro a vaidade do Univerſo. =

Eſte he o *Periodo* harmonico pela alternativa das ſyllabas graves, com as agudas: agora o moſtrarei eſcabroſo, com o concurſo das dicçoens pequenas:

= O Sol, que no Ceo he hum mar de luz, há de vir a ſer hum cáos no fim do Mundo. =

Deſta meſma diſſonancia he aquelle verſo de Ennio:

Si luci, ſi mox, ſi nox, ſi jam data ſit frux.

Vejamos agora em outro *Periodo* como fica deſcahido com o concurſo das dicçoens maiores:

= O Soberano Planeta produzindo continuamente inexhauriveis reſplandores, vê-lo hemos triſtemente ſubmergido na obſcuridade daquellas eſpantoſas levaredas, deſtinadas ao movimento do Univerſo. =

§.

A Terceira regra para o numero do *Periodo* ſerá outra miſtura de vozes, que ſe pódem chamar = *jacentes*, e *exultantes*. = Entendo por *jacentes* as dicçoens, que tem mais ſyllabas graves; e por exultantes os *Eſdruxulos*. Eſte foi o ſegredo, com que S. Leaõ Papa conſeguia a ſuavidade do *numero* em todas as ſuas Oraçoens. Tirarei hum exemplo do Panegyrico aos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo:

= A pre-

= A prezente feſtividade, álèm daquella *reverencia*, que lhe he devida em todos os *ambitos* da terra, há de ſer venerada com eſpecial, e *propria* alegria da noſſa Cidade, para que, aonde foi glorificada a morte dos mais ſingulares *Apoſtolos*, ahi ſeja o Principado do contentamento no dia do ſeu *martyrio*. Eſtes ſaõ os Varoens pelos quaes, ó Roma, foſte illuſtrada com a Doutrina *Evangelica*; e tu, que eras meſtra do engano, es agora *diſcipula* da verdade. =

Deve-ſe reparar na medida com que o Santo Pontifice diſtribue as ſyllabas graves, e as agudas, com os Eſdruxulos.

§.

PO'de dar-ſe por quarta regra o uſo de alguns termos magnificos. Cicero na Oraçaõ pro Fonteio:

= Naõ ſoffrais, ó Juizes, que pelo voſſo parecer ſejaõ commovidas as aras dos Deoſes immortaes, e da Mãi Veſta, com as quotidianas lamentaçoens de huma Virgem. =

O Padre Vieira nas lagrimas de Heraclito:

= Aos relampagos, e raios chamou a antiguidade: *riſus Veſtæ*, *& Vulcani*: Entre tantos relampagos, trovoens, e raios da eloquencia, quem naõ julgará ao miſeravel pranto, cego, attonito, e fulminado? =

§.

FUnda-ſe a quinta regra na eſcolha das vozes mais ſonoras, quaes ſaõ as de muitas ſyllabas, pois com a ſua extenſaõ ſe faz melhor o eco nos ouvidos para ſe lograr a conſonancia; e por iſſo o vocabulo = *Imperio* = he mais ſonoro, que Reino: *Imperante* melhor, que *Imperio*: *Superintendente* melhor, que *Imperante*, *&c.*

Porèm

Porèm ja temos dito, que eſtas dicçoens maiores ſe devem alternar com as menores, ainda que ás vezes o ſeu concurſo faz pompoſa a Oraçaõ, como neſte lugar de Eſtacio:

Magnanimum Æaciden, formidatamque Tonanti
Progeniem &c. ———————————

Mas tambem naõ he certo que na extenſaõ de cada vocabulo conſiſta toda a ſua ſonoridade, porque há alguns menos dilatados, que ſaõ mais ſonoros do que os maiores; e para declarar eſte, que parece hum myſterio rhetorico, devo advertir que depende eſta harmonia da differença das letras vogaes, e conſoantes; porque humas ſaõ mais claras, e expreſſivas, outras mais eſcuras, e confuſas, outras mais aſperas, e diſſonantes.

Pelo que reſpeita ás vogaes, ſaõ mais canoros, claros, e ſuaves os vocabulos, que ſe compõem do = A = como = *fachada*: = menos ſuaves, e claros os que ſe formaõ do = E = como = *rebelde*. = Confuſos, e aſperos os que ſe compõem do = I = como = inviſivel: = Outros varonis, e harmonicos, como os que ſe formaõ do = O = como: *fogoſo*: Outros funeſtos, e triſtes, como os que ſe compõem do = U = como *uſufructo*. =

Porèm como a maior parte dos vocabulos ſaõ compoſtos de differentes vogaes, e naõ ſe póde achar em todos por eſta cauſa a viveza do ſom, que ſe procura, teremos cuidado de eſcolher aquelles, em que a força, e a conſonancia de humas ſyllabas diminuaõ, ou diſſimulem a diſſonancia, e fraqueza das outras; porque a brandura do = A = ſe alenta com a valentia do = O: = o = E = acompanhado deſtas duas letras, fica menos froxo; o = I = menos confuſo;

fuſo; e o =U= menos funeſto. Daqui ſe ſegue que as dicçoens, que ſe compuzerem de melhores vogaes, faraõ mais ſenſivel o *numero* do *Periodo*.

§.

ESTas meſmas advertencias ſe verificaõ tambem nas conſoantes, que ſe dividem em tres generos:

As do primeiro genero ſe chamaõ =*Eſpiraes*= porque ſe formaõ com o alento, como ſaõ P. B. M. F.

As do ſegundo ſe chamaõ =*Lambentes*= porque ſe pronunciaõ com os toques da lingua, como L. N. T. D. R. S. Z.

As do terceiro ſe chamaõ =*Guturaes*= porque naſcem da garganta, como C. G. I. Q. X.

Das *Eſpiraes* a mais ſuave, e canora he o =P=, ja he menos o =B=, o =M= tem baſtante doçura: o =F= he galhardo, e polido.

Das *Lambentes* a melhor he o =L=, o =N= he doce: o =T= energico: o =D= brando: o =R= aſperiſſimo: o =S= ſibilante: o =Z= delicado.

Das *Guturaes* o =C=, ainda que eſtrondoſo, he duro, e violento: delle naſce o =G= que he hum =C= modificado: o =I= conſoante he mais aſpero, que o vogal: o =Q= naõ deixa de ſer duro: Do =C=, e do =S= ſe gerou o =X= a mais eſcabroſa de todas as letras.

Em todas eſtas conſoantes ſe devem fazer as obſervaçoens, que propuz nas vogaes, para a eſcolha das palavras; e com as melhores, aſſim de humas, como de outras, ſe ajudará muito o *numero* do *Periodo*.

§.

A Sexta, e ultima regra finalmente para elle, he que ſe naõ devem repetir muitas dicçoens con-

reſpon-

reſpondentes, ou ſejaõ graves, ou agudas, o que ſe chama = *rima* = na Poeſia.

Ainda na lingua Latina ſaõ inſipidas eſtas repetiçoens; como: *amatrices*, *adjutrices*, *præſtigiatrices fuerunt*, ou como diſſe Ennio:

Mærentes, flentes, lacrymantes, & miſerantes.

§.

E Naõ ſó o concurſo dos vocabulos rimados ſe deve evitar, mas tambem o dos aſſoantes, de que uſaõ os Poetas nos Romances; porque a frequencia de ſoar o accento na meſma vogal faz uniſona a harmonia, que por ſer reputada como defeito na Muſica, o deve tambem ſer á ſua imitaçaõ no *numero* do *Periodo*.

Naõ me atrevo a querer que ſe obſervem pontualmente eſtas regras, eſpecialmente em huma Oraçaõ dilatada, nem aconſelharei que ſe embarace o diſcurſo em ſemelhante deſempenho, porque o grande cuidado de obſervar a arte faz quaſi ſempre a arte menos perfeita: Eſtas regras ſó ſervem para ſe evitarem os defeitos principaes, e para ſe conſeguir com os muitos actos a facilidade de ſe conhecer, e de ſe uſar da conſonancia.

Só nos elogios breves, e nas inſcripçoens lapideas he que ſe deve ter maior advertencia para a inteira ſatisfaçaõ deſtes preceitos, por ſer huma compoſiçaõ, em que ſe faz notavel a menor falta: Verdade ſeja que Demoſthenes parece que praticava ainda nas Oraçoens grandes as mais pequenas delicadezas do numero, ſegundo o que ſe infere de Quintiliano: *Neque Demoſthenes fulmina vibraſſe diceretur, niſi numeris vibrata fuiſſent*; porèm nem todos pódem ſer como eſte grande Orador da Grecia.

Eſte he o modo, por onde ſe póde fazer agra-

davel a *Elocuçaõ*, e debaixo deſta doutrina fórma cada hum dos Oradores hum caracter particular, para haver de explicar-ſe, a que commummente ſe chama *Eſtylo*, de que fallarei no

CAPITULO II.

O *Eſtylo* ſignificou algum dia hum ponteiro de ferro, com que ſe figuravaõ as letras, ou em madeira, ou em cera, antes que ſe deſſe na invençaõ do pergaminho, e do papel; e veio ao depois a ſignificar por tranſlaçaõ aquelle uſo da elocuçaõ, com que cada hum ſe diſtinguia em fallar, ou eſcrever; e eſta he hoje a acceitaçaõ, que temos deſte vocabulo.

Diſtinguiraõ os Oradores tres generos de *Eſtylo*: *Magnifico*, ou *ſublime*: *humilde*, ou *infimo*: *igual*, ou *mediocre*.

O *Eſtylo ſublime* he o que conſta de vozes eſplendidas, de termos brilhantes, de ſentenças elevadas, de figuras pompoſas, de epîthetos metaphoricos, de tranſlaçoens atrevidas, e de periphraſes proporcionados. Eſte eſtylo he menos uſado dos Oradores, que dos Poetas.

Lucano pertendeo fundar nelle a ſua *Pharſalia*, mas com tanto excello, que na meſma altura veio a perder o reſplandor da ſublimidade; e o meſmo aconteceo a Miguel da Silveira no ſeu *Machabeo*: Poetas ambos de hum enthuſiaſmo enfurecido, e que parece que antes ſe deſpenhaõ, do que caminhaõ pela eminencia do Pindo: Virgilio, Taſſo, e Camoens humas vezes ſe remontaõ, outras ſe abatem, e eſtes ſaõ os voos mais proprios das Aguias.

Diony-

Dionyſio Caſſio Longino, famoſo Sophiſta do terceiro ſeculo, e Conſelheiro de Zenobia, Rainha dos Palmyrenos, fez hum Tratado do *Eſtylo ſublime*, que eſtá reputado, eſpecialmente entre os Francezes, pela melhor obra, que ſe tem feito neſte genero.

Porèm eſta obra, quanto ao meu parecer, pertence mais á ſublimidade dos penſamentos, que á dos termos, no que há huma grande differença, porque ſe póde dar hum penſamento ſublime em termos humildes, e penſamento humilde em termos ſublimes. Tenho achado muitos *Rhetoricos*, que naõ advertem neſta diſparidade. Offerecia Dario a Alexandre huma de ſuas filhas, com a ametade da Aſia, e dez mil talentos de ouro: Eu acceitara a offerta (diſſe Parmenion) ſe fora Alexandre: e eu tambem (reſpondeo Alexandre) ſe fora Parmenion. Eis-aqui hum penſamento ſublime, ſem que a expreſſaõ ſeja muito elevada.

E como aqui tratamos da elevaçaõ das palavras, e naõ dos conceitos, devemos conhecer a ſublimidade do *Eſtylo*, naõ em Longino, mas em Ariſtoteles, aonde ſe achaõ os melhores preceitos deſte argumento.

Seguia-ſe agora o dár alguns exemplos do *Eſtylo ſublime*; porèm eu naõ tenho achado em algum Orador, que em huma Oraçaõ continuada deſempenhe todas as ſuas prerogativas. O Padre Colonia nos remette para as Philippicas de Cicero, para as Oraçoens contra Verres, e contra Piſon, e para a defenſa de Milon: Confeſſo que nas meſmas Oraçoens há muitos eſforços de elevaçaõ, e de magnificencia Oratoria, porèm a maior parte dellas eſtando fundadas no *Eſtylo Forenſe*, fica em muita diſtancia do noſſo aſſumpto.

Alvaro *Cienfuegos* quiz deſempenhar o ſeu ap-

pellido na vida de S. Franciſco de Borja; porèm eſtá cheio de affectaçoens, e de huma pompa deſproporcionada. O Conde Theſauro pertende que o eſtylo mais ſublime he o da *Nemeſis* de Julio Ceſar Eſcaligero; e elle me parece ainda mais affectado, e entumecido, que o do meſmo *Cienfuegos*.

§.

O *Eſtylo* humilde, *ſingelo*, ou *infimo*, he o que naõ admitte algum adorno *rhetorico*, e ſó ſe funda em vozes commũas, e familiares: Uza-ſe delle nas cartas, e converſaçoens, porèm naõ ſe deve tratar, com tanta pobreza, que o façamos inſipido.

Intenta o referido Colonia que ſejaõ as Eclogas de Virgilio o melhor exemplar para eſte *Eſtylo*. Eu ſinto o contrario, porque há muitos lugares neſta *Bucolica*, cheios de elevaçaõ; e nella fallaõ muitas vezes os Paſtores, como ſe foſſem educados nas Cidades, e naõ nos apriſcos, e cantaõ menos com a frauta, que com a trombeta: Com toda a ſingeleza principîa Virgilio a Ecloga viii:

Damonis muſam dicemus & Alpheſibæi,

Mas detendo-ſe muito pouco neſta linguagem paſtoril, paſſa logo para a elevaçaõ deſtes verſos:

Tu mihi ſeu magni ſuperas jam ſaxa Timavi,
Sive oram Illyrici legis æquoris: en erit unquam
Illa dies mihi cum liceat tua dicere facta?

O meſmo digo das Eclogas do noſſo Camoens; pois, ſem ſe ſentir, eſtá voando continuamente da humildade das choças para a eminencia do Helicona.

Entre

Entre os Poetas os melhores exemplares do *Eſtylo infimo* ſaõ os Idyllios de Theocrito, as Eglogas de Franciſco Rodrigues Lobo, e as Poeſias ruſticas de D. Franciſco Manoel. Sempre me pareceo que os Paſtores deviaõ fallar como homens do campo, e naõ da Corte: eſta foi a razaõ, porque fiz tambem neſte eſtylo a minha *Bucolica*; e houve quem diſſe que eu nella tinha *eſtropeado* a noſſa lingua: Eu reſpondi com huma rizada, naõ ſó ao termo, mas ao juizo.

§.

O *Eſtylo mediocre* he, como a virtude, entre dous extremos. Chama-lhe Cicero: *Eſtylo purificado*; pois nelle ſe podem lograr todas as delicias da eloquencia: he hum eſtylo, ſem ſoberba, ſem humildade, ſem faſtio. Todas as figuras da *Rhetorica* lhe ſaõ permittidas, ſe dellas ſe uſa com circunſpecta moderaçaõ: admitte raras vezes as *circunlocuçoens*, e os *epithetos* haõ de ſer ſómente os naturaes, e os que attendem menos á pompa, que á energia.

Quaſi toda a elegancia de Demoſthenes, de Cicero, e do Padre Vieira he fundada neſte *Eſtylo*; e eſte he o mais proprio, aſſim para os Oradores Sagrados, como para os profanos.

Hum dos ſeus melhores exemplares he o Telemaco do Arcebiſpo de Cambrai Monſieur de Fenelon; eſte he hum livro, que naõ ſó pelo argumento, mas pela elegancia ſe devia collocar na tribuna de Minerva.

Ainda que ſeja mais proprio da Oratoria o *Eſtylo mediocre*, nem por iſſo deve ſer nella deſprezado o *ſublime*, e o *infimo*; pois como o officio do Orador he enſinar, deleitar, mover, ou perſuadir, póde aproveitar o *Eſtylo infimo* para os documentos, o *ſu-*

blime para a deleitaçaõ, o *mediocre* para a commoçaõ, ou perſuaſaõ.

Neſtes tres generos de *Eſtylo*, há outros, que formaõ differentes eſpecies; porque há *Eſtylo* conceituoſo, ponderativo, erudito, picante, e póde darſe *Eſtylo* que comprehenda todos. Naõ julgo que ſaõ preciſos os exemplos para ſe conhecerem; e ſó advertirei que toda a energia do *Eſtylo* conſiſte na bôa eleiçaõ dos verbos, dos nomes, e dos adverbios, porque há huns, que ſó tocaõ a ſignificaçaõ; outros, que a declaraõ; outros, que a accreſcentaõ; outros, que a dobraõ, e que a reflectem. Os que ſómente a tocaõ fazem o *Eſtylo* languido, confuſo, e pueril: os que a declaraõ ſatisfazem á explicaçaõ: os que a accreſcentaõ accendem o animo; e os que a dobraõ, e reflectem, alegraõ o diſcurſo, fazendo huma eſpecie de eco nos ouvidos, e no entendimento.

Eſta differença neceſſitava de huma dilatada expoſiçaõ: contentar-me hei com dár os exemplos do *verbo*, do *nome*, e do *adverbio reflexivo*, para deixar ao juizo do meu Leitor o conhecê-los por ſi meſmo.

Do *verbo*, com hum lugar de Antonio Solis na ſua Hiſtoria de Mexico, fallando da appariçaõ, que fez o demonio aos Magicos daquella Provincia.

= Venia como deſpechado, enfurecido, *afeando* con el ceño de la ira la miſma fiereza. =

O verbo = *afeando* = faz aqui toda a reflexaõ que podia deſcobrir a eloquencia.

Do *nome* nos dá Eugenio Gerardo Lobo o exemplo em huma copla do ſeu Nicetas:

Por dorada puerta ſale
el más hermoſo prodigio,
que mereciò ſimulacros
en los altares del vicio.

Do

Do adverbio o Padre Vieira nas lagrimas de Heraclito: =

= *Lacrymis adamanta movebis*, diſſe *atrevida*, mas *verdadeiramente* Ovidio.

Por eſte meio ſe conſeguirá a bondade do *Eſtylo*, e por cinco modos o faremos vicioſo: Primeiro, quando fica tumido, e inchado: Segundo, quando ſe moſtra frio, e pueril: Terceiro, quando ſe vê deſatado, e fluctuante: Quarto, quando ſe offerece ſecco, e exangue: Quinto, quando apparece violento, e eſcabroſo.

O *Eſtylo inchado* he o que ſó ſe funda na pompa vazia das palavras.

O *Eſtylo pueril* he o de alluſoens incongruentes, agudezas inſipidas, redundancias frivolas.

O *Eſtylo deſatado* he o que naõ tem *numero*, nem clauſulas, nem deduçaõ.

O *Eſtylo ſecco* he ao que lhe falta o eſpirito, e o adorno.

O *Eſtylo violento* he o que intenta achar a cultura, ſem ſuavidade, e o concerto, ſem harmonia.

De todos eſtes pudera dár baſtantes exemplos, porèm melhor ſerá paſſá-los em ſilencio, por naõ moſtrarmos engenho em fadigas alheias.

Alèm deſtes *Eſtylos* há mais tres, a que ſe deo o nome de *Aſiatico*, *Laconico*, e *Rhodio*.

O *Aſiatico* he o que tem huma prolixa verboſidade: o *Laconico* he breviſſimo, agudo, e expreſſivo, e que póde reduzir huma larga Oraçaõ a poucas palavras: o *Rhodio* he hum meio entre eſtes dous: naõ he taõ diffuſo, como o primeiro, nem taõ conciſo, como o ſegundo. Do primeiro, e terceiro eſcuſo de dár os exemplos, pois naõ he neceſſaria grande intelligencia para ſe conhecerem: darei do ſegundo os que me vierem á memoria.

Philippe de Macedonia declarando a guerra aos Eſpartanos em huma carta cheia de ſoberba, recebeo delles eſta reſpoſta:

= Os Eſpartanos a Philippe: Dionyſio em Corintho. =

Com hum = *Naõ* = poſto em huma folha de papel reſponderaõ a outra carta do meſmo Philippe, em que lhes pedia huma couſa injuſta:

Naõ ſó os homens, até as mulheres da meſma Naçaõ eraõ conciſas, agudas, e expreſſivas. Entregando huma a ſeu filho o eſcudo, quando hia para a guerra, lhe diſſe: *Aut cum hoc, aut in hoc.*

A Diogenes lhe foi muito agradavel eſta elegancia: *Olha naõ firas a teu Pai*, dizia elle a hum rapaz, que andava atirando pedradas pelas ruas, para lhe chamar filho de huma meretriz.

Perguntou Auguſto a hum mancebo, que ſe parecia muito com elle, ſe ſua Mãi tinha vindo a Roma; e reſpondeo-lhe: Minha Mãi, naõ, meu Pai muitas vezes.

§.

ENtre o *Eſtylo Aſiatico*, e o *Laconico* ſe póde metter a *Amplificaçaõ*, como huma das partes eſſenciaes da *Rhetorica*. Diremos que he hum certo genero de elegancia mais copioſo, e vehemente, que, com o pezo das razoens, e enumeraçaõ das circunſtancias ſe imprime melhor a perſuaſaõ nos ouvidos, e nos animos do Auditorio. Porèm eſta definiçaõ ſe explica melhor nos exemplos: Dido, para chamar ingrato, e deshumano a Eneas, amplificou por eſte modo eſte conceito:

Nec tibi diva parens generis, nec Dardanus auctor
Perfide, ſed duris genuit te cautibus horrens
Caucaſus, Hyrcanæque admorunt ubera tigres.

Que

Que trasladou o noſſo Camoens:

Ou tu do monte Pindaſo es naſcida,
Ou marmor te pario formoſa, e dura:
Naõ póde ſer que foſſe concebida
Dureza tal de humana creatura.
&c.

A *Amplificaçaõ* tem dous generos, em que ſe divide: hum das *materias*, *e das ſentenças*: outro da repetiçaõ das *palavras*, *e dos termos*.

Por nove modos ſe faz a *Amplificaçaõ* das *materias*, e *ſentenças*: Primeiro pelo concurſo das *definiçoens*: ſegundo pelo concurſo dos *adjuntos*: terceiro pela *enumeraçaõ* das partes: quarto pelas *cauſas*, e *effeitos*: quinto pelas *conſequencias*: ſexto pelos *ſimiles*, *comparaçoens*, e *exemplos*: ſettimo pelos *contrarios*, *deſſemelhantes*, e *oppoſtos*: oitavo pelo *incremento*: nono pelos *hyperboles*.

Para o concurſo das *definiçoens* temos o exemplo em Cicero na Oraçaõ pro Milone:

= A Curia he o templo da ſantidade, da grandeza, do entendimento, do conſelho publico: a ara dos companheiros: o Emporio de todas as gentes: a Cadeira do Povo Romano, concedida a huma ſó ordem. =

O Padre Vieira definindo a Terra no Elogio de S. Sebaſtiaõ, que vem no Tomo XIV.

= E como a Terra ſeja o hoſpital da pobreza, o valle das lagrimas, o deſerto da fome, e a patria do odio, e perſeguiçaõ, bem clara fica a conſequencia, ou a demonſtraçaõ Evangelica, de que tambem há bemaventurados na Terra. =

Para

§.

PAra a *Amplificaçaõ* dos *adjuntos* S. Jeronymo:
= Oh infeliciſſimo de todos os mortaes! Tu entras para executares o eſtupro naquella lapa, em que naſceo o Filho de Deos! Naõ temes que o Infante chore no Preſepio? Naõ temes que te veja a Virgem, há pouco parida? Os Anjos clamaõ, os Paſtores correm, a Eſtrella reſplandece, os Magos adoraõ, Herodes treme, Jeruſalem ſe conturba; e tu entras no cubiculo da Virgem para enganar a Virgem! =

Ovidio, com os meſmos *adjuntos*:

Jam mihi deterior canis aſpergitur ætas,
Jamque meos vultus ruga ſenilis arat:
Jam vigor, & lapſo languent in corpore vires,
Nec juveni, luſus, qui placuere, juvant.

§.

PAra a *Amplificaçaõ* pela *enumeraçaõ das partes*, o Theologo S. Gregorio ſobre a admiravel conſtancia da Mãi dos Machabeos:

= Nada pode enfraquecer o valor da Mãi, ou a conſtancia do ſeu animo: Nem os inſtrumentos, inventados para deſencaixar os membros: nem a viſta, e preparaçaõ das rodas, nem as exquiſitas invençoens da crueldade, nem os garfos de ferro, nem a braveza das féras, nem as eſpadas afiadas, nem as panellas ferventes, nem o fogo, que ſe aſſoprava, nem a variedade das turbas, nem o eſpectaculo da familia, nem os membros, que ſe deſpedaçavaõ, nem as carnes, que ſe conſumiaõ, nem os caudoloſos rios de ſangue, nem a flor da idade, que ſe murchava, nem

nem os males prezentes, nem o ameaço das calamidades. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* pelas cauſas, e effeitos: Antonio Sõlis na Hiſtoria Mexicana:

= Neſte eſtado eſtavaõ as couſas da Monarchia, quando entrou na ſua poſſeſſaõ o Rei D. Carlos, que chegou a Heſpanha por Settembro deſte anno.

Começou a ſerenar-ſe a tempeſtade, e ſe foi pouco a pouco introduzindo o ſocego, como influido da prezença Real, ſeja por virtude occulta da Coroa, ou porque aſſiſte Deos, com igual providencia, tanto á Mageſtade do que governa, como á obrigaçaõ, ou ao temor natural de quem obedece: Sentiraõ-ſe os primeiros effeitos deſta felicidade em Caſtella, cuja quietaçaõ ſe foi communicando aos de mais Reinos de Heſpanha; e paſſou aos Dominios de fóra, como coſtuma no corpo humano diſtribuir-ſe o calor natural, ſahindo do coraçaõ em beneficio dos membros mais diſtantes: Chegaraõ brevemente ás Ilhas da America as influencias do novo Rei, obrando tanto nellas o ſeu nome, como em Heſpanha a ſua preſença: diſpuzeraõ-ſe os animos a maiores emprezas, creſceo o esforço nos ſoldados, e ſe pôs a maõ nas primeiras operaçoens, que precederaõ á Conquiſta da Nova Heſpanha, cujo Imperio tinha o Ceo deſtinado para engrandecer os principios deſte Auguſto Monarcha. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* das *conſequencias*: He grande o exemplo, que nos dá o Padre Vieira:

= Finjamos, pois (o que até fingido, e imaginado faz horror) finjamos que vem a Bahia, e o reſto

ſto do Braſil a maõs dos Olandezes: Que he o que há de ſucceder em tal caſo? Entraráõ por eſta Cidade com furia de vencedores, e de hereges; naõ perdoaráõ a eſtado, a ſexo, nem a idade, e com os fios dos meſmos alfanges mediráõ a todos. Choraráõ as mulheres, vendo que ſe naõ guarda decoro á ſua modeſtia: choraráõ os velhos, vendo que ſe naõ guarda reſpeito ás ſuas cans: choraráõ os nobres, vendo que ſe naõ guarda cortezia á ſua qualidade: choraráõ os Religioſos, e veneraveis Sacerdotes, vendo que até as coroas ſagradas os naõ defendem: choraráõ finalmente todos, e mais laſtimoſamente que todos os innocentes; porque nem a eſſes perdoará (como em outras occaſioens naõ perdoou) a deshumanidade heretica....

Entraráõ os hereges neſta Igreja, e nas outras, e arrebataráõ eſſa cuſtodia, em que agora eſtais adorado dos Anjos: tomaráõ os calices, e vaſos ſagrados, e applicá-los haõ ás ſuas nefandas embriaguezes: derrubaráõ dos Altares os vultos, e eſtatuas dos Santos, deformá-las haõ a cutiladas, e mettê-las haõ no fogo; e naõ perdoaráõ as maõs furioſas, e ſacrilegas ás Imagens tremendas de Chriſto crucificado, nem ás da Virgem Maria....

Em fim, Senhor, deſpojados aſſim os Templos, e derrubados os Altares, acabar ſe há no Braſil a Chriſtandade Catholica, acabar-ſe há o culto Divino, naſcerá herva nas Igrejas, como nos campos, e naõ haverá quem entre nellas.

Paſſará hum dia de Natal, e naõ haverá memoria do voſſo Naſcimento: Paſſará a Quareſma, e a Semana Santa, e naõ ſe celebraráõ os Myſterios da voſſa Paixaõ: choraráõ as pedras da rua, como diz Jeremias, que choraraõ as de Jeruſalem deſtruida: *Viæ Sion lugent, eo quod non ſint, qui veniant ad ſolem-*

ſolemnitatem: Ver-ſe haõ hermas, e ſolitarias; e que naõ as piza a devoçaõ dos fieis, como coſtuma em ſemelhantes dias: naõ haverá Miſſas, nem Altares, nem Sacerdotes, que as digaõ: morreráõ os Catholicos, ſem confiſſaõ, nem Sacramentos: prégar-ſe haõ hereſias neſtes meſmos Pulpitos, e em lugar de S. Jeronymo, e Santo Agoſtinho, ouvir-ſe haõ, e allegar-ſe haõ nelles os infames nomes de Calvino, e de Luthero: beberáõ a falſa doutrina os innocentes, que ficarem, reliquias dos Portuguezes; e chegaremos a eſtado, que ſe perguntarmos aos filhos, e aos netos dos que agora eſtaõ: Menino, de que ſeita ſois? Hum reſponderá: Eu ſou Calviniſta; outro: Eu ſou Lutherano. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* das *comparaçoens*, das *ſemelhanças*, e *exemplos* eſtá Marcial cheio de galantaria neſte Epigramma:

Quod nimio gaudes noctem producere vino,
Ignoſco vitium, Gaure, Catonis habes:
Carmina, quod ſcribis Muſis, & Apolline nullo,
Laudari debes, hoc Ciceronis habes:
Quod vomis, Antoni, quod luxiriaris Apici:
Quod fures vitium, dic mihi, cujus habes?

O noſſo Camoens nos dá outro exemplo mais ſerio na morte de D. Ignez de Caſtro:

Aſſim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida, e bella,
Sendo das maõs laſcivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella:

O chei-

O cheiro traz perdido, a cor mudada,
Tal eſtá morta a pállida donzella,
Seccas do roſto as rozas, e perdida
A branca, e viva cor, c'o a doce vida.

§.

PAra a *Amplificaçaõ* dos contrarios, e oppoſtos temos a Cicero:

= Deſta parte contende o pejo, da outra o deſaforo: daqui a pudicicia, dalli o eſtupro: daqui a lealdade, dalli o engano: daqui a religiaõ, dalli o ſacrilegio: daqui a honeſtidade, dalli a torpeza: daqui a continencia, dalli a laſcivia: em fim, a igualdade, a temperança, a fortaleza, a prudencia, e todas as virtudes combatem com a iniquidade, com a luxuria, com a temeridade, e com todos os vicios: Contende ultimamente a abundancia com a pobreza, o raciocinio com a brutalidade, a ſizudeza com a loucura, e a bóa eſperança com a deſeſperaçaõ de todas as couſas. =

O Padre Vieira introduzindo a Saul com David ſobre o combate do Philiſtheo:

= Olha, moço, (dizia Saul a David apontandolhe para o Gigante) olha que aquelle he mais que homem, e tu menino: aquelle armado, e tu ſem armas: aquelle exercitado em batalhas, e tu ſem exercicio da guerra. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* do *incremento*, o meſmo Vieira:

= Ponde naquella balança Reinos, ponde Sceptros, ponde Coroas, ponde Imperios, ponde Monarchias, ponde tudo o que póde dar a natureza, e tudo

tudo o que póde dar a fortuna ; ponde o Mundo , ponde mil Mundos , ponde o meſmo Ceo , com a ſua Gloria ; nada diſto faz pendor em comparaçaõ da graça , que taõ facilmente perdemos. =

Hum dos maiores esforços poeticos na *Amplificaçaõ* do *incremento* he o do noſſo Camoens :

A noite eſcura dava
Repouſo aos canſados
Animaes , eſquecidos da verdura :
O valle triſte eſtava
C' huns ramos carregados ,
Que inda a noite faziaõ mais eſcura :
Offrecia a eſpeſſura
Hum temeroſo eſpanto ;
As roucas rans ſoavaõ
N' hum charco de agoa negra , e ajudavaõ
Do paſſaro nocturno o triſte canto ;
O Tejo , com ſom grave ,
Corria mais medonho , que ſuave.
Como toda a triſteza
No ſilencio conſiſte ,
Parecia que o valle eſtava mudo :
E com eſta graveza
Eſtava tudo triſte ,
Porèm o triſte Almeno mais que tudo.

§.

PAra a *Amplificaçaõ* dos *hyperboles* D. Gaſpar Mercader , Conde de Cerbelhon , no ſeu *Retrato politico* :

= Fará V. M. temer a voz dos ſeus clarins nos ouvidos mais infeis , porque naõ haja eſtrondo , que mais pareça harmonia : Os exercitos de V. M. autho-

rizaráõ

rizaráõ tanto o ameaço, que deixem impraticavel a reſiſtencia, fazendo que V. M. conquiſte tantos Imperios como vontades, porque os ſeus louros naõ ſó adornem, mas fructifiquem. Os baixeis de V. M. encurvando a Neptuno a ſua variavel eſpadoa, daraõ leis aos ventos, e ás ondas, e ſe alguma vez ſe encreſparem, ſe lhes dará licença para ſerem formoſas, e naõ crueis. Aſſim terá V. M. occupada a agoa, com as ſuas armadas, a terra, com os ſeus exercitos, o ar, com os ſeus applauſos, deixando o fogo, para os noſſos coraçoens. Ouviráõ o nome de V. M. as balizas do Mundo; e o Ceo, que naõ produz adoraçoens, produzirá influencias: Será todo o Mundo Catholico, porque V. M. naõ ſaberá ter outros vaſſallos. Cortará a eſpada de V. M. mais álèm dos elementos, e tornará á bainha a ſer ſocego, depois de ſer victoria. =

Remetto o meu Leitor para o Polyphemo de Virgilio, para o Adamaſtor de Camoens, e para a deſcripçaõ do Caucaſo no Prometheu do Abbade Manoel de Souſa Moreira.

Eſtas ſaõ as *Amplificaçoens* das *materias*, e ſentenças; vou agora dar as das palavras.

§.

A *Amplificaçaõ* das palavras ſe faz por ſeis modos principaes: Primeiro pelas *metaphoras*: ſegundo pelos *ſynonymos*: terceiro pelas *vozes illuſtres*: quarto pelos *epîthetos*: quinto pelos *periphraſes*: ſexto pelas *repetiçoens*.

Para a *Amplificaçaõ* das *metaphoras* temos o Padre Vieira no primeiro Sermaõ do primeiro Tomo.

= Huma arvore tem raizes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos;

ctos; assim he o Sermaõ: Há de ter raizes fortes, e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter hum tronco, porque há de ter hum só assumpto, e tratar huma só materia: deste tronco haõ de nascer diversos ramos, que saõ diversos discursos, mas nascidos na mesma materia, e continuados nella: estes ramos naõ haõ de ser seccos, mas cobertos de folhas, porque os discursos haõ de ser vestidos, e ornados de palavras: há de ter esta arvore varas, que saõ a reprehensaõ dos vicios: há de ter flores, que saõ as sentenças; e por remate de tudo há de ter fructos, que he o fructo, e o fim, a que se há de ordenar o Sermaõ. De maneira, que há de haver fructos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos, mas tudo nascido, e fundado em hum só tronco, que he huma só materia: Se tudo saõ troncos, naõ he Sermaõ, he madeira: se tudo saõ ramos, naõ he Sermaõ, saõ maravalhas: se tudo saõ folhas, naõ he Sermaõ, saõ verças: se tudo saõ varas, naõ he Sermaõ, he feixe: se tudo saõ flores, naõ he Sermaõ, he ramalhete. Serem tudo fructos, naõ póde ser, porque naõ há fructo, sem arvore. Assim que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, há de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido, e formado de hum só tronco; e esse naõ levantado no ar, senaõ fundado nas raizes do Evangelho. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* dos *Synonymos*, dou a Cicero, que disse, para explicar a sua ira contra Catilina; = *Non feram, non parcam, non sinam.* = E para mostrar a violencia, com que foi lançado de

Roma, diſſe tambem : = *Abiit*, *exceſſit*, *evaſit*, *erupit*. =

§.

PAra a *Amplificaçaõ* das *vozes*, ou *termos illuſtres*, o meſmo Orador contra Verres :

= Naõ trazemos ao voſſo Juizo a hum ladraõ diſſimulado, mas a hum roubador publico: naõ trazemos a hum adultero, mas a hum expugnador da pudicicia : naõ trazemos a hum ſacrilego, mas a hum inimigo das couſas ſagradas, e religioſas : naõ trazemos a hum homicida, mas a hum crueliſſimo verdugo dos noſſos Cidadaons, e companheiros. =

§.

ANtes de entrarmos na *Amplificaçaõ* dos *epîthetos*, devemos ſaber que o *epîtetho*, ao qual dá Quintiliano o nome de = *appoſito* = he hum adjectivo, com que fica, ou mais clara, ou mais energica, ou mais aguda a ſignificaçaõ do ſubſtantivo, a que ſe ajunta. Huns ſaõ proprios, e naturaes, outros translativos : he *proprio*, e *natural o epîtheto* de *fria* que damos á neve : o de *aromatico* ao incenſo : o de *pallido* ao enfermo : o de *negro* ao Ethyope. E eſtes meſmos ficaráõ *translativos*, applicados a outros ſubſtantivos, como ſe chamarmos *frio* ao eſtylo : *aromaticos* aos bons coſtumes : *pallida* á morte : negra á opiniaõ, ou á fama.

Mûitas ſaõ as fontes, de que pódem naſcer os *epîthetos*. Primeira, póde naſcer o *epîtheto* da cauſa efficiente, e com ella chamaremos á meza = *officioſa*. =

2 Da cauſa material, com que diremos que he = *marmoreo* = o edificio.

3 Da

3 Da cauſa formal, com que ſe dará o *epîtheto* de = *trifauce* = ao cerbero.

4 Da cauſa final, chamando á fortaleza = *militar.* =

5 Com o effeito proprio, ſe chamará ao Sol = *luminoſo.* =

6 Com o effeito extrinſeco = *macillento* = ao enfermo.

7 Com a natureza da couſa = *humida*, ou *ſombria* = á noite.

8 Com o lugar = *ſilveſtres* = aos Faunos.

9 Com algum lugar inſigne = *Theſſalicos* = aos venenos.

10 Com o ſitio = *montuoſa* = a Armenia.

11 Com o tempo = *matutina* = á luz.

12 Com a duraçaõ do tempo = *caduco* = ao tronco.

13 Com imitaçaõ da materia = *cryſtallina* = á eſphera.

14 Com o miniſterio = á aguia = *fulminante.* =

15 Com os coſtumes = *fraudulenta* = á Grecia.

16 Com os Genitores = *Saturnia* = a Juno.

17 Com a patria, ou regiaõ = *Hyrcano* = ao tigre.

18 Com o habito = *cerdoſo* = ao javali.

19 Com os dotes do corpo = *eburneos* = aos dentes, *pudibundas* ás faces, *dourados* aos cabellos.

20 Com os vicios do corpo = *deforme* = a Polyphemo, = *coxo* = a Vulcano.

21 Com a invençaõ = *vulcaneas* = ás armas, *Sibyllinos* aos verſos.

22 Com a côr = *nevados* = aos Ciſnes, *tenebroſos* aos corvos.

23 Com a quantidade = *profundo* = ao mar.

24 Com o numero = *infinitos* = aos neſcios.

25 Com o eſtrondo = *canóras* = ás trombetas.

26 Com o preterito = *ſcientifica* = a Athenas.
27 Com o prezente = *calmoſo* = ao Eſtio.
28 Com o futuro = *fertil* = á ſemente.
29 Com as acçoens = *Africano* = a Scipiaõ.
30 Com o prodigio = *Corvino* = a Meſſalla.
31 Com os Authores das artes = *Dedalica* = á architectura.
32 Com as inſignias = *Caducifero* = a Mercurio.
33 Com o lugar, aonde alguem ſe venera = *Epheſina* = a Diana.
34 Com a qualidade do lugar = *aſperos* = aos Pyrineos.
35 Com a poſſeſſaõ = *Achillea* = á lança.
36 Com o officio = *auſpicante* = a Caſſandra.
37 Com os Aſcendentes = *Quirites* = aos Romanos.
38 Com o ornato = *laureada* = á cabeça.
39 Com os affectos = *intrepido* = ao guerreiro.
40 Com a imitaçaõ dos affectos humanos = *iracundo* = ao raio.
41 Com o modo de obrar = *ſedicioſo* = a Catilina.
42 Com as influencias = *infelice* = a Hercules.
43 Com a imitaçaõ das faculdades d'alma = *memoraveis* = aos Faſtos.
44 Com a imitaçaõ da voz, da viſta, e do ouvido = *murmuradoras* = ás fontes, *vigilantes* ás eſtrellas, *ſurdos* aos penedos.
45 Com a eſtimaçaõ = *aurifera* = á virtude.
46 Com a conſtancia = *invencivel* = ao Fado.
47 Com a prezença = *formidaveis* = aos Planetas.
48 Com o eſtado = *mercante* = á Cidade.
49 Com a opulencia = *fructifero* = ao Outono.
50 Com a pobreza ás arvores = *deſpidas.* =

51 Com

51 Com o ſocego = *placido* = ao golfo.
52 Com a recepçaõ = *depoſitaria* = á urna &c. &c. &c. &c.

Daqui ſe póde inferir que ſaõ innumeraveis as origens, de que pódem naſcer os *epîthetos*.

Agora darei hum exemplo do Conde Theſauro para a ſua *Amplificaçaõ*.

= Ja ſahia a humida aurora das ceruleas ondas, e illuſtrava de huma cor alaranjada, taõ brilhante como o ouro, algumas ſubtîs, e dilatadas nuvens, que a eſcura noite tinha deixado nas eſpheras.

Reverberava huma purpurea claridade na candida eminencia do alto Apenino; burrifava com tranſparentes orvalhos a molle relva dos verdes prados, e os pállidos ramos dos tremulos alamos, aonde hum emplumado coro de pequenas aves, brincando, com as matizadas azas, e modulando, com ſuaviſſima harmonia, feſtiva, e alegremente a ſaudavaõ. =

Porèm eſta *Amplificaçaõ* dos *epîthetos*, ficará mais engraçada, e vehemente, quando concorrerem muitos, e ſucceſſivamente com hum ſó ſubſtantivo: he hum bom exemplo o de Antonio de Mendoça no Romance á Soberana Virgem:

Cuya bella planta hermoſa
piſa del dragon màs fiero
el voràz, rugiente, altivo,
ſañudo, erizado *cuello*.

§.

OS *Periphraſes*, a que vulgarmente chamamos *Circunlocuçoens* ſaõ hum rodeio de palavras, com que explicamos, com mais cultura, e extenſaõ, o que podiamos dizer com brevidade, e ſingeleza,

uſando ſó do nome proprio, que conreſponde ao noſſo conceito.

Elles ſaõ mais familiares aos Poetas, que aos Oradores, porèm ainda a eſtes ſe faz algumas vezes preciſo o ſeu uſo; eſpecialmente nas vozes incultas, obſcenas, e antiquadas, e naquellas, que ſe naõ achaõ na propria lingua.

Eu quizera dar aos *Periphraſes* as meſmas origens, que dei aos *epithetos*, porèm receio que os meus Leitores ſe enfaſtiem, ſe eu repetir huma taõ inſipida diſtribuiçaõ. Cuido que baſtará que eu dê algum exemplo da ſua Amplificaçaõ, que deſempenhou felizmente Eugenio Gerardo Lobo no ſeu *Nicetas*; quando eſte Martyr cortou com os ſeus dentes a lingua, para reſiſtir aos inſultos de huma Proſtituta:

Com religioſa impaciencia
deſpedaza a quel preciſo
interprete delicado
del coraçon eſcondido.
Alma de la fantaſia,
retrato legal del juizio,
y del volumen humano
indice, comento, y ſignó.
En fin el dulce inſtrumento
de la eloquencia partido,
de la aljava de los labios
flechò al contrario por tiro.

§.

PAra a *Amplificaçaõ* das *repetiçoens*, em que ſe introduz a meſma palavra, ou por cauſa do ornato, ou da commoçaõ do animo, temos o exemplo em Cicero na defenſa de Roſcio Amerino:

= Accuſaõ a Roſcio Amerino aquelles, que ſe oppuzeraõ a todas as ſuas fortunas; e elle moſtra em Juizo, que lhe naõ deixaraõ ſenaõ calamidades: accuſaõ-no aquelles, a quem foi util a morte de ſeu Pai; e elle

e elle moſtra em Juizo, que eſtes naõ ſó lhe cauſaraõ a triſteza da meſma morte, mas huma extrema neceſſidade: accuſaõ-no aquelles, que ſummamente o deſejaõ matar, e elle moſtra em Juizo, que veio com guarda ao Tribunal, para aqui naõ ſer deſpedaçado diante dos voſſos olhos: accuſaõ-no finalmente aquelles, contra os quaes eſtá o Povo pedindo o merecido caſtigo; e elle moſtra em Juizo, que he o unico, que ficou da malvada mortandade, que occaſionaraõ eſtes infames accuſadores. =

Ovidio na Epiſtola de Phyllis a Demophoonte:

Credidimus blandis, quorum tibi copia, verbis,
Credidimus generi, nominibuſque tuis:
Credidimus lacrymis; an & hæc ſimulare docentur?
Hæ quoque habent artes, quaqua jubentur, eunt.

Antonio Barboſa Bacellar, hum dos noſſos grandes engenhos do paſſado ſeculo nas ſuas *Saudades de Lydia, e Armido*:

Oh quantas vezes me juraſte activo,
Que atraz antes o Tejo tornaria,
Que pudeſſe jamais Armido eſquivo,
Sem os olhos de Lydia, ver o dia!
Torna atraz, doce Tejo fugitivo,
Que ja Armido de Lydia ſe deſvia:
Torna atraz, liſonjea a minha queixa,
Torna atraz, que ja Armido a Lydia deixa.

Eſtes ſaõ todos os meios, por onde ſe póde fazer regular a *Elocuçaõ*; e como ainda para ella ſerá muito conveniente a *Imitaçaõ*, por ſer huma das partes mais attendida na eloquencia, a darei no

LIVRO V.

CAPITULO I.

TOda a portentoſa variedade, de que o Mundo ſe compõem, he huma ſucceſſiva *Imitaçaõ*, ou da Natureza, ou da Arte. A meſma Sabedoria Divina, para ſahir a luz, com huma das grandes obras da ſua Omnipotencia, qual foi o homem, ſe valeo da *Imitaçaõ*, ſendo o meſmo Deos o exemplar, e o homem o exemplo, pois o fez á ſua Imagem, e ſemelhança.

Fez os Ceos, e os elementos em figura circular, á *Imitaçaõ* da Eternidade: a luz, que ſe communica, ſem deteriorar-ſe, á *Imitaçaõ* da ſua Eſſencia: os brutos á *Imitaçaõ* dos homens: as plantas á dos brutos; diſtinguindo os homens dos brutos pelo raciocinio, e os brutos das plantas pela ſenſaçaõ, ſe tanto conſentem os Caterſianos.

Ao depois as ſegundas cauſas foraõ *imitando* as obras do ſeu Soberano Artifice: os campos, com as ſuas flores, imitaraõ o brilhante jardim do Firmamento: o curſo das agoas, o das eſpheras. Paſſou a Natureza para a Arte, com eſtas *imitaçoens*: Imitaraõ os homens os raios, com as bombardas: o tempo, com os relogios: as eſtrellas, com as luminarias: as exhalaçoens, com os foguetes: a ſi meſmos, com as eſtatuas: as eſtatuas, com as pinturas; e com a pintura, e eſculptura imitaraõ tudo o que nos reprezenta o Univerſo, ſendo taõ difficil numerar eſtas imagens, como

como explicar a Gloria, e o uſo da *Imitaçaõ.*

Por eſta cauſa ainda na antiguidade, aonde naõ havia tantos exemplares, para tirar os retratos, nunca eſteve ocioſa a *Imitaçaõ*, humas vezes emendando, outras desfigurando, e outras illuſtrando as feiçoens.

Os primeiros, que tomaraõ os pinceis, para deitar eſtas linhas, foraõ os Poetas; e o primeiro Poeta foi o primeiro homem, pois naõ falta quem diga que compuzera em verſo o Pſalmo 92., que anda entre os de David; e teve por exemplar ao meſmo Deos; porque huns o chamaõ *Factor*, outros *Poëta* do Ceo, e da Terra.

Enós, neto de Adam, imitou ao Avô neſte ſoberano exercicio: de Enós paſſou a Sambetha, mulher de Noé: de Sambetha a ſeu filho Tubal, até chegar a Homero.

A Homero, naõ ſó imitou Virgilio, retratando a Odyſſea na Eneida, mas, ſegundo Demetrio Phalareo, ſe fizeraõ famoſos Thucidides, e Herodoto, prototypos da eloquencia Grega, com a *imitaçaõ*, que fizeraõ do Poeta Grego nas ſuas Hiſtorias.

Cicero, que ſubio ao mais alto ponto da eloquencia Latina, naõ ſe dedignou de imitar a Demoſthenes. Seria hum projecto indeſignavel o trazermos á memoria, quanto mais á penna, o prodigioſo concurſo dos *Imitadores.*

Porèm como ſó pertence ao meu intento, naõ os que imitaraõ, mas os que devemos imitar; direi que Cicero entre os Oradores Latinos he o mais digno de ſer imitado, e entre os noſſos Oradores o Padre Vieira; fallo do uſo da *Elocuçaõ*, e farei o officio de Palemon nos outros requiſitos, que pertencem á Oratoria.

Antonio Solis, ainda que em eſtylo hiſtorico, naõ tem igual nas reflexoens, na ſuavidade, na pureza

da

da lingua, na eminencia dos penſamentos: quanto a mim, eu o naõ acho inferior a Tito Livio: eſte tambem he dos melhores exemplares para a *imitaçaõ*.

O *Retrato politico* de Affonſo VIII. pelo Conde de Cerbelhon, póde parecer a alguem demaſiadamente florîdo; porèm eu ſempre me arrebato, quando o leio.

Jacinto Freire na vida de D. Joaõ de Caſtro he mais varonil, e he dos noſſos mais eloquentes Eſcriptores.

Os Illuſtriſſimos Fenelon, Boſſuet, Flechier ſaõ os melhores da lingua Franceza. Na Oratoria Sagrada parecem inimitaveis Bourdaloue, e Maſſillon.

Devem ſer igualmente muito attendidos na elegancia Q. Curcio, Saluſtio, os Commentarios de Ceſar, Lucio Floro, Cornelio Tacito, Valerio Maximo, Paterculo, e o Padre Famiano Eſtrada.

Entre os PP. aſſim Gregos, como Latinos eu dou o primeiro lugar a S. Joaõ Chryſoſtomo. Alguns reputaõ a Tertuliano pelo Cicero da Igreja: naõ há duvida que he vehemente, eſpirituoſo, e elegante; porèm em muitas partes eſcuro, e demaſiadamente frivolo, ſubtil, e engenhoſo. Abaixo de S. Joaõ Chryſoſtomo eſtá S. Gregorio Nazianzeno, S. Pedro Chryſologo, S. *Baſilio*, S. Gregorio Magno, S. Leaõ Papa, S. Jeronymo, que devem eſtar diante dos Oradores Evangelicos para ſemearem devidamente a Doutrina de Chriſto.

Dos Poetas Latinos o primeiro he Virgilio: ſóbe, e deſce com eleiçaõ, e medida, cuja flexibilidade ſe faz muito preciſa na eloquencia: o ſucceſſivo eſtrepito de Lucano, ja naõ deve ſer imitado. Tambem naõ aconſelhara que ſe imitaſſe Eſtacio na Thebaida, mas ſó em alguns lugares da Achilleida. Ovidio naõ deixa de ſer bom para a expreſſaõ das imagens, dos affectos, e da facilidade.

Jero-

Jeronymo Vida, Sanazaro, Plauto, Terencio, Juvenal, Tibullo, Catullo, e Claudiano, ſe pódem imitar, exceptuando os ultimos nos lugares em que abuſaraõ da liberdade Gentilica.

Dos noſſos Poetas ninguem diſputa a Camoens o primeiro lugar; eu ponho em ſegundo a Gabriel Pereira de Caſtro, com licença de Manoel de Faria, que tomou teima com a ſua *Ulyſſea*.

Dos Heſpanhoes, ſegundo o meu fraco juizo, tem a primazia Luiz de Gongora nos verſos pequenos, ainda que venero muito a ſuavidade de Garcilaço de la Vega. Eugenio Gerardo Lobo illuſtrou o Parnaſo Heſpanhol no noſſo ſeculo com as ſuas Poeſias.

Dos Italianos, Torquato Taſſo me parece mais imitavel na arte, que na auſteridade com que tratou as Muſas: Differaõ delle = *que peccara em naõ peccar.* =

Pudera trazer hum innumeravel eſquadraõ de Poetas Italianos, porèm baſtará que ponha na fronte o *Paſtor Fido* do Cavalheiro Guarini, e de melhor vontade o puzera, ſe em lugar dos verſos ſoltos ſe metteſſem os rimados neſte dociſſimo, e engenhoſo Poema.

Dos Francezes naõ poſſo dar muitos exemplares, ainda que ſejaõ baſtantes os Poetas deſta Provincia, pois como amaõ mais os fructos, do que as flores, naõ ſe ſabem haver com a elegancia Poetica.

Depois do Reinado de Franciſco I. he que principiou eſta Naçaõ a olhar para a altura do Pindo, ainda que nunca pode vencer a ſua eminencia. Alguns dos noſſos modernos lhes pertendem fazer companhia na raiz do monte, ou por moda, ou por lhes parecer muito difficil a ladeira. Ainda naõ houve quem os deſenganaſſe de que neſte lugar nunca paſſariaõ de ſerem Sylenos.

Os

Os Poetas de França mais antigos, e conhecidos saõ Marot, Rabelais, Ronsard, Malherbe, Maynard, Voiture, Scarron, Calprenede, e o Marquez de Racan: os menos antigos saõ: De la Motthe le Vayer, Moliere, Chapelain, Desbarreaux, Mezerai, Chapelle, Benserade, Peliſſon, o Conde de Buſſi, La Fontaine, Santeuil, Pradon Racine Pai, e filho.

Os mais modernos saõ: Maſcaron, St: Evremont, Corneille, Deſpreaux, Rouſſeau, Desfontaines; e o mais chegado ao noſſo ſeculo he Voltaire. De todos eſtes os que eſtaõ em melhor lugar saõ o meſmo Voltaire, Rouſſeau, Deſpreaux, Corneille, Racina Pai, e Moliere; porèm talvez que nenhum delles nos poſſa ſervir de exemplar para a noſſa eloquencia.

Devo paſſar em ſilencio os Oradores, e Poetas Alemaens, Olandezes, e Inglezes, porque naõ tenho o devido conhecimento da ſua lingua: Ouço fallar muito deſtes ultimos em Milton, Shakeſpear, e Pope. De Pope, e de Milton tenho viſto as traduçoens; porèm, com ellas, naõ poſſo fazer o verdadeiro juizo dos Originaes.

De todos eſtes AA. ſe devem entregar á memoria os lugares mais illuſtres, porque facilitará a *imitaçaõ* eſta variadade de eſpecies eſcolhidas. Devemos fugir da *imitaçaõ*, que ſe chama *ſervil*, que he quando ſe traslada, e naõ ſe *imita*, e ſeguirmos a Natureza, que debaixo do meſmo modello forma differentes individuos.

Por nove modos ſe conſegue a *Imitaçaõ*: Primeiro, exprimindo o conceito, penſamento, ou a ſentença por outras palavras: aſſim imitou Camoens a Virgilio: Virgilio diſſe:

Si

Si tamen, ò Superi, mortalia facta videtis.

E o noſſo Camoens:

Se lá no aſſento Ethereo, a que ſubiſte;
Memoria deſta vida ſe conſente.

§.

SEgundo, naõ conſervando as meſmas palavras, ou ſentenças, mas conſervando ſómente o methodo: aſſim imitou Ovidio a Cicero: Cicero diſſe nas Philippicas:

= Quizera que fizeſſem os Deoſes immortaes, que antes deſſemos as graças a S. Sulpicio eſtando vivo, do que lhe procuraſſemos as honras depois de morto. =

E Ovidio.

Si mea cum veſtris valuiſſent vota Pelaſgi,
Non foret ambiguus tanti certaminis hæres:
Tuque tuis armis, nos te potiremur, Achille.

§.

O Terceiro, guardando as meſmas palavras, ou os meſmos termos, e transferindo-as a outro ſentido:

Cicero diſſe contra Antonio:

= Oh barbaro atrevimento! Tu tens ouſadia para entrares naquella Caſa? Tu atreves-te a profanar aquella entrada Santiſſima? Tu atreves-te a apparecer com eſſe criminoſo ſemblante diante dos Deoſes Penates, que exiſtem naquella morada? =

E qualquer Orador Evangelico podia tambem dizer:

= Oh

= Oh barbara temeridade! Tu tens ouſadia para entrares neſte Templo! Tu te atreves a profanar aquelle ſantiſſimo Veſtibulo? Tu te atreves a apparecer com eſſe atrevido ſemblante diante de Deos, e dos ſeus Santos, que ſe veneraõ neſta ſagrada habitaçaõ? =

§.

O Quarto, uſando dos meſmos termos, e palavras, e applicando as a diverſos objectos: O meſmo Cicero diſſe contra Catilina:

= Até quando finalmente, ó Catilina, has de abuſar da noſſa paciencia? Até quando há de eſcarnecer de nós eſſa tua ira? Até que limites ſe há de precipitar eſſe teu atrevimento: Naõ te move para o refreares, nem a nocturna guarda do Palacio, nem as vigias da Cidade, nem o temor do Povo, nem o ſequito de todos os bons, nem hum lugar taõ defendido, como aquelle, em que ſe ajunta o Senado, nem as vozes, e ſemblantes dos Senadores? =

E póde ſer eſta a imitaçaõ:

= Até quando finalmente, ó peccador, has de abuſar da paciencia divina? Até quando eſcarnecerás da ſua piedade? Até que limites ſe há de precipitar eſſe teu atrevimento? &c. =

§.

O Quinto, ſeguindo as figuras, os periodos, os adornos, mas com diverſas palavras, e com differente conceito. Diz Cicero na Philippica ſegunda.

= Naõ agrada a Antonio o meu Conſulado, mas agradou a P. Servilio, para que nomêe em primeiro lugar o que primeiro morreo entre os Conſules daquelle tempo: agradou a Q. Luctacio, cuja authoridade

ridade ſempre viverá neſta Republica: agradou aos dous Lucullos, a M. Craſſo, a Q. Hortencio, a C. Curion, e ſobre tudo o approvou Cn. Pompeo. =

E na unica Elegia do ſegundo livro dos Triſtes pudera tambem dizer Ovidio á Auguſto:

= Offendeo-ſe Auguſto das minhas Poeſias, mas goſtou muito dellas Virgilio; porque he juſto que primeiro traga á memoria o nome de hum Poeta, que morreo primeiro entre os grandes Poetas daquelle tempo: goſtou dellas Mecenas, cujo ſcientifico patrocinio durará ſempre na lembrança dos homens: goſtou dellas Propercio, Tibullo, e Maximo; e ſobre tudo haõ de ſer eſtimadas de toda a poſteridade. =

§.

O Sexto, amplificando algum conceito, ou ſentença. Diſſe Virgilio na Georgica primeira.

Prima ceres ferro mortales vertere terram
Inſtituit.——————————

E Ovidio no quinto das Transformaçoens:

Prima Ceres unco glebas dimovit aratro:
Prima dedit fruges, alimentaque mitia terris:
Prima dedit leges: Cereris ſunt omnia munus.

§.

O Settimo, reduzindo a huma breve ſentença huma Oraçaõ dilatada: Cicero na Oraçaõ pro Marcello faz hum diffuſo Elogio a Ceſar, com a gloria de vencer, e perdoar; e hum excellente engenho, reduzio eſta extenſaõ ao dyſticho ſeguinte:

Gloria

Gloria vincendi juncta eſt, cum milite, Cæſar:
Cæſar parcendi gloria tota tua eſt.

§.

O Oitavo, pondo a Oraçaõ ſoluta na Oraçaõ ligada: Claudiano reduzio a numeros poeticos hum lugar do Panegyrico de Plinio: Diz Plinio:

= Algum reſplandeceo na guerra, mas perdeo eſſa gloria na paz: outro foi eminente na toga, e infelice nas armas: hum alcançou o obſequio com o terror, outro com a humanidade: aquelle perdeo a gloria domeſtica, eſte a publica: Finalmente, ninguem houve atégora, cujas virtudes naõ foſſem contaminadas com os vicios: mas que grande concordia, que grande harmonia de toda a gloria ſe acha inſeparavel do noſſo Principe! Naõ ſe perde a ſeveridade, com a alegria: naõ ſe perde a gravidade, com a ſingeleza: naõ ſe perde a mageſtade, com a benevolencia. =

E Claudiano:

——————— nunquam ſincera bonorum
Sors ulli conceſſa viro: quem vultus honeſtat
Dedecoratur mores: animus quem pulchrior ornat
Corpus deſtituit: bellis inſignior ille,
Sed pacem fœdat vitiis: hic publica fœlix,
Sed privata minus: partitum ſingula quemque
Nobilitant: hunc forma decens, hunc robur in armis;
Hunc rigor, hunc pietas: illum ſolertia juris,
Hunc ſoboles, caſtique tori: ſparguntur in omnes,
In te mixta fluunt, & quæ diviſa beatos
Efficiunt, collecta tenes. ———————

O nono

§.

O Nono finalmente, mudando para o idioma vernaculo o que eſtá em lingua eſtranha: aſſim imitou Cicero a Demoſthenes: Virgilio a Homero na Eneida: nas Georgicas a Heſiodo: nas Eclogas a Theocrito: Terencio a Apollodoro: Plauto a Demophilo: Horacio a Lucilio: Ovidio a Parthenio: Eſtacio a Antimaco; e o noſſo Camoens ao meſmo Virgilio, de que darei hum exemplo: Diſſe Virgilio no ſettimo da Eneida:

Paſtorale canit ſignum, cornuque recurvo
Tartaream intendit vocem, qua protinus omne
Contremuit nemus, & ſilvæ intonuere profundæ:
Audiit & Triviæ longe locus; audiit amnis
Sulfurea Naralbus aqua, fonteſque velini;
Et trepidæ matres preſſere ad pectora natos.

E Camoens no quarto das Luziadas:

Deo ſignal a trombeta Caſtelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroſo:
Ouvio-o o monte Artabro, e o Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroſo:
Ouvio-o o Douro, e a terra tranſtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoſo,
E as Mãis, que o ſom terrivel eſcutaraõ,
Aos peitos os filhinhos apertaraõ.

§.

MAs ſempre ſerá bom que eſtas imitaçoens ſe adiantem aos exemplares, como fez Camoens neſta de Virgilio, e como fazia o meſmo Virgilio nas de Ennio: Ennio diſſe:

O' lux Trojæ germane Hector
Quid ita cum tuo lacerato corpore miser!

E Virgilio:

O' lux Dardaniæ, spes ò fidissima Teucrum,
Quæ tantæ tenuere moræ? Quibus Hector ab oris
Expectato venis? Ut te post multa tuorum
Funera, post varios hominumque, urbisque labores
Defessi aspicimus? Quæ causa indigna serenos
Fœdavit vultus? Aut cur hæc vulnera cerno?

Aqui se verifica o que dizia o mesmo Virgilio: *Ex Ennii stercore gemmas, aurumque colligo.*

A'quelles, que o notavaõ de elle trasladar a Homero, tambem costumava responder, conforme nos insinua S. Jeronymo: *Magnarum esse virium Herculi clavam extorquere de manu.*

§.

ESta he a *Imitaçaõ*, que respeita aos termos, e estylo dos escriptores, e como podemos seguir os seus vestigios; porèm como tambem a eloquencia deve estar cheia de affectos, e de paixoens, e de tudo o mais, que pertence aos objectos da Arte, e da Natureza, será preciso que tambem aqui empregue a sua *imitaçaõ*, por ser a mais illustre, de que a elegancia se compõem. Naõ há cousa alguma no Mundo, que naõ possa ser imitada pelos Oradores: A fabrica das espheras, a qualidade dos elementos, a fundaçaõ dos Reinos, e das Cidades, a symmetria dos edificios, a amenidade dos campos, a aspereza das serras, as acçoens dos homens, e dos brutos, e tudo o mais, de que se adorna a diversa, e dilatada circunferencia do Univer-

Universo. Por isso naõ approvo que disesse Horacio que nesta parte tinhaõ tanta liberdade os Poetas, como os Pintores; pois he bem facil de ver, que aquelles a tem muito maior do que estes. Cousas há (disse Caramuel) que naõ cabem na esphera da pintura, e para isso nomea a neve, o ouro, e o Sol; *Quæ nullius Apellis penicillo exprimuntur*; e o Sol, o ouro, e neve saõ muito faceis á imitaçaõ dos Poetas, e Oradores. Ficou sem expressaõ a pintura quando os Pintores Mexicanos quizeraõ retratar o estrondo das bombardas; e vemos conseguidos estes retratos, naõ só, com o concurso das diçoens, mas tambem das letras: Com o =m=, e com o =r= imitou, ou retratou o nosso Camoens a voz horrisona do seu gigante, pois sem fazermos, com a boca, hum som horroroso, e corpulento, talvez que naõ possamos recitar aquelle verso das Lusiadas:

C' hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso.

Virgilio imitou os assovios dos ventos, quando disse:

——— magno cum murmure montis
Circum clauſtra fremunt ———

E os latidos do caõ Cerbero nestes dous versos:

Cerberus hæc ingens latratu regna trifauci
Perſonat, adverſo recubens immanis in antro.

E o clangor da trombeta de caça:

Extulit, & rauco ſtrepuerunt cornua cantu.

De que ſe aproveitou o Taſſo para exprimir o ſom da trombeta Tartarea:

Il rauco ſuom della Tartarea trompa.

Até a *imitaçaõ* do movimento ſe póde conſeguir por ſemelhante modo. O movimento rapido eſtá imitado neſte lugar do meſmo Virgilio:

——— qua ſumma labentes
Junctúras tabulata dabant, convellimus altis
Sedimus, impullimuſque, ea lapſa repente ruinam
Cum ſonitu trahit, & Danaum ſuper agmina latè
Incidit.———

E o movimento froxo, fallando dos dardos de Priamo:

Sic fatus ſenior telumque imbelle, ſine ictu,
Conjecit.———

A meſma froxidaõ do verſo moſtra a debilidade, com que ſe fazia o tiro.

Eu pudera moſtrar em todas as figuras da *Rhetorica* muitos exemplos de como nellas ſe conſegue melhor a imitaçaõ; mas receio o dilatar-me muito neſta expoſiçaõ; e agora me contentarei com a advertencia de que aſſim a *imitaçaõ*, como as figuras, e as outras partes, de que ſe forma a *elocuçaõ*, ficaráõ muito mais elegantes, e eſplendidas, ſe forem acompanhadas daquella particular illuminaçaõ, a que chamamos =*Agudeza*= de que direi alguma couſa no

CA-

CAPITULO II.

A *Agudeza*, ſegundo os Logicos, he:

= Huma engenhoſa expreſſaõ, ou do conceito, ou do penſamento, ou da ſentença; ou hum dito ineſperado, que faz, com a ſua novidade, arrebatar o animo, pela luz exquiſita, que communica ao entendimento. =

Segundo os Rhetoricos, pela definiçaõ do Conde Theſauro, he:

= Hum clariſſimo lume da Oratoria, e da Poetica, alma das paginas, ultimo esforço do diſcurſo, veſtigio da Divindade; que naõ ſó pela ſua virtude os diſcretos ſe differençaõ dos ruſticos, porèm os Anjos, dos homens: com a ſua eſpirituoſa efficacia fallaõ as couſas mudas, vivem as inſenſiveis, reſuſcitaõ as mortas: as Urnas, os marmores, as eſtatuas recebem della o eſpirito, e o movimento; e tudo o que naõ he animado pela *Agudeza* parece ſepultado, e a mortecido. =

Há tres generos de *Agudeza*: *Agudeza* da palavra: *Agudeza* da acçaõ: *Agudeza* miſta:

Do primeiro genero nos dá o exemplo Jorge de Monte maior, que viſitando hum Grande de Heſpanha, lhe negou a cadeira, e mandou vir hum aſſento razo, para que elle ſe aſſentaſſe, o que Monte maior naõ acceitou, de que enfadado o Grande, lhe diſſe: *Porque nó ſe ſienta?* A que reſpondeo: *Porque me ſiento.*

Do ſegundo genero nos offerece o exemplo Alexandre Magno, pondo o ſignete ſobre a boca de Parmenion, depois de ter lido huma carta de grande ſegredo.

Do terceiro genero he o ſucceſſo de Diogenes com Plataõ : definio eſte Philoſopho o homem por hum *animal*, *ſem pennas*, *de dous pés*. Entrou Diogenes na Aula de Plataõ com hum gallo depennado, e arrojando-o no meio dos diſcipulos, lhes diſſe: *Eis-aqui o homem de voſſo Meſtre.*

De todos eſtes tres generos, e das muitas, e varias eſpecies, em que elles ſe dividem, pudera eu trazer hum grande numero de exemplos; porèm como tratou eſta materia com toda a diffuſaõ o Conde Theſauro no ſeu famoſo *Canochiale Ariſtotelico*, que hoje temos traduzido na lingua Caſtelhana pelo Auguſtiniano Fr. Miguel de Sequeiros, me parece eſcuſado o repetir, ou trasladar eſte argumento: Com tudo em beneficio dos meus Leitores darei alguns lugares, que ſe naõ achaõ no Theſouro, e em que ſe moſtraõ mais vivos, e agudos os penſamentos. He muito engenhoſo aquelle fundado na Etymologia:

A Rui Gonçales dizilde,
que mire mucho por ſi,
porque el punto de la = i =
Se le và bolviendo tilde.

E eſte fundado no equivoco:

Parid bella flor de Lis,
que el nò parir ſe os eſtraña:
ſi parîs, parîs a Heſpaña,
Si nò paris, a Paris.

A hum Marquez muito mal caſado a quem lhe morreo a mulher:

El Marquez, y ſu muger,

conten-

contentos quedan los dòs:
ella ſe fue ver a Dios,
y a èl le vino Dios a ver.

A outro Marquez, a quem morreo huma mula de tres, que tinha muito magras:

Al Marquez le falleciò
una mula de las tres;
y un amigo, que las viò,
perguntò: Qual de eſtas es
la mula, que ſe muriò.

Franciſco de Quevedo á Apollo ſeguindo a Daphne:

No corras màs, Dafne bella,
que verte huir taõ furioſa
de mi, que alumbro la eſfera,
a no ſeres tan hermoſa
por la noche te tuviera.

Ao Conde de Cifuentes, que naſceo cego, ſendo muito gentil:

Sin duda que el Cielo quizo
de piedoſo, y prevenido
hazer al Conde Cupido,
porque no fueſſe Narciſo.

Quaſi do meſmo aſſumpto he o ſeguinte Epigramma a dous Irmaõs de gentil preſença, ſendo cegos de cada hum dos olhos:

Luſce puer, lumen, quod habes, concede ſorori;
Sic tu verus Amor, ſic erit illa Venus.

Antonio de Solis acordando de hum ſonho:

Eſte rato de muerte fugitivo
Vivi; y al deſpertar, muerte enojoſa
Me fuè la vida: ò rieſgo de mi ſuerte!
Que muera yo de enfermedad de vivo?
Que una vez que la muerte me es guſtoſa,
Ha de haver ſido temporal la muerte?

O noſſo Camoens:

Naõ he a gentileza
Do teu roſto celeſte
Fóra do natural?
Naõ pode a Natureza fazer tal:
Tu meſma, ó bella Nympha, te fizeſte;
Porèm, porque tomaſte
Taõ duro coraçaõ ſe te formaſte?

O meſmo Solis á morte do Principe D. Carlos fallecido na flor da ſua idade, e que ſempre conſervou hum admiravel ſocego, deſde o ſeu naſcimento:

Todavia en ſu aſpecto permanece
La quietud, que triunfò del Mundo ciego,
Sacando luz de engaños advertidos:
O' vivo yaze, ò ſi muriò, parece
Que, ſin turbar la paz de ſus ſentidos,
Continuò la muerte ſu ſociego.

O meſmo Poeta diante da Imagem de hum Crucifixo:

Haſta quando mi torpe deſvario
Abuſará Señor de tu clemencia?

Que

Que parece que aprendo en tu paciencia
Màs libertad, que diſte a mi alvedrio.

O Conde de Tarouca no caſtigo, que Jupiter deo a Prometheu por furtar hum raio do Sol:

De que ſirve el duriſſimo tormento,
Que Jove intenta executar conmigo?
Si es que al exemplo atiende en mi caſtigo,
No tiene imitador mi atrevimiento.

Antonio Barboſa Bacellar á morte de D. Maria de Ataide:

Se naõ for eſte tumulo ás idades
Myſterio occulto, venerado medo,
Acabou-ſe o reſpeito ás Divindades:
Mas que importa que o cale eſte penedo,
Se há de ſer ſempre altar de ſaudades,
E haõ de eſtragar os votos o ſegredo.

O Author de *Theatro* a huma eſtatua de Venus, que pereceo no fogo:

DE balde o incendio conſumir intenta
Eſſa eſtatua, que a Venus ſe dedica,
Pois bem que a chamma ao marmore ſe applica,
Naõ queima o fogo a quem o fogo alenta:
Se a levareda ao Nume he que ſuſtenta
O novo ardor a imagem verifica:
Tanto a ignea violencia mais ſe explica,
Quanto a Deidade mais ſe repreſenta.
Reduza embora a cálida figura
A pó ſubtil o raio, que ſe inflamma
Neſſe ardente milagre da eſculptura:

Que

Que inda no eſtrago convalece a fama;
Porque nas cinzas da materia dura,
Melhor indicio nos offrece a chamma.

A' morte de D. Rodrigo Calderò taõ aborrecido no valimento, como admirado no cadafalſo:

Eſte, que en la fortuna màs ſubida
Nò cupo en ſi, ni cupo en èl la ſuerte;
Viviendo, pareciò digno de muerte,
Muriendo, pareciò digno de vida.

Chegando a ſer Cardeal o filho de hum eſcravo, mandou pôr hum eſcudo na portada das ſuas caſas aonde eſtava gravado hum urſo, prezo com huma cadêa a huma columna, fazendo-ſe por eſte modo deſcendente das Familias Urſina, e Colomna, as mais illuſtres de Roma; e emcima do eſcudo huma Aguia, para moſtrar que ſeguia o partido do Imperio. No outro dia appareceo ſobre o eſcudo eſte dyſticho:

Redde aquilam Imperio, columnam redde Columnis,
Urſinis urſum, ſola catena tibi.

Cuido que baſta de exemplos para a *Agudeza*, e daqui paſſarei para a *Pronunciaçaõ*, que he a ultima parte da Rhetorica, o que farei no

LI-

LIVRO VI.

CAPITULO I.

A Pronunciaçaõ he huma idonea conreſpondencia da voz, e do geſto, para ſe tratar, com differentes, e proporcionadas expreſſoens, a variedade das materias, e dos affectos.

Tres couſas ſaõ neceſſarias para a recta *Pronunciaçaõ*: *Memoria*, *Voz*, e *Geſto*.

A *Memoria* he o ſeu principal fundamento, porque mal ſe póde dizer o que ſe naõ chega a decorar. Há dous generos de *Memoria*: *artificial*, e *natural*: Deſta ſe tem viſto varios prodigios: Mithridates fallava vinte e duas linguas de outras tantas Naçoens, que dominava. Cyro nomeava pelo ſeu proprio nome a todos os ſoldados do ſeu innumeravel exercito. Cyneas, Embaixador de Pyrrho em Roma, no ſegundo dia da ſua chegada, ſaudou pelo ſeu nome a todos os Senadores, e a huma grande multidaõ de Povo, que ſe achava no concurſo. Fernando de Cordova, que floreceo no XV. ſeculo foi hum milagre da *memoria* natural. Delle dá o Abbade Trithemio eſte eſtupendo teſtimunho:

= Sendo mancebo de vinte annos, e ja graduado em Artes, Medicina, e Theologia, veio de Heſpanha a França no anno de 1445, e a todas as eſcholas Pariſienſes admirou, com a ſua admiravel ſabedoria.... Sabia de memoria toda a Biblia, os Eſcriptos de Nicoláo

colão de Lyra, os de Santo Thomaz, os de Alexandre de Hales, os de Escoto, os de S. Boaventura, e os de outros muitos principaes Theologos: Da mesma sorte todos os livros de hum, e outro Direito; assim mesmo os de Avicena, os de Galeno, os de Hippocrates, os de Aristoteles, os de Alberto Magno, e outras muitas obras de Philosophia, e Metaphysica, e os seus Commentos: Nas allegaçoens era promptissimo, e nas disputas agudissimo: Finalmente sabia com perfeiçaõ a lingua Hebraica, Grega, Latina, Arabica, Caldea, &c.=

Porèm a raridade desta *memoria* he taõ difficil, como o alcançar, com a Arte, o que negou á Natureza; pois deste artificio mais se tira o trabalho, do que o proveito, e foi talvez inventado mais para a ostentaçaõ, que para o uso.

Mandaõ os seus Inventores, que se conduza a imaginaçaõ a hum lugar dilatado, e composto de huma grande variedade de partes insignes, assim como as de huma Basilica, hum grande Palacio, ou hum edificio magnifico.

Que se introduzaõ todas estas especies na *memoria* com a mais exacta attençaõ, desorte que fiquem taõ firmes nella, como na fabrica.

Que seja esta taõ proporcionada ao intento, que todas as suas differenças naõ estejaõ remotas, nem encontradas, ou confusas, para que a imaginaçaõ clara, e distintamente as reconheça.

Que a mesma imaginaçaõ se empregue, com maior cuidado, nos objectos mais formosos, e esplendidos, como as janellas, claraboias, estatuas, porticos, pinturas, columnas, arcos, jardins, fontes, e outras deste genero, para que melhor se gravem, e se repitaõ na *memoria*.

Que conformemos as materias, que queremos tratar,

tratar, com as imagens, que mais impreſſas tivermos; pois por exemplo nos ajudará a imaginaçaõ a lembrar-nos da guerra com a eſpada, para a navegaçaõ com a ancora, para a agricultura com o arado, para as letras com os livros; e da meſma ſorte nos ajudaráõ eſtas, e outras figuras, tomadas ſymbolicamente, porque a eſpada nos reprezentará a vingança, a ancora a eſperança, o arado a vida campeſtre, os livros o trabalho intellectual: o Leaõ nos fará lembrar da magnimidade, o lobo do latrocinio, o tigre da ferocidade, a raposa da aſtucia, a ovelha da manſidaõ, a pomba da innocencia, a columna da firmeza, a balança da juſtiça, a oliveira da paz, a palma da victoria, o carvalho da fortaleza &c.

Eu conheci hum Eſtudante em Coimbra, que em todos os ſeus Actos ſe aproveitou deſta *memoria*, e achava grande facilidade em ſeguir com ella os Authores da Concordata; pois para ſe lembrar de Grenha fingia na imaginaçaõ algum homem, ſeu conhecido, com a cabeça muito povoada, e com a meſma ſemelhança concordava os outros nomes; mas atéqui póde aproveitar a Arte.

Antonio de Souſa de Macedo, que teve a curioſidade de a experimentar, confeſſa na ſua *Eva*, e *Ave*, que ſe naõ podia reter ſenaõ hum certo genero de ſubſtantivos de huma ſignificaçaõ mais viva; e que dos outros nunca ſe fórma idéa, ou figura baſtante para ſuſtentar os lugares, que a arte lhe pinta, em termos, que dalli os poſſa ir tirando a *memoria*.

Quem quizer ver eſta materia com mais extenſaõ veja o *Theſouro da memoria artificial* de Coſme Roſſellio.

§.

A Melhor arte para cultivar a *memoria* he a bóa ordem, e deduçaõ das Oraçoens, porque he mais facil

facil o perceber, e reter a harmonia, que a diſſonancia das partes; por iſſo ſe repete com mais facilidade o verſo, que a proſa. Tambem ſe decóra melhor a obra, que ſe compóem, e que ao depois ſe traslada, e a que ſe lê, que a que ſe ouve.

Aconſelha Quintiliano, que nos lugares mais diſtintos da Oraçaõ ſe ponhaõ algumas notas, para que delles ſe naõ deſcuide a memoria, que ſe emprega melhor naquellas imagens, porque ſaõ differentes dos caracteres; e aſſim nos lugares, v. g., que pertencem á juſtiça podemos diſtinguî-los com huma balança: os da paz, com huma oliveira: os da guerra, com huma eſpada: os da concordia com duas maõs unidas, &c.

O meſmo Quintiliano recommenda que ſe eſtude a Oraçaõ por partes, e he bõa advertencia, porque o que depreſſa ſe aprende, depreſſa ſahe da *memoria*.

Serve igualmemte para ella o lugar, e o tempo: O lugar há de ſer deſoccupado, e diſtante do mais pequeno ruido, aonde ſe poſſa, com voz clara, e ſem receio de ſer ouvido, repetir o que ſe vai decorando. O tempo he o melhor o da manhaã, por eſtar o eſtomago ſem oppreſſaõ, e o cerebro ſem os vapores, que ſobem do cozimento. Eu tenho a experiencia, de que tudo o que o entrego de noite á *memoria*, o repito de manhaã, com maior facilidade. Finalmente o melhor modo de ajudar a *memoria* he o cultivá-la:

Fertilis aſſiduo, ſi non renovetur aratro,
Nihil niſi cum ſpinis gramen habebit ager.

He verdade que há *memoria* taõ infeliz, que ſe póde comparar á agoa, aonde ſe naõ imprime figura, que logo ſe naõ apague, com o impulſo da corrente.

Há

Há outra ſemelhante á arêa, que com a meſma facilidade, com que recebe as imagens, as desfigura.

Há outra, que he como os marmores, em que he taõ difficil imprimir os riſcos, como o deſvanecê-los.

§.

A *Voz* he o eſpirito da *Eloquencia*, porque ſem ella nenhum conceito deixa de ſer cadaver: Naõ baſta que ſe declarem os penſamentos; he preciſo que ſe exponhaõ, com concerto, e propriedade. Muitas vezes ſaõ ſublimes os diſcurſos, e com huma má expreſſaõ, parecem humildes; e talvez ſe pódem fazer elevados, com o eſpirito, que ſe dá ás palavras. Por iſſo nos diz Cicero no ſeu Orador, que naõ faz tanta harmonia o que ſe diz, como o modo, com que ſe profere. As engraçadas Poeſias de Marcial pareciaõ do inſipido Fidentino, quando elle as recitava:

Quem recitas meus eſt, ò Fidentine, libellus;
Sed, malè cum recitas, incipit eſſe tuus.

Há alguns, que comem as palavras: outros, que as maſtigaõ: outros, que as vomitaõ: outros, que as embaraçaõ: outros, que as retinem: tudo he enfadonho, e mais enfadonho que tudo, o hî-las diſtribuindo, com huma certa pauſa, e a modo de quem canta, e de que vaõ eſcutando o que dizem.

Para evitar eſtes vicios aſſignaõ os *Rhetoricos* tres principaes advertencias. Primeira, que a *Pronunciaçaõ* ſeja clara, limpa, e diſtinta, ficando todas as palavras, e ſyllabas bem proferidas, ſem ſe cahir no extremo contrario: Naõ ſe há de pronunciar com tanto deſcanſo, que ſe ſeparem as letras, nem com tanta velocidade, que ſe confundaõ.

Eſte

Eſte era o defeito do Orador Hatherio, que quando orava tinha ſempre hum eſcravo junto de ſi para puxar-lhe pela capa; donde veio a dizer Auguſto, tomando a metaphora de hum coche deſpenhado, que lhe era neceſſario embaraçar-lhe o impeto das rodas, com hum tirante para o deter no precipicio.

A *voz* naõ há de affligir, nem fatigar a reſpiraçaõ, antes deve ir achando humas certas, e imperceptiveis morulas, em que deſcanſe o alento, e dando aos ouvintes alguns breves interválos para meditarem as dicçoens, e as clauſulas.

A ſegunda advertencia, he mudar o tom da voz, com as varias partes da Oraçaõ; porque pede huma differença o *Exordio*, outra a *Narraçaõ*, outra a *Confirmaçaõ*, e a *Peroraçaõ* outra. Quando o *exordio* naõ entra com algum affecto vehemente, como a da *exclamaçaõ*, da indignaçaõ, &c. ſe deve uſar de huma *voz* ſubmiſſa, e vergonhoſa; e o Orador ſe deve expôr, com modeſtia, porque o demaſiado deſaffogo no principio do Diſcurſo, quaſi ſempre degenera em ſoberba. Convem figurar-ſe com algum genero de conſideraçaõ, detendo ſe algum eſpaço no ſilencio, e ſem movimento. Com eſte breve ſilencio ſe preparou Ulyſſes quando expôs a ſua pertençaõ ſobre as armas de Achilles:

——————— *Oculos paulum tellure moratos*
Suſtulit ad Proceres, expectatoque reſolvit
Ora ſono, neque abeſt facundis gratia dictis.

O calarem-ſe todos quando Eneas declamou a ruina de Troia, e eſtarem attentos ao que elle diria, moſtra que antes que principiaſſe ficára algum tempo em ſilencio:

Conti-

Conticuere omnes, intentique ora tenebant,
Inde toro Pater Æneas, ſic orſus. ———

Eſte ſilencio, imitando a Virgilio, eſtá claramente em Camoens, orando o Gamma diante do Rei de Melinde:

Promptos eſtavaõ todos eſcutando
O que o ſublime Gamma contaria,
Quando depois de hum pouco eſtar cuidando;
Alevantando o roſto, aſſim dizia:
Mandas-me, ó Rei &c. ———

Do *Exordio* vai ſubindo a *voz* pouco a pouco para a *Narraçaõ*. Na *Confirmaçaõ*, eſpecialmente na *Argumentaçaõ* ſe lhe deve dar maior corpo; e muito mais na *Peroraçaõ*, porque nella põem todo o ſeu esforço o Orador para alcançar o triumpho.

Naõ ſó há de fazer a voz eſta mudança nas quatro partes da *Oraçaõ*, porèm há de transformar-ſe em todos os affectos, que ella for produzindo. Nos da *Ira* ſe requer huma *voz* aguda, e incitadora: nos da *Laſtima*, flexivel, e interrompida: nos do *Goſto*, branda, e feſtiva: nos do *Medo*, exangue, e remiſſa, &c.

§.

A Terceira advertencia he para ſe medir a extenſaõ do lugar, e o numero dos ouvintes; a fim de ſe julgar a valentia da voz, que ſerá neceſſaria: Ainda que o lugar ſeja dilatado, e grande o concurſo, nunca a voz ſe há de extender tanto, que exceda a expreſſaõ natural, e as forças do alento, porque os continuos gritos deſconcertaõ toda a efficacia da *Oraçaõ*, reduzindo o Auditorio a huma deſgo-

ſtoſa impaciencia. Se o lugar for eſtreito, e pouco povoado, tambem ſe naõ há de ſumir deſorte, que fique deſanimada, e froxa: A voz muito alta perde toda a ſua força: a muito baixa, o alento, e o eſpirito.

A Plebe commummente avalia a bondade da Oraçaõ, pela frequencia dos clamores; e há alguns, que enganados, com eſte conceito popular, querem antes imitar o eſtálo dos trovoens, do que as luzes do relampago, por iſſo ficaõ quaſi ſempre os Idolos inteiros, porque ſaõ trovoens, que naõ deſpedem raios: Canſaõ os ouvintes, com hum eſtrondo ſem fructo; e elles tambem inutilmente ſe canſaõ, porque á moleſtia dos ouvidos ſe lhes ajunta a fadiga da reſpiraçaõ. *Ladradores* lhes chama Cicero; pertendem, com os gritos, infundir o alento em humas palavras que naõ tem alma.

Ainda há outra eſpecie de hum ruido faſtidioſo, a que os Gregos chamaraõ = *Monotonia* = que he huma diſſonancia uniſona, que leva arraſtadas todas as partes, e affectos da *Oraçaõ*: Paſſa-ſe, com o meſmo tom da *voz*, pela *laſtima*, pelo *medo*, pela *indignaçaõ*, ficando deſconhecidos nas expreſſoens os movimentos da alma.

O noſſo Camoens introduzindo a orar aquelle velho, que pertendia apartar os Portuguezes do deſcobrimento da India, deo aos Oradores huma bóa doutrina, para evitar eſtes defeitos:

A voz pezada hum pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C' hum ſaber ſó de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

Daqui ſe conhece que a *voz* deve ter o tom conforme

forme o aſſumpto; e por iſſo lhe accreſcentou o Poeta o adjectivo de = *pezada.* = Que ſe naõ deve levantar muito, mas *hum pouco*; e eſte *pouco* foi taõ medido, que ainda em hum lugar taõ extenſo, como o da praia de Bellêm, era ouvido *claramente* o Orador, ainda dos que eſtavaõ a bordo.

As *palavras*, tiradas do *peito* inſinuaõ, que eraõ produzidas pelos affectos, de que o meſmo peito he a officina: eis-aqui como deve ſer a *voz* dos Oradores: *voz*, que ſe ouça, e naõ que eſtruja: *voz* que ſaia do *peito*, e que venha animada daquellas paixoens, que no *peito* aſſiſtem.

§.

O *Geſto*, ſegundo Quintiliano, he *hum bem ordenado movimento de todas as partes do corpo.* *Pronunciaçaõ* do corpo lhe chama Valla: o Conde Theſauro no ſeu *Canochiale* diz, que:

= As palavras ſaõ aceno, ſem movimento, e os acenos, palavras ſem ruido: Fallaõ os olhos, com os olhos, e em lugar das vozes, ſe explicaõ, ja com o riſo, ja com o pranto: fallaõ as ſobrancelhas, com ſe arquearem, ou ſe eſtenderem: falla a boca, ora ſorrindo, ora ſuſpirando: falla a cabeça, ora negando, ora affirmando: fallaõ os pés, ora brincando, com a alegria, ora batendo na terra, com a ira: fallaõ os braços, ora extendidos, ora levantados: fallaõ as maõs tudo o que póde proferir a lingua, e inventar a arte. Todos os dedos ſaõ hum alfabeto, todo o corpo huma pagina; ſempre prompto para receber, e riſcar tanta variedade de caracteres.

Com eſta nova arte da *Pronunciaçaõ* he que inſtruia Ovidio a huma Dama, para lhe poder fallar nos convites.

Me ſpecta, nutuſque meos, vultumque loquacem,
Excipe furtivas, & refer ipſa notas.
Verba ſuperciliis, ſine voce, loquentia dicam;
Verba leges digitis, verba notata mero.

A meſma *Pronunciaçaõ* ſe acha no Acto ſegundo da Comedia de Plauto intitulada = *Miles glorioſus* =:

Pectus digitis pultat, cor credo evocaturus foras:
Ecce autem avortit nixus leva in femore habet manum,
Dextera digitis rationem compultat feriens femur
Dexterum, ita vehementer quod facto opus eſt ægrè ſuppetit
Concrepuit digitis, laborat cerebro commutat ſtatus:
Ecce autem capite nutat, non placet quod reperit:
Quicquid eſt incoctum non expremit, bene coctum aliquid dabit:
Ecce autem ædificat columnam mento ſuffulſit ſuo:
Apage, non placet mihi profectò illa ædificatio.

Eſta he a meſma elegancia, com que ſe explicou hum Embaixador de Carthago com Andromaco: eſtavaõ ambos em duas náos fronteiras, e por ſerem inintelligiveis os ſeus idiomas, eſtendeo o Embaixador a maõ, com a palma para cima, e a voltou de repente, para baixo, moſtrando, com eſte *geſto*, que deſtruiria a Cidade, ſe Andromaco naõ lançaſſe aos Corinthios de Tauromino. Porèm Andromaco uſando do meſmo aceno, o ameaçou, que voltaria todas as ſuas náos, ſe elle, com toda a preſſa lhes naõ largava as vélas.

E naõ foi muito que ambos ſe entendeſſem, com eſte genero de *Pronunciaçaõ*, quando ſó com ella falla-

fallavaõ os Pantominos nos theatros de Roma, em que foraõ taõ insignes Pylades, e Bathyllo.

Pantomino, sem arte, era aquelle negro, de quem diz o nosso Camoens:

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente:
Vî logo por signaes, e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
&c.

Com tudo ainda que se encareçaõ as energias das *Gesticulaçoens* he certo que a sua maior efficacia se consegue na companhia das vozes; e deixando as que pertencem aos Pantominos, e as que só saõ proprias do theatro, direi agora as que saõ convenientes, e decorosas aos Oradores.

§.

O *Gesto rhetorico* naõ deve insinuar o mais leve indicio de affectaçaõ: Há de ser natural, composto, sizudo, e efficaz: os Oradores Italianos gesticulaõ, com todo o corpo: os Portuguezes, e Castelhanos saõ menos desafogados: os Francezes mais encolhidos: os Inglezes affectaõ tanto a gravidade, que parecem estatuas.

As partes, que comprehende o *gesto* regulado, saõ seis: *Cabeça*, *fronte*, *olhos*, *braços*, *maõs*, *e estatura*.

A *estatura* do Orador deve andar sempre direita, mas com huma tal rectidaõ, que naõ pareça inflexivel. A *cabeça* segue pela maior parte a erecçaõ do corpo; digo que pela maior parte, porque algu-

mas vezes ſe permitte acompanhar, com ella, á negaçaõ, movendo-a para hum, e outro lado, e a affirmaçaõ tocando, com a barba, no peito: eſte ſegundo *geſto* ajuda tambem a exprimir o ameaço, ou o deſcontentamento, ainda que entaõ deve ſer mais vagoroſo: o noſſo Camoens:

Mas hum velho de aſpeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Poſtos em nós os olhos, meneiando
Tres vezes a cabeça deſcontente.
&c.

Voltar a *cabeça* para hum dos lados (he mais natural para o eſquerdo) deixando-a cahir ſobre o hombro, humas vezes moſtra o tedio, outras a deſconſolaçaõ. Quando a levantamos he ſignal de admiraçaõ: quando a abaixamos, de triſteza.

§.

A *Fronte* deſencolhida denota alegria; apertada ſeveridade.

§.

OS *olhos* levantados ao Ceo pronunciaõ as ſupplicas: Virgilio:

Ad Cœlum tendens ardentia numina fruſtra:

Que trasladou o noſſo Camoens:

Para o Ceo cryſtallino levantando,
Com lagrimas, os olhos piedoſos.

Os

Os *olhos*, retirados para algum dos lados, ou fixos no chaõ, e virando-se para naõ ver o objecto, saõ indicio do fastio, ou do aborrecimento: Assim figurou o mesmo Virgilio a sombra de Dido á vista de Eneas.

Illa solo fixos oculos aversa tenebat.

Os *olhos* fechados indicaõ meditaçaõ, e postos, sem pestanejar, em alguma parte, significaõ assombro: O mesmo Virgilio:

Dum stupet, obtutuque hæret defixus in uno.

Os *olhos* baixos assignaõ modestia, e vergonha: O mesmo Poeta:

Dejecit vultum, & demissa voce locuta est.

Os *olhos* nictantes arguem malicia: os semiabertos, lisonja, ou traiçaõ: os somnolentos, pirguiça: os vagos, lascivia.

§.

OS *braços* devem mover-se em huma tal postura, que nem passem da cabeça para cima, nem do peito para baixo: Nem se estendaõ, como fazem os jogadores da espada, quando a mettem de ponta, nem com os circulos, que pedem os talhos, e os revezes, nem como os nadadores, quando andaõ sobre agoa.

Bem se lhe póde permittir mais algum desaffogo nas paixoens vehementes: e supposto que a extensaõ do braço acredite authoridade, e poder, nunca se deve estender tanto, que pareça soberba, nem taõ pouco, que degenere em melindre.

§.

AS *maõs* tem maior efficacia, que todos os outros *geſtos*. = Os outros *geſtos* (diz Quintiliano) ajudaõ a fallar: os das *maõs* parece que menos ajudaõ, do que fallaõ.

Com ellas pedimos, com ellas rogamos, prometemos, chamamos, deſpedimos, ameaçamos, abominamos, tememos, perguntamos, negamos. Com ellas moſtramos o goſto, a triſteza, a duvida, a confiſſaõ, o pezar, o modo, a riqueza, o numero, o tempo. =

No *exordio* naõ ſe coſtumaõ eſtender as maõs, e ſó devem ſahir deſte encolhimento, depois que a Oraçaõ principia a accender-ſe.

Quando o Orador falla de ſi meſmo, he *geſto* proprio o pulſar o peito, com a *maõ* direira.

A eſquerda, por conſelho do meſmo Quintiliano, naõ deve fazer *geſto* algum, ſem ſe acompanhar com a outra.

Affagar o roſto, ou a barba, com a *maõ*, he *geſto* aborrecido, e eſte era o defeito de Cicero antes de entrar na Oraçaõ. Quando imploramos ſe haõ de erguer as *maõs*, com as palmas unidas: quando nos admiramos, ſeparà-las na meſma erecçaõ.

Quando ſe abaixaõ, confirmamos; e nos indignamos, quando ferimos, com ellas, algum lugar. Virando as palmas para o Auditorio, com os braços eſtendidos, moſtramos a deteſtaçaõ, e eſtendendo a maõ direita ſobre os ouvintes, enculcamos o ſilencio.

Celebrou-ſe no theatro Romano o *geſto*, com que Atelano na prezença de Nero, e do Senado, acompanhou aquelle verſo de hum antigo Poeta:

Heu mi pater! Heu mea mater! Orcus vos tenet.

Pois

Pois quando recitou = *Heu mi pater* ! = Fingio que bebia ; e no = *Heu mea mater* ! = Que nadava ; alludindo , com eſtas acçoens , o ter Nero envenenado ſeu padraſto Claudio em huma bebida , e de querer affogar ſua Mãi Agrippina em hum diſpoſto naufragio : e quando chegou á ultima parte do verſo = *Orcus vos tenet* = apontou para o meſmo Nero , fazendo-o naõ ſó author deſtas maldades , porèm moſtrando aos Romanos , que eſtavaõ dominados por huma Furia do Inferno.

Porèm eſtas , e outras *agudezas* da *Geſticulaçaõ*, taõ proprias do theatro , naõ ſe conſentem em hum Orador grave , ſizudo , e circunſpecto.

Tudo o que reſpeita á *Oraçaõ* em geral , e o que póde ſer mais neceſſario a hum bom *Rhetorico* , me parece que deixo baſtamente explicado ; e como há varias eſpecies , em que o genero da meſma *Oraçaõ* ſe divide , darei as *Oraçoens particulares* nos Capitulos ſeguintes.

CAPITULO II.

AS *Oraçoens particulares* ſe reduzem áquelles tres generos , de que ja fizemos mençaõ no principio deſte *Theatro* : *Genero demonſtrativo* , *Deliberativo* , *Judicial* :

Ao *genero demonſtrativo* pertence o *Panegyrico* , o *Epithalamio* , o *Genethliaco* , a *Oraçaõ funebre* , e a *Congratulatoria*.

Ao *genero deliberativo* qualquer Oraçaõ , em que ſe diſſuada o vicio , e ſe excite a virtude.

Ao *genero Judicial* pertencem aquellas , em que ſe accuſaõ os coſtumes.

Os

Os noſſos Roſtos ſaõ muito differentes dos da Gregia, e de Roma, porque os convertemos em hum lugar ſagrado, que ſaõ os Pulpitos, aonde ſe naõ tratão outros aſſumptos, que os da noſſa Religiaõ.

Para as Oraçoens propriamente Evangelicas remetto o meu Leitor ao numero quaſi infinito de Sermonarios, aonde a meſma abundancia tem degenerado em pobreza, e ſó direi alguma couſa do *Panegyrico*, do *Epithalamio*, do *Genethliaco*, da *Oraçaõ funebre*, e da *Gratulatoria*; e preſumo que naõ deſagradará aos que me lerem o tocar, ainda que brevemente, nos preceitos da Hiſtoria, da Fabula, e das Cartas.

§.

O *Panegyrico* era huma Oraçaõ, em que os Antigos empenhavaõ o maior apparato da ſua eloquencia: Coſtumava dizer ſe nos ſeus jogos ſolemnes, e na prezença de toda a multidaõ, que a elles concorria: Os primeiros louvores ſe dirigiaõ ao Nume, que preſidia á ſolemnidade: ſeguiaõ-ſe os da Cidade, aonde os jogos ſe celebravaõ; dahi os do Principe, ou Magiſtrado, que ſe achava prezente; e ao depois os dos Athletas, que levavaõ os premios.

Gozaraõ tambem do *Panegyrico* os Heróes, que ſe tinhaõ diſtinguido, ou nas virtudes, ou nas acçoens militares, e os Principes, que ſe fizeraõ dignos de ſerem o objecto da eloquencia: Tal he o *Panegyrico* de Plinio a Trajano, o de Pacato a Theodoſio, o de Marmetino a Juliano, &c.

Os noſſos *Panegyricos* melhoraraõ de objecto, porque commummente ſe dirigem aos Santos.

O *Panegyrico* tomado genericamente póde ter duas diſpoſiçoens; huma artificial, outra natural: na primeira naõ ſe attende á ordem do tempo: com ella diriamos

diriamos que Catão foi excellente Senador, excellente Orador, excellente Imperador: esta foi a disposiçaõ de Cicero no Panegyrico de Pompeo; porque o dispôs com a sciencia militar, com a virtude, e com a felicidade deste insigne Capitaõ: da mesma sorte Q. Curcio nos louvores de Alexandre, fundando-o no seu valor, e fortuna.

A disposiçaõ natural he deduzindo os louvores pela série do tempo, que se póde dividir em duas partes; huma antes, outra depois do nascimento. A' primeira pertence a geraçaõ, a patria, e os auspicios. Se a geraçaõ for illustre, he facil neste ponto o *Panegyrico*, louvando os resplandores da natividade, as acçoens dos Maiores, a herança do sangue, e das virtudes: Virgilio nos dá o exemplo:

Cui genus à proavis ingens, clarumque paternæ
Nomen erat virtutis, & ipse acerrimus armis.

Se a geraçaõ for escura, diremos, com Minucio Felis in Octav. *Todos nascemos com igualdade na sorte, e só pela virtude nos distinguimos.*

Podemos accrescentar que muitos Heróes procederaõ de huma geraçaõ humilde, como Augusto, que foi neto de hum Libertino, Agatocles, filho de hum Oleiro, Ptolomeu, filho de hum pobre soldado, e Sphicrates, filho de hum çapateiro, o qual chegando a ser pelas suas proezas General dos Athenienses, dizia a hum invejoso, que lhe motejava a sua origem:

= A minha geraçaõ principia em mim, a tua acaba em ti: Eu sou o primeiro dos meus, tu serás o ultimo dos teus. =

§.

SE a patria for insigne, e adornada de Varoens egregios, deve ser tambem lembrada no *Panegyrico*:

Vir-

Virgilio naõ ſe eſqueceo deſta circunſtancia:

Multa viri virtus animo, multuſque recurſat
Gentis honos. ———————————

Se pelo contrario, ſe póde ſalvar eſte defeito, com a ſentenía de Auſonio, applicada á Alexandre Severo, que tinha naſcido em Africa:

Punica origo illi, ſed qui virtute probaret,
Non obſtare locum, dum valet ingenium.

Hum Grego increpava a Anacharſis por ſer natural da Scythia; e elle lhe reſpondeo:
= Na verdade que a minha patria me póde ſervir de injuria; porèm tu injurîas a tua. =

§.

SE antes do naſcimento acontecer algum prodigio, ſe deve trazer ao *Panegyrico*, como o de ſonhar Aſtyages antes de naſcer ſeu filho Cyro, que ſe formava delle huma Vide, que cingia, e aſſombrava toda a Aſia: Como o incendio orbicular, que preſidio ao naſcimento de Joaõ Pico de la Mirandula, que vaticinou o portento da ſua erudiçaõ.

§.

AO ſegundo tempo pertencem as acçoens, as prendas, e as honras proprias do Heróe.

Entre as virtudes ſe deve primeiro louvar a da Religiaõ, e a da piedade: Virgilio:

Sum pius Æneas, raptos qui ex hoſte Penates
Claſſe veho mecum. ———————————

Deve-ſe

Deve-se louvar a clemencia, a moderaçaõ, a justiça: Cicero a Cesar:

= Vencer o animo, reprimir a ira, temperar a victoria, levantar o cahido naõ só com engenho, nobreza, e valor, mas amplificar-lhe a sua moderna dignidade, saõ virtudes estas, que quem as obra, naõ o comparo com os insignes Varoens, porèm julgo, que he mui semelhante aos Deoses. =

A liberalidade, e a beneficencia saõ taõ dignas de louvor, que por ellas entendiaõ os antigos que os homens distavaõ pouco das Deidades; e assim depois que Alexandre se fez filho de Jupiter, lhe diziaõ os Embaixadores dos Scythas:

= Se es hum Deos, faze beneficios aos homens, e naõ usurpes o que aos homens deraõ os Deoses. =

Saõ finalmente a fortaleza, e a constancia nos trabalhos, a grandeza do animo em desprezar os perigos, e todos os horrores, e mudanças da fortuna, a fidelidade nas promessas, a prudencia nos conselhos, a celeridade nas execuçoens, outro benemerito argumento do *Panegyrico*:

Salustio louvando a Cataõ:

= Cataõ nunca foi rico, com as riquezas, nem sedicioso, com a sediçaõ: no valor contendia só, com o esforçado: na vergonha, com o modesto: na moderaçaõ, com o innocente: antes queria ser bom, que parecê-lo; e quanto menos desejava a gloria, mais a conseguia. =

§.

O Louvor das prendas se divide em dous generos, porque humas saõ adquiridas, outras naturaes: As adquiridas saõ as Artes liberaes, e as sciencias, e ambas merecem louvor, e patrocinio: As naturaes saõ a gentileza, e a saude; A gentileza varonil he distinta

diſtinta da feminil: áquella chamaraõ os Latinos =*Dignitas*= a eſta =*Venuſtas*.=

A gentileza, ainda que fragil, naõ deſmerece os louvores em quanto ſe julga acompanhada da virtude, porque ſe preſume huma recommendada inſinuaçaõ da Natureza: Eumenio no *Panegyrico* de Conſtantino.

=A Natureza coſtuma apozentar os grandes eſpiritos em grandes domicilios; e da eſtatura, e ornato dos membros ſe póde inferir quanto a alma he benemerita de huma habitaçaõ divina.=

Por iſſo muitas Naçoens, eſpecialmente os Egypcios, naõ davaõ o Imperio ſenaõ ao homem de maior gentileza; e entre os Lacedemonios ſe eſtranhou muito que Ageſilao tomaſſe por mulher, huma das mais pequenas daquella Naçaõ, a que elle reſpondeo que =*do mal, o menos.*=

Pacato diſſe a Theodoſio no ſeu *Panegyrico* que =ainda que a ſua virtude o fazia digno do Imperio, que ajudou muito á virtude a ſua gentileza: que aquella o fizera Principe por neceſſidade, e eſta por decencia.=

Com tudo naõ he ſempre certo, que a Natureza apozente em hum grande domicilio hum eſpirito grande. Que maior eſpirito, que o de Socrates, e que apozento mais deforme, que o da ſua eſtatura? Os que tiverem eſta infelicidade, nem por iſſo ſeraõ indignos, de que os louvemos, ſe por outra parte o merecerem. Quem poderá negar os louvores a Homero, e a Horacio, a Philippe de Macedonia, e a Annibal? E nenhum delles podia dizer que devera aquelle favor ao ſeu horoſcopo. Diriaõ o que dizia Sapho a Phaon:

Si

Si mihi difficilis formam natura negavit,
Ingenio formæ damna rependo meæ.

A's vezes a gentileza devendo inculcar as virtudes, indica a inclinaçaõ dos vicios; verificando-ſe o que diſſe Marcial:

Inſignis formâ, nequitiaque puer.

§.

A Outra prenda natural, que he a ſaude, entra tambem no numero dos louvores, quando ſe exercita nas acçoens virtuoſas. Ter o corpo ſaõ, e o animo enfermo pertence mais á accuſaçaõ, que ao *Panegyrico*. Para elle he neceſſario tanta ſaude no animo, como no corpo. Juvenal.

Orandum eſt, ut ſit mens ſana in corpore ſano.

§.

AS honras, para ſerem louvadas, devem aſſentar em peſſoa benemerita: Plinio a Trajano.
= Ati ſó te aconteceo, que, antes que te fizeſſem, foſſes digno de te chamarem Pai da Patria. =

§.

AS riquezas tambem ſe podem louvar com quatro condiçoens: Primeira, que ſejaõ bem adquiridas. Segunda, que o animo as poſſua, e naõ que ellas poſſuaõ o animo. Terceira, que o ſeu uſo ſeja para as acçoens illuſtres. Quarta, que com ellas ſe ajudem os amigos, e ſe acuda aos neceſſitados: O meſmo Plinio ao meſmo Imperador.

= Naõ

= Naõ te perſuades, que tens couſa alguma, ſe naõ a que diſtribues pelos teus amigos. =

Se for pobre a peſſoa, que ſe pertende louvar, (o que nunca talvez acontecerá, porque os pobres nunca ſe louvaõ) podemos recorrer á cega diſtribuiçaõ da fortuna, que quaſi ſempre dá aos máos a abundancia, e aos bons a pobreza:

= Naõ ſei com que juſtiça (dizia Petronio) coſtuma ſempre a pobreza ſer irmaã de hum animo grande, e de hum engenho illuſtre. =

§.

EM todos eſtes louvores devemos advertir em tres cautélas: Primeira, de naõ profanar a verdade, com a liſonja: Segunda, que naõ miſturemos as acçoens grandes, com a de pequena conſideraçaõ: Terceira, que naõ nos dilatemos nas que podem ſer commũas a outros, mas ſó nas que diſtinguem o ſujeito do Panegyrico.

§.

NAõ ſó aos homens ſe dirigem os louvores, mas ainda aos brutos, e ás couſas inanimadas. Louva-ſe no elephante a prudencia, no Leaõ a magnanimidade, na rapoſa a aſtucia, no caõ a fidelidade, no boi a paciencia &c.

As Provincias, e Cidades tambem ſe louvaõ; e para eſte louvor póde ſervir de exemplo o que dá L. Floro ao territorio da Campania:

= A Campania he, naõ ſó de toda a Italia, mas de todo o Mundo, o paiz mais delicioſo: nenhuma Provincia tem o Ceo mais ſuave: duas vezes ſe encontra nella a Primavera: nenhuma he mais fecunda, por iſſo lhe chamaõ a emulaçaõ de Baccho, e

de

de Ceres: em nenhuma parte daõ as agoas melhor hoſpedagem, como ſe vê no celebre porto Miſſeno, e no de Gaeta, nas tépidas correntes de Baias, no Lago Lucrino, e Averno, que ſaõ como huma pirguiça dos mares: Aqui ſe vem cercados de vinhas os montes, aſſim como o Gauro, o Falerno, o Maſſico, e ſobre todos o Veſuvio, formoſiſſimo imitador do Mongibello. =

Nas Cidades ſe louva a architectura dos Templos, dos Palacios, das Fortalezas, os muros, os porticos, as torres, as pontes, os arcos, os amphitheatros, as columnatas, as eſcholas, os aqueductos, os banhos, as eſtatuas, as ruas, as praças, &c. Seraõ tambem louvados os viſinhos, como alma dos edificios, e o ſeu valor, nobreza, piedade, ſciencias, e acçoens illuſtres. O meſmo Floro fallando da Cidade de Tarento.

= Tarento, obra dos Lacedemonios, e antigamente cabeça da Calabria, e da Apulia, e de toda a Lucania, eſtá poſta em hum admiravel ſitio: he nobre pela grandeza, pelos muros, pelo porto, &c. =

CAPITULO III.

O *Epithalamio* he a Oraçaõ, em que ſe louvaõ as Vodas dos Principes, e dos Grandes. Póde-ſe diſtribuir em quatro partes. Na primeira ſe haõ de comprehender os louvores das Nupcias, e dos bens do Matrimonio: Há ſe de ponderar que com elle ſe deo principio á ſociedade humana: que nelle ſe eſtabelece a Populaçaõ: que por eſte meio ſe perpetuaõ os homens na ſua eſpecie, e ſe dilata, com reciproco laço, a conveniencia dos Parenteſcos.

Os Antigos neſta primeira parte deſperdiçavaõ muita erudiçaõ. Lembravaõ-ſe das vodas de Thetis, e Peleo, nas quaes fingiraõ os Gregos que aſſiſtiraõ as Deidades do Olympo. Traziaõ tambem as de Baccho, e Ariadne, e as de Alcides, e Hebe, em que diziaõ dançara Marte os tripudios Pyrrhicos, e Mercurio os Paleſtricos, que cantara Apollo o *Epithalamio*, que leviraõ as tres graças as tochas Nupciaes, que Lucina fabricara o thalamo, que Phebo fora o mordomo, e Venus a pronuba. Porèm eſte apparato he ſó para os Poetas, e nunca permittido aos Oradores.

§.

NA ſegunda parte ſe introduzem os louvores dos eſpoſos, e dos ſeus genitores, parentes, &c. aonde ſe faz menção dos dotes do corpo, e do animo.

§.

NA terceira parte ſe mette a pompa Nupcial; a alegria dos conſanguineos, dos amigos, dos convidados, e ainda a do Povo.

§.

NA quarta parte entraõ os votos para a prole futura, e os auſpicios, que tem concorrido para a ſua felicidade.

§.

AInda que haja baſtante diſtancia entre os preceitos do *Epithalamio* poetico, e o da Oratoria, ſempre aconſelhara que ſe leſſe o de Claudiano a Honorio, e Maria, o de Catullo a Thetis, e Peleo, o de Eſtacio

Eſtacio a Eſtella, e Violantilla, porque tem excellentes idéas, de que o Orador ſe póde aproveitar. O Author do *Theatro* tem compoſto ſeis *Epithalamios* nas Vodas mais illuſtres do Reino: naõ os offerece para exemplo, mas ao menos podem ſervir para ſe evitarem os erros, que nelles ſe deſcobrirem, aſſim como nas cartas de marear ſervem os parceis para acautelar os navios.

§.

A *Genethliaco* he a Oraçaõ, com que ſe applaude o naſcimento de algum infante illuſtre; e tambem ſe póde diſtribuir em quatro partes.

A primeira deve comprehender os louvores dos Pais, e Avôs: a ſegunda a eſperança, que ſe póde tirar deſte naſcimento: a terceira a alegria, e congratulaçaõ da prole: a quarta os votos, para que o menino creſça para ornamento da Patria, e felicidade da Familia.

A eſperança da gloria, e das virtudes do infante, que he a parte mais nervoſa do *Genethliaco*, ſe póde excitar com o eſplendor da origem, com o ſemblante do naſcido, com o cuidado da ſua educaçaõ, com o exemplo dos ſeus Maiores, e com os prodigios, talvez acontecidos, ou antes, ou depois do naſcimento.

Será a diſpoſiçaõ do *Genethliaco* adornando o *Exordio*, com o applauſo, e com a congratulaçaõ, deduzindo-os de algumas circunſtancias do tempo, da peſſoa, e do lugar.

Na *Confirmaçaõ* ſe diſporá o elogio dos Genitores, trazendo alguns motivos, para ſe vaticinar a felicidade do infante.

Na *Peroraçaõ* ſe animaõ as preces para que ſeja venturoſo eſte naſcimento.

§.

A *Oraçaõ funebre*, he a que ſe coſtuma recitar nas exequias de huma, ou de muitas peſſoas benemeritas.

Artemiſa a mandava fazer todos os annos á viſta do ſepulchro de Mauſolo. O meſmo fazia a Cidade de Athenas aos que tinhaõ em defenſa da Patria acabado na guerra; e deſtas he a Oraçaõ de Pericles, de que faz mençaõ Thucidides.

Entre os Romanos Valerio Publicola foi o primeiro, que introduzio eſte uſo pela morte do ſeu companheiro Junio Bruto, fallecido na guerra dos Tarquinios: O Povo Romano goſtou tanto deſta piedoſa ceremonia, que dalli em diante ſe deo eſta honra a todos os Capitaens, que acabavaõ na campanha.

De Roma ſe foi eſtendendo eſte coſtume a outras Provincias até chegar aos Oradores Evangelicos.

Alguns pertendem, que Solon, hum dos ſette Sabios da Grecia, fora o inventor da *Oraçaõ funebre*, fundado em tres motivos; hum para dar aos mortos ainda no ſeculo o premio das ſuas virttudes: outro para conſolaçaõ dos amigos, e parentes: outro para documento dos que ainda vivem.

Neſtes meſmos motivos ſe póde fundar eſte genero de *Oraçaõ*: iſto he, no louvor, na conſolaçaõ, na exhortaçaõ: no louvor dos defuntos, na conſolaçaõ dos parentes, e amigos, na exhortaçaõ dos prezentes, e vindouros.

Póde-ſe entrar no *exordio* deſtas *Oraçoens*, com a *exclamaçaõ*, como fez Cicero na morte do Orador Craſſo. Alguns principiaõ com a deſcripçaõ do apparato funebre, como o Padre Bento Pereira na morte do Principe D. Theodoſio; ou com algum grave apophthema, que proponha a fragilidade da vida, ou nos adjun-

adjunctos, que concorreraõ para a morte; e eſte he o *Exordio* da Oraçaõ de Santo Ambroſio nas exequias do Imperador Theodoſio.

Na *Confirmaçaõ* ſe trará a feliz memoria do defunto; que deve ficar nos monumentos, a herança, que deixa das ſuas virtudes; os exemplos, que reprezenta aos ſucceſſores, e a eſperança, de que conſeguirá o deſcanço eterno.

Na *Exhortaçaõ* devemos perſuadir aos circunſtantes a imitaçaõ das acçoens, para alcançarem a meſma felicidade.

Na *Peroraçaõ* ſe há de pedir a Deos o premio, de que parece ſe faziaõ dignas as virtudes do defunto.

§.

A *Oraçaõ congratularia* he para nella ſe darem os parabens de algum grande triumpho: com eſte argumento ſe chama = Epinicio. =

Ou pela melhoria de alguma grave enfermidade: e da-ſe-lhe entaõ o nome de = Soteria. =

Ou pela reſtituiçaõ de algum exterminio, ou auzencia larga, a que os Gregos chamaraõ = *Epibaterion.* =

No ſeu *Exordio* ſe deve uſar de todas as ponderaçoens, que excitem a alegria, e o applauſo.

Na *Confirmaçaõ* ſe haõ de ampliar as razoens, e a neceſſidade, que houve para a guerra; a juſtiça, com que ſe intentou; a oppoſiçaõ, que teve; a diligencia de prepará-la; o valor de continuá-la, e a brevidade de concluî-la. Far-ſe-há mençaõ das utilidades da victoria, ponderando o deſcanço dos Povos, e os eſtragos, que ſe evitaraõ nas Provincias: Seraõ louvados os Capitaens, e Varoens inſignes, e naõ ſó os que acompanharaõ o triumpho, mas os que morreraõ na batalha.

Na *Peroraçaõ* ſe mettem os rogos ao Senhor dos exercitos, para que continue a meſma felicidade contra os inimigos do ſeu Nome, e da quietaçaõ publica. Eſtes preceitos do = *Epinicio* = podem caber nas outras Congratulaçoens, mudando ſómente os objectos, e as cauſas, para concordarem com o aſſumpto.

Ainda que há outros generos de Oraçoens, eſtes baſtaõ para ſe conhecerem as ſuas regras, e por iſſo paſſarei, daqui para a *Hiſtoria*; e para o

CAPITULO IV.

SE eu houveſſe de dizer tudo o que á Hiſtoria pertence, faltaria ao intento da minha brevidade; irei ſómente ao mais principal, e para o que deixo em ſilencio, remetto o meu Leitor para o Italiano Maſcardo, que tratou eſta materia, com toda a exacçaõ, e felicidade.

A *Hiſtoria* he hum vocabulo Grego, que ſignifica a narraçaõ das couſas ſuccedidas, aonde ſe incluem as acçoens, e conſelhos dos Principes, e dos Varoens, e Capitaens inſignes, a deſcripçaõ das Povoaçoens, a ordem dos tempos, como ſe foſſem huma viva pintura, que ſe reprezentaſſe aos olhos.

Há varios generos de *Hiſtoria*: *Hiſtoria* dos tempos, que ſe chama *Chronica*: como a de Auberto, Liberato, Maximo, Dextro, ou ſejaõ ſuppoſtos, ou verdadeiros eſtes Authores.

Hiſtoria, que ſe chama *Annaes*, como a de Tacito: *Hiſtoria* univerſal de huma Naçaõ, como a de Livio: *Hiſtoria* de alguma guerra particular, como a de Saluſtio: *Hiſtoria* geral do Mundo, como a de Beroſo: *Hiſtoria* de ſi proprio, que ſe chama *Commenta-*

mentarios, como a de Ceſar: *Hiſtoria* peculiar de algum Rei, ou Capitaõ, como a da Q. Curcio: *Hiſtoria* de algum Santo, como a de Cienfuegos: *Hiſtoria* de algum novo deſcobrimento, ou Conquiſta, como a de Solis: *Hiſtoria* natural, como a de Plinio, e de Monſieur Buffon.

Hiſtoria dos animaes, como a de Geſnero: *Hiſtoria* das plantas, como a dos Baulinos: *Hiſtoria* da deſcripçaõ das terras, que ſe chama, *Geographia*, debaixo da qual ſe entende a *Hydrographia*, que he a deſcripçaõ dos mares: *Hiſtoria Genealogica*, Medica, Cirurgica, &c.

Naõ obſtante tanta diverſidade de *Hiſtorias* particulares, eu ſó direi alguma couſa ſobre os preceitos da Hiſtoria em geral.

O primeiro, e o que ſerve de alma a toda a *Hiſtoria* he o da obſervancia da verdade. O adorno, a deducçaõ, a energia, e outros ſemelhantes attributos dar-lhe haõ a formoſura, mas a verdade he ſó a que lhe dá o caracter.

O ſegundo preceito he deſconhecer-ſe na *Hiſtoria* o amor, e o odio, a invetiva, e a adulaçaõ: Poucos Hiſtoriadores há, que naõ conſervem eſtas paixoens nos ſeus eſcriptos; porque álèm dos affectos da Patria, os faz inclinar, ou o medo, ou o intereſſe, ou a dependencia, ou a liſonja, para a affectaçaõ, para a deſculpa, ou para a calumnia.

Neſtes defeitos tem cahido os que hiſtoriaraõ os ſucceſſos do ſeu tempo; pois havendo de tratar das acçoens dos Principes, ou ſe expunhaõ a cahir na adulaçaõ, ou na vingança de hum poderoſo.

O Cardeal de Richelieu mandou degolar ſobre hum affectado pretexto a hum deſcendente de Monſieur de Thou, por ter eſte tratado mal a ſua familia na ſua *Hiſtoria* de França: taõ perigoſas ſaõ eſtas ver-

dades, que ainda naõ eſtaõ ſeguras no deſcanço do ſepulchro!

Famiano Eſtrada dizia que o Hiſtoriador naõ devia ter patria, nem amigos, nem inimigos, nem parentes, nem religiaõ; e porque tudo tinha eſte famoſo Jeſuita, vemos douradas muitas acçoens de Philippe II. na ſua *Hiſtoria Belgica*, que tinha reconhecido a Europa com diverſo ſemblante.

Talvez que por eſta cauſa naõ paſſaſſe Monſieur Du Haillan com a ſua *Hiſtoria* Geral de França álèm de Carlos VII. receando ſuſtentar a verdade nos ſucceſſos mais chegados ao ſeu ſeculo.

O terceiro preceito he pôr patentes, e ſem rebuço tanto as acçoens heroicas, como as indignas; porque de humas, e outras aprende igualmente a poſteridade: das heroicas a imitaçaõ, das indignas o aborrecimento. Os *Patriarchas* (diz Santo Ambroſio) *tanto nos enſinaõ acertando, como errando.* Cornelio Agrippa de *Veritat. Scient*; fallando da Hiſtoria, nos dá o fundamento deſte preceito:

= Ideoque hanc tanquam vitæ magiſtram, & ad ejus inſtituitionem utiliſſimam cenſent fere omnes: Eò quòd multarum rerum exemplis cùm optimos quoſque oblaudis, nominiſque immortalem gloriam ad præclara quæque facinora accendat: tum quòd impios quoſque, ac pravos perpetuæ infamiæ metu à vitiis deterreat. =

O quarto preceito conſiſte, em que o Hiſtoriador deve conſultar tanto o que há de dizer, como o que há de omittir: as circunſtancias de pouco momento, que nem illuminaõ, nem eſcurecem o aſſumpo, ſerá embaraço o referî-las; e há quem diga eſtas, e cale as outras, ou por malicia, ou por inercia.

Os caſos, que naõ eſtiverem averiguados, naõ ſe devem referir, como verdadeiros: há ſe de diſtinguir o falſo,

o falſo, do verdadeiro; o extraordinario, do veriſimil; o opinativo, do conſtante: e ſe deve ter o meſmo cuidado nos ſucceſſos, que excedem o credito, ou por intempeſtivos, ou por prodigioſos; e ſe os originaes ſe encontrarem, póde eſcolher o Hiſtoriador aquelles, que mais ſe pareçaõ com a verdade.

O quinto preceito he o da bóa deducçaõ, narrando primeiro o que primeiro ſuccedeo, e ſeguindo quanto for poſſivel a ordem dos tempos pela ſerie das acçoens.

O ſexto preceito he naõ deixar a narraçaõ pendente de muitos cabos, porque ao depois para os unir, e atar, ou fica hum laço deforme, ou hum nô cego, e que o naõ póde deſembrulhar ſenaõ a eſpada de Alexandre.

O ſettimo preceito he na brevidade das *Tranſiçoens*, e aonde forem ſó neceſſarios para a clareza do argumento; e porque nellas quaſi ſempre ſe paſſa, com os annos, álèm dos que pede a narraçaõ principal, ſerá preciſo reſtringî-las, para que ſe naõ offenda a Chronologia, fazendo-ſe alguma declaraçaõ deſte tranſito, porque ſe naõ pareça com o anachroniſmo.

O oitavo preceito he que o eſtylo ſeja claro, facil, e ſincéro, as arengas breves, e vehementes, e que nellas ſe conheça o caracter de quem as profere: as deſcripçoens vivas, e fieis: neſtas ſe póde levantar mais a elegancia, porque como fazem o officio da pintura, he certo que, eſtando ſem cores, ficará amortecida.

Eſtas ſaõ as regras, que pódem caber na minha brevidade, e quem chegar a fazer alguma Hiſtoria, bem ſe póde contentar com o deſempenho deſtas breves advertencias.

Porèm eſtas ainda ſe pódem conſeguir melhor com a leitura dos bons exemplares. Entre os Gregos ſaõ muito recommendados Thucidides, Herodoto, Xenophonte,

nophonte, e Polybio: entre os Latinos, o primeiro he T. Livio, depois deſte, Saluſtio, Q. Curcio, e Cornelio Tacito.

Dos modernos Famiano Eſtrada, Henrique Catherino, Joaõ de Barros, Jacinto Freire, Antonio de Solis, e o Abbade de Vertot.

He neceſſaria, com tudo, alguma cautéla na imitaçaõ deſtes famoſos Hiſtoriadores; porque a Herodoto lhe notaõ a falta de ordem, e de unidade, a Thucidides hum eſtylo violento, a Xenophonte, de que he fabuloſo, a Polybio de narraçoens inuteis, a Saluſtio, de que fizera pincel da penna, a Q. Curcio de pouco advertido, a Tacito de Oraçoens eſcuras, e repentinas, ao Eſtrada, de nimiamente polido. Naõ entro na Critica do Barros, e do Freire por me parecer, a que ſe lhe faz, impertinente. O Solis ficou atégora ſem ella, ou ao menos me naõ veio á noticia, porque a que lhe fazem os Francezes naõ merece attençaõ: O Vertot tambem me parece ſem defeito nas *Revoluçoens da Republica Romana*.

§.

AInda que a *Fabula* eſtá muito diſtante da *Hiſtoria* devemos confrontá-las, para melhor as conhecermos.

A *Fabula* he huma narraçaõ de ſucceſſos fingidos, com que ſe pertende propôr alguma doutrina, eſpecialmente ſobre os coſtumes: Tem tres generos: *Fabula racional*, *Fabula moral*, *Fabula miſta*.

Com a *racional* ſe fazem as *Parabolas*, com a *moral* os *Apologos*, com a *miſta*, a que ſe compõem dos *Apologos*, e da *Parabola*.

Com a *Parabola* fingimos que fallaõ os homens, com os *Apologos*, os brutos, e ainda as arvores, os edifi-

edificios, e outras couſas inanimadas.

A *Parabola* he o genero da *Fabula* mais util, e mais eſtimavel: mais util, porque melhor ſe perſuadem os homens, com o que ſe finge de outros homens, que com o que ſe inventa dos brutos: mais eſtimavel, porque com ella inſtruia ſempre a Eloquencia divina aos ſeus ouvintes: *Sine parabolis* (diz S. Mattheus) *non loquebatur eis.*

Na Eſcriptura Santa achareis para exemplares a das Virgens, a do filho prodigo, a do ſemeador, a do rico, a do pobre, a das vodas, a da vinha, a do Pai de familias &c.

Eſtas podem ſervir para os objectos ſagrados, e para os politicos darei huma do Principe D. Manoel no ſeu precioſo livro O *Conde Lucanor.*

= Havia hum Deaõ em Santiago, que tinha hum grande deſejo de aprender a Nigromancia: ouvio dizer que em Toledo havia hum homem muito peritoneſta Arte: veio a fallar-lhe, e pedio-lhe, com toda a efficacia, que lha enſinaſſe: reſpondeo-lhe o Nigromantico que elle Deaõ era huma peſſoa de grandes eſperanças, e que eſtas nas maiores fortunas ſe eſqueciaõ dos beneficios, que lhes tinhaõ feito: prometteolhe o Deaõ, com todas as veras, que elle nunca ſe eſqueceria daquelle ſerviço. Chamou o Nigromantico huma criada, e lhe mandou preparar duas perdizes, para a ceia, porèm que as naõ trouxeſſe, ſem ſegunda ordem. Dahi introduzio o Deaõ no ſeu eſtudo; e a pouco eſpaço entraraõ dous homens, com huma carta, em que ſe dava noticia ao Deaõ, que ſeu Tio o Arcebiſpo de Santiago eſtava acabando a vida: naõ o embaraçou eſta nova para elle naõ continuar na ſua applicaçaõ: a poucos dias lhe veio outro aviſo, de que o Tio fallecera, e que o deixara nomeado Prelado daquella Dioceſe: pedio-lhe entaõ o Nigromantico

que

que renunciaſſe em hum ſeu filho o Deado : reſpondeo-lhe que quizeſſe conſentir em que o foſſe hum ſeu Irmaõ, que elle o proveſſa na primeira dignidade, que vagaſſe: partiraõ ambos para Santiago, e em breve tempo foi eleito pelo Pontifice em Biſpo de Toloſa, com a graça de conferir o ſeu Arcebiſpado em quem lhe pareceſſe : Tornou o Nigromantico a lembrar-lhe a ſua promeſſa : reſpondeo-lhe que o deixaſſe nomear em hum ſeu Tio, Irmaõ de ſeu Pai, e que foſſe, com elle para Toloſa, que lá o acommodaria: Em Toloſa, paſſados dous annos, foi promovido a Cardeal, com a faculdade de nomear o Biſpado : inſtou-lhe terceira vez o Nigromantico, com a palavra promettida ; e elle ſe deſculpou, que o devia dar a outro ſeu Tio, Irmaõ de ſua Mãi ; e que o acompanhaſſe a Roma, que lá naõ faltaria em que o proveſſe : paſſaraõ á Curia, e depois de alguns tempos morreo o Papa, e o Cardeal ſubio ao Pontificado : entaõ apertou mais o Nigromantico pelas promeſſas antecedentes : Porèm enfadado o Pontifice de ter continuamente aos ouvidos tanta importunaçaõ, lhe chamou herege, e feiticeiro, e o ameaçou com hum grande caſtigo : Niſto deo vozes o Nigromantico pela criada, para que lhe trouxeſſe as perdizes, e o Papa fantaſtico ficou verdadeiro Deaõ de Santiago, cheio de confuſaõ, e de vergonha, dizendo lhe o Nigromantico, que ſe foſſe na bôa hora que baſtantemente o tinha experimentado. =

§.

A Practica dos brutos, ou das couſas inanimadas, naõ baſta que ſeja practica, para ſe poder chamar *Apologo*, he neceſſario que elles diſcorraõ, como ſe foſſem racionaes, e de bom ſentido : álèm diſto, devem os brutos fallar ſegundo o ſeu proprio caracter : a raſa

poſa com aſtucia, o lobo com fradulencia, o Leaõ com ſoberania, o cordeiro com ſingeleza &c.

Para o *Apologo* naõ ſer menos recommendavel, que a *Parabola*, baſta lembrar-ſe delle a Eloquencia ſagrada, introduzindo o Cardo, com o Cedro, para nos admoeſtar ao noſſo proprio conhecimento, de que tantas vezes nos eſquecemos.

= Carduus Libani miſit ad Cedrum, quæ eſt in Libano, dicens: dà filiam tuam filio meo uxorem: tranſieruntque beſtiæ ſaltus, quæ ſunt in Libano, & conculcaverunt Carduum. =

Os *Apologos* de Hiſoppo ſaõ os mais famoſos pela ſua gracioſidade, e doutrina: foraõ tambem muito eſtimados os de Homero, e Heſiodo: Os de D. Franciſco Manoel merecem baſtantes louvores; e ſaõ muito lembrados os de Phedro: eu darei hum delles pela minha traduçaõ:

Em huma eſtancia amena
Via a hum boi muito grande a raã pequena:
Incitada da inveja, que a quebranta,
De ver grandeza tanta,
Incha a pelle; e pergunta ſe a eſtatura
Daquelle boi ſeria, por ventura,
Do que a ſua maior? Que ſim confeſſaõ
Inda os que ſe intereſſaõ
Na pompa, que pertende:
Porèm ella de novo a pelle eſtende,
E pergunta outra vez ſe eſtava poſta
Já na meſma extenſaõ? Mas a reſpoſta
Foi, que ao boi naõ podia comparar ſe:
Novamente indignada entrou a inchar ſe,
Até que arrebentou de preſumida,
Acabando-ſe a inveja, com a vida.

Para

§.

PAra a *Fabula* mista póde servir de exemplo o que dizia Regulas aos Francezes, quando os Massilienses lhes pediaõ que lhes vendessem algum terreno, para edificar huma Cidade.

= Huma cadella, estando para parir, rogava a hum Pastor que lhe vendesse hum bocado de terra, para conseguir o seu parto: ajustou-se o preço, e ao depois lhe tornou a pedir que lhe deixasse criar alli os seus cachorros; porèm depois de serem grandes, e que ja naõ podia o Pastor deitá-los fóra, se deixaraõ ficar, chamando propriedade ao emprestimo. Naõ de outra sorte se haveráõ comvosco os Massilienses: agora seraõ hospedes, á manhaã, senhores. =

CAPITULO V.

A *Carta* he huma imagem da practica familiar, ou hum interprete do nosso animo, para a communicaçaõ dos ausentes. Das folhas de hum arbusto, ou do miolo de hum junco, chamado *papyro*, he que os antigos começaraõ a fazer as suas primeiras *Cartas*, e porque esta invençaõ se descobrio junto de *Charta*, Cidade de Tyro, daqui he que tomaraõ o nome.

Em quanto a *Carta* andou na sua primitiva singeleza, naõ se fazia estudo das suas formalidades: veio a pompa dos Romanos, e principiou a dar-lhe preceitos. Hum dos que fizeraõ mais estimavel esta doutrina, com o exemplo das suas Epistolas, foi M. Tullio: seguio-se-lhe Plinio o moço, Seneca, Roscio Perusiano, Aldo Manucio, Erasmo, Luiz Vives, Joaõ Niger, Paulo Sacrato, Justo Lypsio, &c.

Os

Os que deraõ ás *Cartas* o nome de *miſſivas*, reduziraõ a ſua fórma a huma ſó eſpecie: ao depois ſe dividiraõ em muitas, e foi preciſo accommodar a cada huma ſua particular proporçaõ, e differença: huma, e outra naſcem de dous principios, em que ſe fundaõ todas as ſuas regras; que ſaõ o ponderar a quem ſe eſcreve, e o que ſe eſcreve.

A peſſoa, a quem ſe eſcreve, ou he conhecida, ou deſconhecida, ou amiga, ou inimiga, ou conſanguinea, ou eſtranha, ou igual, ou deſigual: em cada huma deſtas peſſoas havemos de advertir a natureza, a fortuna, a occupaçaõ, a dignidade, e o genio.

Na *natureza*, ſe he homem, ou mulher, menino, ou mancebo, varaõ, ou velho, nacional, ou eſtrangeiro.

Na *fortuna*, ſe he criado, ou eſcravo, ou livre, ſe plebeo, ſe nobre, ſe illuſtre, ſe he rico, ou pobre.

Na *occupaçaõ*, ſe he Militar, ou Academico, ſe exercita artes liberaes, ou mecanicas.

Na *dignidade*, ſe he Eccleſiaſtico, ou Secular, ſe Pontifice, Rei, Principe, Cardeal, Biſpo, Governador, ou Miniſtro.

O que ſe eſcreve tambem neceſſita de igual advertencia, e diſtinçaõ; pois quando eſcrevemos, ou he para dár conta dos noſſos negocios, e a eſtas *Cartas* ſe podem propriamente chamar *miſſivas*: ou para encommendarmos os proprios, ou alheios particulares, e a eſtas ſe chamaõ de *recommendaçaõ*: ou para implorarmos algum patrocinio, e a eſtas ſe dá o nome de *Cartas de favor*: ou para elogiarmos alguma acçaõ, ou virtude, que ſe chamaõ *Cartas de louvor*: ou para reprehendermos os vicios, que ſe chamaõ *Cartas de advertencia*: ou para rebatermos alguma offenſa, que ſe chamaõ de *deſaggravo*: ou para nos queixarmos della, que ſe chamaõ de *reſentimento*: ou para nos eſcu-

eſcuſarmos de algum empenho, que ſe chamaõ de *deſculpa*: ou para congratularmos a felicidade dos amigos, que ſe chamaõ de *parabens*: ou para os acompanharmos em alguma calamidade, que ſe chamaõ de *pezames*. Ou para agradecermos o beneficio, que ſe chamaõ de *agradecimento*: ou para gracejarmos, que ſe chamaõ de *galantaria*: ou para mandarmos os noſſos domeſticos, que ſe chamaõ de *imperio*.

§.

AS *Cartas* tem as meſmas partes da *Oraçaõ*: *Exordio*, *Narraçaõ*, *Confirmaçaõ*, *Peroraçaõ*.

Conreſponde o *Exordio* ao que vulgarmente chamamos *cumprimento*. Os Latinos o faziaõ com eſtas ſeis letras. S. V. B. E. Q. V. em que queriaõ dizer: *Si vales*, *bene eſt*, *quoque valeo*.

A *narraçaõ* he o aſſumpto principal da *Carta*: nella ſe deve guardar a ordem do tempo, e das materias, tanto nos ſucceſſos, como nas recommendaçoens, nas ſupplicas, nas advertencias &c.

Tambem nos negocios devemos tratar primeiro os da peſſoa, a quem eſcrevemos, do que os noſſos.

Naõ devemos omittir o que for preciſo noticiar ao auzente, ou reſpeite á ſua curioſidade, dependencia, deſejo, credito, ou fama; ſe bem que as materias mais delicadas, que pertencem á honra, ſó devemos noticiá-las aos parentes, aos domeſticos, e aos amigos da maior familiaridade.

A *confirmaçaõ* inclue em ſi tudo o que pedimos, ou ponderamos, ſegundo as differenças, que temos expoſto.

A *Peroraçaõ* conclue a *Carta*, dando huma breve demonſtraçaõ do animo, e dos affectos de quem a eſcreve.

A'lèm

A'lèm deſtas partes da Oraçaõ, tem a *Carta* outras tres, que introduzio a cortezia: *ſaudaçaõ*, *deſpedida*, *ſobreſcripto*.

A *ſaudaçaõ* he aquelle vocativo, que antecede ao *Exordio*, como: Meu Senhor, ou Senhor meu.

A nova Lei das cortezias nos livrou do embaraço que havia neſte tratamento; e os Portuguezes o tinhaõ feito taõ melindroſo, que quaſi ſempre ſe introduzia o eſcandalo no meſmo obſequio.

Como a Lei ſó prohibio eſte genero da *ſaudaçaõ*, continuaraõ alguns com outros vocativos, que receio venhaõ ao depois a dar na meſma delicadeza; por iſſo diſſera que a *ſaudaçaõ* ſe omittiſſe nas *Cartas*, e que ſe principiaſſem logo pelo *Exordio*; excepto a daquellas peſſoas, que diſtingue a meſma Lei, e como eſta nos preſcreve as outras regras, para o tratamento, eſcuſo de repetî-las.

Atégora conſiſtia a *deſpedida* em pedir a Deos que guardaſſe a peſſoa, a quem eſcrevianos. Hoje vamos tomando a moda dos Francezes, e baſta dizer: Sou &c.

Depois da deſpedida ſe punha a terra, e a data da carta: alguns as põem á ilharga; os homens de negocio a coſtumaõ pôr em cima. Segue-ſe o nome da peſſoa a quem ſe eſcreve, e da que eſcreve: na collocaçaõ deſtes nomes há outro embaraço ſemelhante ao da ſaudaçaõ.

Acompanhado, com o nome, de quem eſcreve, ſe coſtuma uſar do nome, ou de amigo, ou de criado, ou de ſervidor, ou de captivo &c. aqui há tantos pareceres, e differenças, como ridicularias: houve homem, que ſempre punha = *Cervo de V. m.* =, e naõ deſdizia o apodo, do ſoffrimento: outro querendo moſtrar a ſua ſubmiſſaõ, diſſe = *Antipoda de V. m.*

§.

O *Sobreſcripto* dos antigos era muito pompoſo, porque o adornavaõ de varios ſuperlativos, declarando nelles os cargos, dignidades, prendas, e exercicios. Porèm o *Sobreſcrito* deve ſer ſincéro, e baſta que leve ſómente o nome, ou a dignidade.

§.

POr eſte modo talvez que pareça huma *Carta* taõ difficultoſa, como hum Poema; porèm Cicero, que foi meſtre neſta materia, confeſſa, que muitas vezes as eſcrevia, ſem fazer caſo dos preceitos, e que punha nellas o primeiro, que lhe vinha á imaginaçaõ.

Quando as *Cartas* naõ obſervaõ os preceitos, as mais breves ſaõ as melhores; como a de Ceſar eſcrevendo ao Senado:

Cheguei, vî, e venci.

Ou como a de hum filho de Pompeio:

= Ceſar venceo, Pompeo morreo, Rufo fugio, Cataõ ſe matou, acabouſ-e a Dictadura, perdeo-ſe a liberdade. =

Ou como a de Tiberio a Druſſo:

= Pois que eſtais no Ilirico, lembrai-vos que ſois dos Ceſares, que vos mandou o Senado, que ſois meu Sobrinho, e Cidadaõ Romano. =

§.

NAs *Cartas* há dous generos de *Eſtylo*, hum *interior*, outro *exterior*: O *interior* pertence á *Elocuçaõ*: eſte *Eſtylo* deve ſer *o infimo*, porque ſendo a *Carta* huma imagem da practica familiar, ſeria huma couſa

couſa bem redicula o querer moſtrar que oramos, quando converſamos. Como ja diſſe o que baſta deſte genero de *Eſtylo*, direi agora do *exterior*, que contèm em ſi o papel, a penna, a tinta, as letras, e as regras.

§.

DO bom *papel* depende muito o concerto da *Carta*, e por iſſo ſe deve eſcolher o mais branco, o mais fino, limpo, e lizo, e o que retenha a tinta na ſuperficie, ſem a traſpaſſar para a outra parte: o papel, que nos vem de Hollanda, e de Inglaterra enche todas eſtas qualidades.

§.

A *Penna* há de ſer teza, liſa, comprida, e da parte direita da aza, com ambas as plumas, e naõ esburgada a modo de ponteiro: as melhores ſaõ as de Ciſne, e as que ſe chamaõ de Tribunal.

O córte quer-ſe longo, e dividido em dous degráos imitando o bico da aguia, e naõ o do pardal.

A racha, que ſe faz no meio do corte deve ſer comprida, ſe a *penna* for teza, e mais curta, ſendo branda; e em tal porporçaõ, que lance a tinta, com os groſſos, e os finos. Os bicos haõ de ſer iguaes, tanto na groſſura como no comprimento, de outra ſorte reſpingará a tinta, e ficará manchado o *papel*.

§.

A *Tinta* deve ſer azulada, macia, e reſplandecente, nem muito groſſa, que cuſte a ſahir da *penna*, nem muito liquida, que ſe ſolte mais do neceſſario: todas as receitas, que ſe tem inventado para a fazer, nunca puderaõ evitar o defeito de ſe fazer

amarella com o tempo : a melhor de todas, e que ſempre conſerva a meſma cor he a legitima de Pekim : em ſua falta a da receita ſeguinte :

= Quatro onças de bõa galha : duas de caparroſa verde, huma de Goma Arabia deitadas em vinho branco com huma caſca ſecca de romaã, e mexida com hum páo de figueira rachado duas vezes cada dia, e doze de infuſaõ, longe do Sol, e do lume. =

§.

AS *letras* devem ſer bem talhadas, iguaes, e eſbeltas, advertindo que nos raſgos da *Carta* naõ ſe permittem filagranas ; mas como nem todos aprenderaõ bem a eſcrever, e com aquella perfeiçaõ, que vemos nos Morantes, nos Baratas, e no moderno Manoel de Andrade, ao menos ſe há de trabalhar para que as *letras* fiquem compoſtas, e quando nem iſto ſe poſſa conſeguir, ſejaõ ſequer intelligiveis as dicçoens, deſorte que ſe naõ perca o tempo no ſeu conhecimento.

Aſſim eſtas, como as letras, devem ſer diſtintas, em termos que ſe naõ confundaõ humas com outras ; haõ de ter virgulas, e pontos, e as ſyllabas accentos, para que bem ſe conheça o ſentido da oraçaõ.

Nas meſmas dicçoens ſe há de obſervar a propriedade, e quantidade das letras, e quando devem ſer ſingellas, ou dobradas : Eſta materia pertence a Orthographia ; e ainda que entre nós ſe naõ tem aſſentado nas ſuas regras, porque cada hum eſcreve, conforme a ſua opiniaõ, a minha he que nos vocabulos devemos uſar das letras da ſua origem.

§.

AS *regras* devem ſer direitas, o que he taõ preciſo, que ſe a *penna* ſe deſmandar, ſe há de uſar

uſar de pauta até naturalizar o coſtume. Entre huma, e outra há de haver huma ſeparaçaõ moderada: a melhor he que nella naõ caiba outra regra deſaffogadamente. Quando ſe muda de ſentido, ou de aſſumpto, ſe há de deſviar a regra naquella diſtancia, que ſe chama paragrapho: a ſua ordinaria proporçaõ he a de huma regra em falſo.

A *Carta* finalmente há de principiar, nem muito em baixo, nem muito em cima da folha. Póde dividî-la a imaginaçaõ em tres partes, e deixar huma em branco, e as outras duas para as regras: alguns enchem, com ellas, toda a largura da folha: eu naõ o approvo, porque na ilharga da carta da parte eſquerda ſempre ſe deve deixar algum papel em branco, para que a maõ ſe naõ ponha emcima das letras.

F I M.

AD-

ADVERTENCIA.

VEndem-se eſtes Livros, e as mais Obras deſte Author na loja de Antonio da Silva da Coſta, mercador de Livros na rua Auguſta, junto á traveça de S. Nicoláo; e outros differentes de varias faculdades em todas as materias &c.